

No início era apenas uma
mentira inocente, mas se tornou
a maior verdade de suas vidas

Ligeiramente
ESCANDALOSOS

MARY BALOGH

Mais de 4 milhões de livros vendidos



ARQUEIRO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Ligeiramente
ESCANDALOSOS



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



Ligeiramente
ESCANDALOSOS



MARY BALOGH

Os BEDWYNS 3



Título original: *Slightly Scandalous*

Copyright © 2003 por Mary Balogh

Copyright da tradução © 2015 por Editora Arqueiro Ltda.

Tradução publicada mediante acordo com Dell Books, selo da Random House, divisão da Random House LLC.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Ana Rodrigues

preparo de originais: Alice Dias

revisão: Carolina Rodrigues e Renata Dib

diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial

capa: Raul Fernandes

imagem de capa: Yolande de Kort/Trevillion Images

adaptação para ebook: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B156l

Balogh, Mary

Ligeiramente escandalosos [recurso eletrônico] / Mary Balogh [tradução de Ana Rodrigues]; São Paulo: Arqueiro, 2015.

recurso digital (Bedwyns; 3)

Tradução de: *Slightly scandalous*

Sequência de: Ligeiramente maliciosos

Continua com: Ligeiramente seduzidos

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-455-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção galesa. 2. Livros eletrônicos. I. Rodrigues, Ana. II. Título. III. Série.

15-24724

CDD: 823

CDU: 821.111-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

CAPÍTULO I



Quando foi se deitar, Lady Freyja Bedwyn estava com um péssimo humor. Embora tivessem arrumado uma cama extra no quarto e a criada já estivesse se preparando para dormir nela, Freyja a dispensou. Alice roncava, e ela não estava com a menor vontade de dormir com um travesseiro pressionado às orelhas para não ouvir o terrível barulho, apenas para obedecer às regras do decoro.

– Mas Sua Graça deu instruções específicas, milady – lembrou a camareira timidamente.

– Para quem você trabalha? – perguntou Freyja, em um tom de voz autoritário. – Para o duque de Bewcastle ou para mim?

Alice olhou para ela com uma expressão ansiosa, como se desconfiasse de que a pergunta era uma armadilha... e bem que poderia ser. Embora fosse camareira de Freyja, era o duque de Bewcastle, irmão mais velho dela, que pagava seu salário. E ele lhe dera instruções claras para que não saísse do lado da patroa nem por um segundo durante a viagem que fariam de Grandmaison Park, em Leicestershire, até a casa onde estava Lady Holt-Barron, na área de The Circus, em Bath. Bewcastle não gostava da ideia da irmã viajando sozinha.

– Para a senhora, milady – mentiu Alice.

– Então saia. – Freyja apontou para a porta.

Alice a encarou, ainda em dúvida.

– Não há tranca na porta, milady – alertou.

– E se algum intruso entrar durante a noite, é *você* quem vai *me* proteger? – perguntou Freyja em tom debochado. – Seria mais provável o contrário.

Alice parecia angustiada, mas não teve escolha a não ser sair.

Então Freyja ficou sozinha em um quarto de segunda classe, em uma estalagem de segunda classe, sem criada para atendê-la... e sem tranca na porta. E também com um terrível mau humor.

Bath não era um destino que lhe inspirasse qualquer animação ou expectativa. De fato, era uma excelente estação de águas e já atraía a nata da sociedade inglesa. Mas isso não acontecia mais. O local agora era um ponto de encontro refinado para idosos, enfermos e pessoas que não tinham lugar melhor para ir... como ela. Freyja havia aceitado o convite para passar um ou dois meses com Lady Holt-Barron e a filha Charlotte, que era sua amiga, mas não sua *melhor* amiga. Em circunstâncias normais, Freyja teria declinado educadamente o convite.

Mas aquelas não eram circunstâncias normais.

Ela acabara de sair de Leicestershire, onde visitara a avó doente e comparecera ao casamento do irmão Rannulf com Judith Law. Deveria voltar para casa, para Lindsey Hall, em Hampshire, com Wulfric, que era o duque, e os irmãos mais novos, Alleyne e Morgan. Mas a perspectiva de estar em Lindsey Hall naquele momento era intolerável para Freyja. Então, ela usara a única desculpa que tinha para *não* voltar.

Era mesmo uma vergonha ter medo de voltar para a própria casa. Freyja cerrou os dentes enquanto subia na cama e apagava a vela. Não, medo, não. Ela não tinha medo de nada nem de ninguém. Apenas não suportava a ideia de estar lá quando *aquilo* acontecesse.

No ano anterior, Wulfric e o conde de Redfield, vizinho deles de Alvesley Park, sugeriram que Freyja se casasse com Kit Butler, visconde de Ravensberg, filho do conde. Os dois jovens se conheciam a vida inteira e haviam se apaixonado quatro anos antes, durante um verão em que Kit estava de licença de seu regimento na Guerra da Península. Mas, na época, Freyja já estava praticamente noiva de Jerome, irmão mais velho de Kit, e acabou sendo convencida a fazer a coisa certa, honrando seu compromisso com Jerome. Kit voltou para a guerra dominado por uma fúria mortal. Jerome, por sua vez, morreu antes que as núpcias acontecessem.

A morte de Jerome fez de Kit o filho mais velho e herdeiro do conde de Redfield e, de repente, um casamento entre ele e Freyja passou não só a ser possível como desejável. Ao menos foi isso que as famílias pensaram – incluindo Freyja.

Mas, ao que parecia, “todos” não incluía Kit.

Jamais ocorrera a Freyja que ele estivesse determinado a se vingar. Mas foi o que aconteceu. Quando Kit voltou para casa – para o que todos imaginavam ser a celebração do noivado com Freyja – ele trouxe uma noiva: a adequada, adorável e insossa Lauren Edgeworth. Freyja ainda teve a ousadia de desafiá-lo, acreditando que o noivado era uma farsa. No entanto, Kit realmente se casou com Lauren.

Agora a nova Lady Ravensberg estava prestes a dar à luz o primeiro filho do casal. Sendo a esposa perfeita, ela sem dúvida teria um filho homem. O conde e a condessa ficariam em êxtase e toda a vizinhança irromperia em comemorações animadas.

Freyja preferia não estar em nenhum lugar próximo a Alvesley quando isso acontecesse... e Lindsey Hall era próximo.

Daí a viagem a Bath e a perspectiva de ter que se distrair por lá por um mês ou mais.

Ela não fechara as cortinas no quarto da estalagem e, com a lua e as estrelas cintilando no céu, mais as várias lanternas acesas no

pátio lá embaixo, o quarto parecia inundado pela luz do dia. Mas Freyja não se levantou para fechar as cortinas, preferiu puxar as cobertas sobre a cabeça.

Wulfric havia alugado uma carruagem particular para ela e toda uma procissão de cavaleiros corpulentos, com ordens expressas de protegê-la de qualquer perigo ou de qualquer outro inconveniente. Eles haviam sido instruídos a passar a noite em um estabelecimento de classe superior, que fosse adequado à irmã de um duque, mesmo que estivesse viajando sozinha. Infelizmente, uma feira de outono na cidade em que deveriam parar atraía muitas pessoas dos vilarejos vizinhos, portanto não havia vagas nas melhores hospedarias. Por isso se viram forçados a seguir viagem e então pararam *ali*.

Os cavaleiros tinham proposto fazer turnos de guarda do lado de fora do quarto de Lady Freyja, principalmente depois de saberem que não havia tranca em nenhuma das portas. No entanto, ela os dissuadira da ideia com tamanha firmeza que não deixara espaço para discussão. Não era prisioneira de ninguém e não se sentiria dessa forma. Agora Alice também se fora.

Freyja suspirou e tentou se acomodar para dormir. O colchão era um tanto encaroçado. O travesseiro, pior ainda. As cobertas que ela puxara sobre a cabeça não bloqueavam a entrada de toda a luz. Havia um barulho constante vindo de todos os lugares. Sem contar a perspectiva de chegar a Bath no dia seguinte – tudo isso porque não podia ir para casa. Será que a vida poderia ficar mais desagradável?

Em algum momento, pensou Freyja antes de sucumbir ao sono, ela teria que começar a olhar com atenção para os cavalheiros – e havia muitos deles agora, apesar de já estar com 25 anos e sempre ter sido feia – que saltariam como cães amestrados se ela meramente sugerisse o casamento. Ser solteira em uma idade tão avançada não era nada divertido para uma dama. O problema era que Freyja não estava plenamente convencida de que se casar a

colocaria numa situação melhor. E seria tarde demais se descobrisse isso depois que se casasse. Os irmãos dela diziam que o casamento era uma sentença de prisão perpétua – embora dois dos quatro houvessem sucumbido àquela sentença nos últimos meses.

Freyja acordou sobressaltada algum tempo depois, quando a porta do quarto subitamente foi aberta e depois fechada de novo. Não tinha certeza se estava sonhando até ver um homem dentro do quarto, vestido com uma camisa branca aberta no colarinho, calça escura e meias, um casaco jogado sobre um dos braços e um par de botas na outra mão.

Freyja saltou da cama como se tivesse sido ejetada por um canhão e apontou com determinação para a porta.

– Saia daqui! – gritou.

O homem abriu um sorriso tão largo que era visível mesmo na penumbra do quarto.

– Não posso, coração – retrucou ele. – O caminho por onde vim guarda um destino cruel. Preciso sair pela janela ou me esconder em algum lugar aqui.

– Saia já daqui! – gritou Freyja novamente, sem abaixar o braço nem o queixo. – Não dou abrigo a malfeitores nem a qualquer tipo de criatura do sexo masculino. Vamos, saia daqui!

De algum lugar no andar de baixo ouviam-se passos e vozes agitadas, todas falando ao mesmo tempo. Os sons se aproximavam depressa.

– Não sou nenhum malfeitor, meu anjo – disse o homem. – Apenas um inocente que estará muito encrencado se não desaparecer rápido. O guarda-roupa está vazio?

– Saia! – Ela ordenou mais uma vez.

Mas o homem atravessou o quarto em disparada até o guarda-roupa, abriu a porta e, ao constatar que estava vazio, entrou nele.

– Me dê cobertura, coração – pediu, antes de fechar a porta pelo lado de dentro –, e me salve de um destino pior do que a morte.

Quase no mesmo instante, Freyja ouviu uma batida insistente na porta. Ela não sabia o que fazer. Então a porta foi aberta mais uma vez, revelando o estalajadeiro segurando uma vela, um cavalheiro grisalho e robusto, e um indivíduo careca e corpulento que precisava muito se barbear.

– Fora! – exigiu Freyja, irada.

Lidaria com o homem dentro do guarda-roupa depois que resolvesse aquele novo ultraje. *Ninguém* entrava no quarto de Lady Freyja Bedwyn sem ser convidado, não importava se o quarto ficasse em Lindsey Hall, na Bedwyn House ou em uma estalagem caindo aos pedaços sem trancas nas portas.

– Peço perdão por perturbá-la, madame – disse o homem de cabelos grisalhos, estufando o peito e olhando ao redor do quarto em vez de encará-la –, mas acredito que um cavalheiro tenha acabado de entrar correndo aqui.

Se o homem grisalho tivesse esperado Freyja abrir a porta e se dirigido a ela com a deferência adequada, talvez ela houvesse entregado o esconderijo do fugitivo. Mas ele cometera o erro imperdoável de invadir o quarto e tratá-la como se ela só servisse para lhe dar informações sobre o fugitivo. O indivíduo que precisava se barbear, por outro lado, não fizera nada além de olhar para ela com uma expressão lasciva e tola nos olhos. E o estalajadeiro demonstrava uma lamentável ausência de preocupação com a privacidade dos hóspedes.

– Você realmente acredita nisso? – perguntou Freyja em um tom arrogante. – Por acaso está vendo esse cavalheiro que procura? Se não está, sugiro que feche a porta silenciosamente quando sair e permita que eu e os outros hóspedes deste estabelecimento voltemos a dormir.

– Se não for incômodo, madame – disse o homem grisalho, olhando primeiro para a janela fechada e depois para a cama e o guarda-roupa –, gostaria de fazer uma busca no quarto. Para sua

própria proteção. O homem está em uma fuga desesperada e não é seguro que uma dama fique perto dele.

– *Uma busca no meu quarto?* – Freyja respirou fundo e empinou o proeminente e levemente adunco nariz típico dos Bedwyns, encarando-o com tanta frieza e arrogância que o cavalheiro finalmente olhou para ela. – *Uma busca no meu quarto?* – Ela voltou os olhos para o estalajadeiro, ainda em silêncio, que se encolhia atrás da vela. – *É essa a hospitalidade que esse lugar oferece? A mesma de que se gabou com tanta eloquência quando cheguei aqui? Meu irmão, o duque de Bewcastle, saberá disso. E ficará muito interessado em descobrir que o senhor permitiu que outro hóspede, se é que esse cavalheiro é um hóspede, batesse à minha porta no meio da noite e entrasse no meu quarto sem esperar que eu abra, simplesmente porque acredita que um sujeito entrou aqui. O duque também vai gostar de saber que o senhor ficou parado sem dizer uma palavra em protesto enquanto esse mesmo cavalheiro sugeria fazer uma busca no meu quarto.*

– O senhor obviamente está enganado, senhor – disse o estalajadeiro, meio escondido atrás do batente da porta. – Ele deve ter escapado por um caminho alternativo ou se escondido em outro lugar. Peço que me perdoe, madame... milady, de verdade. Permiti que eles viessem até aqui porque temi por sua segurança e achei que o duque iria querer que eu a protegesse a todo custo de fugitivos desesperados.

– Saiam! – falou Freyja mais uma vez, o braço esticado imperiosamente na direção da porta e dos três homens parados lá. – Vão embora!

O cavalheiro de cabelos grisalhos olhou uma última vez ao redor do quarto, o indivíduo com a barba por fazer encarou Freyja com luxúria mais uma vez e o estalajadeiro se adiantou na frente deles e fechou a porta.

Freyja ficou olhando para a porta fechada, as narinas dilatadas, o braço ainda esticado, o dedo ainda apontando naquela direção. Como eles *ousavam*? Jamais fora tão insultada na vida. Se o cavalheiro de cabelo grisalho tivesse dito mais uma palavra ou se o camponês atrevido a olhasse outra vez, ela teria ido até eles e batido com a cabeça de um na do outro com tanta força que eles veriam estrelas durante uma semana!

Ela com certeza não recomendaria aquela estalagem a nenhum de seus conhecidos.

Freyja quase se esquecera do homem no guarda-roupa, até que a porta do armário se abriu com um rangido e ele saiu do espaço apertado. Sob a luz que entrava pela janela, ela pôde perceber que ele era um homem jovem e alto, com membros longos. E muito louro. E provavelmente tinha olhos azuis, mas não havia luz o bastante para que Freyja comprovasse sua teoria. No entanto, o que vira era o suficiente para imaginar que o homem era bonito demais. Também parecia muito animado, o que era absolutamente inadequado.

– Foi uma performance magnífica – comentou ele, pousando as botas hessianas e jogando o casaco sobre a cama extra. – Você é realmente irmã do duque de Bewcastle?

Sob o risco de parecer tediosa e repetitiva, Freyja apontou mais uma vez para a porta.

– Saia! – ordenou.

Mas ele apenas sorriu e se aproximou mais um pouco.

– Acho que não é... – disse o homem. – Por que a irmã do duque estaria hospedada num estabelecimento modesto como este? E sem uma criada ou uma acompanhante para cuidar dela? Mesmo assim, foi uma atuação fantástica.

– Consigo viver sem a sua aprovação – observou Freyja, com frieza. – Não sei o que fez que possa ser tão hediondo. E não quero

saber. Quero é que saia desse quarto *agora!* Encontre outro lugar para se encolher de medo.

– De medo? – Ele riu e levou a mão ao coração. – Você me magoou, meu encanto.

O homem estava parado muito perto de Freyja, então era possível notar que o topo da cabeça dela mal alcançava o queixo dele. Sempre fora baixa, estava acostumada a governar o próprio mundo de uma altura abaixo do nível onde acontecia grande parte da ação.

– Não sou coração, muito menos seu encanto – disse ela. – Vou contar até três. *Um.*

– Com que propósito? – Ele pousou as mãos ao redor da cintura dela.

– *Dois.*

O homem abaixou a cabeça e a beijou na boca. Os lábios dele estavam levemente abertos, o que tornou o toque íntimo, úmido, quente.

Freyja respirou fundo, jogou o braço para trás e acertou o homem com força no nariz.

– Ai! – disse ele, segurando o nariz entre os dedos e movendo o maxilar de um lado para o outro. Quando o homem retirou a mão do rosto, Freyja teve o prazer de ver que tirara sangue dele. – Ninguém lhe ensinou que, em circunstâncias escandalosas como esta, qualquer dama daria um tapa no rosto do homem, e não um soco no nariz?

– Não sou qualquer dama – retrucou Freyja, com determinação.

Ele sorriu novamente e secou o sangue do nariz com as costas da mão.

– Você é adorável quando está zangada – comentou.

– Saia.

– Mas, entenda, não posso fazer isso – explicou ele. – Aquele velho e seu escudeiro pugilista estarão esperando por mim, prontos

para me forçar a casar. Isso é tão certo quanto eu estar parado aqui.

– Não quero ouvir os detalhes sórdidos da sua situação – disse Freyja, finalmente começando a pensar no motivo do desalinho das roupas dele. – E por que eu deveria me importar por eles estarem esperando por você?

– Meu coração, porque eles me veriam saindo do seu quarto e chegariam a conclusões escandalosas. Sua reputação seria destruída.

– Eu com certeza conseguiria sobreviver ao choque.

– Tenha pena de mim, ó justa – pediu ele, sorrindo outra vez. Aquele homem não levava nada a sério? – Caí em uma armadilha antiga. Lá no salão do andar de baixo estavam o cavalheiro de cabelo grisalho e sua neta... uma donzela mais adorável do que as palavras podem descrever... sem nada para fazer durante a noite. E lá estava eu, também sem fazer nada. Foi a coisa mais natural do mundo que o avô e eu jogássemos algumas rodadas de cartas enquanto a dita donzela observava em silêncio, com uma expressão doce, sempre na minha linha de visão. Depois que me recolhi para dormir, a moça foi até o meu quarto para oferecer outro tipo de entretenimento... imagino que a senhorita tenha percebido que não há trancas nas portas. Eu deveria ter sido virtuoso e mandado a moça embora? Sim. Mas sou de carne e osso. No fim, foi sorte eu ainda estar de pé e meio vestido, e o avô não ter esperado demais para entrar no quarto intempestivamente, junto com o estalajadeiro e o brutamontes de aparência feroz. Também tive sorte por eles terem entrado com tanto entusiasmo no quarto que deixaram a porta livre. Saí correndo por ela, disparei pelo corredor e entrei na única porta disponível. Esta. – Ele indicou a porta do quarto com um gesto grandioso.

– Você ia corromper uma moça inocente? – perguntou Freyja, estufando o peito.

– Inocente? – O homem riu. – Ora, ela foi até o meu quarto, coração. Não que eu tenha relutado de alguma maneira, me sinto obrigado a admitir. Mas essa é a artimanha a que certos homens recorrem para conseguir um casamento vantajoso para suas filhas ou netas, ou ao menos para extorquir uma boa soma de dinheiro do homem em questão, para compensar a perda da virtude da suposta donzela. Eles armam emboscadas em lugares como este até que um tolo como eu apareça, então entram em ação.

– Teria sido bem-feito se você fosse pego – disse Freyja. – Não tenho a mínima simpatia por sua situação.

Ainda assim, pensou ela, aquele era o tipo de complicação em que Alleyne poderia se meter, ou Rannulf, antes do recente casamento com Judith.

– Lamento, mas acho que vou ter que ficar aqui pelo resto da noite – disse o estranho, olhando ao redor. – Não dividiria sua cama elegante comigo, não é?

Freyja o encarou com seu olhar mais frio, mais arrogante, aquele que costumava paralisar os mortais comuns.

– Não? – Ele sorriu mais uma vez. – Terei que ficar com a cama extra, então. Vou tentar não roncar. Espero que você não ronque.

– Você vai sair deste quarto – falou Freyja –, antes que eu conte até três, ou vou gritar. Muito alto. *Um*.

– Você não faria isso, coração – argumentou ele. – Acabaria passando por mentirosa diante de seus recentes visitantes.

– *Dois*.

– A menos – continuou o homem, deixando escapar uma risadinha – que dissesse que entrei sorrateiramente no quarto e me escondi no guarda-roupa enquanto você dormia e que saltei sobre você assim que percebi que estava fora de perigo.

– *Três*.

Ele olhou para ela, ergueu as sobrancelhas, mexeu-as para cima e para baixo, então virou-se com despreocupação proposital na

direção da cama extra.

Freyja gritou.

– Jesus, mulher! – disse ele, erguendo uma das mãos como se estivesse prestes a levá-la à boca de Freyja.

Deve ter ficado claro para o estranho que de nada adiantaria tapar a boca de Freyja. Que, por sinal, tinha uma capacidade pulmonar considerável. Ela deu um grito longo e alto, sem parar para respirar nem uma vez.

O estranho agarrou o casaco e as botas, correu para a janela, abriu-a e olhou lá para baixo. Então jogou o que carregava e desapareceu.

Freyja estimava que a distância até o chão devia ser de no mínimo dez metros e sentiu uma pontada de remorso. Os restos do homem provavelmente estavam espalhados no piso de pedra do pátio lá embaixo.

A porta foi aberta mais uma vez, revelando uma aglomeração de pessoas com os mais diversos tipos de vestimentas, entre elas o estalajadeiro, trazendo consigo o cavalheiro de cabelo grisalho e o brutamontes de olhar voluptuoso com a barba por fazer.

– Ele acabou entrando aqui, não foi, milady? – perguntou o grisalho, acima do burburinho de vozes.

Mas Freyja desprezava aquele homem, tanto por ela mesma quanto pelo estranho a quem ele tentara enganar usando a própria neta – isso é, se a história fosse verdadeira. Era bem possível que o homem que acabara de sair pela janela houvesse fugido com todos os pertences do cavalheiro que estava diante dela.

– Um rato! – gritou Freyja, levando a mão ao pescoço. – Um rato passou por cima da minha cama!

Houve um alvoroço enquanto algumas das poucas damas presentes gritavam e procuravam cadeiras para subir, e alguns homens entravam corajosamente no quarto e começavam uma

caçada ao rato – sob a cama, embaixo do lavatório, atrás do guarda-roupa, sob a cama extra, entre a bagagem de Freyja.

Enquanto isso, ela se viu forçada a desempenhar um papel ao qual não estava habituada: o da mulher trêmula e indefesa.

– Ouso dizer que deve ter sido um sonho, madame... quero dizer, milady – disse o estalajadeiro por fim. – Não costumamos ter ratos na casa. Os gatos os mantêm fora daqui. E se realmente havia algum, ele com certeza já não está mais no quarto.

Alice chegara no meio da comoção, os olhos arregalados de horror, provavelmente imaginando o que diria ao duque de Bewcastle – ou melhor, o que *ele* diria a *ela* – caso houvessem cortado o pescoço da patroa enquanto ela dormia em outro lugar que não era onde ela deveria estar.

– Sua criada ficará com a senhorita, milady – disse o estalajadeiro, enquanto os outros hóspedes se afastavam, alguns indignados por terem sido acordados, outros desapontados por não terem testemunhado a captura do rato, condenado por ter atravessado a cama em que um ser humano dormia.

– Sim. Obrigada. – Freyja achou que estava soando patética o bastante.

– Dormirei na cama extra, milady – informou Alice, em tom firme, depois que todos saíram e a porta foi fechada. – Não tenho muito medo de ratos, desde que fiquem no chão. Me acorde se ele a incomodar de novo e eu o encontrarei. – A moça estava obviamente apavorada.

– Volte para a cama, seja lá onde for – disse Freyja. – Eu gostaria de dormir sossegada pelo que resta da noite.

– Mas, milady... – começou Alice.

– Acha que tenho medo de um rato? – perguntou Freyja em um tom zombeteiro.

A criada pareceu confusa.

– Ora, não achava que tinha, milady, mas... – respondeu a moça.

– Agora vá. – Freyja apontou para a porta. – E que essa seja a última interrupção pelo resto da noite.

Assim que se viu sozinha, Freyja correu até a janela e olhou para baixo, com medo do que poderia ver. O homem era um invasor, um patife, e merecia o que quer que houvesse lhe acontecido – mas com certeza não a morte. Ela se sentiria mal, até mesmo um pouco culpada, se isso tivesse ocorrido.

Não havia sinal do estranho, das botas ou do casaco dele lá embaixo.

Foi então que Freyja percebeu a hera grossa que subia pelas paredes.

No fim das contas era um alívio, pensou ela, fechando a janela e se virando de volta para dentro do quarto. Talvez agora pudesse aproveitar algumas horas de sono tranquilo.

Mas Freyja parou subitamente antes de alcançar a cama e olhou para o próprio corpo.

Toda aquela cena acontecera enquanto ela usava apenas uma camisola, com os pés nus e os cabelos soltos em ondas desalinhadas descendo pelas costas.

Santo Deus!

Freyja sorriu.

E depois começou a rir.

Sentou-se na beira da cama e riu alto.

Tudo o que acontecera fora tão absurdo!

E Freyja não conseguia se lembrar da última vez em que se divertira tanto.

CAPÍTULO II



Joshua Moore, marquês de Hallmere, saíra de Yorkshire, onde ficara hospedado com um amigo, e seguira em direção a Bath, onde passaria uma semana com a avó, a honorável Lady Potford. Havia uma dezena de outros lugares em que Joshua preferiria estar, mas ele adorava a avó e fazia cinco anos que não a via.

Ele deixou o cavalo em um estábulo público, encontrou a casa que procurava na Great Pulteney Street, bateu com a aldrava na porta e achou graça ao perceber que a expressão no rosto do criado que a abriu mudou da deferência habitual para um olhar de desdém e arrogância.

– Senhor? – disse o homem, fechando a porta até a metade e bloqueando o caminho com o corpo vestido todo de preto. – O que poderia desejar aqui?

Joshua sorriu para o homem.

– Poderia ver se Lady Potford está em casa e perguntar a ela se me receberia? – pediu.

O criado pareceu prestes a responder sem nem mesmo checar se a patroa estava em casa.

– Diga a ela que é Hallmere – acrescentou Joshua.

O nome obviamente pareceu significar alguma coisa. A expressão do criado se transformou de novo, adotando uma máscara educada e sem expressão, enquanto ele abria a porta, se afastava para o lado e inclinava o corpo em uma reverência.

– Se puder esperar aqui, milorde – murmurou o homem.

Joshua entrou no saguão com piso de mármore em um padrão de xadrez preto e branco e observou enquanto o criado, sem dúvida o mordomo, subia as escadas com a postura muito ereta e desaparecia de vista. Não demorou dois minutos e ele reapareceu.

– Queira me acompanhar, milorde – disse o mordomo, da metade da escadaria. – A senhora irá recebê-lo.

Lady Potford estava em uma ampla sala de estar, agradavelmente decorada, com vista para a elegância clássica da Great Pulteney Street. Ainda era esguia e empertigada, usava roupas elegantes e tinha os cabelos bem-arrumados, embora estivesse um pouco mais grisalha do que Joshua se lembrava. Os cabelos, na verdade, estavam completamente brancos nas têmporas.

– Vovó! – Ele teria corrido até ela e a tomado nos braços, se a avó não houvesse levado aos olhos um lornhão que trazia pendurado em uma corrente de ouro ao redor do pescoço, com uma expressão aflita.

– Meu querido Joshua – disse ela –, que tolice a minha imaginar que o fato de você ter adquirido um título de nobreza o tornaria mais respeitável. Não é de estranhar que Gibbs estivesse com expressão mais rígida e hermética quando anunciou sua chegada.

Joshua checou o estado deplorável em que se encontrava. Embora o casaco e a calça estivessem decentes, as botas não estavam engraxadas e guardavam resquícios de lama da noite anterior. Assim como o casaco. A camisa também era a mesma e estava toda amassada. A maior parte do estrago estava escondida embaixo do casaco, mas a lamentável ausência de gravata o fazia parecer ainda menos respeitável. Além disso, ele também não usava

colete, que teria servido para esconder melhor o estado deplorável da camisa. Joshua não estava de chapéu nem de luvas. E não se barbeava desde a véspera... e também não penteava os cabelos. Em termos objetivos, devia estar com uma aparência vergonhosa – como alguém que acabara de sair de uma orgia que durara toda a madrugada.

Tudo bem, ele *realmente* beijara duas mulheres diferentes na noite anterior, mas em nenhum dos dois casos teve tempo ou oportunidade para se permitir qualquer coisa semelhante a uma orgia... o que era uma pena.

– Tive um contratempo em uma estalagem ontem – explicou Joshua. – Escapei literalmente no estado em que está me vendo agora. Consegui resgatar meu cavalo do estábulo da estalagem, mas fui forçado a deixar todas as minhas posses para trás. Meu valete com certeza resgatará tudo e trará até aqui mais tarde. Não será a primeira vez que ele acordará e descobrirá que já parti.

– Tenho certeza disso – falou Lady Potford, em um tom sarcástico, deixando o lornhão pendurado pela corrente – Ora, não vou ganhar um beijo?

Joshua sorriu, se aproximou e levantou a avó nos braços, girando com ela e beijando-a com força no rosto antes de colocá-la novamente de pé. Lady Potford balançou a cabeça, meio exasperada, meio conformada por já esperar aquele gesto dele.

– Garoto atrevido.

– É bom vê-la, vovó – disse ele. – Já faz tanto tempo.

– E quem é o culpado por isso? – perguntou ela com severidade.

– Há anos você anda sem rumo em busca de prazeres... se as fofocas e suas poucas cartas estiverem corretas, embora eu estremeça ao imaginar como conseguiu fazer isso com as guerras ainda em curso. É uma pena que tenha sido necessária a morte do seu tio para trazê-lo de volta à Inglaterra.

A morte do tio garantira a Joshua o título de marquês, as propriedades e a fortuna, mas também todos os fardos atrelados a cada uma dessas coisas.

– Não foi bem assim, vovó – retrucou ele. – Foi o fim das guerras que me trouxe de volta à Inglaterra. Com a prisão de Napoleão Bonaparte em Elba e os ingleses podendo voltar a andar livremente pela Europa, não havia mais a diversão de se esquivar do perigo.

– Ora, deixe isso para lá – disse ela, balançando a cabeça. – Você está em casa agora, não importa por que razão... ou ao menos *quase* em casa.

– Não tenho intenção de ir para Penhallow, se é isso que a senhora tem em mente – informou. – Ainda há muitos outros lugares para ir e muitas experiências a serem vividas.

– Ah, sente-se, Joshua. Você é alto demais para eu ficar olhando para você quando está de pé – disse Lady Potford, sentando-se. – Você agora é o marquês de Hallmere. Pertence a Penhallow, assim como o lugar pertence a você. Deveres e responsabilidades o aguardam. Realmente está na hora de você voltar para lá.

– Vovó. – Joshua sorriu enquanto se sentava na cadeira que ela indicara e passava a mão pelo rosto não barbeado. – Se tem a intenção de passar a próxima semana me catequisando em relação aos meus deveres, vou sair agora mesmo e cavalgar em direção ao pôr do sol, em busca de novas confusões em que possa me meter.

– Com certeza não teria que procurar muito longe – retrucou ela. – As confusões parecem vir cavalgando atrás de você, Joshua. Seus olhos estão injetados. Imagino que não tenha dormido nada esta madrugada. Não vou perguntar o que mais você fez na noite passada, além viajar nesse chocante estado de desalinho.

Joshua bocejou até sua mandíbula estalar – algo muito pouco delicado de se fazer na presença de uma dama – e, ao mesmo tempo, seu estômago roncou de modo audível.

– Sua aparência está lamentável, Joshua – observou a avó sem meias palavras. – Quando foi a última vez que comeu alguma coisa?

– Ontem à noite, em algum momento – admitiu ele, um tanto envergonhado. – Fui forçado a abandonar minha bolsa de dinheiro também.

Por conta disso, ele fora obrigado a fazer alguns desvios longos e intrincados para evitar os postos de tarifas do caminho.

– Deve ter sido uma confusão daquelas... – comentou ela. Então se levantou e puxou a corda do sino que ficava ao lado da lareira. – Sinto-me *quase* tentada a perguntar se ao menos ela era bela, mas isso estaria muito abaixo da minha dignidade. Agora vou deixá-lo aos cuidados de Gibbs. Ele o alimentará, o barbeará, e então você talvez queira dormir um pouco. Não há muito mais que se possa fazer até que seu valete chegue com uma muda de roupa. Preciso sair para visitar algumas pessoas.

– Comida, barba feita e um bom cochilo, nessa ordem, me parece a descrição do paraíso – disse Joshua, satisfeito.



Lady Holt-Barron estava feliz por ter convencido Lady Freyja Bedwyn, irmã do duque de Bewcastle, a ser sua hóspede em Bath. Charlotte estava ainda mais satisfeita, simplesmente por ter uma amiga de sua idade ali.

– Mamãe insistiu em vir novamente para Bath, Freyja – explicou Charlotte, enquanto as duas caminhavam pelo Pump Room, onde podiam experimentar as águas termais, na manhã seguinte à chegada de Freyja. Enquanto isso, Lady Holt-Barron estava parada diante das fontes, conversando com um grupo de conhecidos que faziam a mesma coisa. – Ela acredita que um mês tomando essas águas garante sua boa saúde pelo resto do ano. Acho que talvez

esteja certa. Papai, Frederick e os rapazes estão caçando, como sempre fazem nessa época, e eu preferia estar com eles. Mas me sinto tão grata por você ter concordado em vir!

Não havia muitas oportunidades para conversas particulares como aquela. O Pump Room era um lugar elegante onde todos se reuniam de manhã para se exercitar e fofocar – e também para beber as tais águas minerais, no caso dos que se sentiam inclinados a fazer isso –, mas Freyja acabou descobrindo que, na verdade, o exercício que se fazia caminhando pelo elegante salão georgiano era mínimo. Afinal, bastava a pessoa dar alguns passos e logo precisava parar a fim de cumprimentar algum conhecido, então voltava a dar mais uns poucos passos e parava novamente. E como Freyja era recém-chegada e parte da nobreza, todos queriam falar com ela, cumprimentá-la, saber notícias que viessem além dos confins de Bath.

O dia seguiu sem nenhuma atividade que exigisse mais energia. Elas foram fazer compras na Milsom Street após o café da manhã. Freyja nunca se deleitara com essa obsessão tipicamente feminina; mesmo assim, manteve-se ao lado de Charlotte por lojas de vestidos, chapelarias e joalherias, seguindo o roteiro de Lady Holt-Barron, enquanto se perguntava qual seria a reação das pessoas se parasse de repente, abrisse a boca e gritasse com o mesmo ardor com que gritara duas noites antes. Freyja sorriu diante da lembrança. Não costumava gritar. No entanto, sentira uma enorme satisfação em deixar escapar aquele grito e ver o estranho sorridente e autoconfiante se jogar pela janela.

O dom que Deus dera às mulheres havia sido posto em prática.

– Ah, você gostou desse, Freyja! – animou-se Charlotte, quando percebeu o sorriso da amiga. Ela estava experimentando um chapéu vistoso, com uma impressionante pluma escarlate. – Também gosto dele. Acho que não vou conseguir resistir a comprá-lo, embora já

tenha mais chapéus do que possa vir a precisar. O que você acha, mamãe?

– Se Lady Freyja gosta – comentou Lady Holt-Barron –, então deve estar na última moda, Charlotte. E ele é mesmo muito bonito.

Durante a tarde, elas fizeram algumas visitas sociais, então foram tomar chá nos elegantes salões onde a alta sociedade de Bath se reunia, os Upper Assembly Rooms. O duque de Willett se encontrava lá – estava hospedado na cidade com o tio, de quem deveria herdar uma fortuna considerável. Desde a morte de Jerome o duque dera uma atenção especial a Freyja, mas ela nunca o encorajara. Era um homem baixo, com os cabelos e as sobrancelhas muito claros, os cílios louros. Mas não era a aparência medíocre que o tornava pouco atraente, e sim a atitude sem humor, muito rígida e exageradamente decorosa. Afinal, ela também não era nenhuma beldade, mas nunca fora chata.

No entanto, como a maioria das pessoas com quem conviviam em Bath era idosa, Freyja teve que admitir que a juventude do conde já era um atrativo. Ela o cumprimentou com mais ardor do que teria feito se houvessem se encontrado em Londres, e ele se sentou à mesa e se mostrou agradável com as três damas por cerca de meia hora.

– Minha querida Lady Freyja – disse Lady Holt-Barron depois que o duque as deixou, as sobrancelhas erguidas de forma expressiva –, acredito que tenha conquistado alguém.

– Ah, madame – retrucou Freyja com arrogância –, mas ele não conquistou ninguém.

Charlotte riu.

– Acho que perderia seu tempo se tentasse bancar a casamenteira com Freyja, mamãe.

À noite, elas voltaram aos salões dos Upper Rooms para assistir a um concerto. Freyja não tinha nenhuma aversão a músicas. Na verdade, muitas tinham o poder de encantá-la. Não era o caso das

óperas. Mas, como a sorte parecia não estar ao lado dela, a convidada de honra era uma soprano de nome italiano, seios enormes e uma voz poderosa, que explodiu a pleno volume durante o recital. Talvez a soprano acreditasse que volume alto era equivalente a alta qualidade, pensou Freyja, enquanto seus tímpanos se contraíam por conta das notas agudas e penetrantes.

De algum modo, o conde de Willett conseguiu se sentar ao lado dela durante o segundo ato, depois de já ter conversado com Freyja no intervalo.

– A audição de uma pessoa poderia ser permanentemente afetada por uma performance como essa – comentou Freyja.

Alleyne ou Rannulf teriam respondido com a mesma ironia: certamente seus irmãos teriam que se esforçar para conter o riso.

– Sim... – concordou o conde em um tom solene. – É divino, não é mesmo?

E aquele era apenas o primeiro dia.

O segundo começou do mesmo modo. A única diferença foi que na manhã da véspera a agitação ficara por conta da chegada de Freyja. Já naquele dia, só se falava da chegada do marquês de Hallmere. Todos esperavam ansiosos que ele aparecesse no Pump Room bem cedo com a venerável Lady Potford, sua avó materna. Freyja conhecia Lady Potford, mas nunca havia encontrado o marquês. O desapontamento no salão foi quase palpável quando a senhora apareceu sozinha.

– Ele é jovem – explicou Lady Holt-Barron – e dizem que muito atraente. Com certeza o marquês é um dos melhores partidos da Inglaterra. – Ela olhou maliciosamente para Freyja.

Então o sujeito seria considerado atraente mesmo se tivesse a aparência de uma gárgula, supôs Freyja.

Era necessária a chegada de alguém novo, de preferência com um título de nobreza, para animar o espírito daquelas pessoas, pensou Freyja, suspirando em silêncio, enquanto elas deixavam o

Pump Room e voltavam para casa, a fim de tomar o café da manhã. Ela sem dúvida cometera um erro indo para Bath. Ficaria louca em duas semanas... talvez em uma! Mas quando se lembrou da alternativa que tinha – ficar em Lindsey Hall, esperando a notícia chegar de Alvesley – decidiu que daria um jeito de suportar aquele exílio por pelo menos um mês. Além do mais, seria descortês deixar as Holt-Barrons tão cedo.

No entanto, não conseguiria aguentar outra manhã de compras. Para não acompanhar Charlotte e a mãe, Freyja deu a desculpa de que tinha algumas cartas para escrever e, para não ficar com a consciência pesada, foi o que fez. Ela se sentou diante da escrivaninha no quarto e escreveu para Morgan, a irmã mais nova. Freyja se pegou descrevendo o que acontecera na estalagem onde passara a noite a caminho de Bath, enfeitando bastante a história, embora os fatos reais já fossem sensacionais o suficiente. Morgan apreciaria o humor da situação e Freyja sabia que a irmã não mostraria a carta para Wulfric.

Wulf com certeza não acharia divertido.

Apesar do vento constante, fazia um lindo dia de início de setembro, e Freyja sentiu vontade de cavalgar. As montanhas além de Bath pareciam ter sido feitas especialmente para que se galopasse entre elas. Porém, se mandasse um criado alugar um cavalo e esperasse até que ele retornasse, era provável que Charlotte e a mãe já tivessem voltado das compras e insistiriam para que um cavaleiro a acompanhasse para protegê-la. Freyja nunca suportou ter criados atrás dela quando saía para cavalgar. Por isso, decidiu dar uma caminhada. Colocou o vestido de passeio verde-escuro e desceu a passos rápidos a colina da casa, em The Circus. Os cabelos claros e cheios estavam presos em um penteado que quase os domava, sob um chapéu de penas inclinado para o lado.

Freyja atravessou o centro de Bath, acenando com a cabeça para alguns conhecidos, torcendo para não ter a má sorte de encontrar

suas anfitriãs e se ver forçada a passar o resto da manhã fazendo compras com elas. Freyja pegou um atalho cruzando o pátio da abadia, passou pelo Pump Room e pela própria abadia e seguiu caminhando ao longo do rio. Então avistou, mais adiante, a grande Pulteney Bridge, da qual se esquecera completamente, já que não visitava Bath havia muitos anos. Depois se lembrou de que, do outro lado da ponte, ficava a esplêndida Great Pulteney Street. O parque Sydney Gardens não ficava no fim da mesma rua?

Freyja não tivera a intenção de andar até tão longe, mas tinha a sensação de que estava enchendo os pulmões de ar pela primeira vez em dias. Não sentia a menor vontade de voltar para casa. Seguiu na direção da ponte, olhando brevemente para as vitrines das lojas enquanto passava, e descobriu que a memória não a enganara: a uma curta distância, estendia-se uma das mais magníficas vistas da cidade.

Freyja seguiu na direção de Sydney Place, para caminhar por seus jardins. Mas então percebeu a placa indicando que a Sutton Street ficava à esquerda. Freyja franziu o cenho e parou de repente. Não levou mais do que alguns segundos para entender por que aquele nome lhe soava familiar. Era em Sutton Street que ficava a escola para meninas da Srta. Martin. Hesitante, Freyja sorriu e depois decidiu seguir naquela direção. Ela sabia até mesmo o número da casa.

Cinco minutos depois, estava parada em uma sala um tanto decadente, esperando a chegada da Srta. Martin. Aquilo com certeza não era uma boa ideia, concluiu Freyja. Nunca estivera ali pessoalmente ou escrevera para lá. Na verdade, nem sequer permitira que o procurador mencionasse seu nome.

A Srta. Martin não a deixou esperando por muito tempo. Era uma mulher pálida, de lábios cerrados e postura reta, exatamente como Freyja se lembrava. Os olhos de um cinza-escuro a encaravam com

firmeza, como sempre, mas agora a Srta. Martin mostrava uma expressão de hostilidade mal disfarçada por trás da civilidade.

– Lady Freyja. – Ela inclinou a cabeça, mas não fez uma cortesia. Nem ofereceu uma cadeira nem algo para beber, não demonstrou surpresa nem prazer. Também não apontou para a porta e ordenou à visitante que fosse embora. Simplesmente ficou olhando, com uma expressão de curiosidade educada no rosto.

Ora, pensou Freyja, gostava ainda mais da mulher por isso.

– Ouvi dizer que tinha uma escola aqui – comentou Freyja, escondendo o próprio embaraço atrás de uma arrogância maior do que a habitual. – Estava passando e decidi visitá-la.

Que palavras tolas!

A Srta. Martin não se dignou a responder. Apenas inclinou a cabeça.

– Para ver como a senhorita está – acrescentou Freyja. – Para saber se há alguma coisa de que a escola esteja precisando. Algo que eu possa providenciar.

A expressão no rosto da Srta. Martin era de espanto... e de uma hostilidade ainda mais patente.

– Estou muito bem, obrigada – disse a mulher, finalmente. – Tenho alunas que pagam mensalidades, alunas que estudam de graça, e várias boas professoras. Tenho também um benfeitor muito generoso comigo e com as minhas meninas. Não preciso da sua caridade, Lady Freyja.

– Muito bem. – Freyja reparou na decadência do lugar e concluiu que o benfeitor não estava sendo generoso o bastante. Ou que a pessoa que agia em nome dele tinha ideias diferentes sobre o que era um fundo adequado. – Achei que valia a pena oferecer.

– Obrigada. – A voz da Srta. Martin tremeu com uma emoção que sua expressão não demonstrou. – Só posso torcer para que tenha mudado nesses nove anos, Lady Freyja, e que tenha vindo aqui movida por uma genuína bondade, e não com a esperança

maldosa de me encontrar desesperada e necessitada. Não estou nem uma coisa nem outra. Mesmo sem a generosidade do nosso benfeitor, minha escola está começando a se pagar. Com certeza não preciso da sua ajuda... ou de uma nova visita sua. Tenha um bom dia. Minhas alunas estão perdendo a aula de História.

Pouco tempo depois, Freyja estava caminhando por Sydney Gardens, o coração disparado, os ouvidos ainda zumbindo com a repreensão e o óbvio desprezo da Srta. Martin.

Aquela não devia ser a hora em que as pessoas costumavam ir ao parque, pensou Freyja com certo alívio. Ela passara por poucas pessoas enquanto seguia pelos caminhos sinuosos dos jardins, e não conhecia nenhuma delas. Supôs que aquele não fosse o lugar adequado para se caminhar sem uma criada seguindo decentemente atrás. Mas nunca fora de se preocupar com o que era ou não adequado e, naquele momento em particular, sentia-se muito feliz por estar sozinha. Freyja se sentou em um banco rústico por algum tempo, perto de um antigo carvalho, sentindo o sol no rosto e observando um par de esquilos em busca de alguma migalha que um visitante do parque pudesse ter deixado para trás. Eram muito mansos... Mas ainda assim Freyja ficou imóvel para não assustá-los.

Ela já assustara muitas preceptoras quando era menina. Nunca aceitara muito bem ficar confinada, fazendo o que lhe mandavam, exaurindo a mente com aulas terrivelmente tediosas, sendo obrigada a se submeter à autoridade de mulheres insípidas de boa família. Na verdade, Freyja fora uma menina terrível.

Wulf sempre arranjava outro emprego para as preceptoras que eram dispensadas ou que pediam demissão, e Freyja nunca mais pensava nelas. Mas então a Srta. Martin demonstrou uma inesperada força de caráter indo embora de Lindsey Hall pelas próprias pernas – literalmente *caminhando* –, a cabeça erguida, recusando qualquer ajuda de Wulf.

Pela primeira vez, Freyja ficara realmente perturbada por conta de uma preceptora – uma ex-preceptora, naquele caso em particular. Ela conseguira suportar sua substituta pelo resto do seu tempo de estudos, embora a mulher fosse a mais insípida de todas.

Foi mero acidente Freyja ter ouvido falar novamente da Srta. Martin. A ex-preceptora tinha aberto uma escola em Bath, mas estava passando por sérias dificuldades financeiras e logo acabaria fechando o estabelecimento. A história lhe fora contada de forma maldosa por uma conhecida que imaginara que Freyja ficaria feliz com a notícia. Mas não foi o que aconteceu. Freyja procurara um advogado e lhe pagara muito bem para que ele encontrasse a Srta. Martin, levantasse as necessidades da escola e avisasse à ex-preceptora que um benfeitor anônimo estava disposto a arcar com aquelas necessidades, desde que ela conseguisse comprovar que suas alunas recebiam uma educação de um padrão aceitável.

Desde então, Freyja havia se empolgado com o papel insólito de protetora dos necessitados e mandara a Srta. Martin vários alunos que não tinham como pagar a mensalidade e até mesmo uma professora que precisava de emprego e garantira os fundos necessários para mantê-las.

A pobre mulher ficaria embasbacada se soubesse a identidade de seu benfeitor.

E ela mesma ficaria mortificada, pensou Freyja, enquanto observava os esquilos, se alguém descobrisse aquela sua fraqueza secreta. Porque era uma fraqueza. Qualquer preceptora que não conseguia controlar seus pupilos merecia ser dispensada. E qualquer preceptora dispensada que era orgulhosa demais para aceitar ajuda de seu empregador merecia passar necessidade.

Freyja riu baixinho. Como admirara a Srta. Martin naquela manhã. Como a teria desprezado se ela houvesse se disposto a adular sua antiga algoz.

Então um grito a fez voltar subitamente à realidade – um grito feminino, vindo de algum lugar mais abaixo na colina, perto de uma das trilhas. As árvores não permitiam que Freyja avistasse a mulher que gritara, mas era possível ouvir o som de uma voz masculina grossa e de uma voz feminina aguda. Os esquilos fugiram para se abrigar na árvore mais próxima, desaparecendo entre os galhos e a folhagem.

Freyja se levantou. Ela era mulher. Pequena. E estava desacompanhada. Não tinha nem sequer uma criada por perto. Estava em um parque quase deserto e que parecia ainda mais isolado pelas colinas e árvores ao redor. Com certeza não era o momento para atos heroicos. Qualquer mulher normal, numa situação daquelas, teria seguido na direção oposta e corrido o mais rápido que pudesse.

Mas Freyja não era qualquer mulher normal.

Ela seguiu a passos largos na direção dos gritos, mas não precisou ir muito longe. Logo que dobrou uma curva, deparou com uma área gramada à frente. Ali estava um homem muito alto – um *cavalheiro* por incrível que parecesse – agarrando uma criada de corpo miúdo. Os braços dela estavam presos contra o peito dele, que abaixava a cabeça com a intenção lasciva de reclamar sua recompensa. Para cumprir seu objetivo, ele sem dúvida iria arrastá-la para dentro dos arbustos em poucos instantes.

– Tire as mãos de cima dela! – ordenou Freyja, acelerando o passo. – Seu patife grosseiro. Deixe-a em paz!

Eles se afastaram e ambos a encararam com uma expressão perplexa. A moça, esperta, gritou novamente e desceu a colina correndo, o mais rápido que seus pés conseguiram, sem olhar para trás.

Freyja, por sua vez, não fugiu. Ela seguiu adiante até estar quase frente a frente com o canalha agressor, armou o golpe e acertou um soco no nariz do aproveitador de moças inocentes.

– Ai! – disse o homem, levando a mão ao rosto e encarando Freyja com os olhos lacrimejantes. – Ora, ora, sabia que conhecia esse toque feminino tão delicado. É você, não é?

Ele estava elegantemente vestido, com um casaco de montaria azul, calças bufantes e botas altas bem engraxadas e usava um chapéu alto. Mas Freyja levou um choque ao reconhecer os membros longos e o corpo de proporções perfeitas, os cabelos muito louros sob o chapéu, e os olhos azuis profundos do homem que ela vira mergulhar da janela da estalagem três noites antes. Adônis e o diabo em uma só pessoa. Ela arfou.

– Sim, sou eu – disse ela, lamentando não ter revelado o esconderijo dele no guarda-roupa e o abandonado à própria sorte.

– Por que fez isso, coração? – perguntou ele, sorrindo para ela apesar dos olhos lacrimejantes e o nariz vermelho. – Que falta de espírito esportivo da sua parte.

– Seu patife covarde! – atacou Freyja. – Corruptor de inocentes desprezível! Você é mais do que desprezível. Eu deveria denunciá-lo e fazer com que fosse expulso de Bath, mandado para longe das pessoas respeitáveis.

– Vai fazer isso? – Ele se inclinou um pouco na direção dela, os olhos com uma expressão zombeteira. – E quem você vai denunciar, meu encanto?

Freyja sentiu a indignação dominá-la.

– Vou descobrir a sua identidade – disse ela. – Você não vai colocar os pés em Bath novamente sem que eu descubra quem é.

– Certo – retrucou ele. – Mas nós sabemos quem você é. Não é mesmo? Certamente não é filha de um duque. Onde está seu séquito de guardas e parasitas?

– Você não vai desviar a minha atenção – falou Freyja com severidade. – Acha que qualquer criada está à sua disposição apenas porque é uma criada? E apenas porque é bonito?

– Sou? – Ele sorriu novamente. – Acho que você não está disposta a me deixar explicar a situação, não é mesmo, meu coração?

– Não sou seu coração – reclamou Freyja. – E não preciso de explicação nenhuma além do que meus próprios olhos e ouvidos testemunharam. Ouvei a moça gritar e vi você prendê-la entre os braços. Não sou estúpida.

O homem cruzou os braços e a encarou com os olhos brilhando e um sorriso nos lábios. Freyja sentiu-se muito tentada a lhe acertar outro soco.

– Está certo – disse ele. – Mas você não tem medo de que, já que meus desejos não foram satisfeitos, eu possa decidir atacá-la?

– Eu o desafio a fazer isso – retrucou Freyja com frieza. – Posso lhe garantir que voltaria para casa com mais ferimentos do que gostaria.

– Um desafio tentador. – Ele riu. – Mas, é claro, você consegue gritar muito mais alto do que aquela moça que acaba de escapar das minhas garras. Acho que seria mais sábio não arriscar. Bom dia para você, madame.

Ele tocou a aba do chapéu em despedida, fez uma meia reverência irônica e saiu caminhando a passos largos pelo gramado até a trilha mais ao fundo.

Freyja permaneceu ali, a vencedora no campo de batalha.



Joshua riu baixinho consigo mesmo enquanto caminhava. Quem diabos era ela?

Ele havia pensado nela algumas vezes nos últimos dias. A mulher parecera muito tentadora naquela camisola que usava na estalagem. Os cabelos claros desalinhados, caindo em ondas pelos ombros e

pelas costas, não diminuíram em nada a atração que sentira. A raiva dela, a ousadia, a total ausência de constrangimento ou medo haviam despertado o interesse dele. E a recusa dela em deixá-lo dominar a situação haviam conquistado sua admiração, embora Joshua pudesse ter quebrado o pescoço ao sair pela janela, se não tivesse percebido a tempo a hera que subia pela parede.

Em um primeiro momento, naquela manhã, a achara feia. Não do pescoço para baixo: ela era pequena, mas seu corpo estava tão bonito naquele elegante vestido de passeio quanto na outra noite, de camisola. Mesmo os cabelos, presos decentemente sob o chapeuzinho charmoso, mas ainda rebeldes e ondulados, eram de certa forma atraentes. Mas as sobrancelhas eram escuras demais em contraste com os cabelos quase louros, e o nariz muito proeminente e um tanto adunco. A mulher tinha olhos verdes penetrantes e uma tez morena nada elegante.

Não havia nada de delicado nem de feminino em suas feições. Não era bela, nem mesmo bonitinha. Mas também não era feia. Havia muita personalidade por trás daquela aparência para que fosse considerada feia. Se ele fosse benevolente, diria que a mulher tinha boa aparência. Se fosse honesto, diria que era atraente.

Quem quer que a tivesse ensinado a dar socos com certeza fizera um bom trabalho. Se recebesse outros golpes como aquele, ele acabaria com um nariz adunco, como o dela.

Uma semana em Bath iria parecer uma eternidade, pensara ele apenas uma hora antes, por mais satisfeito que estivesse por rever a avó depois de tanto tempo. Embora houvesse caminhado um pouco hoje e na véspera, passara tempo de mais dentro de casa, sendo sociável com as visitas de Lady Potford durante a tarde e acompanhando-a a um jogo de cartas na casa da Sra. Carbret, em vez de ir ao concerto nos Upper Rooms.

Apesar de já ser dono do título havia mais de seis meses, era estranho ser apresentado às pessoas como marquês de Hallmere e

ver como a deferência delas aumentava depois que o título era mencionado.

Joshua nunca desejou o título ou qualquer uma das armadilhas que o acompanhavam – principalmente Penhallow, a propriedade do marquês na Cornualha. Ele morara lá dos 6 aos 18 anos e odiara cada momento. Como filho órfão do irmão do marquês, não fora bem recebido na casa do tio. Ao longo daqueles anos, Joshua fizera algumas poucas visitas à avó e ao tio pelo lado materno, lorde Potford, filho dela, mas nunca reclamava da vida ou pedia para ficar na casa dela definitivamente – era orgulhoso e também teimoso demais para isso. Mas deixara Penhallow assim que pôde. Aos 18 anos, Joshua implorara ao carpinteiro local para aceitá-lo como aprendiz, já que sempre amara trabalhar com madeira. Mudando-se para o vilarejo de Lydmere, na outra margem do rio que banhava a propriedade do tio, Joshua viveu feliz por cinco anos, até que as circunstâncias o forçaram a partir.

O título, as terras e todo o fardo emocional que ele deixara para trás na Cornualha agora pesavam sobre os ombros dele. Seis meses antes, quando tornara-se marquês, Joshua dispensara o capataz que trabalhava para o tio e contratara alguém de sua confiança. Ele lia os relatórios mensais que o homem lhe mandava e respondia com instruções específicas quando era necessária alguma contribuição de sua parte. Mas, a não ser por isso, ignorava o lugar. Nunca mais queria ver aquela propriedade novamente.

Enquanto se aproximava da casa da avó, Joshua decidiu que ficaria em Bath apenas até o final da semana, nem um dia a mais. Tinha amigos por todo o país e dinheiro suficiente para viajar à vontade – o único aspecto positivo daquela situação. Passaria o inverno inteiro viajando, ficando uma semana aqui, duas ali... E pensaria em uma ocupação mais permanente quando a primavera chegasse.

Subindo de dois em dois os degraus das escadas da casa da avó, Joshua sorriu para si mesmo. Aquela pequena amazona do parque, filha de um duque... sinceramente! Ela decerto se exibia em alguns lugares elegantes, mesmo que não estivesse na linha de frente da sociedade – o Pump Room, os Assembly Rooms, o Royal Crescent, por exemplo. Eles provavelmente voltariam a se esbarrar por aí, e ele descobriria a identidade dela.

Seria muito divertido flertar com ela, dada a opinião que a moça tinha dele e o temperamento forte dela. Mas na próxima vez ficaria atento àquele punho. Já fora pego desprevenido duas vezes, e era mais do que o bastante.

Quando entrou no quarto e jogou o chapéu e o chicote sobre a cama, Joshua se lembrou da ameaça dela de encontrá-lo e denunciá-lo a... ora, a alguma autoridade, ele supunha. Talvez não fosse inteligente tentar desmascará-la. Ele precisava estar preparado para alguns momentos interessantes quando os dois ficassem cara a cara em público. É claro que poderia derrotá-la no jogo que ela mesma propusera.

Joshua se sentou na beira da cama e descalçou as botas de montaria sem se incomodar em chamar o valete. Torcia para que a moça não tivesse planos de deixar Bath nos próximos dias. Ela talvez evitasse que ele morresse de tédio.

Maldita, pensou, tocando com cuidado o nariz, que ainda doía.

CAPÍTULO III



— Não, na verdade eu não bebo essas águas – disse Lady Potford ao neto na manhã seguinte, quando a carruagem em que viajavam passou pela abadia e se aproximou do Pump Room. – Acha que quero me matar?

– Mas não são águas medicinais? – perguntou Joshua com um brilho travesso nos olhos. – Não são a razão para tantas pessoas se aglomerarem aqui?

– A maioria das pessoas, após experimentar a água – explicou ela –, é inteligente o bastante para decidir continuar com as enfermidades com as quais já está familiarizada. Fora que se banhar nas águas está um pouco fora de moda. E não, Joshua, as pessoas não vêm ao Pump Room todas as manhãs para se curar, mas para verem e serem vistas. É o que se deve fazer quando se está em Bath.

– Como passear no Hyde Park quando se está em Londres – concluiu ele, saltando da carruagem assim que a porta foi aberta e baixando os degraus ele mesmo, antes de pegar a mão da avó para ajudá-la a descer. – A diferença é que em Londres o passeio acontece na hora do chá, um momento muito mais civilizado do que o nascer do dia.

– Ah, esse toque de outono no ar... – disse Lady Potford, parando sobre um degrau para inspirar profundamente. – Minha estação favorita... e minha hora favorita do dia.

Ela estava vestida com muita elegância, assim como o neto. Em Bath, era preciso agir como as pessoas que frequentavam o local, concluíra Joshua na véspera. E isso significava participar de todas as tediosas exposições públicas, que eram uma parte muito importante da rotina dali, a começar pela ida de manhã cedo até o Pump Room.

Ele se perguntou se a pequena guerreira de sobrancelhas escuras estaria ali. Se estivesse, ele descobriria quem ela era... e ela descobriria a identidade dele. Isso poderia levar a desdobramentos interessantes. Ao menos a manhã de Joshua não seria tão aborrecida se a encontrasse. Mesmo que a moça lhe acertasse outro soco.

Ela não estava no Pump Room. Mas muitas outras pessoas estavam, e a maioria delas ainda não fora apresentada a Joshua. Ele se sentia como alguém disfarçado de herói. Os presentes se aproximavam de Lady Potford para parabenizá-la por ter o neto ao seu lado e então permaneciam por perto para serem apresentados a ele. Joshua se conformou em permanecer sorrindo, conversando e exercitando seu charme.

Ele se encolheu por dentro ao ver a Sra. Lumbard avançando em sua direção. Ela era vizinha do seu tio na Cornualha e uma das melhores amigas da tia. A Sra. Lumbard nunca lhe dera muita atenção quando ele era menino, principalmente depois que, aos 10 anos, Joshua ensinara à filha dela um palavrão que havia aprendido nos estábulos. A menina repetira o palavrão ao alcance dos ouvidos da preceptora. Joshua recebera ainda menos atenção da mulher quando trabalhava como carpinteiro. Agora ela se aproximava dele, com os seios pesados e os quadris amplos, balançando as plumas do chapéu como um navio em mar aberto, trazendo a reboque a

mesma filha que aprendera o palavrão. Ela se curvou em uma cortesia educada.

– Lady Potford – disse, dirigindo-se à avó de Joshua, embora olhasse para ele –, como deve ter ficado satisfeita por finalmente ter Hallmere com a senhora. E que cavalheiro bem-apessoado e distinto ele se tornou! Não é mesmo, Petunia? Ainda me lembro de quando era um menino travesso tão querido! – Ela sorriu da própria brincadeira. – Minha estimada Corinne costumava derramar lágrimas de desespero por causa dele. Meu caro Hallmere, acho que talvez seja demais esperar que se lembre de mim.

– Lembro-me muito bem da senhora, madame – disse ele, inclinando-se em cortesia. – E da Srta. Lumbard também. Como estão?

– Estamos razoavelmente bem – respondeu a Sra. Lumbard –, se eu ignorar algumas dores do reumatismo, que sempre pioram nesta época do ano. Mas nunca reclamo. Que gentil da sua parte perguntar. Corinne ficará fora de si de contentamento quando souber que me encontrei com você. Todos os dias ela espera que você volte para casa. Está louca de vontade de revê-lo.

Joshua pensou que era mais provável que a tia estivesse rezando para que ele nunca mais aparecesse por lá, embora ela houvesse escrito algumas cartas, recentemente, convidando-o para ir a Penhallow. Joshua achara engraçado que as cartas tivessem sido escritas daquele maneira, como convites graciosos para que ele fosse a um lugar que na verdade era dele. Mas a tia não tinha o que temer. Poderia viver tranquilamente por lá durante o resto da vida sem que ele tivesse a intenção de perturbá-la.

Joshua inclinou a cabeça de maneira formal em um cumprimento à Sra. Lumbard.

– Ah – disse ela, subitamente distraída –, lá estão Lady Holt-Barron, a filha dela e Lady Freyja Bedwyn. Preciso ir até elas para cumprimentá-las. Venha comigo, Petunia.

Joshua ofereceu o braço à avó e se preparou para continuar caminhando. Mas então olhou de relance na direção das recém-chegadas e parou abruptamente, o sorriso surgindo nos lábios.

Ora! Ali estava algo para animar o que prometera ser uma manhã terrivelmente maçante. Era ela.

A dama usava um vestido de passeio marrom-avermelhado, um chapéu e parecia mais mansa do que na véspera. Ela também trazia uma arrogância entediada no rosto. Parecia que, assim como ele, preferiria estar em algum lugar bem mais animado.

– Quem é aquela dama... – Joshua começou a perguntar à avó.

Mas a dama em questão o avistou no momento em que ele começou a falar. Ela sustentou o olhar, a expressão visivelmente mais dura apesar da distância entre os dois.

Então Joshua ouviu o eco do que a Sra. Lombard acabara de dizer... *e Lady Freyja Bedwyn.*

Aquele nariz proeminente se ergueu no ar, junto com um movimento agressivo do queixo. Os olhos verdes pareciam gélidos.

Joshua já estava se divertindo.

– ... de vestido marrom-avermelhado, com as duas outras damas, de quem a Sra. Lombard está se aproximando? – concluiu ele, completando a pergunta.

– Lady Freyja Bedwyn? – perguntou a avó, seguindo o olhar dele. – Lady Holt-Barron a está exibindo como um troféu por toda a Bath desde que a moça chegou, alguns dias atrás. Exatamente o mesmo que dirão que estou fazendo com você.

– *Lady Freyja Bedwyn?* – perguntou ele.

A moça batia o pé no chão, impaciente. Não estava dando a menor atenção à Sra. Lombard, que a adulava sem parar. Em vez disso, mantinha os olhos semicerrados fixos em Joshua.

– A irmã do duque de Bewcastle – explicou a avó.

Oh-oh. Joshua sorriu lenta e deliberadamente.

Lady Freyja Bedwyn se afastou do grupo sem dizer uma palavra e sem olhar para trás, atravessando o salão com seus passos longos e determinados, quase masculinos. A impropriedade dos movimentos em um ambiente tão fechado e refinado chamou atenção mesmo antes de ela parar a menos de um metro de Joshua, encarando-o com frieza e uma espécie de desdém aristocrático.

– Lady Potford – disse ela, sem tirar os olhos dele –, teria a gentileza de me informar a identidade do cavalheiro que está com a senhora?

Houve um breve momento de silêncio, única indicação da surpresa que a avó de Joshua sentiu diante de uma exigência tão indelicada.

– Olá, coração – murmurou Joshua, e viu que Lady Freyja Bedwyn estava tão vermelha que parecia prestes a explodir.

– Senhorita – falou Lady Potford com admirável compostura –, posso ter o prazer de lhe apresentar meu neto, Joshua Moore, marquês de Hallmere? Joshua, essa é Lady Freyja Bedwyn.

Ela o encarou com as narinas dilatadas, aparentemente nada intimidada pelo que acabara de descobrir. Joshua devolveu o olhar com certa admiração. Ela não se importava em chamar a atenção daquela maneira, diante de tantas pessoas da sociedade de Bath. E o burburinho entre os presentes aumentou consideravelmente, todos virando a cabeça para ver o que estava perturbando a rotina refinada daquele passeio matinal.

– Acredito – comentou Lady Freyja em um tom estridente – que seria mais apropriado chamá-lo de marquês dos Infernos. – Ela apontou o dedo pequeno e enluvado para o peito dele. – Este homem não merece sequer carregar o nome de um cavalheiro.

Ouviu-se um arquejo coletivo, seguido por murmúrios abafados. Ninguém queria perder uma palavra daquele delicioso escândalo que estava acontecendo diante de seus olhos.

– Minha cara Lady Freyja... – começou a dizer a avó de Joshua, parecendo absolutamente consternada.

– Este homem – continuou Lady Freyja – gosta de se divertir aproveitando-se de mulheres inocentes e indefesas.

Dessa vez houve uma exclamação coletiva de choque, seguida de mais murmúrios abafados e frenéticos.

– Peço à senhorita, Lady Freyja... – A avó tentou novamente.

Freyja a ignorou e enfiou o dedo no peito de Joshua, como uma adaga.

– Eu o avisei de que descobriria sua identidade e o exporia à sociedade de Bath como o patife que é. Jurei que o baniria do convívio de pessoas decentes. – Ela o cutucou novamente com o dedo. – Se achou que eu estava blefando, *coração*, estava redondamente enganado.

– A essa altura, eu já deveria ter aprendido, não é mesmo? – disse Joshua, sorrindo e imaginando que sua expressão a deixaria ainda mais enraivecida.

Ninguém mais fingia estar caminhando. Até as fontes de água mineral estavam desertas.

Joshua percebeu que ele, a avó e Lady Freyja estavam no meio de um amplo círculo que se formara ao redor deles. A audiência parecia dividida entre os que estavam profundamente embaraçados e os que encaravam com hostilidade o aproveitador de mulheres inocentes e indefesas.

Mas alguém estava indo resgatá-los daquela situação – ou se juntar à briga: era James King, o mestre de cerimônias nos Upper Assembly Rooms, que esbarrara com Joshua duas tardes antes, na Great Pulteney Street. O trabalho do homem era zelar pela tranquilidade de Bath e cuidar para que todos os visitantes fossem bem recebidos e seguissem regras estritas de decoro.

Isso incluía até mesmo marqueses e filhas de duques.

– Milady – disse o homem, dirigindo-se a Lady Freyja –, com certeza está enganada. Esse cavalheiro é o marquês de Hallmere, neto de Lady Potford, uma dama que reside há muito tempo na nossa cidade. Talvez esse breve mal-entendido possa ser esclarecido discretamente do lado de fora.

A voz dele era educada, mas tinha um toque de determinação. Ele segurou o cotovelo de Lady Freyja, mas ela se desvencilhou do homem e o encarou como se ele fosse um verme.

– Esse *breve mal-entendido* – repetiu ela com uma ênfase carregada de arrogância. – Um dos membros da alta sociedade aqui presente atacou uma pobre criada em um trecho deserto do gramado em Sydney Gardens ontem, apesar dos gritos desesperados da moça, e estava prestes a arrastá-la para os arbustos para dar sequência às suas intenções perversas, enquanto eu testemunhava tudo, e isso é um *breve mal-entendido*? É algo para ser resolvido de forma rápida e discreta fora dos limites deste salão? Acredito que não. Essa questão deve ser esclarecida aqui e agora, diante dos respeitáveis cidadãos de Bath. Tenha a coragem de cumprir seu dever e expulse este homem da cidade sem mais demora.

Houve alguns poucos aplausos dos espectadores.

Joshua sorriu para Lady Freyja, cuja postura era altiva como a de uma rainha das amazonas. Ele até lhe mandou um beijo rápido e silencioso.

O Sr. King suspirou e voltou a atenção para Joshua.

– Tem alguma coisa a dizer sobre o caso, milorde?

– Na verdade, tenho, sim – falou Joshua. – Essa dama tem uma imaginação vívida e fantástica.

– Eu deveria ter previsto que negaria tudo – disse ela, a voz cheia de desprezo.

– O senhor viu Lady Freyja ontem em Sydney Gardens, milorde?
– perguntou o mestre de cerimônias.

– Com certeza vi – respondeu Joshua. – Ela estava sozinha e usava um vestido de passeio verde-escuro e um chapéu com penas. E me deu um soco no nariz.

Ouviu-se outro arquejo da plateia, seguido por um burburinho e pelos inevitáveis pedidos de silêncio.

O Sr. King pareceu aflito.

– Sem motivo, milorde? – perguntou. – Espera que todos acreditemos que Lady Freyja golpeou um estranho sem nenhum motivo?

– Ela veio correndo até mim quando eu estava segurando uma criada nos braços – explicou Joshua. – Provavelmente ouviu os gritos da moça alguns momentos antes e concluiu que eu estava prestes a... hã... colocar em prática meus intentos vis.

– E o senhor estava, milorde? – questionou James King.

Na breve pausa que fez antes de responder, Joshua viu a súbita tensão nos olhos de Lady Freyja, quando ela começou a se dar conta de que talvez houvesse cometido um terrível engano. E de que acabara de fazer papel de tola.

– Um esquilo cruzou o caminho da moça quando ela atravessava o gramado do parque – explicou Joshua. – Ela se assustou e parou abruptamente. Mas em vez de sair correndo como teria feito qualquer esquilo sensato, ele tentou se esconder embaixo das saias da moça, que começou a gritar. Quando me adiantei para ajudá-la, já que havia presenciado toda a catástrofe, a pobre moça estava histérica, embora o esquilo já tivesse desaparecido na árvore mais próxima. Eu, hã, a segurei nos braços para equilibrá-la.

É verdade que ele estivera prestes a beijar a moça, com a total e entusiasmada concordância da mesma, mas não havia necessidade de acrescentar esses detalhes incriminadores.

– Foi nesse momento – continuou Joshua – que Lady Freyja Bedwyn entrou correndo na cena, assustando a pobre criada,

fazendo com que ela desse outro grito e fugisse. Então a senhorita me deu um soco no nariz.

O Sr. King agora encarava Lady Freyja. Assim como todos no Pump Room.

– Isso poderia ser uma explicação para que o testemunhou, milady? – perguntou.

Lady Freyja não desmoronou nem pareceu querer se enfiar num buraco no chão. Também não se vangloriou nem piorou a situação insistindo que a história dela era a verdadeira. Ela apenas estreitou os olhos enquanto encarava Joshua com altivez.

– Por que não me explicou tudo isso ontem? – perguntou com determinação.

– Deixe-me ver... – Ele ergueu a mão e esfregou o queixo com os dedos. – Perguntei se eu poderia lhe explicar, mas a senhorita respondeu que sabia perfeitamente bem o que tinha visto e ouvido. E acrescentou, se não me engano, que não era estúpida. Teria sido pouco galante da minha parte contradizê-la.

Risadinhas abafadas ecoaram pela plateia ainda reunida.

– Foi de propósito – disse, com os olhos faiscando de ódio. – O senhor me induziu propositalmente a essa situação.

– Peço perdão por contradizer uma dama. – Ele fez uma elegante meia cortesia. – Mas acredito que foi a senhorita que se aproximou de mim esta manhã.

– Ao que parece – interferiu o mestre de cerimônias, erguendo levemente a voz, olhando ao redor com uma expressão amável e falando com firmeza –, essa confusão não passou mesmo de um breve mal-entendido. Queremos ver ambos trocando um aperto de mãos, milorde e milady, assim teremos certeza de que não restou nenhum rancor entre os dois.

Joshua estendeu a mão, a palma para cima, em um gesto deliberadamente cortês. Estava se divertindo muito. E estava feliz por ela não ter cedido aos estratégias a que as mulheres

costumavam recorrer. Isso teria diminuído o prazer de Joshua de levar a melhor sobre ela. As narinas dela voltaram a se dilatar, o queixo e aquele esplêndido nariz aristocrático foram erguidos e ela pousou a mão sobre a dele, como uma rainha concedendo um favor a algum pobre mortal inferior.

Ele segurou a mão dela e a levou aos lábios.

Mais uma vez, houve alguns aplausos espalhados, então todos retornaram à importante atividade de passear e fofocar ou, no caso de uns intrépidos, de beber as águas.

– Vai me pagar por isso – murmurou Lady Freyja.

– Posso lhe assegurar de que o prazer será todo meu, milady – sussurrou ele em resposta, sorrindo para ela com toda a intensidade de seu considerável charme.



Lady Holt-Barron ficou tão abalada pela cena no Pump Room que não foi capaz de sair para fazer compras depois do café da manhã. Na verdade, até mesmo o apetite para o café da manhã fora afetado e ela limitou-se a torrada pura e chá fraco, os únicos itens que se considerou capaz de digerir. Depois recolheu-se aos seus aposentos para se acalmar.

– Ah, querida – disse Freyja a Charlotte quando as duas estavam sozinhas no solário –, esqueci que existem damas que sofrem com essas inconveniências. Imagino que deva me desculpar com sua mãe, certo?

Mas Charlotte estava com o rosto quase púrpura e parecia tentar enfiar o lenço na boca. Nada, no entanto, conseguiria deter a gargalhada que saiu borbulhando de dentro dela.

– Ah – a moça quase uivou –, se mamãe me escutar, terá uma crise de histeria e acabaremos sendo obrigadas a chamar o médico.

Ela abafou as gargalhadas seguintes o melhor que pôde.

– Para você, talvez tenha parecido uma comédia no final de todo aquele drama – reclamou Freyja –, mas eu ficaria feliz em morrer ali mesmo.

– Se você pudesse ter visto a sua cara! – comentou Charlotte. – Atravessando o Pump Room a passos largos, como um anjo vingador, enquanto todas aquelas matronas arquejavam ao vê-la passar. Então falando com o marquês exatamente como a diretora da minha escola costumava falar conosco quando estávamos encrencados. E cutucar o peito dele com o dedo!

Mas as lembranças eram divertidas demais para que a moça conseguisse manter a compostura. Ela abriu o lenço no rosto e se sacudiu de tanto rir.

– Ele sabia que eu faria aquilo – disse Freyja, indignada, pensando no marquês sorridente, cuja aparência imaculada apenas aumentara sua ira. – Foi por isso que não insistiu em me contar a verdade quando estávamos no parque.

– E se você tivesse visto a mamãe tentando ficar invisível – continuou Charlotte –, aquela horrorosa Sra. Lumbard parecendo inchar duas vezes mais que o próprio tamanho e os olhos da filha dela, que pareciam prestes a saltar das órbitas, e... ah, todo mundo. – Ela voltou a gargalhar.

– Ao menos dei a todos assunto para conversar durante um mês, pelo menos.

– Ah, não! – Charlotte jogou o corpo para trás na cadeira, de tanto rir.

– Depois do que aconteceu hoje, o Pump Room agora vai parecer mortalmente chato – comentou Freyja –, até mesmo para os que nunca se deram conta de que sempre fora. Todos vão ficar me olhando em busca de mais uma cena. Vou ficar famosa.

Charlotte gargalhava.

– Na verdade, Charlotte – admitiu Freyja –, o que eu realmente queria era dar mais um soco no nariz do marquês, por me preparar aquela armadilha. Mas realmente achei melhor não fazer isso. Talvez ele me provoque de novo amanhã e eu possa realizar meu desejo.

Ela encarou a amiga com o cenho franzido por algum tempo, antes que seus lábios se curvassem em um sorriso, que logo se transformou em riso e não demorou a se tornar uma grande gargalhada.

Ele era um adversário de peso. Ao menos esse mérito ela precisava dar para o marquês.



Lady Holt-Barron deixou o quarto algum tempo depois do meio-dia, com a aparência pálida e atormentada, embora sorrisse e garantisse à filha e à Freyja que estava completamente descansada e que só restara uma leve dor de cabeça. No entanto, ela não iria sair para nenhuma visita naquela tarde e não aconselhou às jovens a saírem para caminhar – pois imaginava que iria chover e as duas poderiam pegar um resfriado se fossem pegadas pela chuva.

Lady Holt-Barron encarou Freyja com severidade por um momento.

– Minha querida, o que estava fazendo sozinha em Sydney Gardens ontem? Por que não esperou por Charlotte para acompanhá-la? Ou por que ao menos não levou uma criada com você?

– Eu precisava me exercitar e respirar um pouco de ar puro, madame – respondeu Freyja. – E estou velha demais para precisar de acompanhantes.

A anfitriã pareceu um tanto chocada, mas não insistiu no assunto. Freyja suspeitava que a mulher tinha um pouco de medo

dela.

– Talvez – continuou Freyja – fosse melhor para a senhora se eu deixasse Bath, madame. Sei que a deixei constrangida esta manhã.

Aquilo era o mínimo a se dizer, pensou. Ela própria ficara constrangida, o que não era nada fácil.

– Ah, não, Freyja – reclamou Charlotte.

– É um gesto generoso – retrucou a anfitriã. – Mas não vou aceitá-lo, Lady Freyja. Em poucos dias, todo o lamentável acidente já terá sido esquecido. Amanhã de manhã vamos colocar uma expressão corajosa no rosto e aparecer como sempre no Pump Room. Talvez o marquês de Hallmere seja diplomático o bastante para permanecer em casa.

– Pode ter certeza de que não tenho medo de encará-lo – falou Freyja. – E de uma coisa estou plenamente convencida: ele estava prestes a roubar um beijo daquela criada. Gostaria de ouvi-lo negar *isso*.

– Ah, minha querida Lady Freyja – disse Lady Holt-Barron, a voz novamente enfraquecida pela ansiedade –, eu lhe imploro que não volte a confrontá-lo com nenhuma acusação como essa.

Ela se sobressaltou ao ouvir alguém batendo na porta, no andar de baixo, então se levantou para checar como estavam o vestido e os cabelos.

– Espero que não seja nenhuma visita – disse. – Não estou com disposição para receber convidados hoje. Tinha a esperança de que nossos conhecidos nos deixariam em paz até amanhã.

Era como se o comportamento dela naquela manhã houvesse colocado as três em quarentena, pensou Freyja.

Mas devia ser mesmo uma visita. A governanta se aproximou e entregou um cartão de visitas à patroa.

– Que Deus me ajude! – exclamou Lady Holt-Barron depois de ler o nome no cartão. – É o marquês de Hallmere! Ele está esperando lá embaixo?

– Está aguardando para saber se a senhora está em casa, madame – explicou a governanta.

O que ele estava aprontando *agora?*, perguntou-se Freyja, estreitando os olhos.

Lady Holt-Barron olhou nervosa para ela.

– Nós *estamos* em casa?

– Ah, com certeza. – Freyja ergueu as sobrancelhas. Não iria se esconder de ninguém, muito menos dele.

– Faça-o entrar e traga-o até aqui, Sra. Tucker – pediu Lady Holt-Barron.

Assim que o marquês de Hallmere colocou os pés na sala, ficou claro que seu alfaiate era o famoso Weston, o mesmo que Wulf e os outros irmãos de Freyja usavam. O marquês mostrava distinção em um paletó verde muito elegante e tão justo que parecia ter sido costurado em seu corpo, e em uma calça cinza que destacava as pernas longas e musculosas. A camisa era muito branca, e as botas hessianas brilhavam tanto que ele poderia tê-las usado como espelhos se olhasse para baixo. O chapéu, as luvas e a bengala provavelmente haviam sido deixados no andar de baixo.

Era óbvio que o homem fora até ali com a intenção de impressioná-las. E Freyja foi forçada a admitir que ele conseguira. Até os dentes dele eram perfeitos, apenas levemente irregulares, o bastante para serem interessantes.

Lady Holt-Barron também estava claramente impressionada. Ela ficou agitada, como costumava acontecer quando estava na presença de alguém de uma classe superior. Também sorria com afetação, uma reação infeliz à visão de um homem bem-apeσοado. Charlotte estava ruborizada.

Freyja cruzou uma perna sobre a outra, uma postura que diversas preceptoras haviam lhe dito não ser elegante nem adequada a uma dama. Balançou o pé que estava por cima, ergueu o queixo e o encarou com altivez.

– Agradeço por me receber, madame. Afinal, eu não era esperado – disse o marquês, dirigindo-se à Lady Holt-Barron.

Ela ficou ainda mais agitada, o sorriso tornando-se mais afetado, e assegurou a ele que era muito bem-vindo. Então indicou uma cadeira e o marquês se acomodou.

Só não se desculpe por mim, Freyja pediu mentalmente à anfitriã. E se ele esperava qualquer pedido de desculpas da parte dela, iria continuar esperando até que o inferno congelasse.

– Não vou tomar muito do seu tempo, madame – disse o marquês, ainda se dirigindo à Lady Holt-Barron. – Venho trazer um convite da minha avó para que a senhora, a Srta. Holt-Barron e Lady Freyja se juntem a um pequeno grupo que jantará na casa dela amanhã à noite. Ambos consideramos importante dissipar qualquer dúvida de que resta alguma animosidade entre mim e Lady Freyja por causa do nosso... breve mal-entendido desta manhã.

Freyja cerrou os dentes.

– Estou certa de que ninguém mais pensa assim, milorde – garantiu Lady Holt-Barron. Ela estava até batendo as pestanas, embora provavelmente fosse mais por conta de uma reação nervosa do que por um flerte, admitiu Freyja.

– Não sinto animosidade nenhuma – disse ele, finalmente voltando-se para Freyja, com uma expressão ingênua e inocente. – E acredito que a senhorita também não, certo?

– Não, por que deveria? – retrucou ela com uma displicência estudada. – O senhor deu uma explicação satisfatória para o que vi no parque... ou melhor, para a maior parte do que vi.

Por um instante, Freyja viu o riso no fundo dos olhos dele e soube que o marquês entendera perfeitamente bem o que ela quisera dizer. Ele com certeza estivera prestes a beijar aquela garota. Mas, naquele momento, estava fazendo o papel de cavalheiro impecavelmente cortês e não combinaria com esse papel sorrir para ela ou chamá-la de “coração”.

– Então, posso confiar que todas vocês irão a Great Pulteney Street amanhã à noite? – perguntou o marquês.

Lady Holt-Barron quase se enrolou com as palavras na ânsia de aceitar o convite. Cinco minutos mais tarde, após uma animada conversa sobre o clima, da qual apenas Freyja não participou, o marquês foi embora.

– Lady Freyja! – falou Lady Holt-Barron, levando as mãos ao peito, a dor de cabeça aparentemente esquecida. – Acredito que tudo vai ficar bem, afinal de contas, e que nenhuma sombra de escândalo irá pairar sobre a sua cabeça. Sinto que o marquês está mesmo impressionado com você.

Freyja bufou.

– Ele é muito bem-apegoado – comentou Charlotte com um suspiro.

– Meu amor – repreendeu a mãe, lembre-se de Frederick.

Frederick Wheatcroft, prometido de Charlotte, estava ausente porque fora caçar com o pai e os irmãos da moça.

Muito bem-apegoado... O homem era *lindo demais*, para dizer o mínimo. E agora achava que poderia usar seu charme para eliminar a indignação de Freyja... afinal, ele exalava charme por todos os poros. Mas isso é o que marquês pensava...

Ela deveria ter deixado que ele fosse pego dentro daquele guarda-roupa, como um rato em uma ratoeira.

Deveria ter se certificado de ficar em um quarto na estalagem sem hera nas paredes externas.

E deveria ter acertado outro soco no nariz dele naquela manhã, quando teve a chance.

Deveria...

Freyja estava muito animada por ao menos ter alguma coisa por que esperar no dia seguinte. O marquês de Hallmere podia ter – e sem dúvida *tinha* – várias características desagradáveis, mas ao menos não era sem graça como os outros rapazes.

CAPÍTULO IV



O jantar planejado na casa de Lady Potford estava se transformando em um grande evento, já que ela não parava de acrescentar nomes à lista de convidados.

– Você já é o marquês de Hallmere há mais de seis meses, Joshua – explicou ela, quando pensava se havia mais uma extensão para ser acrescentada à mesa de jantar. – E está mais do que na hora de assumir seu lugar na sociedade, em vez de ficar vagando por aí em busca de diversão e em péssima companhia.

– Mas diversão é tão... divertido, vovó – disse Joshua com um suspiro exagerado.

Ele não acrescentou que algumas de suas “péssimas” companhias eram aristocratas e filhos de aristocratas.

– Também está na hora de você voltar a Penhallow – disse ela, não pela primeira vez. – O lugar lhe pertence e não é apenas um bem, mas uma responsabilidade também.

– Minha tia mora lá – Joshua lembrou à avó –, e minhas primas também. Só causaria aborrecimentos a elas e a mim se eu fosse morar em Penhallow. Minha tia sempre deu as ordens, a senhora sabe disso, mesmo quando meu tio ainda era vivo. Ele não se importava. Eu me importaria.

– Ora, e deveria mesmo – disse a avó, bastante irritada, enquanto dobrava o último convite e tocava a campainha para que um criado o pegasse e entregasse. – Você deve ir até lá, assumir o comando do lugar e arrumar outra moradia para a marquesa e as filhas, Joshua. Há uma “casa da viúva” em Penhallow, não há? Pelo amor de Deus! Quando seu avô morreu e Gregory se tornou Potford, eu não sonharia em permanecer em Grimley House. Gladys não teria gostado disso, e eu menos ainda.

Joshua esticou as pernas e cruzou-as sobre o carpete da sala de estar.

– Assumir o comando do lugar? Eu? – Ele sorriu para a avó. – Isso parece extremamente doloroso, vovó.

– Joshua. – Ela se virou na cadeira em que estava sentada e encarou o neto com certa severidade. – Sempre preferi acreditar que você passou os últimos cinco anos viajando pela França e por outros países da Europa, arriscando-se a ser capturado por uma nação inimiga, apenas pelo prazer de se permitir essa travessura. Mas sempre senti que, no fundo, havia uma explicação mais alarmante para esse seu afastamento. Não ache que vai me convencer agora de que é um preguiçoso e que não se preocupa com nada além do próprio prazer.

Joshua ergueu as sobrancelhas e deu um sorriso. Ele estivera espionando para o governo britânico sobre as forças militares e as manobras de Napoleão Bonaparte, mas não assumira em qualquer posição oficial. Não tinha patente militar ou status diplomático.

– Ah, mas foi divertido, vovó – comentou.

Ela suspirou e se levantou.

– O que você deveria fazer agora – disse – era escolher uma noiva adequada, levá-la para Penhallow e começar uma nova vida. Não importa se foi a que desejou ou não.

– Não desejei – retrucou ele, enfático. – Albert era o herdeiro e eu nunca o invejei por suas futuras perspectivas.

– Mas seu primo morreu há cinco anos – falou a avó, como se ele precisasse ser lembrado disso. – Portanto, essa situação não foi jogada de repente em seu colo quando seu tio faleceu.

– Mas ele morreu muito mais cedo do que eu esperava.

– Apesar daquela cena medonha no Pump Room... – disse a avó, sentando-se perto dele –, não posso deixar de admirar o modo como Lady Freyja confrontou uma situação que acreditava ser uma ofensa imperdoável. A maioria das damas teria fingido não ver ou feito fofocas sobre o ocorrido, manchando seu nome antes que você tivesse a oportunidade de se defender.

Joshua riu.

– A maioria das damas não andaria sozinha no parque nem sairia em disparada ao primeiro som de outra pobre mulher gritando – completou ele.

– Ela é irmã de Bewcastle – continuou a avó. – Não há posição de nobreza mais alta, ou outra que tenha maior influência, a não ser que a pessoa conviva com príncipes o tempo todo.

Joshua olhou firme para a avó, subitamente alerta.

– Por acaso a senhora não está sugerindo Lady Freyja Bedwyn como uma possível noiva, não é?

– Joshua. – A avó se inclinou para a frente na cadeira. – Você agora é o marquês de Hallmere. Seria um casamento muito interessante para ela, assim como para você.

– E esse é o motivo de tudo isso? – perguntou ele. – Desse grande jantar?

– De forma nenhuma – retrucou ela. – O jantar tem apenas o objetivo de restabelecer a polidez entre os envolvidos aos olhos de qualquer um que ainda tenha dúvida. Foi realmente uma cena terrível... embora eu deva admitir que, quando estava sozinha, dei uma risadinha ou duas, ao lembrar do ocorrido.

– Ela tem um soco poderoso – comentou Joshua –, como já tive a chance de experimentar duas vezes. Ainda assim, a senhora acha

que ela seria uma *noiva* adequada?

– Duas vezes? – A avó o encarou, surpresa.

– Não há necessidade de mencionar a outra ocasião – falou Joshua, envergonhado. – Lamento desapontá-la, vovó, mas tenho grande respeito pela minha saúde e não a arriscaria cortejando Lady Freyja Bedwyn. Ou nenhuma outra dama, por sinal. Não estou pronto para o casamento.

– Eu me pergunto – disse ela, ficando de pé – por que todo homem quando diz essas palavras parece acreditar fervorosamente nelas. E por que todo homem parece acreditar que é o primeiro a dizê-las? Agora preciso descer até a cozinha para me certificar de que tudo está correndo bem para o jantar desta noite.

E por que, pensou Joshua um tanto melancólico, todas as mulheres acreditavam que quando um homem tinha acesso a um título de nobreza e à fortuna, também deveria passar a sentir um desejo ardente de compartilhar ambos com uma mulher?

Então ele riu alto ao se lembrar de como Lady Freyja estava na tarde anterior, na sala de visitas de Lady Holt-Barron – com toda a sua arrogante dignidade e transbordando de ressentimento e hostilidade mal reprimidos. E incapaz de segurar sua língua ferina, deixando claro que sabia muito bem que ele estivera prestes a beijar a criada.

Joshua se perguntou se Lady Freyja acharia divertida a absurda sugestão da avó dele. Deveria contar a ela, pensou, rindo novamente... mas sem perder de vista os punhos da dama.



Não havia ninguém no jantar de Lady Potford que Freyja não conhecesse. Ela se sentia perfeitamente à vontade na companhia de todos. No entanto, demorou um tempo para perceber que a maioria

dos outros convidados não se sentia nem um pouco à vontade na companhia *dela*. Eles deviam estar imaginando, pensou Freyja, se ela daria outro espetáculo embaraçoso naquela noite.

Como as pessoas eram tolas. Não compreendiam que o refinamento havia crescido nos ossos dela? Freyja conversou com os vizinhos de mesa com a facilidade de quem tinha experiência naquilo e ignorou o marquês de Hallmere, que estava sentado a uma das cabeceiras da mesa. Ele estava tão belo em suas roupas de noite cinza-claro e brancas que seria capaz de aborrecer seriamente um ou dois deuses gregos. Joshua também a ignorou, a não ser por um único momento em que seus olhos se encontraram. Freyja estava certa de que a piscadela que ele lhe deu não era um truque da luz bruxuleante das velas.

Bem, todos os dias traziam novidades, pensou ela, renovando seus esforços para ser sociável com sir Rowland Withers, que estava à sua direita e era muito surdo. Jamais haviam piscado para ela antes, a não ser um dos irmãos.

Mas o propósito da noite não era que ela e o marquês ignorassem um ao outro. Assim que os cavalheiros se juntaram às damas na sala de visitas depois do jantar, a Srta. Fairfax teve a gentileza de se sentar ao piano e tocar algumas fugas de Bach com admirável talento e destreza.

– Lady Freyja? – chamou Lady Potford quando a Srta. Fairfax terminou. – Poderia nos agraciar com uma peça ao piano ou com uma canção?

Ah, céus, as pessoas mais próximas a Freyja já sabiam ela não era como as outras jovens damas, ansiosas por exhibir seus talentos em todas as reuniões sociais. Ela optou pela sinceridade, como costumava fazer. Era mais fácil do que ficar sorrindo como uma tola.

– Depois ter algumas aulas de piano quando era menina – explicou ela aos convidados –, minha professora de música me pediu para levantar as mãos e se declarou surpresa por eu não ter dez

polegares. Para minha sorte, dois de meus irmãos estavam por perto, ouviram o que ela disse e contaram ao nosso pai, com a intenção de fazer piada às minhas custas. A professora de música foi dispensada e nunca mais contrataram outra.

Ouviu-se uma gargalhada geral, embora Lady Holt-Barron parecesse claramente incomodada.

– Uma canção, então? – perguntou a anfitriã da noite.

– Sozinha, não, madame – retrucou Freyja com firmeza. – Tenho o tipo de voz que precisa ficar escondida no meio de um coro bem grande... isso se for muito necessário que ela seja usada para o canto.

– Canto um pouco, Lady Freyja – disse o marquês. – Talvez possamos juntar nossas vozes em um dueto. Há uma pilha de partituras sobre o piano. Que tal vermos o que podemos encontrar ali, enquanto outra pessoa entretém os convidados?

– Ah, esplêndido – disse Lady Potford.

Outras pessoas deixaram escapar murmúrios educados de interesse.

Freyja percebeu tarde demais que deveria ter mencionado a semelhança de sua voz com uma serra enferrujada, mas não gostava de mentir. Hallmere a encarava com uma atenção cortês e um brilho divertido no olhar. E todos os outros convidados observavam com profundo interesse a primeira conversa entre os antagonistas da véspera.

Freyja se levantou e se aproximou do piano, perto de onde o marquês estava parado.

– Srta. Holt-Barron? – convidou educadamente Lady Potford.

Charlotte se aproximou do instrumento sem um murmúrio de protesto e deu início a uma performance impecável de alguma sonata de Mozart.

O marquês pegou toda a pilha de partituras e levou-as até o assento largo, forrado de veludo, na base de uma das janelas. Ele se

sentou em uma das extremidades e Freyja se acomodou na outra.

– Permita que eu observe, Lady Freyja – disse ele –, que está particularmente encantadora nesse tom de verde-azulado? Combina com seus olhos. Permita também que eu peça perdão por não ter acreditado quando disse ser irmã de um duque? Entenda, nenhuma irmã de duque que eu conheça dormiria em quartos sem tranca em estalagens sem uma criada nem caminharia por um parque público sem acompanhante. E também não acertaria socos no nariz de homens quando eles a irritassem.

– Suponho que vá negar... – começou Freyja, pegando uma partitura que se anunciava como uma música para duas vozes. Mas logo viu que o cantor de uma das partes precisava alcançar uma nota sol muito alta e enfiou a música no fim da pilha. – Suponho que vá negar que estava prestes a roubar um beijo daquela pobre moça?

– Ah, com certeza eu negaria – concordou ele.

– Então está mentindo! – retorquiu Freyja, apanhando outra partitura na pilha e encarando o marquês com irritação. – Não sou completamente estúpida, apesar de você ter insinuado o contrário na manhã de ontem.

– Não! – disse ele, irônico, sem dar a menor atenção à pilha de partituras. – Eu fiz isso? Mas por que faria algo tão pouco cavalheiresco quando a triste verdade se apresentara à inteligência de todos reunidos lá? Havia mesmo muitas pessoas reunidas no Pump Room, não?

Freyja teve a clara sensação de que talvez tivesse encontrado alguém à altura, algo que acontecia raramente, a não ser pelos membros de sua família. Ela voltou a atenção para a música que tinha nas mãos. Era sobre cucos e o compositor parecia ter criado toda a peça pensando que as duas vozes – não, quatro – pudessem fazer a audiência acreditar que eles eram um bando de pássaros dementes se agitando nervosamente e incapazes de emitir qualquer som que não os próprios nomes. Era o tipo de música que faria com

que a maioria dos convidados de uma reunião social como aquela deixasse escapar exclamações de prazer e admiração. Freyja colocou-a no fim da pilha.

– Sinto-me compelido a defender mais uma vez a minha honra – continuou o marquês. – Eu não estava prestes a roubar um beijo, Lady Freyja. Estava prestes a dar um beijo, que seria retribuído com gosto. Não posso lhe dizer como foi infeliz o momento de sua interrupção. A moça tinha lábios como cerejas e eu estava a instantes de saborear aquele doce néctar.

Ele estava usando algum perfume. Freyja desprezava homens que usavam perfume, mas aquele aroma era sutil, almiscarado e parecia envolver de forma tentadora os sentidos dela. Freyja abaixou os olhos para os lábios do marquês, que haviam chegado tão perto de beijar a criada no parque, e descobriu que eram tão perfeitos quanto o resto do corpo dele. Ela se concentrou com atenção redobrada na pilha de partituras. Acabara de se lembrar que aqueles lábios, na verdade, já a haviam beijado.

– Deveria estar me ajudando a escolher um dueto para cantarmos – reclamou Freyja.

– Preferi deixar que a senhorita escolha – disse ele. – Porque, se não gostasse da música que escolhi, você poderia arrumar uma confusão e acabar encontrando algum motivo para me dar um soco no nariz. E seria bem possível que as pessoas ao redor percebessem. E, mesmo que não percebessem, não gosto muito de levar socos no nariz. Mas por que está franzindo o cenho com tanta força?

– Ninfas, pastores, Fílis e açucenas – disse Freyja, a expressão fechada enquanto olhava para a partitura que tinha nas mãos. – A última era sobre cucos. – Ela juntou a folha às outras que descartara sob a pilha e pegou outro dueto.

– Você é sempre tão mal-humorada? – perguntou ele.

– Quando estou em companhias desagradáveis, sim – retrucou Freyja, encarando-o com frieza.

– Você sorri em algum momento?

– Estive sorrindo a noite toda – disse ela. – Até, é claro, me ver forçada a sentar ao seu lado.

– Lady Freyja – comentou Joshua com suavidade –, sou quase levado a acreditar que está tentando me desprezar de forma deliberada.

– Lorde Hallmere – disse Freyja –, sou quase levada a acreditar que talvez tenha alguma inteligência.

Ele riu baixinho, um som que foi abafado pelos aplausos educados que se seguiram à apresentação de Charlotte. Ninguém mais se sentou ao piano. As mesas de jogo foram arrumadas e os convidados estavam assumindo seus lugares. Ninguém tentou incluir os dois que estavam sentados no banco da janela.

– Esta noite – comentou o marquês –, você estava sorrindo com o que acredito ser seu sorriso público de Lady Freyja Bedwyn, uma expressão graciosa que deixa claro que você é uma pessoa importante e está à vontade em qualquer situação social. Tenho vontade de conhecer o sorriso particular de Freyja, se é que ele existe.

Não havia muitos homens que ousassem flertar com ela. E o que estava acontecendo era definitivamente um flerte. Um flerte *zombeteiro*, é claro. Os olhos dele ainda riam dela.

– Tenho o que meus irmãos chamam de sorriso felino – disse Freyja, encarando-o friamente. – Devo brindá-lo com um?

Ele voltou a rir e estendeu a mão para pegar a partitura que ela segurava.

– Hummm – murmurou após examinar a música por alguns instantes. – “Perto do prateado rio Trent vive a sereia...” Já gosto de como essa soa. E fica melhor: “Ela, a quem a natureza emprestou toda aquela pujança.” A mente estremece, não é mesmo?

– A *sua* mente, com certeza – retrucou Freyja.

Então ele deixou os olhos passearem lentamente pelo corpo dela, começando pelos seios amplos, que sobressaíam acima do decote baixo do vestido, e seguindo mais para baixo, dando a impressão de que podia ver cada curva escondida sob o vestido de cintura alta e das saias amplas. O marquês curvou os lábios em um sorriso.

– “Ela, a quem a natureza emprestou toda aquela pujança” – murmurou ele, mais uma vez. Então sorriu de um jeito diferente, ainda mais charmoso, com a clara intenção de deixar uma mulher de pernas bambas. – Devemos passar ao banco do piano e tentar essa, Lady Freyja?

Quando se levantou, ela percebeu que, de fato, estava com as pernas bambas de pura fúria reprimida. O marquês pousou a mão nas costas de Freyja, que o fuzilava com os olhos.

– Sou perfeitamente capaz de atravessar a distância entre a janela e o piano sem que precise me conduzir, lorde Hallmere – disse.

– Mas me senti compelido a comprovar uma teoria – retrucou ele. – “Ela a quem a natureza emprestou...” Não tem importância.

– Imagino – comentou Freyja – que tenha percebido que sou completamente imune aos seus galanteios. Mas é claro que percebeu. *Exatamente* por isso está flertando. Acho que tem a esperança de me provocar para que eu faça uma exibição pública de meu gênio.

– Melhor flertar com você do que cortejar, eu acredito – disse o marquês. – Minha avó sugeriu que eu a cortejasse. Ela acredita que nosso casamento seria uma associação fascinante tanto para mim quanto para a senhorita.

Freyja o encarou, incrédula.

Ele sorriu.

– Ao menos em uma coisa nós concordamos, meu coração – falou ele em voz baixa, e indicou o piano.

Alguns instantes depois, os dois estavam sentados lado a lado no banco do piano que não fora projetado para duas pessoas. O marquês não fez nenhuma tentativa de espremer o corpo na beirada do banco, como qualquer cavalheiro decente teria feito. Ao contrário, pressionou-se contra o quadril e o braço nu dela. Aparentemente os dois haviam sido esquecidos pelo resto dos presentes na sala, concentrados em seus jogos de cartas, acompanhados pelo murmúrio baixo das conversas.

– Vamos tentar – disse o marquês, pousando a partitura sobre o apoio e descansando as mãos sobre as teclas. Mãos bem cuidadas, dedos longos. Haveria alguma coisa naquele homem que não fosse perfeita? Sim, havia os dentes irregulares, embora eles fossem apenas levemente tortos e parecessem mais atraentes assim do que se fossem bem alinhados. – Você sabe ler partitura?

– É claro que sim – retrucou ela. – Só não consigo *tocá-las*.

Ele tinha uma agradável voz de tenor, que acabou se mostrando semelhante à voz de contralto dela. Surpreendentemente, as duas vozes misturadas produziram um som muito agradável. A música seguiu lenta e melodiosa e foi bastante fácil cantá-la, ainda que não tenha sido uma apresentação brilhante.

– Ah, foi realmente muito bom – elogiou Lady Potford quando eles seguiram com a música até o fim sem parar ou cometer qualquer grande gafe.

Ao que parecia, ela não fora a única a ouvir enquanto eles cantavam. Houve aplausos educados vindos de algumas mesas. Lady Holt-Barron deu um sorriso de aprovação.

– Acredito – murmurou o marquês – que a crise foi superada com sucesso, Lady Freyja. Já ficou claro para todos que a perdoei e que você aceitou graciosamente o erro que cometeu em suas suposições.

– *Você me perdoou? O erro de minhas suposições?* Quando na verdade foi tudo culpa sua? Gostaria que soubesse... – disse ela,

levantando-se.

Mas Lady Potford também se levantou rapidamente, poucos momentos depois de Freyja.

– Está na hora de pedirmos o chá – falou. – Joshua, meu querido, poderia fazer a gentileza de puxar a corda do sino?

Freyja se ocupou dobrando a partitura que usaram e levou-a de volta à pilha com as outras partituras que haviam carregado para o banco da janela. Ele estava fugindo outra vez. Ela começava a se sentir manipulada pelo marquês de Hallmere – de novo. Freyja sempre fora conhecida por sua excessiva sinceridade ao falar e por seu gênio forte, mas sempre soubera quando e onde usá-los. E, mais importante naquele caso, quando *não* usá-los.

Ela foi até a mesa de jogo onde estava Charlotte e ficou olhando as cartas por cima do ombro da amiga.



Joshua estava pronto para pegar a estrada novamente, porém iria ficar mais uma semana em Bath, como a avó esperava. Lady Freyja Bedwyn o evitava, apesar de ele frequentar todos os lugares que as pessoas refinadas deveriam frequentar, assim como ela. Era divertido ver o modo como a moça circulava na sociedade com uma altivez graciosa, embora entediada. Joshua sentia que não era apenas uma encenação para encobrir o embaraço provocado pela cena que fizera no Pump Room. Lady Freyja era filha e irmã de duques – a arrogância era uma característica natural. Ele deveria ter acreditado nela desde o princípio.

Joshua a viu duas manhãs seguidas no Pump Room. Na primeira vez, ela já estava indo embora com Lady Holt-Barron e a Srta. Holt-Barron no momento em que ele chegava com a avó, e todos trocaram as amabilidades de praxe. Na segunda vez, Lady Freyja

estava passeando com o conde de Willett, que tinha a cabeça inclinada atenciosamente na direção dela enquanto conversavam. Ela o cumprimentou com um mero aceno de cabeça quando o viu.

Também se encontraram na Milsom Street na mesma tarde. Ela estava parada na calçada, conversando com Willett. Lady Holt-Barron e a filha estavam saindo da chapelaria quando Joshua passou. Todos se cumprimentaram e ele seguiu seu caminho.

Joshua a viu no teatro naquela noite. Lady Freyja estava sentada entre a Srta. Holt-Barron e Willett e abanava o rosto languidamente. Ela ergueu as sobrancelhas quando encontrou o olhar de Joshua, acenou com a cabeça e retornou a atenção para a conversa.

Portanto, não havia nada que prendesse Joshua em Bath além da semana prometida – nem mesmo quando ele acompanhou a avó certa tarde em uma visita à Lady Holt-Barron em The Circus, o esplêndido círculo de casas georgianas com uma praça circular no centro e várias árvores antigas e magníficas no entorno. Os dois haviam chegado bem no momento em que Lady Freyja e a Srta. Holt-Barron saíam para caminhar no Royal Crescent, que ficava ali perto, e Charlotte o convidara a se juntar às duas. Mas elas já tinham outro acompanhante. Willett assumiu o lugar ao lado de Lady Freyja, embora ela não desse o braço a ele.

Enquanto caminhava pela Brock Street atrás dos dois, junto com a Srta. Holt-Barron, Joshua percebeu que Lady Freyja caminhava com passadas firmes, quase masculinas. Willett usava a bengala com elegância sobre os paralelepípedos. Joshua cruzou as mãos atrás do corpo e se conformou em ser uma companhia agradável.

O Royal Crescent era um magnífico semicírculo de casas avarandadas, um complemento proposital a The Circus. Várias outras também passeavam por aquelas ruas, passando diante das casas, aproveitando a vista do parque e descendo a colina para o centro da cidade. Inevitavelmente, essas pessoas trocavam cumprimentos quando passavam umas pelas outras e, às vezes,

paravam para contar qualquer novidade ou fofoca que tivessem conseguido acumular desde o encontro da manhã no Pump Room.

– Bath é uma cidade incrível – declarou a Srta. Fanny Darwin quando o grupo em que estava cruzou com o de Joshua –, e há tantas coisas animadas para se fazer! Não concorda, lorde Willett?

– Com certeza, Srta. Darwin – respondeu o conde. – Bath oferece uma agradável combinação de exercício ao ar livre e diversões culturais. E tudo pode ser aproveitado na agradável companhia de nossos pares.

– Pegamos uma carruagem até Sydney Gardens ontem à tarde e passeamos por lá durante uma hora – contou a Srta. Hester Darwin.

– Foi um exercício maravilhoso, naquele ambiente bonito e agradável. Já estive no parque, Lady Freyja?

O irmão da Srta. Darwin pigarreou. O primo dela, sir Leonard Eston, limpou uma poeira invisível da manga. A irmã dela ficou muito vermelha, e a própria Srta. Hester Darwin levou a mão à boca tarde demais, todos se lembrando do resultado da ida solitária de Lady Freyja a Sydney Gardens.

Joshua sorriu.

– Acredito que Lady Freyja já tenha estado lá, Srta. Darwin – disse. – Eu também já estive.

– Ah, quanto exercício! – exclamou Lady Freyja. – As pessoas vêm a Bath para cuidar da saúde e passeiam pelo Pump Room, passeiam em Crescent, passeiam no parque. Esta é uma palavra que deveria ser eliminada da nossa língua, *passear*. Se eu não puder simplesmente *caminhar*, ou melhor *cavalgar*, por algum lugar onde haja espaço o suficiente para me mover, talvez eu termine em uma cadeira de rodas, sendo empurrada de um lugar ao outro e tendo que beber a água de Bath.

Todos decidiram reagir àquelas palavras como se Lady Freyja houvesse dito algo muito espirituoso. Os cavalheiros riram abertamente, as damas deram risadinhas.

– A senhorita sem dúvida precisa ser resgatada da possibilidade de beber a água de Bath – comentou Joshua. – Cavalgue comigo amanhã, Lady Freyja. Vamos em direção às colinas, em busca de espaços abertos, fora do confinamento da cidade.

– Isso me soa como o paraíso – disse ela, olhando para ele com uma expressão de aprovação talvez pela primeira vez. – Irei com prazer.

– Mas não sozinha, Lady Freyja – intrometeu-se Willett, apressadamente. – Seria um tanto... escandaloso. Talvez possamos sair em grupo para cavalgar. *Eu* certamente me juntaria ao grupo. Também viria, Srta. Holt-Barron?

– Ah, eu também iria – adiantou-se a Srta. Fanny Darwin, animada. – Não há nada de que goste mais do que sair a cavalo. Desde que o passo não seja muito rápido ou a distância não seja muito longa. Gerald, você também deveria se juntar a nós. Você também, Leonard, assim mamãe não fará objeções em permitir que eu e Hester nos juntemos ao grupo.

O olhar de Joshua estava preso ao de Lady Freyja. Ele quase podia ver a força que ela fazia para esconder a careta. Joshua sorriu e piscou para ela.

E ficou satisfeito ao ver a moça bufar de irritação.

Talvez, ele pensou esperançoso, o dia seguinte fosse mais divertido do que os últimos haviam sido.

CAPÍTULO V



Nem Freyja nem Charlotte estavam com seus próprios cavalos em Bath, mas conseguiriam alugar dois animais para usar durante o dia. Freyja rejeitou o primeiro cavalo que lhe ofereceram, explicando que cavalgava desde pequena e não tinha a menor intenção de ficar se equilibrando sobre um bicho velho que parecia mal conseguir se sustentar sobre as quatro patas. O segundo foi aceito, embora Lady Holt-Barron a alertasse de que o animal era voluntarioso demais para uma mulher e implorasse que Freyja o cavalgasse com cuidado.

– O que eu diria ao duque – perguntou ela de forma retórica – se tivesse que ser levada para casa com o pescoço quebrado, Lady Freyja?

Pouco depois, Freyja e Charlotte desceram a Gay Street cavalgando lado a lado, na direção da abadia, na frente da qual haviam combinado de encontrar os outros seis membros do grupo. Estava um dia magnífico, com o calor do verão e uma agradável brisa no ar.

– Se tivermos que trotar lentamente depois que deixarmos Bath, Charlotte – avisou Lady Freyja –, terei um ataque! As senhoritas Darwin seriam cruéis a esse ponto?

– Temo que sim. Não somos amazonas impetuosas como você, Freyja – disse Charlotte com uma risadinha. – Acha que o conde de Willett irá procurar uma oportunidade de ficar sozinho com você hoje? Ele tem se mostrado bem determinado. Deve estar muito perto de se declarar.

– Ah, Deus – lamentou Freyja. Ela encorajara um pouco o conde apenas porque quisera desencorajar o marquês de Hallmere, que estava claramente se divertindo às suas custas e parecia saber exatamente como fazê-la perder a compostura em público. Sem dúvida aquilo era muito divertido para um homem que nunca levava nada a sério na vida. Infelizmente, o conde de Willett não precisou de muito encorajamento. – Espero que ele se poupe do constrangimento.

– Você não aceitaria a corte dele, então? – perguntou Charlotte.

Deveria aceitar, pensou Freyja. Ele era um conde, com grande influência em Norfolkshire e uma fortuna que diziam ser ainda maior do que a influência... isso para não mencionar a perspectiva de duplicar tanta riqueza quando o tio falecesse. Era um homem agradável, apesar dos modos rígidos. E ganharia a aprovação de Wulfric. Ela deveria se casar com ele e encerrar aquele assunto. Mas a lembrança da paixão que conhecera com Kit Butler por um breve verão, quatro anos antes, voltou à mente de Freyja contra sua vontade. Então os olhos dela pousaram na bela figura do marquês de Hallmere quando já se aproximava do lugar de encontro. E Freyja sabia que queria mais da vida do que simplesmente se contentar com um casamento que prometia respeitabilidade e riqueza.

O marquês estava montado em um cavalo negro elegante e poderoso. Freyja sentiu inveja no mesmo instante. As longas pernas de Hallmere, vestidas em calções bufantes de montaria e botas pretas altas, pareciam ainda mais bonitas sobre o cavalo. Assim como o resto do corpo dele. O marquês podia ser um homem frívolo e imoral, e Freyja parecia não conseguir controlar a hostilidade que

sentia sempre que estava perto dele, mas ao menos ele tinha vivacidade e a fazia se sentir viva. E, naquele momento, estava muito grata ao marquês por ter sugerido aquela cavalgada e nutria a esperança de que aquilo se tornasse mais do que um passeio moroso pelo campo.

– Acho que não – disse Freyja, em resposta à pergunta de Charlotte. – Preciso ficar atenta para não cavalgar ao lado do conde. Arruinaria completamente o meu dia, e imagino que o dele também, se esse assunto fosse levantado hoje.

Mas o conde de Willett não seria dissuadido com tanta facilidade. Como fora encorajado – e Freyja *de fato* o encorajara –, ele estava certo de que deveria perseguir seus intentos em relação a ela. Enquanto o marquês cavalgava com as senhoritas Darwin uma de cada lado, as risadinhas delas arranhando os ouvidos de Freyja, e Charlotte seguia entre o Sr. Darwin e sir Leonard Eston, o conde liderava o grupo ao lado de Freyja. Eles seguiram em um trote lento pelas ruas de Bath e colina acima, pegando a estrada para Londres.

– Não vamos acelerar a velocidade das montarias nesse terreno íngreme – informou o conde a Freyja –, nem mesmo quando chegarmos a uma parte mais plana. Há quatro damas nesse grupo, que cavalgam em selas laterais. Admiro-as imensamente por sua graça e habilidade, mas estou determinado a não expô-las a nenhum risco desnecessário.

Freyja o encarou consternada, mas não disse nada. Eles realmente estavam em um terreno inclinado, subindo a colina, naquele momento.

Quando chegaram ao topo, todos pararam para admirar a vista das construções elegantes de Bath.

– É por isso que mais anseio toda vez que venho aqui – comentou a Srta. Fanny Darwin com um suspiro de satisfação. – A primeira visão da cidade. Todos os prédios brancos ficam

estonteantes quando o sol brilha, como hoje. Vamos cavalgar até muito mais longe, lorde Willett?

Freyja a encarou com irritação.

– Há uma cidadezinha não muito longe, mais adiante na estrada – disse o conde. – Sugiro seguirmos até lá em um trote suave, parar para tomar um chá ou uma limonada na estalagem e depois voltar. Não recomendo que deixemos a estrada. Há buracos de coelhos e o chão irregular dos campos é uma armadilha para os menos cautelosos.

Ainda era de manhã, pensou Freyja. Será que o conde estava pretendendo voltar a Bath para retomar as atividades rotineiras da tarde? E desde quando aquele se tornara o passeio *dele*?

– Em um trote suave? – repetiu ela. – Sem sair da estrada? Pelo mero prazer de uma xícara de chá? Eu saí para *cavalgar*. – Freyja apontou para a direita com o chicote. – E pretendo cavalgar naquela direção, entre as colinas. Na verdade, pretendo *galopar* entre elas.

– Lady Freyja... – O conde parecia alarmado.

– Ah, eu concordo! – A voz do Sr. Darwin era animada.

– Gerald – disse a Srta. Hester Darwin –, mamãe o fez prometer que não nos deixaria ir rápido demais e que não sairia galopando na nossa frente.

– Eu os verei quando voltar, então – disse Freyja, virando o cavalo para fora da estrada e passando por uma abertura na sebe que a separava do campo mais além.

Já se sentia mais feliz. Freyja colocou o cavalo a meio-galope e não olhou para trás para ver se alguém tivera coragem de segui-la. Mas se ninguém a seguisse, pensou, o conde de Willett provavelmente o faria, pois se sentiria na obrigação de acompanhá-la. Talvez, no fim das contas, ela houvesse preparado uma armadilha para si mesma e se visse obrigada a ficar sozinha com o conde. Freyja fez a montaria acelerar o passo. Ah, finalmente podia sentir o vento no rosto!

Quando ouviu o barulho de cascos logo atrás, torceu para que, se fosse o conde, ele não estivesse sozinho. Freyja se virou para olhar e sentiu um alívio imediato. É claro! Deveria ter imaginado que seria o marquês de Hallmere a aceitar o desafio. Fora ele, afinal, quem sugerira aquela cavalgada... apenas para os dois. E fora ele que piscara para Freyja – de novo! – quando a Srta. Darwin sugerira de que o grupo não cavalgasse muito rápido e que não fosse muito longe.

Ele estava sorrindo. O que, é claro, não era surpresa.

– Está vendo aquela rocha branca? – perguntou ele, emparelhando com ela e apontando para a frente com o chicote.

Havia um ponto branco a distância. E pelo menos três campos cercados por sebes os separavam de lá. Mas a vista devia ser esplêndida de cima daquela rocha.

– Aquele será o ponto de chegada da nossa corrida? – perguntou Freyja, antecipando o que ele estava prestes a dizer. – Muito bem. Esperarei por você lá. – Ela esporeou o cavalo e se inclinou sobre o pescoço do animal.

Não era o cavalo dela, mas não era nenhum preguiçoso. O animal respondeu ao comando de Freyja com determinação e força. Ela teve apenas um instante de apreensão quando se aproximaram da primeira sebe. Mas seria humilhante se desviar em busca de um portão, então fez o cavalo saltar. Pela visão periférica, podia ver o marquês logo atrás dela. Se ele estava se contendo com a intenção de permitir que uma dama vencesse a corrida, pensou Freyja, aprenderia a lição. Mas o marquês não era o tipo de homem de quem ela precisaria temer esse tipo de galanteio. Ele a ultrapassou pouco antes da sebe seguinte e abriu uma boa distância entre os dois. O homem tinha uma esplêndida postura sobre a sela, reparou Freyja, admirada.

Depois disso, a corrida se tornou seu único foco. Freyja sempre fora extremamente competitiva, talvez mais ainda porque sempre

fora pequena e a única menina no meio de garotos impetuosos – os irmãos dela, Aidan, Rannulf e Alleyne, além dos vizinhos, os irmãos Butlers: Jerome, Kit e Sydnam. Ela nunca se sentira uma menina ao lado da irmã, afinal Morgan era sete anos mais nova. Freyja competia com os meninos e fazia de tudo para que a relação entre eles fosse de igual para igual.

Ela forçou o animal a ir cada vez mais rápido, ouvindo o barulho dos cascos aumentar ao seu redor, sentindo o vento açoitar seus cabelos, observando a distância entre ela e o cavalo à frente diminuir. Quando chegaram à última sebe, estavam quase pescoço a pescoço.

O marquês cometeu o erro de olhar para ela depois de saltar, talvez surpreso ao ver que Freyja o alcançara, já que ele não estava fazendo concessão nenhuma nem ao fato de ela ser mulher nem por ela estar cavalgando em uma sela lateral. Quando os dois se aproximaram da enorme rocha branca, Freyja estava na frente dele por uma cabeça. Ela deixou escapar um grito de triunfo e virou-se para ele, sorrindo.

– Não me divirto tanto há séculos – falou, animada.

– Então fico feliz por ter permitido que você vencesse – retrucou ele.

Ele estava perigosamente perto e Freyja se aproveitou disso e cutucou-o nas costelas com o chicote.

– Ai! – exclamou Hallmere. – Onde aprendeu a cavalgar assim? Eu esperava estar completamente relaxado e profundamente adormecido aqui quando você chegasse trotando. – Ele desceu do cavalo e prendeu o animal a uma árvore. Então foi até ela e estendeu os braços. – Permita-me.

Freyja pousou as mãos nos ombros dele com a intenção de pular, mas o marquês a ergueu, as mãos fortes na cintura dela, e deslizou-a muito lentamente – demais, na verdade – até o chão. Assim que

os pés dela tocaram o solo, ele abaixou a cabeça e beijou-a nos lábios, como fizera na outra ocasião.

As mãos dele seguraram os pulsos de Freyja quando ele ergueu a cabeça.

– Aceito a derrota com um beijo – disse o marquês, sorrindo. – E, ao mesmo tempo, protejo meu nariz da possibilidade de colidir com um punho.

Ele era um homem terrivelmente atraente, pensou Freyja. Mas isso não era nenhuma novidade. O que a surpreendeu foi que, naquele momento, aquela não fora uma constatação intelectual. Ela sentiu o corpo reagir aos encantos dele com alta sensibilidade e uma leve falta de ar. Freyja não reagira fisicamente a nenhum homem depois de Kit.

Mas o marquês de Hallmere com certeza não era o tipo de homem por quem se deveria sentir qualquer tipo de paixão. Ele não ficaria encantado se conseguisse levá-la a tamanho constrangimento? Freyja dirigiu seu sorriso felino a ele, soltou os pulsos e virou-se para subir na rocha branca. O vento agitou as saias pesadas da roupa de montaria e o chapéu enfeitado com penas. Ela arrancou o chapéu com impaciência, guardando os grampos que o prendiam aos cabelos, e não resistiu a tirar também o resto dos grampos que deixavam o penteado no lugar. Era uma benção erguer a cabeça e sentir o vento soprando entre os cabelos. Freyja respirou fundo e deixou o ar escapar lentamente.

– Uma donzela viking parada na proa de um navio viking – disse o marquês. – Você teria inspirado um barco cheio de guerreiros a abrir caminho até a praia e conquistar uma nova terra.

Ele apoiara um dos pés na rocha e descansava um braço sobre a perna. Na outra mão, segurava seu chapéu. Os cabelos se agitavam ao vento, cintilando muito louros ao sol.

– Já suspeitei várias vezes – comentou ela – de que nasci na época errada.

– Lady Freyja Bedwyn – disse o marquês –, acho que não a estarei insultando se observar que já deve ter passado bastante dos vinte anos, certo? Por que ainda está solteira?

– Por que ainda está solteiro? – Ela devolveu a pergunta.

– Eu perguntei primeiro.

Freyja levantou os olhos para a vista e respirou fundo novamente.

– Desde que nasci – começou –, fui prometida a Jerome Butler, visconde Ravensberg, filho mais velho do conde de Redfield, vizinho do meu pai. Estávamos noivos quando eu tinha 21 anos. Ele morreu antes que eu completasse 22 e antes que nos casássemos.

– Lamento muito – disse o marquês.

– Não precisa lamentar – retrucou ela. – Crescemos juntos e nos gostávamos. Sofri com a morte dele. Mas não sentíamos grande paixão um pelo outro.

– Há quanto tempo ele morreu? – perguntou Hallmere.

– Há mais de três anos.

– E em todo esse tempo não houve mais ninguém?

– Agora é sua vez – falou Freyja. – Por que *você* não se casou? Também já passou bastante dos vinte.

– Cresci como um parente pobre na casa do meu tio, o falecido marquês – explicou. – Ele tinha um filho, meu primo Albert. Eu não era considerado um bom partido até a morte acidental do meu primo, cinco anos atrás, que me tornou herdeiro do marquês. Meu tio tinha três filhas, e não um filho homem. Mas desde a morte de Albert eu mal parei em um único lugar por tempo o bastante para formar laços duradouros.

– Devo sentir pena? – perguntou Freyja, baixando o olhar para ele. – Ou essa vida é satisfatória para você?

Ele riu.

– Minha avó ainda quer que eu a corteje – informou Hallmere –, mesmo depois de você ter voltado a atacar durante o jantar. Ela

acha que é apenas uma demonstração de bom humor. Acredita que você precisa de uma mão firme para conduzi-la. A minha mão, para ser exato.

– Deixando de lado o fato de seu último comentário ter sido feito apenas para despertar a minha ira – retrucou Freyja –, sua avó ficará desapontada, não é mesmo? Você não deseja me fazer a corte e eu não desejo ser cortejada. Ao menos nisso concordamos.

Ele subiu na rocha e ficou parado ao lado dela. Freyja se lembrou de quanto o marquês era alto e de como seu corpo era bonito.

– Você está completamente certa – disse ele. – O casamento não passa pela minha cabeça e, por sorte, nem pela sua. Não preciso temer, então, que você vá interpretar errado se eu lhe disser que sinto uma necessidade quase incontrolável de beijá-la adequadamente. Vou ficar com os dois olhos roxos e um nariz quebrado se ceder a essa necessidade? – Hallmere virou a cabeça com um sorriso estonteante para ela. Os olhos brilhavam, com um ar divertido.

Ela inspirou, pronta para ter a reação proporcional à tamanha ousadia. Mas, precisava admitir, era mesmo tentador. Estava com 25 anos e não era beijada havia quatro anos. Por mais estranho que parecesse, Jerome nunca beijara nada além das costas da mão dela. Às vezes, a sensação de vazio e solidão por ter amado e perdido Kit era quase mais dolorosa do que ela conseguia suportar.

E ali estava um homem – belo e devastadoramente atraente – que não esperava nada mais que um beijo e que sabia que ela também não exigiria nada em troca.

– A dama hesita – comentou ele. – Interessante.

– Você não sofreria nenhuma mutilação em seu rosto – afirmou ela. – A menos que saísse rolando lá para baixo.

Naquele momento, ela se sentiu terrivelmente embaraçada e, por mais tolo que fosse, muito consciente da própria feiura. Há muitos anos já desistira de lamentar o que não poderia ser mudado. A

natureza lhe dera cabelos rebeldes e sobrancelhas de cor diferente da dos cabelos, e o pai lhe passara a herança do nariz dos Bedwyns, assim como fizera com todos os filhos, à exceção de Morgan, que, assim como a mãe deles, era a perfeição em pessoa.

Freyja se virou com determinação quando ele pousou o próprio chapéu em uma depressão da rocha, pegou o chapéu que ela segurava nas mãos e colocou-o junto com o dele.

Hallmere acariciou o queixo dela com o nó do dedo, sem pressa. As pálpebras dele pareceram se tornar mais pesadas, percebeu Freyja, e isso teve o estranho efeito de fazê-la se agitar por dentro. Aquilo com certeza não fora uma boa ideia, mas agora era tarde demais para dizer não. Se fizesse isso, o marquês poderia acusá-la de covardia, e com certa razão.

Ele não estava com pressa. Freyja esperara que Hallmere abaixasse a cabeça e beijasse os lábios dela sem mais demora. Se fosse assim, ao menos ela poderia ter fechado os olhos e escondido seu constrangimento. Mas ele tocava o rosto dela levemente, com as pontas dos dedos. Correu os polegares pelas sobrancelhas e passou a ponta do dedo pelo nariz dela.

– Interessante – comentou ele. – Você tem um rosto interessante. Inesquecível.

Pelo menos ele não disse que ela era bonita, pensou Freyja. Se Hallmere houvesse feito isso, ela não teria continuado por uma questão de princípios.

Ele segurou o rosto dela entre as mãos.

– Você pode me tocar também – disse Hallmere –, se desejar.

– Não desejo. Ainda – acrescentou Freyja, observando o cintilar dos olhos dele.

Ele esfregou o nariz de leve contra o dela, então inclinou a cabeça e tocou os lábios de Freyja por um instante. Ela apoiou as mãos na cintura dele, mas precisou se concentrar para não se

desvencilhar de Hallmere e sair em disparada. Como seria humilhante!

Solteirona arisca de certa idade – sem uma acompanhante – foge das garras de famoso libertino.

A língua dele lambia delicadamente os lábios dela, provocando. Freyja agarrou a cintura dele com mais força, se inclinou um pouco mais para perto e abriu os lábios. A língua de Hallmere acariciou o interior macio e úmido dos lábios de Freyja. Uma sensação primitiva pareceu despertar todo o corpo dela, da boca à ponta dos pés. Freyja passou os braços ao redor da cintura dele e se aproximou ainda mais, até seus seios estarem pressionados contra o peito dele.

Hallmere então a beijou com a habilidade e o talento de um homem de vasta experiência, que sem dúvida praticara sua arte com metade da população feminina da Europa. Freyja se agarrou a ele e usou a própria língua em busca de seus escassos talentos por pura autodefesa.

Subitamente, era como se estivessem no meio do verão, durante uma onda de calor.

Freyja não tinha ideia do tempo que durara o beijo. Quando começou a voltar a si – quando finalmente sentiu que ele estava prestes a afastar os lábios dos dela – sentiu uma das mãos deles espalmada em seu traseiro, segurando-a com firmeza junto ao próprio corpo. E Freyja não era tão inocente a ponto de não saber muito bem contra *o quê* estava sendo pressionada.

– Ora – disse ela, a voz apenas levemente ofegante, quando ele levantou a cabeça e olhou para ela, as pálpebras ainda mais pesadas do que antes –, isso foi muito agradável.

O sorriso começou nos olhos, se espalhou até os lábios e o fez jogar a cabeça para trás em uma gargalhada.

– Esse foi o meu melhor beijo no estilo “deixe a dama de pernas bambas” – falou Hallmere. – E foi *muito agradável*? Mas foi mesmo muito agradável. É melhor que agora eu a coloque de volta sobre

seu cavalo, Lady Freyja, e que volte para o meu antes que minha autoimagem seja completamente destruída. Acredito que haja um vilarejo depois da próxima ladeira, ou logo adiante. Que tal cavalgarmos até lá e tentarmos encontrar uma estalagem ou uma confeitaria onde possamos comer alguma coisa? Beijar é uma atividade que dá fome!

Ele entregou o chapéu a ela e colocou o próprio no lugar com um floreio, abaixando bem a aba para evitar que ele fosse levado pelo vento.

Freyja conferiu se os joelhos eram capazes de sustentá-la antes de dar um passo à frente. Aquela com certeza fora uma das maiores tolices que cometera nos últimos tempos. Não esperara mais do que um beijinho rápido, no estilo dos outros dois que ele roubara dela – um na estalagem, no primeiro encontro dos dois, e outro quando ele a descera do cavalo naquela manhã. Deveria ter imaginado que quando Hallmere falara em beijá-la adequadamente tinha algo mais sofisticado em mente.

Ela se sentia bastante vulnerável e não estava gostando nem um pouco da sensação. O fato de Hallmere ser tão desatento ajudou, já que ele pareceu não perceber que ela ainda não estava em plenas faculdades. Se houvesse suspeitado, o marquês com certeza teria tirado vantagem da situação. Ele a teria arruinado com aquele seu sorrisinho maroto.

Freyja apoiou o pé nas mãos em concha dele e o marquês deu impulso para que ela sentasse na sela. Depois ele também montou.

– É claro – disse Freyja em sua voz mais altiva –, que o que aconteceu não abre um precedente para que você me ataque quando lhe der vontade. Foi um momento agradável, mas não deve se repetir. Isso seria aborrecido.

– Aí está – falou Hallmere, virando o rosto risonho para ela antes de seguir na frente, em direção ao vilarejo que ele acreditava estar perto –, eu sabia que deveria esperar um golpe, no fim das contas.

Me sinto esmagado, arrasado, roubado de toda a minha autoconfiança. Talvez este seja o epitáfio no meu túmulo... *a vida dele foi muito agradável, mas qualquer repetição seria aborrecida.* Preciso de uma bebida forte. No mínimo um copo de conhaque.

Freyja seguiu atrás dele, sorrindo.



Aquilo realmente fora um erro de julgamento, pensou Joshua enquanto os dois estavam sentados na sala de refeições de uma pequena estalagem, comendo tortas de carne, tomando chá e cerveja. E pensou nisso mais uma vez durante o caminho de volta a Bath.

Ela estava magnífica de pé naquela rocha, os cabelos soltos e rebeldes como na primeira vez em que a vira. Sentira vontade de beijá-la, mas do mesmo modo leve, brincalhão, que a tratara em todos os encontros que tiveram até ali.

Ele não pretendia beijá-la daquele modo. E jamais poderia prever a própria reação apaixonada. Apesar de toda a altivez de Lady Freyja, ele acreditava que ela era uma mulher de caráter forte, temperamento incerto e natureza impulsiva. E agora suspeitava de que ela era selvagem na cama, uma amante insaciável.

E ele sinceramente preferia não ter desconfiado disso, já que a única forma de comprovar uma ideia tão tentadora era através do casamento, e isso não estava em seus planos – nem nos dela.

Joshua a acompanhou até a porta da casa de Lady Holt-Barron e levou o cavalo que ela usara ao estábulo público onde fora alugado. Ao chegar à casa da avó no meio da tarde, sentia-se inquieto, cheio de energia e determinado a deixar Bath antes que ficasse tentado a cometer mais alguma indiscrição com Lady Freyja. Nada garantia que conseguiria se segurar numa próxima vez.

Quando ele chegou, Gibbs informou que a avó estava recebendo visitas na sala principal. Ela pedira para que lorde Hallmere a procurasse imediatamente quando voltasse da cavalgada.

Joshua seguiu o mordomo escada acima, checando se as roupas de montaria estavam minimamente respeitáveis para uma aparição ainda que breve na sala de visitas da avó. Mas ela dissera para procurá-la imediatamente, então era melhor não perder tempo indo até o quarto se trocar.

Lady Potford estava acompanhada de duas damas. Joshua não as encontrava havia cinco anos, mas era impossível não reconhecer a própria tia, a marquesa de Hallmere. A mulher tinha uma altura mediana, era esguia e parecia doce, frágil, até mesmo adoentada. Sempre tivera aquela aparência. Mas, durante os anos que passara em Penhallow, Joshua descobrira que a aparência externa escondia uma vontade de ferro, uma personalidade dominadora, cruel e rígida. A jovem que estava com ela, menos roliça e sem graça do que ele se lembrava, era Constance, filha mais velha da marquesa.

A tia nunca deixava Penhallow. O lugar era seu domínio, e ela ditava as regras como se fosse um feudo particular. Nem mesmo a necessidade de levar as filhas a Londres quando as moças alcançaram a idade de serem apresentadas à rainha e introduzidas no mundo dos nobres a afastara do local. Assim, o motivo que a levava a Bath devia ser de extrema importância.

E esse motivo era ele, não havia dúvidas.

Joshua ignorara os convites dela para voltar a Penhallow. Por isso, ela dera aquele passo extraordinário e fora até ele – com certeza informada de sua presença em Bath pela amiga, Sra. Lumbard. Joshua sentiu o coração afundar no peito.

– Tia? Constance? – Joshua se inclinou diante das duas antes de cumprimentar a avó com um sorriso tenso.

– Joshua – disse a tia, ficando de pé e indo até ele, as mãos esguias estendidas. A voz dela estava trêmula de emoção e havia

lágrimas em seus olhos. – Meu menino querido! Passamos tanto tempo ansiosas, minhas pobres meninas e eu. Hallmere... o falecido Hallmere... se foi, Albert se foi. Estamos inteiramente à sua mercê. Você foi criado em Penhallow como um dos nossos, mas os jovens com frequência esquecem suas dívidas para com aqueles que os amaram e se sacrificaram por eles na infância e na juventude.

Santo Deus! Como ela conseguia olhá-lo nos olhos e dizer aqueles absurdos? Joshua segurou as mãos flácidas e frias da tia e apertou-as.

– Não estou prestes a jogá-la na rua com as minhas primas, tia – falou ele com rispidez.

Além do mais, mesmo que quisesse fazer isso, a marquesa tinha seus direitos garantidos.

– Mas com certeza você logo irá se casar – comentou ela –, e ficaremos no caminho de sua marquesa, por mais que eu fosse recebê-la em Penhallow de braços abertos. Por isso vim a Bath, para arrumarmos uma solução que satisfaça a todos nós. Trouxe Constance comigo.

É claro que ela trouxera Constance, pensou Joshua. E bastou um olhar para o rosto pálido e contrariado da prima para se certificar de que a moça sabia tão bem quanto ele a razão para isso. E que também não gostava nada da ideia.

Por que ela não dissera nada, então? Por que não se recusara a acompanhar a mãe? Por que não se recusara a compactuar com aquele ardil?

Mas, para ser justo com Constance, ele sabia que era quase impossível contrariar a marquesa de Hallmere quando ela estava determinada a fazer algo.

A marquesa obviamente decidira que a melhor forma de manter a casa e o domínio sobre o lugar era casar a filha mais velha com o sobrinho.

Que Deus o ajudasse!

CAPÍTULO VI



Chovia forte na manhã seguinte, e Lady Holt-Barron decidiu não ir ao Pump Room. Freyja passou a manhã escrevendo cartas para Morgan e para as cunhadas, Eve e Judith. Ela descreveu a cavalgada da véspera, incluindo o medo das senhoritas Darwin de cavalgarem um pouco mais rápido do que um mero trote, e a insistência presunçosa do conde de Willett em tratar as damas como se fossem delicadas plantas de estufa. Freyja contou a própria escapada com o marquês de Hallmere e a corrida dos dois pelos campos, saltando sobre as sebes do caminho.

Ela não descreveu o que aconteceu quando a corrida terminou, é claro, mas ficou sentada, pensando a respeito por longos minutos, roçando distraidamente o queixo com a pena que usava para escrever.

Fora um beijo lascivo, escandaloso, e ela temia ter sido a responsável por isso. O marquês segurara o rosto dela com delicadeza entre as mãos e a beijara nos lábios. Nenhuma outra parte de seu corpo tocara qualquer outra parte do corpo dela. Tudo provavelmente teria terminado desse modo doce e casto se ela não houvesse agarrado a cintura dele para se equilibrar, então colado em seu corpo e passado os braços ao seu redor. E então...

Bem.

E então.

Freyja franziu o cenho com força.

Mas não devia assumir toda a culpa. Fora ele que começara a lambe os lábios dela, que enfiara a língua em sua boca e fizera coisas que sabia muito bem que iriam distraí-la. Freyja não tinha dúvidas de que o marquês era muito experiente em usar aquelas táticas de sedução. Ele provocara tudo o que aconteceu depois.

Essa ideia, no entanto, não garantiu conforto nenhum a Freyja. Como sempre, o marquês a manipulara como se ela fosse uma marionete desprovida de cérebro. Ele decerto rira dela durante todo o caminho de volta para casa e por toda a noite. Talvez ainda estivesse rindo naquela manhã, imaginando outras maneiras de fazê-la de tola novamente.

E Lady Freyja Bedwyn não gostava de ser feita de tola.

Mas, ah Deus! Ela suspirou alto enquanto molhava a pena na tinta e se preparava para retomar a carta para Morgan. Aquele beijo despertara apetites que ela achava que só Kit era capaz de trazer à tona. Talvez não fosse por Kit que ela estivera apaixonada ao longo de todos aqueles anos, e sim pela paixão exuberante de sua própria natureza, que desabrochava gloriosamente quando ela estivera com ele, quatro verões antes.

Uau, *aquilo* era algo em que pensar...

Ser virgem aos 25 anos era bem triste, concluiu ela, e refletiu por alguns minutos se deveria acrescentar à carta de Morgan um conselho para que ela procurasse um marido com determinação quando fosse apresentada à sociedade na primavera seguinte. Mas os Bedwyns eram conhecidos por não aceitar conselhos, mesmo – ou especialmente – uns dos outros. E Morgan acharia que Freyja estava sofrendo de alguma doença fatal se recebesse um conselho tão absurdo quanto aceitar de bom grado um casamento de

conveniência. Além do mais, a ideia de Morgan se casar antes de Freyja era um tanto humilhante para a irmã mais velha.

A mente de Freyja se voltou mais uma vez para a possibilidade de encarar o conde de Willett como um marido em potencial, mas logo afastou a ideia sem pensar muito a respeito. Realmente não conseguiria suportar. Ele insistiria em tratá-la como uma dama a cada minuto do dia – e provavelmente da noite também. Ela morreria de tédio, frustração e raiva em menos de um mês.

Freyja voltou a se debruçar sobre a carta.



À tarde, a chuva diminuíra para uma leve garoa. Lady Holt-Barron continuava não gostando da ideia de molhar os sapatos e a bainha do vestido, e de ter que carregar um guarda-chuva no lugar de um guarda-sol, mas os Upper Rooms ficavam a pouco mais de alguns passos de distância, e ficar em casa era uma alternativa pouco atraente diante da possibilidade de tomar chá e conversar com outros nobres. Por isso, elas caminharam até os Upper Rooms.

O salão de chá estava mais cheio do que o normal, talvez porque o tempo desencorajava o exercício ao ar livre, mas elas conseguiram encontrar uma mesa vazia e cumprimentaram educadamente os vários conhecidos com acenos de cabeça enquanto o chá era servido. Cinco minutos depois, o conde de Willett estava sentado com elas. Ele explicou que foi até ali para verificar se Lady Freyja não se machucara em sua corrida pelo campo na véspera.

– Hallmere com certeza não deveria tê-la encorajado – disse ele.
– Ele deveria se lembrar de que a senhorita é uma dama e, portanto, se vê obrigada a usar uma sela lateral.

Freyja o encarou com um desdém altivo... e percebeu que o objeto da reclamação do conde acabava de entrar no salão de chá,

muito belo e distinto em uma roupa em tons de marrom. Ela ficou profundamente alarmada pelo modo como o próprio corpo reagiu à presença do marquês.

Hallmere com certeza não deveria tê-la encorajado.

Não, ele não deveria. Mas não precisara de muito encorajamento, não é mesmo?

Freyja fez questão de ignorá-lo. O marquês acompanhava três damas – Lady Potford e duas estranhas, a mais velha delas usava roupas de luto e sorria com doçura para todos no salão, enquanto se apoiava pesadamente no braço dele. Embora Lady Potford logo tenha se sentado diante de uma mesa onde já estavam alguns conhecidos, o marquês e as outras duas damas permaneceram de pé, depois passaram a circular pelo salão. Ao que parecia, ele as estava apresentando à sociedade de Bath.

O conde se levantou e inclinou o corpo em uma cortesia quando o grupo se aproximou da mesa onde estavam. Freyja levantou os olhos e encontrou o olhar do marquês. Ela se esforçou para manter uma expressão fria e levemente zombeteira. E percebeu que, por algum motivo, o sorriso dele parecia tenso.

– Lady Holt-Barron, Srta. Holt-Barron, Lady Freyja Bedwyn, conde de Willett – apresentou o marquês com grande formalidade –, estas são minha tia, a marquesa de Hallmere, e minha prima, Lady Constance Moore.

A tia era a que estava apoiada no braço dele.

– Como vão? – cumprimentou a marquesa. – É um enorme prazer estar em Bath e conhecer todos os amigos do meu querido Joshua.

Ela se pendurava ao braço dele como se fosse frágil demais para se manter de pé sozinha. A marquesa sorria e falava no tom agudo e afetado das damas que aparentavam estar permanentemente indispostas. Pela experiência de Freyja, essas mesmas damas

costumavam viver mais do que seus parentes mais robustos... e os levavam à beira da insanidade enquanto eles ainda estavam vivos.

Lady Constance, uma moça de aparência sensata, vestida e penteada de forma impecável, fez uma cortesia e murmurou um cumprimento.

– Como vão, madame? Lady Constance? – disse Lady Holt-Barron com graciosidade. – Vieram de Penhallow para aproveitar nossas águas?

– Talvez elas melhorem a minha saúde – disse a marquesa. – Ando abatida desde que perdi meu querido Hallmere. Mas vim com o propósito de visitar meu sobrinho e de permitir que ele voltasse a ter contato com a prima. Constance era pouco mais do que uma menina quando Joshua saiu de casa em busca de aventura, cinco anos atrás. Cinco anos exaustivos – acrescentou ela com um suspiro que realmente parecia exausto.

Ah! A mulher viera com a intenção de casar a filha com o sobrinho e, assim, assegurar a casa em que morava e seu lugar nela, não é mesmo? Freyja olhou com mais atenção para Lady Constance Moore. Então voltou o olhar para o marquês. Ele também a encarava fixamente, com um leve sorriso nos lábios e uma sugestão de riso no olhar. Era uma expressão que reconhecia que ela compreendera a situação em que ele se encontrava.

– Estamos hospedadas no White Hart Inn – dizia a marquesa, em resposta à pergunta que Lady Holt-Barron fizera. – Disseram-me que é o melhor.

– Hallmere – disse o conde –, devo elogiá-lo por ter acompanhado Lady Freyja em segurança de volta para casa ontem. Confesso que estava inquieto a respeito do bem-estar dela quando você a afastou do grupo que havíamos formado e saiu galopando com ela pelas colinas. Mas você a devolveu em segurança à casa de Lady Holt-Barron e portanto nenhum mal aconteceu.

Freyja se viu dividida entre o divertimento e a exasperação.

O marquês ergueu as sobrancelhas.

– Na verdade, Willett – disse –, para meu eterno constrangimento, devo confessar que Lady Freyja venceu nossa corrida por uma cabeça e, portanto é mais justo dizer que *ela me* devolveu em segurança à casa de minha avó depois de nosso passeio. E sou muito grato a ela por isso.

– Só agradeço – comentou Lady Holt-Barron, abanando-se com o guardanapo de linho – por não ter sabido nada a respeito dessa corrida até ela ter terminado. Não sei o que diria ao duque de Bewcastle, irmão de Lady Freyja, se ela houvesse caído do cavalo e quebrado todos os ossos do corpo.

– Ah, não diga isso, madame – falou a marquesa, parecendo prestes a desfalecer. – Correr a cavalo é extremamente perigoso, sobretudo para uma dama. Espero que nunca convença Constance a sair galopando pelo campo com você, Joshua, querido.

A voz dela era fraca, mas os olhos estavam fixos e duros em Freyja, que tinha as sobrancelhas erguidas em uma expressão de arrogância mal reprimida.

Santo Deus, pensou ela, estou sendo avisada. Que divertido!

A marquesa de Hallmere era uma dama que gostava que as coisas fossem feitas à sua maneira e usaria qualquer meio disponível para conseguir o que queria. Não seria nada agradável ter uma pessoa como aquela como mãe... ou como tia. Seria interessante ver até que ponto ela conseguiria manobrar o marquês, pensou Freyja.

O grupo seguiu para a mesa seguinte.

– A marquesa é uma pessoa muito refinada – comentou Lady Holt-Barron em tom de aprovação.

– É admirável da parte dela vir de Cornwall até aqui para visitar o sobrinho que recebeu o título de marquês do seu falecido marido – acrescentou o conde. – Seria muito apropriado da parte dele pedir a mão da prima em casamento.

Freyja encontrou o olhar de Charlotte por cima da mesa, e a amiga deu um meio sorriso. Na véspera, depois da corrida, Charlotte quisera saber o que acontecera. E de todas as coisas que poderia ter contado – sobre as quais escrevera longamente naquela manhã para os parentes –, Freyja deixou escapar três palavras.

– Ele me beijou.

Charlotte levava as mãos ao peito, os olhos brilhando de contentamento.

– Eu sabia – dissera ela. – Desde o primeiro momento... aquela cena constrangedora e engraçada no Pump Room... percebi a atração que sentiam um pelo outro. E agora ele a beijou. Eu sentiria uma terrível inveja se não fosse por Frederick, mesmo que ele *seja* um homem de aparência comum e nada romântica, meu pobre amor.

– E *eu o* beijei. – A honestidade de Charlotte forçou Freyja a acrescentar. – Mas não significou absolutamente nada. Nós dois concordamos sobre isso quando conversamos depois.

Charlotte apenas rira e se afastara para trocar de roupa.



Apesar da chuva forte que mantivera a avó em casa durante a manhã, Joshua fora até o White Hart e acompanhara a tia e a prima ao Pump Room, onde as apresentou às poucas pessoas que haviam enfrentado o tempo ruim. Depois, ele as acompanhara de volta ao hotel e tomara o café da manhã com as duas. Joshua as levava para fazer compras na Milsom Street e voltara para o hotel, duas horas depois, de mãos vazias. A tia reclamara que os preços nas lojas estavam exorbitantes. Joshua então almoçara com elas antes de voltar para a casa da avó.

Mas ele prometera pegá-las novamente mais tarde para acompanhá-las aos Upper Rooms, para o chá. Depois, embora tivesse sido mais conveniente deixá-las no White Hart e seguir para a Great Pulteney Street na carruagem com a avó, a tia o convidou para entrar, explicando que havia alguns assuntos que ela precisava discutir com ele. Assim, a avó voltara para casa sozinha.

Fora um dia exaustivo para Joshua. A tia sempre fora uma tirana, dominava a própria família com uma vontade de ferro, mas reservara todo o seu veneno para o sobrinho que chegara a Penhallow aos 6 anos, um órfão infeliz e confuso, que acabara de perder o pai e a mãe para uma febre com intervalo de três dias entre eles – embora Joshua não soubesse disso na época. À medida que foi ficando mais velho, ele compreendeu que o ódio da tia se devia ao fato de que, de todos os quatro filhos que ela tivera, apenas um era homem. Albert era o herdeiro, mas Joshua era o “reserva”, por assim dizer.

Também não houvera afeto entre ele e Albert. O primo era menor, mais fraco e um ano mais novo do que Joshua. Gostava de se gabar da única grande vantagem que tinha sobre o primo e ficara furioso ao descobrir que Joshua não tinha o menor interesse em herdar o título.

Fora uma terrível provação para Joshua ser forçado a passar o dia todo na companhia da tia, conduzindo-a junto com Constance por toda a Bath, apresentando-as a todos que tinham alguma importância social, sendo obrigado a ouvir as reclamações e as palavras carinhosas da tia a cada passo do caminho. Mas ele não poderia abandoná-las à própria sorte na cidade. As duas estavam lá com o único propósito de vê-lo. Além do mais, Joshua não evitaria Constance mesmo que pudesse, pois ele sempre tivera carinho pelas primas.

Joshua se perguntou quanto tempo elas pretendiam ficar. Não aguentava mais ser obrigado a paparicá-las. Afinal, as Lumbards

poderiam lhes fazer companhia a partir do dia seguinte.

A tia arriou em uma cadeira assim que eles chegaram à sala de estar particular delas no White Hart e a criada saiu com o chapéu, as luvas e outros acessórios que ela usara na rua.

– Estou mais exausta do que as palavras podem descrever – disse ela, fazendo Joshua se questionar por que, então, ela insistira tanto para que ele entrasse. – Você também está, não é, Constance? Vá se deitar por uma hora. Joshua lhe dará licença.

– Mas, mamãe... – a moça começou a dizer.

– Você está cansada – insistiu a mãe. – Vá se deitar.

Constance obedeceu depois que Joshua lhe dirigiu um sorriso de simpatia.

– Eu deveria deixá-la descansar também, tia – disse ele, esperançoso, mas ela acenou para que se sentasse.

– Fique – falou a marquesa. – Muito tempo se passou desde a última vez em que o vi, e agora você é um Hallmere. Deve estar muito feliz com isso. Ouso dizer que foi o que sempre quis.

Joshua não a contradisse. De que adiantava? Ele se sentou e cruzou a perna.

– Você se tornou um homem muito bem-apegoado, Joshua – comentou ela, franzindo o cenho em uma expressão de desaprovação. – E seu título e sua fortuna fazem com que seja um partido duplamente disputado. Foi bem recebido em Bath, pelo que vejo. Fico feliz por isso. – Ela não soava nem um pouco feliz.

– *Todos* são bem recebidos em Bath, tia – retrucou ele com um sorriso. – Não é mais uma estação de águas tão popular quanto já foi, especialmente entre os jovens, mas todos são recebidos de braços abertos.

– Ao menos há alguns outros jovens por aqui – disse ela. – As senhoritas Darwin são moças elegantes.

– Sim, são – concordou Joshua. – Mas tenho dificuldade em diferenciá-las, embora não sejam gêmeas.

– A Srta. Holt-Barron é muito bonita – continuou a marquesa.

– E muito agradável, também – acrescentou ele. – Pelo que sei, está noiva do Sr. Frederick Wheatcroft, filho do visconde Mitchell.

– Ah, sim. As moças mais bonitas são as que se comprometem primeiro. Beleza, aliás, não é um mal de que sofra Lady Freyja Bedwyn. – O tom dela endureceu de forma quase imperceptível.

Joshua cerrou os lábios.

– Ela pode até ser irmã de um duque – continuou a tia –, duque de Bewcastle, se não estou enganada. Mas mesmo o título de nobreza não deve tê-la tornado atraente o bastante para lhe garantir alguma perspectiva de casamento. Ela deve ter uns 25 ou 26 anos e é muito feia, uma tristeza. Não há muita coisa que ela possa fazer para disfarçar aquele nariz, não é mesmo?

Joshua achava que o nariz de Lady Freyja talvez fosse o traço mais atraente dela, embora os cabelos, principalmente quando soltos nas costas e embaraçados pelo vento, chegasse bem perto, em segundo lugar.

– Já a ouvi ser descrita como uma moça de boa aparência.

– Isso é o que as pessoas sempre dizem sobre as moças quando são gentis demais para chamá-las de feias. Você foi cavalgar sozinho com ela ontem, Joshua? Isso não é um tanto impróprio?

– Fomos cavalgar com um grupo de oito pessoas – explicou ele, achando o comentário divertido. Ao menos o faro infalível da tia a levava à presa certa. – Galopamos sozinhos, já que nenhum de nós dois gosta de ir muito devagar. Lady Freyja Bedwyn é uma amazona ousada.

– Como sua tia, uma pessoa que sabe mais da vida do que você, Joshua – falou ela em um tom gentil –, me sinto obrigada a alertá-lo sobre os truques que solteironas feias e mais velhas empregam com a intenção de arrumar maridos adequados, depois que métodos mais refinados já falharam. Se não tiver muito cuidado, Lady Freyja

Bedwyn o levará a comprometer a virtude dela e você se verá obrigado a pedi-la em casamento.

Joshua sentiu vontade de rir ao se lembrar da estalagem em que ele havia encontrado Lady Freyja pela primeira vez e do beijo ardente da véspera, sobre a rocha branca, nas colinas. Ele se perguntou se Lady Freyja acharia graça caso ele lhe contasse o que a tia acabara de dizer... ou se isso acabaria por despertar uma fúria sem limites.

– Ah, pode sorrir, Joshua – comentou a tia, com ar cansado. – Mas depois não diga que não avisei.

– Pode deixar, tia – prometeu ele.

– Mal posso acreditar que Constance já tem quase 23 anos – continuou ela. – Como o tempo voa! Ela deveria estar casada há muito tempo. Eu já deveria ter netos para me confortarem na velhice. Mas a tragédia manteve a pobre moça solteira até agora. Albert morreu exatamente na época em que ela deveria ser apresentada à sociedade e, desde então, minha saúde anda frágil demais para me permitir suportar uma temporada social em Londres. Então, quando achei que havia me recuperado o bastante para Constance e por Chastity, Hallmere sofreu o ataque do coração e morreu. Agora não sei quando minhas queridas filhas conseguirão se assentar na vida. E quanto a Prudence... – Ela suspirou de um jeito desanimado.

Houve uma pausa silenciosa, e Joshua sabia perfeitamente o que estava por vir, embora não pudesse fazer nada para evitar.

– Está na hora de você considerar a ideia de casamento, Joshua – disse ela. – Já tem 28 anos e é o marquês de Hallmere. É seu dever garantir um herdeiro homem para Penhallow. E também é seu dever cuidar de suas primas, já que é o guardião legal delas. A não ser por Constance, é claro, que já tem idade o bastante e já recebeu a parte dela da herança. Está na hora de deixar para trás os anos em que você vem espalhando sua semente por aí, por mais vulgar

que possa ser a expressão. Não me ressinto desse tempo que você desperdiçou nem das loucuras que por ventura cometeu, embora Albert nunca tenha demonstrado nenhuma inclinação para abandonar o próprio lar, o pai, as irmãs ou a mãe. Mas imploro a você agora que se lembre de seus deveres. E imploro também para que não se ressinta dessa gentil reprimenda da tia que sempre o amou e que cuidou de você por toda a sua vida.

– A não ser pelos primeiros seis anos, tia – disse Joshua em voz baixa, mas firme –, quando meu pai e minha mãe ainda estavam vivos.

– Que Deus abençoe a alma deles. Você tem uma possível noiva em mente?

– Não, não tenho – retrucou ele. – Mas a informarei assim que estiver comprometido. Será daqui a um bom tempo. E fiz uso da minha guarda legal sobre Chastity e Prue deixando-as tranquilas em Penhallow com a senhora. E Constance também.

– Sei que as ama, Joshua, querido. – Ela o encarou com uma expressão triste e carinhosa nos olhos, até que eles se acenderam, como se houvesse tido uma súbita ideia. – Como seria maravilhoso se você tivesse um afeto especial por Constance. Não seria nenhuma surpresa. Ela é uma moça sensata, responsável, e está bonita, não está? Sempre teve muito carinho por você e você por ela. Como seria maravilhoso se você se casasse com a irmã de suas protegidas. Não consigo imaginar por que não pensei nisso antes.

– Constance é minha prima em primeiro grau, tia – lembrou Joshua.

– Primos se casam o tempo todo – argumentou ela. – É a coisa mais sensata a se fazer, Joshua. Mantém os títulos, as terras e as fortunas em uma única família. Assim como os deveres e as responsabilidades.

– Não tenho nenhuma intenção de deixar a senhora, Constance ou minhas outras primas na miséria – disse Joshua –, mesmo se eu

tivesse o poder de fazer isso. Na verdade não há a menor necessidade de me impingir uma de suas filhas.

– Impingir? – resmungou ela, deixando-se cair para trás na cadeira. Então pegou um lenço de borda negra em algum lugar e levou-o aos lábios. – Eu lhe ofereço minha querida Constance e você me acusa de a estar *impingindo* a você? Mas sempre foi mesmo um ingrato, Joshua. Um garoto difícil de criar, que acabou envergonhando seu tio ao menosprezar a generosa hospitalidade dele e ir viver no vilarejo para trabalhar como carpinteiro. E então ficou indo e voltando da casa, supostamente para visitar Prudence. Tento nem pensar em seu comportamento vergonhoso e vulgar. E quando Albert foi confrontá-lo e repreendê-lo... Fiz um enorme esforço para deixar essas lembranças dolorosas para trás e perdôá-lo. É a coisa mais cristã a se fazer e sempre foi meu modo de ser. Vim preparada para acreditar que em cinco anos você talvez tivesse amadurecido, se tornado uma pessoa melhor. Confiei em você o suficiente para lhe oferecer a minha própria filha. E você fala em *impingir*?

Ela pareceu se encolher quase à metade do próprio tamanho – um recurso que sempre usava para provocar pena e remorso e, por fim, convencer qualquer pessoa que fosse tola o bastante para tentar contrariá-la. A marquesa secou os olhos com o lenço.

– Eu me arrisco a dizer – falou Joshua – que Constance também não tem a menor vontade de ser impingida a mim, tia.

– Constance sempre foi uma moça responsável – disse ela. – Ela fará o que eu aconselhar. Sabe que só estou pensando no seu próprio bem. E como qualquer moça poderia não querer se casar com o marquês de Hallmere? Eu renunciaria ao título de bom grado em favor dela. E ficaria feliz como viúva de um nobre.

Joshua se levantou.

– Se eu fosse a senhora, tia, não falaria desse assunto como se fosse um fato consumado – disse ele com firmeza. – Com certeza

acabará se desapontando. Deveria ter permitido que Constance ficasse para ouvir essa conversa. Estou convencido de que iria dissuadi-la dessa ideia de nos casarmos. Mas não se preocupe, já lhe informei antes que não tenho a menor intenção de voltar para Penhallow. Pode viver em paz naquele lugar pelo resto de sua vida. Assim como minhas primas também podem continuar lá pelo resto da vida delas, se não se casarem.

Se por alguma estranha manobra do destino ele realmente se casasse com Constance e estabelecesse residência em Penhallow, pensou Joshua, a tia teria que ir embora. Mas ela não tinha imaginação o bastante para perceber isso.

– Você sempre foi um garoto duro e insensível – acusou, olhando para ele com uma expressão triste. – Mas não ficarei ofendida. E não perderei as esperanças. Vou consultar Constance e sei que ela concordará comigo que um casamento entre vocês dois é a única maneira decente pela qual você pode expurgar seus atos do passado.

Pronto, pensou Joshua, ele permitira que ela por fim conseguisse atingi-lo como uma agulha afiada. Estava furioso quando deveria ter se mantido indiferente ou até mesmo zombeteiro. A tia iria tentar vencer as defesas de Constance, se já não houvesse feito isso, e então usaria o carinho que ele tinha pela prima para deixá-lo culpado por resistir à sugestão do casamento.

O problema era que ele estava tolamente apavorado. A mulher era demoníaca quando se tratava de conduzir as coisas à própria maneira.

– Haverá um concerto nos Upper Rooms esta noite – falou Joshua. – A senhora gostaria de ir?

– Não. – Ela suspirou. – Marjorie Lumbard nos convidou para um jogo de cartas nos aposentos dela esta noite. Mas iremos novamente ao Pump Room pela manhã. Você pode nos pegar aqui quando

estiver a caminho de lá. E parece que haverá um baile nos Upper Rooms amanhã à noite, não é?

– Sim.

– Vamos comparecer – avisou ela. – Você pode ser o par de Constance na primeira dança. Seria muito estranho se não fizesse isso.

Ela parecia triste e abatida. Qualquer homem que não conhecesse os métodos da marquesa se sentiria compelido a garantir a ela que ao menos consideraria a proposta que fizera.

Mas ela não precisava daquele tipo de garantia.

– O prazer será meu, tia – disse Joshua. – Partirei agora para que a senhora possa descansar antes do jogo de cartas.

Ela acenou com o lenço em um gesto patético de desamparo, aparentemente engasgada demais de emoção para dizer adeus.

Era óbvio que a tia estava determinada a fazê-lo se casar com Constance, pensou Joshua, com raiva enquanto deixava o White Hart e caminhava a passos largos em direção à Pulteney Bridge. O chuvisco aumentara levemente de intensidade e logo ele estava com as roupas úmidas e se sentindo desconfortável. Joshua intuía o que estava prestes a acontecer assim que colocara os olhos na marquesa, na sala de visitas da avó dele, na tarde anterior. Santo Deus, ela até saíra de Penhallow, um fato sem precedentes.

A melhor estratégia para ele agora, supôs, era o de menor resistência. Deveria deixar Bath. Era exatamente o que faria, decidiu, animando-se. Era fácil cair em velhos padrões de pensamento quando estava sob influência da aura perversa da tia. Por anos ele não tivera escolha que não obedecer-lhe ou sofrer as consequências. Mas agora estava livre dela. Não lhe devia nada a não ser a cortesia de um cavalheiro e de um parente.

Partiria dali a dois dias. Não iria no dia seguinte, embora estivesse tentado a fugir enquanto o terreno estava livre. Concordara em acompanhar a tia e Constance ao Pump Room na

manhã seguinte e ao baile nos Assembly Rooms à noite. Cumpriria essas obrigações e desapareceria.

E também dançaria com Lady Freyja no baile. Flertaria com ela uma última vez, talvez encontrasse algum modo de provocá-la e fazê-la perder a calma novamente. Seria divertido se ela fizesse isso em público, à vista de todos. E que ideia terrível! Joshua riu baixinho consigo mesmo.

Sentiria falta dela. Lady Freyja era, com certeza, a dama mais interessante que já conhecera. E uma das mais atraentes também.

Essa era mais uma boa razão para ir embora de Bath.

CAPÍTULO VII



A rotina previsível de Bath estava acabando com os nervos de Freyja. Embora o céu ainda estivesse carregado com nuvens cinza, a chuva parara e depois de um dia de ausência elas voltaram ao Pump Room para o habitual passeio da manhã. Como sempre, encontraram as mesmas pessoas. Não havia nenhum rosto novo, a menos que se levasse em conta a marquesa de Hallmere e a filha. O marquês e Lady Potford estavam com elas.

Freyja caminhava com Charlotte e parou para conversar com o Sr. Eston e com uma das senhoritas Darwin – não tinha certeza de qual delas – e depois com a Sra. Carbret e a irmã. O conde de Willett se juntou a elas e caminhou entre as duas amigas até ficarem frente a frente com o grupo do marquês, em um canto quase no fim do salão. Freyja lembrou, quase com nostalgia, daquela manhã em que saíra em disparada até onde estava o marquês e exigiu que ele fosse expulso do Pump Room e da própria cidade de Bath. Ao menos fora alguma animação na vida dela... aquele dia parecia ter acontecido havia séculos.

– Admiro o corte do seu vestido, Lady Freyja – comentou a marquesa depois que os cumprimentos foram trocados. O marquês, com uma expressão muito séria e respeitável naquela manhã, dera

uma discreta piscadela para Freyja. – Precisa me contar quem é sua modista e quem devo escolher em Bath. Venha caminhar comigo.

Ela pegou o braço de Freyja, apoiou-se pesadamente nele, como se fosse uma inválida que acabara de levantar do leito, e afastou-a dos outros.

– Sou a última pessoa a quem deve consultar sobre moda, madame – disse Freyja. – E não dou preferência a absolutamente ninguém em Bath. Fazer compras com certeza é o passatempo mais odioso que já inventaram para as mulheres. Abomino a ideia e a evito sempre que posso. Se deseja receber bons conselhos a esse respeito deveria conversar com Lady Holt-Barron ou com a filha dela.

– Ah, mas é com a senhorita mesmo que desejo falar – insistiu a marquesa.

Aquilo era interessante, pensou Freyja, enquanto acenava com a cabeça para cumprimentar um casal de idosos que conhecia. E podia apostar que sabia o que estava por vir, embora imaginasse que a marquesa demoraria um pouco até tocar no assunto. Que divertido! Ela precisava ouvir tudo atentamente para poder contar a conversa em detalhes para Morgan, quando escrevesse para a irmã mais tarde.

– Fico lisonjeada, madame – disse Freyja.

– Estou muito grata pela senhorita estar passando um tempo em Bath, Lady Freyja – falou a marquesa. – Pelo que pude observar, não há muitos jovens aqui de posição social suficientemente elevada para fazer companhia a Hallmere.

– Sua gratidão é equivocada – retrucou Freyja. – Não vim a Bath para fazer companhia ao marquês de Hallmere, e sim para visitar a minha amiga, a Srta. Holt-Barron.

A dama deu uma risadinha.

– Hallmere está encantado com a companhia da minha querida Constance – disse ela. – Ele cresceu em Penhallow junto com os

primos, depois da morte trágica dos pais quando ainda era muito menino. Eles se adoravam. Na verdade, era comum que eu e o tio dele esquecêssemos que não eram todos irmãos.

A vizinha fina estava irritando Freyja. Queria que a mulher simplesmente falasse logo o que queria e mostrasse as garras.

– Mas agora a senhora está feliz por lembrar que, na verdade, o marquês e Lady Constance são apenas primos – comentou Freyja.

– É um enlace pelo qual eu e o falecido Hallmere esperamos por quase toda a vida – disse Lady Hallmere com um suspiro pesado. – Teria parecido uma ligação inadequada enquanto meu filho ainda estava vivo, já que o querido Joshua não possuía nenhuma fortuna própria. Mas nosso carinho por ele e o apego dos dois primos era tão grande que não teríamos coragem de recusar nosso consentimento à união deles. Agora, é claro, essas barreiras não existem mais. Eles podem contar com um final feliz para o sentimento que nutrem há tanto tempo.

– Finais felizes para sempre são sempre os melhores finais possíveis – disse Freyja –, principalmente quando houve uma separação desnecessária por anos e então um súbito reencontro. – Ela acenou com a cabeça para mais alguns conhecidos.

– Ah, a separação – falou a marquesa – foi necessária. Constance mal havia completado 18 anos, era jovem demais para o matrimônio, segundo o pai, que tinha suas próprias ideias sobre esses assuntos. E o ardor do jovem Joshua era tamanho que estar perto dela todos os dias se tornou um tormento insuportável. Então ele partiu em busca de fortuna e ficamos de coração partido.

– Que doloroso deve ter sido para todos – murmurou Freyja.

– Sim, foi devastador. Mas não para o coração de Constance. Ela sabia que ele permaneceria fiel. Sabia que não ficaria longe para sempre. E agora a paciência dela e o senso de honra dele serão recompensados, Lady Freyja. Ele se casará com minha filha e

Penhallow continuará a ser a minha casa, e a casa de minhas outras filhas enquanto elas permanecerem solteiras.

– Sinto-me muito honrada por ter me confiado um segredo tão íntimo – disse Freyja.

– Fiz isso – confessou a marquesa com tristeza na voz – porque ontem tive a impressão de que talvez a senhorita estivesse correndo o risco de entregar seu coração a Hallmere. E o rapaz realmente tem uma terrível inclinação a flertar com as damas. Ele é tão bem-apegoado, a senhoria entende, e não pode deixar de perceber os olhares de admiração que ele atrai por onde passa. Mas Joshua tem o coração sincero e está comprometido há anos.

Freyja estava se divertindo imensamente com aquela encenação.

– Agora entendo por que se afastou comigo com aquela desculpa inteligente sobre o corte elegante do meu vestido – disse. – Serei eternamente grata à senhora, madame. Se algum dia me sentir inclinada a ficar de pernas bambas diante da visão da bela figura do marquês de Hallmere ou se sofrer palpitações por causa de um de seus sorrisos encantadores, lembrarei que o coração dele já pertence a outra pessoa há cinco longos anos, enquanto a amada cresce... dos tenros 18 anos à idade mais conveniente, de 23. Lembrarei também que a senhora a trouxe aqui para ele, pois o marquês deveria estar apavorado por ela ainda ser muito jovem para ser arrancada do seio da mãe. É uma história incrivelmente romântica e seu papel de devoção abnegada é mesmo emocionante. Como eu poderia me atrever a me intrometer em um romance tão comovente?

O braço da marquesa ficou rígido sob o de Freyja. A voz dela era um pouco mais dura quando voltou a falar.

– Percebo que está zombando de mim, Lady Freyja.

– É mesmo? – perguntou Freyja. – Que interessante!

– Apenas cumpri meu dever de lhe dar um conselho amigável – disse a marquesa. – Não gostaria de vê-la sofrer.

– Sua gentileza aquece meu coração.

– Eu diria que a partir de certa idade – comentou Lady Hallmere – nos tornamos mais vulneráveis aos desapontamentos. Vamos dizer... 25 anos? Ou 26? Mas eu a aconselharia a não se desesperar, Lady Freyja. Estou certa de que o conde de Willett está empenhado em conquistar a senhorita.

Freyja se viu dividida entre o ultraje e o divertimento. O último venceu. Uma pessoa dificilmente poderia se ofender diante de uma adversária tão desprezível.

– Ah, acredita mesmo, madame? – perguntou. – Que alívio isso seria para os meus piores temores. Na minha idade, devo me sentir imensamente grata por qualquer um, mesmo o limpador de chaminés, ainda sentir vontade de me livrar da condição de solteira. Agora acredito que tenhamos esgotado o propósito desta conversa. – Ela sorriu para Lady Potford e Lady Holt-Barron, que estavam paradas junto às águas medicinais. – Acho que nos entendemos perfeitamente bem, não é mesmo?

– Não acho que tenha me entendido, Lady Freyja – disse a marquesa em uma voz firme. – Não permitirei que se intrometa entre Hallmere e sua futura noiva. Eu me pergunto o que o duque de Bewcastle pensaria se soubesse que a irmã deixou a decência de um grupo de cavalgada para sair galopando sozinha com um cavalheiro, de modo impróprio e escandaloso.

Ah, assim estava melhor! Finalmente as garras haviam sido expostas.

– Imagino, madame – retrucou Freyja –, que meu irmão não diria nada. Mas ele com certeza usaria seu temível monóculo. Só não sei se seria contra mim ou contra a pessoa que tivesse se dado o trabalho de lhe contar tamanha tolice. Pode endereçar qualquer carta que deseje a Lindsey Hall, em Hampshire.

– Fico me perguntando se Hallmere pensou em mencionar à senhorita – falou a marquesa, a vozinha infantil e doce de volta,

enquanto se apoiava pesadamente no braço de Freyja de novo – que ele tem um adorável filhinho bastardo vivendo com a mãe em um vilarejo perto de Penhallow. Ela era a preceptora das meninas até que o infeliz incidente forçou meu marido a dispensá-la. Eles parecem não estar passando necessidade. Acredito que Hallmere ainda os sustente.

Se fosse verdade, aquilo sem dúvida era algo surpreendente e desagradável, Freyja teve que admitir para si mesma. Ela sabia muito bem que os irmãos eram homens lascivos, até mesmo Wulfric, que mantinha a mesma amante em Londres havia anos. Mas sabia também, embora ninguém jamais houvesse dito isso abertamente para que ela escutasse, que uma das principais regras sob as quais eles haviam sido criados era que não deviam fazer nenhuma abordagem amorosa a ninguém que trabalhasse em nenhuma das casas do duque, em suas propriedades ou nos vilarejos ligados a elas. E também não deveriam se impor a nenhuma mulher que não os desejasse. Havia uma forte tradição entre os Bedwyns de que, depois que se casassem, permaneceriam fieis aos cônjuges pelo resto de suas vidas.

– Ora, isso encerra a questão – retrucou Freyja, de forma brusca.
– Renuncio a qualquer reivindicação sobre o marquês, madame, apesar do coração partido. Simplesmente não poderia aprovar que ele desperdiçasse parte de sua fortuna evitando que o filho bastardo e a mãe da criança morram de fome. Lady Constance deve ser uma santa se está preparada para fingir que não se importa com um desperdício desses.

– Não considero esse seu tom de leviandade apropriado a uma dama, Lady Freyja – reclamou a marquesa. – Imaginei que uma dama com sua idade e sua aparência desafortunada tomaria especial cuidado em cultivar uma atitude gentil.

As garras agora estavam dispostas a arrancar sangue, percebeu Freyja com interesse. Naquele momento, qualquer sombra de

fragilidade e doçura havia desaparecido.

– Estou mortificada – disse Freyja – e agora compreendo por que ainda estou solteira aos 25 anos. Arrisco dizer que é por causa do meu nariz. Minha mãe realmente deveria ter pensado duas vezes antes de dar à luz a uma filha do meu pai. O nariz é mais discreto em meus irmãos. Em mim é grotesco e acabou com todas as minhas esperanças matrimoniais. Não vou chorar aqui, madame... não precisa temer que eu chame atenção para a senhora. Vou esperar até estar em meu próprio quarto na casa de Lady Holt-Barron. Trouxe cinco lenços na bagagem. Deve ser suficiente.

Quando Freyja terminou de falar, elas estavam chegando onde o marquês de Hallmere e Lady Constance Moore se encontravam. A marquesa sorriu docemente; Freyja mostrou os dentes em seu sorriso felino; Lady Constance olhou-os com uma expressão indecifrável, e o marquês ergueu as sobrancelhas.

– Lady Freyja e eu tivemos uma deliciosa conversa – comentou a marquesa. – Concordamos que vocês dois ficam um encanto juntos. Acredito que aproveitaram o passeio?

– Aproveitamos, tia – assegurou o marquês.

– E agora – continuou ela – você pode nos acompanhar de volta ao hotel para o café da manhã, Joshua. Vai comparecer ao baile desta noite nos Upper Rooms, Lady Freyja? Joshua insistiu em ser o par de Constance na primeira dança.

– Enquanto eu – disse Freyja com um suspiro – ainda estou torcendo ansiosamente para não ficar esquecida em um canto.

Um sorriso cintilou nos olhos do marquês.

– Vou chamar a minha avó, que está perto das águas com Lady Holt-Barron. Pode me acompanhar até lá, Lady Freyja? – disse ele, oferecendo o braço a ela. – Ora, coração – disse Hallmere, quando os dois já não podiam mais ser ouvidos pela marquesa. – Deixe-me adivinhar. Minha tia a estava avisando para sair do caminho dela.

– Esteja eu inclinada a ocupá-lo ou não – concordou Freyja. – E não sou seu coração.

– Você demonstrou uma admirável paciência – elogiou ele. – Estava esperando que, a qualquer momento, fosse esbofetear a minha tia.

– Eu jamais bati em uma dama – disse Freyja. – Seria pouco ético da minha parte. Minha língua é uma arma muito mais pderosa com as mulheres.

Hallmere jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada – o que chamou uma considerável atenção das pessoas que esperavam uma nova confusão entre os dois, como aquela que havia acontecido ali mesmo, há algumas manhãs.

– Imagino – arriscou ele – que você tenha acabado com o inimigo de forma magistral e o jogado para fora do campo de batalha, humilhado. É uma conquista e tanto quando o adversário é a marquesa. Dançará comigo esta noite? Reservei a segunda dança para você.

– Que terrível rebaixamento! – disse ela com um ar presunçoso. – Apenas a *segunda* dança?

– Lembre-se de que eu insisti para ser parceiro da minha prima na primeira dança. Na verdade, implorei e me humilhei, mas meu orgulho não me deixa admitir isso prontamente.

– E também vai implorar e se humilhar pela segunda dança? – perguntou Freyja.

– Eu me ajoelharei aqui e agora se assim desejar – retrucou ele com um sorriso.

– Não me provoque – disse ela. – Essas pessoas poderiam interpretar mal o gesto e sua tia teria um ataque de nervos. A segunda dança será sua. Ao menos isso diminuirá minha humilhação por ficar esquecida em um canto caso ninguém se ofereça para ser meu par na primeira dança. Acabo de ser informada de que uma

dama com minha idade e minha aparência deveria ter o cuidado de cultivar uma atitude doce.

– Não! – Hallmere sorriu para ela. – Eu pagaria uma soma razoável para ter ouvido a sua resposta.

Eles chegaram até onde estavam a avó dele e Lady Holt-Barron. O marquês fez uma cortesia, deu o braço à avó e partiu.

– Que gentil da parte da marquesa de Hallmere querer caminhar com você, Lady Freyja – comentou Lady Holt-Barron. – Ela é uma dama de natureza tão gentil, não é mesmo? Que pena ela ter uma saúde tão frágil. Acho que ainda sofre com a morte do marido, coitada.



Embora houvesse sido lembrada de sua idade avançada e de sua aparência nada bela, Freyja se sentia muito mais animada quando voltou para casa do que estivera quando saíra para o Pump Room, mais cedo.

Mas o bom humor não durou. Havia uma carta de Morgan esperando por ela, apoiada em uma xícara, na sala onde tomavam o café da manhã. Como Lady Holt-Barron também tinha recebido várias cartas e Charlotte tinha uma gorda correspondência do noivo para ler, Freyja quebrou o selo do envelope e leu a mensagem de Morgan.

Havia a descrição longa e espirituosa de uma reunião social nos salões recreativos do vilarejo, à qual Morgan fora autorizada a comparecer na companhia de Alleyne, já que agora tinha 18 anos e seria apresentada oficialmente à sociedade na primavera seguinte. Havia também uma discussão extensa sobre um livro de poesia do Sr. Wordsworth e do Sr. Coleridge que ela estivera lendo. Espremido entre esses dois assuntos havia um parágrafo breve e conciso.

“Ontem à tarde um mensageiro de Alvesley trouxe um bilhete de Kit”, escrevera Morgan. “Wulf leu para nós na hora do chá. A viscondessa Ravensberg deu à luz um menino na manhã de ontem. Mãe e filho passam bem.”

Nada mais. Sem detalhes. Nenhuma descrição do entusiasmo que Kit expressara no bilhete. Nenhuma menção a qualquer comentário que Wulfric ou Alleyne haviam feito sobre a notícia. Nenhuma descrição de como Morgan, que sempre idolatrara Kit, se sentia. Ele fora gentil com a irmã caçula de Freyja quando ela era criança e tinha dupla desvantagem de ser muito mais nova do que todo o resto dos seus companheiros de brincadeira e de ser a única menina além de Freyja.

– Más notícias, Freyja? – perguntou Charlotte de repente, preocupada.

– O quê? – Freyja olhou para a amiga sem entender. – Ah, não, não. Estão todos muito bem em casa. Como está seu Frederick?

Um filho.

Agora Kit tinha um filho. Com a bela e insossa Lauren Edgeworth. Ao que parecia, a viscondessa era tão perfeita que lhe dera um filho homem com apenas um ano de casados. E assim Alvesley e o condado de Redfield teriam seus herdeiros pelas próximas duas gerações.

Freyja colocou um sorriso no rosto e tentou prestar atenção às passagens que Charlotte lia da carta que recebera.

Graças aos céus que não estava em Lindsey Hall naquele momento. Alleyne e Morgan estariam evitando o assunto perto dela, mas a vizinhança estaria animada com as boas-novas. Freyja teria se sentido obrigada a fazer uma visita a Alvesley com a família, e as duas famílias envolvidas ficariam profundamente embaraçadas. O fato de que *ela* quase fora a viscondessa Ravensberg, primeiro como noiva de Jerome e depois por causa de Kit, teria pairado como um grito sobre cada silêncio entre as conversas. Por consequência,

todos ficariam falando sem parar, animadamente, sobre qualquer assunto aleatório que lhes viesse à mente.

Freyja teria que sorrir com simpatia para a viscondessa. Teria que parabenizar kit. E teria que olhar para o bebê cheia de admiração.

Graças a Deus estava em Bath.

Freyja pediu licença para não acompanhar as outras duas damas às compras, explicando que precisava escrever algumas cartas. Mas, em vez disso, fez o que raramente fazia: jogou-se de bruços na cama e se entregou à autopiedade.

Odiava o que acontecera – e o que *não* acontecera – na vida dela. Quem teria sonhado que tudo terminaria daquele jeito? Solteira, sem pretendentes e com o coração vazio.

Freyja cerrou os dentes e pressionou os punhos contra o colchão.

Se o conde de Willett aparecesse na porta da casa de Lady Holt-Barron naquele exato momento para pedi-la em casamento, pensou, provavelmente voaria para os braços dele, com lágrimas de gratidão escorrendo pelo rosto.

A mera ideia formou uma imagem lúgubre na mente dela.

Por favor, Deus, não deixe que o conde faça nada tão estúpido.

Seria muito melhor ir ao baile daquela noite e flertar descaradamente com o marquês de Hallmere. Ele era um oponente de muito mais valor e era menos provável que um encontro entre os dois gerasse consequências terríveis e duradouras. E valeria a pena mesmo que só para ver a marquesa com fumaça saindo pelas ventas.

Freyja virou de costas e olhou para o baldaquino de seda sobre a cama, lembrando-se da cena no parque, quando dera um soco no nariz do marquês e o atacara verbalmente. Ela também se lembrou da cena da manhã seguinte, no Pump Room, quando ele conseguira uma vingança diabólica. Logo depois, houvera o jantar na casa da avó dele e a disputa verbal entre os dois. Freyja se pegou, então, pensando na corrida a cavalo que vencera honestamente e no beijo

que se seguiu. E, por fim, se lembrou do primeiro encontro deles, na estalagem, o primeiro riso, a primeira risada alta.

Sentia-se terrivelmente humilhada por ter ficado presa ao que sentia por Kit durante três longos anos depois do breve verão de paixão entre os dois, e por não conseguir se livrar do que sentira quando ele a dispensara e se casara com Lauren Edgeworth. E como era terrível que a família inteira estivesse tão ciente dos sentimentos dela que Morgan havia se sentido obrigada a dar a notícia à irmã em um parágrafo tão breve que se ela houvesse piscado não teria lido.

Apesar desse incômodo, decidiu sair para uma longa e enérgica caminhada. E naquela noite dançaria até cansar.

Com ou sem autopiedade seria muito agradável.



Joshua apreciara os poucos minutos que passara sozinho com Constance no Pump Room. A prima nunca fora uma moça particularmente vivaz ou bela. Nunca lhe ocorrera achá-la atraente. Mas Constance era sensata e tinha um bom coração. Ele sentia muito carinho por ela quando eram crianças e sentia vontade de retomar o relacionamento entre os dois. Eram primos. Os pais deles eram irmãos.

Constance respondera a todas as perguntas dele sobre suas irmãs. Chastity, sempre mais bonita e animada do que a irmã mais velha, agora estava com 20 anos, mas não tinha nenhum relacionamento romântico. Prudence, ou Prue, tinha 18 anos. Estava bem, muito bem. Prue havia desabrochado com a Srta. Palmer como preceptora e fizera bons amigos no vilarejo. Estava feliz. Mas quando Prue não estava feliz? Ninguém conseguiria ter uma natureza tão solar.

Constance parecera relutante em falar sobre si mesma até Joshua decidir ser franco e abordar o assunto dos planos da mãe dela. Foi então que a moça admitiu ter um pretendente – um rapaz que não era nada adequado ao que se esperava para ela e a quem a mãe de Constance demitiria se pudesse.

– Demitiria? – perguntara Joshua. – Um dos *criados*, Constance?

– O Sr. Saunders. – Ela ficara ruborizada.

Jim Saunders era o capataz que Joshua entrevistara em Londres, contratara e mandara para Penhallow... o único empregado que a marquesa realmente não podia demitir.

– Ele é um cavalheiro – comentara Joshua.

– E eu sou filha de uma marquesa – retrucara a moça com amargura. – Mas o amo tanto... Não me casarei com você, Joshua, mesmo que jamais possa me casar com ele. Não precisa temer que eu me junte à mamãe em seus esforços para persuadi-lo. E, mesmo que ela conseguisse convencê-lo a me pedir em casamento, eu recusaria.

– Não pedirei – dissera ele. – Você é minha prima e tenho imenso carinho por você. Mas não é a noiva que eu escolheria.

– Obrigada – respondera ela, então os dois se olharam e riram. Constance parecera muito mais bonita naquele momento.

Mas ela contou uma história diferente quando Joshua a levou para a pista de dança nos Upper Rooms naquela noite. Constance estava claramente agitada, embora não tivesse dito nada até os dois não poderem ser ouvidos pela marquesa.

Havia uma multidão no salão, e muitos dos presentes eram idosos. No entanto, James King, o mestre de cerimônias, fizera seu trabalho de forma espetacular, levando para a pista de dança quase todos o que não estavam confinados a uma cadeira de rodas. A tia de Joshua não estava dançando, é claro, afinal ainda usava roupas de luto. Mas Lady Freyja Bedwyn dançava. Ela parecia magnífica em um vestido cor de marfim com uma túnica dourada por cima. Os

cabelos estavam presos no alto da cabeça em um penteado elaborado e enfeitados com pentes de ouro e pedras preciosas.

Estava claro que alguma coisa acontecera para abalar tanto o comportamento de Constance.

– Joshua – disse ela com urgência na voz, em um dos poucos instantes que eles tiveram antes que a orquestra começasse a tocar –, você precisa estar alerta.

– O que houve? – perguntou ele, inclinando a cabeça na direção dela.

– Mamãe está determinada.

Joshua sorriu.

– Vamos frustrar a determinação dela – disse. – Não tema. Vou embora de Bath amanhã de manhã.

A orquestra, acomodada sobre um tablado, começou a tocar antes que qualquer um dos dois pudesse dizer mais alguma coisa. Os passos vigorosos e intrincados da dança, que os mantinha girando com o casal que estava mais próximo, impediu que a conversa continuasse.

– Amanhã talvez seja tarde demais – disse ela, arfando, quando conseguiu.

– Sorria – pediu Joshua, também abrindo um sorriso. – Sua mãe está nos observando.

Constance sorriu. Eles e os outros pares bateram as palmas das mãos, formando um túnel. O casal que estava no fim da fila passou por baixo, e logo os próximos os seguiram. Era impossível continuar a conversa daquele jeito.

– Ela vai arrumar um modo de você ser meu par em quase todas as danças – disse Constance, quando os dois se juntaram novamente por um momento, a voz ofegante por causa dos passos rápidos. – E vai mencionar nossa ligação a todos ao redor. Mamãe tem esperanças até de anunciar nosso noivado hoje.

– Que absurdo! – revoltou-se Joshua. – Ela não pode nos forçar a ficarmos noivos, Constance.

Ela se afastou, enroscando o braço no de outro cavalheiro próximo a Joshua.

Ele, por sua vez, deu o mais encantador sorriso ao homem e girou-a firmemente de volta. Pareceu demorar uma eternidade até que eles tivessem mais um breve momento de privacidade para trocar mais algumas palavras.

– Ah, sim, ela pode – falou Constance com amargura, como se os dois não houvessem sido interrompidos. – É a *mamãe*, Joshua. Ela mencionou que tenho um dever para com ela, com Chastity e principalmente com Prue. E falou que você disse que se casaria comigo se eu consentisse. Você disse mesmo isso?

– Maldição, Constance. É claro que não.

Eles assumiram seus lugares nas respectivas filas e bateram com as palmas das mãos um no outro novamente, enquanto outro casal – Willett e Lady Freyja – passou girando pelo túnel formado.

A tia havia deturpado as palavras dele na conversa que tiveram no White Hart. Ela acreditava que o faria se dobrar à vontade dela se conseguisse convencer Constance. E a pobre moça era filha dela e tinha que conviver com a marquesa diariamente. Como cobrar dela que opusesse resistência se até para ele era difícil?

Ele tinha vontade de arrancar o pescoço da tia. Isso resolveria a questão de uma vez por todas.

Esperança de que o noivado fosse anunciado naquela noite... Pelo amor de Deus!

– Joshua – disse Constance quando eles voltaram a se aproximar. – Por favor, faça alguma coisa. Seja firme. Estou morrendo de medo de eu mesma não conseguir ser. E se ela conseguir nos fazer dançar juntos a noite toda, me induzir a admitir publicamente o carinho que tenho por você ou algo semelhante, você se sentirá obrigado por uma questão de honra... Ah, eu morreria.

Ele fez uma careta.

– Pensarei em alguma coisa – prometeu. – Ao menos a próxima dança já está prometida a outra pessoa.

– Graças a Deus! – disse Constance, aliviada.

Deveria fugir enquanto ainda tinha oportunidade, pensou Joshua. A tia dificilmente poderia forçá-lo a comprometer-se com Constance se ele não estivesse presente. Era muito tentador, tinha que admitir... Mas primeiro precisava dançar com Lady Freyja Bedwyn.

– A próxima dança será uma valsa – informou a marquesa, quando ele acompanhou Constance até onde ela estava. A marquesa sorriu para os dois e falou em um tom de voz alto o bastante para ser ouvida por todos os que estavam em volta. – Constance conhece os passos, Joshua, e estou certa de que você também deve conhecer. Dancem juntos, afinal está claro que é isso que desejam fazer. Vocês formam um casal muito bonito e, sob as felizes circunstâncias de nosso recente reencontro, ninguém fará objeção a Joshua ser seu par por duas danças seguidas, Constance.

Santo Deus, pensou Joshua. A prima não exagerara.

– Peço perdão, Constance, tia – disse ele, inclinando-se em uma cortesia para as duas –, mas já pedi a próxima dança à Lady Freyja.

Uma valsa. Interessante. Ele olhou ao redor em busca de sua parceira. Lady Freyja estava muito atraente aquela noite. Parecia quase régia, na verdade, ou pelo menos a perfeita filha de um duque. Estava parada ao lado da Srta. Holt-Barron, o queixo erguido, abanando-se lentamente com um leque.

– É muita gentileza de sua parte, Joshua – comentou a tia, com um toque de irritação na voz. Depois falou baixo, em um murmúrio teatral. – Ela é realmente muito feia.

Momentos depois, Joshua inclinava-se diante de Lady Freyja e a levava até a pista de dança, onde outros casais também estavam reunidos.

– Fiquei encantado ao ver que você não ficou esquecida em um canto na primeira dança.

– Eu também – retrucou ela. – Sem dúvida teria voltado para casa e dado um tiro na cabeça.

Ele riu e pousou a mão na cintura dela, enquanto ela encostava a mão no ombro de Joshua. Ele, então, pegou a outra mão dela. A não ser quando estavam próximos, Joshua sempre esquecia como ela era pequena. E também que tinha um corpo tão bonito.

– Que esperteza a minha ter escolhido uma valsa, não é, coração?

– Espero que saiba dançar. Não tem ideia do perigo que as damas correm nessa dança em particular, quando seus sapatos delicados estão tão próximos dos sapatos de dança masculinos. E não sou seu coração.

A orquestra começou a tocar e, por algum tempo, Joshua se esqueceu de tudo, concentrado no simples prazer de seguir com ela os passos alegres da valsa. Ele lamentaria não vê-la novamente depois daquela noite, não ter mais nenhum embate verbal com ela, não beijá-la.

Lady Freyja ergueu os olhos para ele e arqueou as sobrancelhas.

– Nenhum dedo esmagado ainda – disse.

– Se eu fizer algo tão desajeitado e descuidado – retrucou ele –, permito que use seu punho em meu rosto sem nem sequer tentar me defender.

Ela riu.

– Como está caminhando a corte à sua prima? – perguntou Freyja. – Sua tia parece muito satisfeita consigo mesma esta noite.

Ele fez uma careta.

– Minha tia está planejando uma armadilha para me obrigar a casar – contou ele. – De acordo com Constance, que está tão pouco disposta ao enlace quanto eu, minha tia está determinada a nos fazer dançar tantas vezes que, em nome da decência, seremos

obrigados a anunciar nosso noivado. Talvez seja interessante acrescentar que a vontade dela quase nunca é contrariada.

– Bobagem! – declarou Lady Freyja. – Quando falei com ela essa manhã, ficou claro para mim que a marquesa não é uma adversária importante.

– Talvez, então, o melhor seria deixá-la por sua conta, coração – brincou ele. – Acho que não estaria disposta a forjar um noivado comigo por apenas um ou dois dias, estaria? – sugeriu ele, sorrindo.

Lady Freyja o encarou com uma expressão enigmática no rosto. Ela ergueu as sobrancelhas com altivez e ele esperou ser chicoteado pela língua ferina dela.

– Na verdade – disse Lady Freyja –, seria muito divertido, não acha?

Eles ainda estavam valsando, descobriu Joshua com certa surpresa.

CAPÍTULO VIII



Ele estava louco.

Ela estava louca.

Os dois sorriram um para o outro como um par de idiotas.

Era uma sugestão louca, absurda. Com certeza o marquês não poderia estar falando sério. Mas a chance de se vingar dos insultos que a marquesa lhe fizera de manhã no Pump Room foi irresistível para Freyja. Além do mais, ela passara o dia todo deprimida por causa daquela carta infernal – ou melhor, por causa daquele único parágrafo infernal na carta. Porém, no fundo, a ideia parecia mesmo divertida.

Um noivado de mentira! Exatamente o que ela suspeitava que Kit fizera no ano anterior, uma parte da mente pareceu lhe dizer. Freyja afastou o pensamento com determinação. Estava cansada de pensar em Kit Butler.

Freyja sempre fora impulsiva. Todas as preceptoras que ela atormentara tentaram lhe explicar que, se ela aprendesse a pensar antes de agir, em vez de se jogar impulsivamente em cada plano que sua imaginação vívida criasse, com certeza se meteria em menos confusões.

Mas Freyja gostava muito de confusões.

E se descobriu súbita e irracionalmente feliz por mais inapropriado que fosse.

– Ótimo, então – disse ela ao marquês. – Vamos fazer isso. Esta noite. Agora. Podemos romper o noivado amanhã. Aliás, é isso que as pessoas esperam de nós, de qualquer modo.

Ela sempre adorara valsar, os passos enérgicos, a dança levemente audaciosa. E aproveitava aquela valsa em particular, até que foi forçada a abandoná-la antes que terminasse. O marquês esperou até que estivessem próximos da porta que levava ao salão de chá, então valsou com ela pela porta antes de soltá-la, segurá-la pelo cotovelo e sair em busca do mestre de cerimônias.

O Sr. King estava no salão de chá, circulando entre as mesas, conversando com os ocupantes. Ele sorriu animado, esfregando as mãos.

– Milorde – disse. – Estou encantado em ter convidados tão ilustres aqui! O senhor, Lady Freyja, além da marquesa, sua tia e da filha dela, é claro. Uma mesa para dois, milorde?

– Não, obrigado – respondeu o marquês, sorrindo amavelmente. – Talvez pudesse fazer um anúncio a todos os presentes no fim da valsa, King. Gostaria de compartilhar a minha alegria com todos os meus amigos e conhecidos em Bath. Lady Freyja Bedwyn acaba de me fazer o mais feliz dos homens ao aceitar meu pedido de casamento.

Por alguns instantes, o Sr. King ficou quase sem fala de tão encantado. Mas não demorou muito para se recuperar e projetar o peito para a frente, orgulhoso.

– Terei enorme prazer em fazer isso, milorde – declarou, pegando a mão do marquês entre as suas e apertando-as. Então fez uma cortesia respeitosa a Freyja. – Milady. Não sabem quanto me sinto feliz e honrado.

O marquês e Freyja se afastaram enquanto o Sr. King pedia a atenção de todos no salão de chá, para informar que deveriam

seguir para o salão de baile assim que a música terminasse, porque ele faria um anúncio que deixaria todos felizes.

– Você acaba de me salvar de uma situação muito difícil, coração – murmurou o marquês enquanto conduzia Freyja de volta ao salão de baile. – Talvez eu possa retribuir o favor algum dia.

– Pode ter certeza de que cobrarei! – disse ela. – Embora acredite que só a expressão no rosto de sua tia já será recompensa o bastante por enquanto. Na verdade, eu não perderia isso por nada.

A valsa estava terminando. O marquês ofereceu o braço à Freyja e a levou até onde Lady Holt-Barron estava sentada. Ele fez uma cortesia respeitosa antes de voltar ao próprio grupo, mas seus olhos brilhavam, travessos.

Freyja usou o leque para abanar o rosto afogueado e colocou na expressão a altivez de sempre. O que diabos acabara de fazer? Wulf a congelaria com o olhar quando ouvisse aquilo. A que *horas* no dia seguinte eles poderiam terminar com aquela brincadeira?

Mas Freyja não podia negar que seu coração dançava de contentamento. Era exatamente daquilo que precisava para se recuperar da melancolia.

As pessoas estavam se reunindo no salão de baile, vindas do salão de chá e do salão de jogos. Havia um burburinho de crescente interesse e logo todo o salão estava agitado. A alta sociedade de Bath adorava novidades e fofocas – como a alta sociedade de qualquer lugar. Mas era raro que algo realmente novo acontecesse para animar seus espíritos e dar mais assunto às suas conversas. O Sr. King não precisaria bater palmas para pedir atenção quando subiu na plataforma da orquestra, embora tenha feito isso de qualquer modo.

Freyja viu que a marquesa de Hallmere, que parecia muito frágil em seu vestido negro, sorria satisfeita enquanto apoiava um dos

braços na manga do casaco do marquês e o outro no braço de Lady Constance. Ela claramente achava que tinha a noite nas mãos.

Lady Constance parecia tensa e infeliz. O marquês estava impassível. Ao encontrar o olhar de Freyja, do outro lado da sala, ele deu sua típica piscadela, lenta e sedutora.

– Fui honrado com o privilégio de fazer um anúncio muito importante – declarou o Sr. King à audiência, que o escutava atentamente. – Trata-se do noivado entre dois dos nossos mais ilustres membros, não apenas da sociedade de Bath, mas de toda a sociedade elegante da Inglaterra. É um enlace fascinante por todos os padrões.

Freyja abanou-se um pouco mais rápido. A marquesa voltou a atenção para a filha, pois obviamente decidira que o anúncio não interessaria àquela jovem petulante.

– O marquês de Hallmere me pediu – continuou o Sr. King, sorrindo para Hallmere com orgulho e prazer – que anunciasse seu noivado com Lady Freyja Bedwyn, que, como todos sabem, é irmã do duque de Bewcastle.

A marquesa se sobressaltou e ergueu os olhos arregalados para o sobrinho. Lady Constance também encarou o primo, os olhos brilhando de felicidade.

Por sua vez, Freyja se deu conta do burburinho ao seu redor e das exclamações de surpresa e prazer de Lady Holt-Barron e de Charlotte. Viu o marquês de Hallmere atravessar o salão na direção dela, o sorriso charmoso e um dos braços esticados. Freyja se adiantou alguns passos e o encontrou em uma parte vazia da pista de dança. O marquês pegou a mão dela, inclinou-se em uma cortesia elegante e levou aos lábios à mão que segurava.

Os presentes suspiraram de prazer e aplaudiram com entusiasmo.

Era tudo terrivelmente teatral.

E alarmantemente real.

Freyja lutou contra a vontade de revelar seus sentimentos, jogando a cabeça para trás e deixando escapar uma gargalhada. Em vez disso, apenas sorriu.

Ainda segurando a mão dela, o marquês levantou a cabeça e a encarou sorrindo.

– Agora estamos em uma bela enrascada, coração – murmurou.

Essas foram as últimas palavras que trocaram em particular por algum tempo. Várias pessoas – na verdade, quase todos os presentes – quiseram desejar felicidades ao casal. Algumas alegaram ter previsto aquele desenlace logo depois da confusão no Pump Room. Lady Holt-Barron enxugava as lágrimas com o lenço e sorria ao mesmo tempo. Charlotte abraçou Freyja com força e sussurrou que nunca se sentira mais feliz na vida, a não ser quando o próprio noivado fora anunciado. O conde de Willett parecia triste e abatido. Lady Potford beijou Freyja no rosto, virou-se para o neto e bateu com o leque no braço dele, acusando-o de ser um patife por ter escondido dela um segredo tão maravilhoso. A Sra. Lumbard adulou-os, lembrando a eles e a todos que pudessem ouvir que seriam vizinhos quando o marquês e a nova marquesa fossem viver em Penhallow.

O Sr. King bateu palmas depois de uns bons dez minutos de algazarra e congratulações e anunciou que o programa da noite fora levemente modificado para incluir uma valsa curta, a ser dançada pelos noivos recentes. Todos ficaram para assistir antes de voltarem para o salão de jogos e para o salão de chá.

Foi tudo um grande absurdo... e vergonhosamente hilariante.

– Haverá uma comoção ainda maior amanhã – comentou Freyja, quando a valsa especial dos dois se encaminhava para o fim – quando rompermos o noivado.

– Ah, amanhã, não, coração – disse o marquês. – Se não for problema para você, permaneceremos noivos até minha tia voltar

para casa. Acredito que ela não ficará por aqui mais do que um ou dois dias, agora que sua vontade foi contrariada.

– Então, no momento em que ela partir, anunciaremos o fim do noivado – concordou Freyja.

Na verdade, ela não se incomodaria de prolongar aquela farsa divertida por mais um ou dois dias.

– Não há *nós*, nesse caso – falou o marquês. – *Você* romperá o noivado. Um cavalheiro jamais faria isso.

– Que maravilha! – exclamou Freyja, sarcástica. – Seria bem feito para você se eu me recusasse a fazer isso e você fosse forçado a se casar comigo.

– Melhor você do que Constance, meu anjo – retrucou ele.

– Vou deixar que a lembrança dessas palavras de ardente devoção do meu noivo embalem meu sono esta noite – ironizou ela.

Joshua riu. Então percebeu os aplausos dos espectadores e deu um sorriso mais apropriado.

– Que tal descobrirmos o que a minha tia tem a dizer? – sugeriu ele.

– Ótima ideia – respondeu ela, pousando a mão sobre o braço que ele lhe ofereceu.

Freyja percebera que a marquesa fora uma das poucas pessoas no salão que não haviam ido cumprimentá-los antes da valsa.

A dama já se recuperara do terrível choque. Estava com a mesma aparência frágil e doce, mas parecia ter metade da altura normal; uma atuação impressionante. A marquesa estendeu as duas mãos para Freyja quando o casal se aproximou, apertou-as com uma força desnecessária – Freyja revidou apertando as da mulher com mais força ainda –, beijou o ar primeiro no lado esquerdo do rosto de Freyja, depois no direito, e sorriu afetuosamente.

– Que surpresa fantástica, Lady Freyja – disse em um tom um pouco alto, para que os que estavam ao redor a escutassem. – Não consigo pensar em ninguém que eu receberia com mais alegria no

seio de minha família. Sempre pensei no querido Joshua como um filho, você sabe. – Os olhos dela eram como dardos cravados em Freyja.

– Obrigada, madame. Eu sabia que ficaria feliz por nós.

– E meu querido Joshua. – A marquesa transferiu a atenção e as mãos para o sobrinho. – Que surpresa e que travessura! Não confiou seu segredo nem à sua avó nem à sua tia?

– Só consegui reunir coragem para pedir Lady Freyja em casamento durante a valsa, tia – retrucou ele. – E ela aceitou. Ficamos tão felizes que quisemos que todos compartilhassem nossa felicidade sem mais demora. Achei que vovó e a senhora iriam apreciar essa feliz surpresa.

O sorriso da marquesa não se abalou.

– É claro, querido – disse ela.

O Sr. Darwin fez uma cortesia para Freyja e pediu para ser seu par nas próximas quadrilhas. Foi então que ela se deu conta de que o baile só tivera as duas primeiras danças. Ainda haveria muita noite pela frente. Ela sorriu ao pousar a mão no braço dele, lembrando-se da promessa que fizera a si mesma de se alegrar flertando com o marquês de Hallmere naquela noite.

Ora, fizera bem melhor do que flertar. Aceitara um noivado de mentira com ele. Só pelo prazer da diversão.

Surpresa, Freyja percebeu que estava ansiando pelos próximos dias com muito mais animação do que sentia em muito tempo. Pelo menos afastaria da mente Alvesley, o filho recém-nascido de Kit e o lamentável estado da própria vida.



Na manhã seguinte, Joshua caminhou até a casa de Lady Holt-Barron, em The Circus. Evitara o Pump Room, principalmente depois

de a avó declarar sua intenção de permanecer em casa após ter ido dormir tarde na noite anterior. Mas Joshua não conseguiu deixar de pensar no que o manteve acordado durante a maior parte da madrugada, em um momento rindo e no outro suando frio.

A tia se convidara e a Constance para o café da manhã e concordara entusiasmada com os planos da avó de oferecer uma festa de noivado em Great Pulteney Street dali a uma semana.

– Nem consigo lhe dizer quanto estou encantada, Joshua – dissera a tia –, por você finalmente ter decidido sossegar. Embora eu acredite que você vá querer levar sua noiva para viajar pela Europa por um ano ou dois depois das núpcias, agora que as guerras terminaram.

– Achei que Lady Freyja era a mulher certa para você desde o primeiro momento – dissera a avó, com ar de riso. – Bem, desde quase o primeiro momento. Você nunca achará a vida entediante quando estiver ao lado dela, Joshua.

Naquela manhã, Constance conseguira dar um jeito de falar em particular com ele.

– Obrigada, Joshua – dissera ela. – Com que rapidez você pensou e agiu! Mas espero que não tenha pedido Lady Freyja em casamento apenas para contrariar mamãe. Não seria justo, não é mesmo? Não acho Lady Freyja feia. Acho que é distinta e tem boa aparência. Mas, ainda assim, ela deve ter sentimentos que poderiam ser magoados.

– Lady Freyja e eu nos entendemos perfeitamente bem – assegurara Joshua. – Ambos nos divertimos com uma boa travessura.

– Ah – deduzira a moça. – Então não é um noivado de verdade. Desconfiei disso. Mas lamento um pouco. Não posso deixar de concordar com a sua avó. Acho que ela é perfeita para você.

Então a tia estava planejando ficar em Bath por pelo menos mais uma semana, pensou Joshua, aborrecido, enquanto subia a Gay

Street. Não esperara que ela ficasse tanto tempo. Assim como não esperara que a avó insistisse em dar uma grande festa. Talvez a farsa do noivado ainda acabasse se tornando um terrível embaraço... embora um tanto divertida, admitiu.

Joshua bateu na porta da casa em The Circus, foi recebido por uma governanta de sorriso afetado que claramente já soubera da novidade – alguém em Bath *não* soubera? – e levado imediatamente para a sala de estar, onde as damas estavam reunidas, mãe e filha parecendo ter acabado de voltar da rua.

Lady Holt-Barron sorriu para ele e a filha também. Lady Freyja parecia desconfiada.

– Vim convidar Lady Freyja para caminhar comigo – disse ele depois que as primeiras amabilidades foram trocadas.

Ela dobrou a carta que parecia estar escrevendo diante da escrivaninha e se levantou.

– Preciso mesmo de um pouco de ar fresco.

– E hoje, Lady Freyja – disse a anfitriã com um largo sorriso –, não precisa de acompanhante, já que estará caminhando com seu noivo.

Poucos minutos depois, eles desciam a rua sem se tocar, já que Freyja se recusara a dar o braço a ele.

– Estava escrevendo para a sua família? – perguntou ele. – Contando a grande novidade?

– Não estava fazendo nada disso – retrucou ela. – Estava escrevendo para a minha irmã, como faço quase todos os dias. Estava descrevendo o baile para ela... ou melhor, parte do baile.

– Com certeza omitiu o insignificante detalhe de seu noivado ter sido anunciado na ocasião – comentou ele, sorrindo.

– Isso mesmo. Eles não precisam saber. Em um ou dois dias estaremos livres para colocar um fim nessa tolice. Sua tia deixará Bath e então anunciarei o fim do noivado. Você poderá partir e eu irei para casa logo depois também, assim nada mais precisará ser

dito sobre o assunto. – Freyja parecia mal-humorada naquela manhã.

– Realmente acredita que será assim tão simples, coração? – perguntou Joshua.

Eles chegaram à base da colina e seguiram em direção à abadia e ao rio logo depois. O sol brilhava, embora soprasse uma brisa fresca.

– É claro que sim – disse ela bruscamente, em um tom seguro.

– Neste momento, minha avó está planejando uma grande festa de noivado para a próxima semana – avisou ele.

Ela fez uma careta.

– Então devemos partir antes disso – falou Lady Freyja.

– Não seria justo – disse Joshua, tocando a aba do chapéu em cumprimento a um casal que passava. – Todos os convites estão sendo mandados hoje.

– Maldição...

Ele riu alto. Nunca ouvira uma dama falar uma palavra daquelas. E se perguntou se ela teria outras pérolas semelhantes no vocabulário. Acreditava que sim.

– E minha tia decidiu ficar para a festa – acrescentou ele.

Lady Freyja parou de andar e o olhou com ar de reprovação, como se ele fosse o culpado... e, até certo ponto, era mesmo.

– Maldição duas vezes! Você parece estar se divertindo imensamente com isso – rosnou ela.

– Não posso deixar de lembrar – retrucou ele quando voltaram a caminhar – que as coisas estavam estranhas na noite passada e que minha tia poderia facilmente ter montado uma armadilha para me forçar a anunciar meu noivado com Constance. Eu prefiro você.

– Estou emocionada.

– Porque você pode ser dispensada depois de uma ou duas semanas – completou Joshua.

– Como um casaco velho.

– A menos que escolha me prender à promessa, é claro, e me fazer casar com você.

– Que Deus não permita! – disse ela, exasperada.

– Fingir ser minha noiva e estar romanticamente envolvida comigo por uma semana será uma maldição tão terrível assim para você? – perguntou ele. – Tudo terminará com uma grande festa, depois recuperará sua liberdade e sua sanidade mental. Na noite passada você achou que seria divertido.

– Na noite passada eu não estava pensando direito – retrucou Lady Freyja. Ela o encarou quando alcançaram o rio, e seguiram em um acordo silencioso na direção de Pulteney Bridge. – No entanto, a vida em Bath é terrivelmente tediosa em circunstâncias normais.

– É verdade. Vamos concordar, então, em aproveitar as circunstâncias anormais e mais empolgantes que a próxima semana promete?

Freyja deu um sorriso hesitante, com o mesmo brilho temerário nos olhos que na noite anterior, quando Joshua perguntara se ela forjaria um noivado com ele.

– Já que a semana terá que ser suportada de qualquer modo – disse ela –, acho que podemos muito bem aproveitá-la. Aonde estamos indo?

– Sydney Gardens? – sugeriu Joshua. – É um pouco longe, mas pelo que me lembro não é uma caminhada árdua demais para você. Talvez eu acabe encontrando outra criada apavorada com um esquilo e impressione minha noiva salvando a moça.

– Não, Sydney Gardens, não – disse ela. – Beechen Cliff. Ouvi dizer que é uma subida bastante íngreme, mas que a vista do topo é absolutamente espetacular. Gostaria de ir até lá.

– Ótimo – disse ele.

Circular em público com Lady Freyja Bedwyn durante a próxima semana não seria entediante. Joshua tivera a intenção de deixar Bath na manhã seguinte, mas não estava de todo aborrecido por ter

uma desculpa para passar mais tempo na companhia dela. Achava Lady Freyja divertida... e cada vez mais atraente.



Freyja não deixaria barato. Ela prestara um enorme favor ao marquês e exigiu o pagamento a ele de todas as formas que pôde imaginar na semana que se seguiu ao anúncio de noivado.

Era verdade que ainda precisavam suportar o Pump Room na maior parte das manhãs e um concerto, peça ou jogatina durante as noites. Mas ela realmente não se incomodava muito com essas atividades. Ao menos o passeio obrigatório no Pump Room fazia com que todos estivessem de pé e ativos em uma hora decente da manhã, e, afinal, Freyja gostava de boa música, de arte dramática e até mesmo de um eventual jogo de cartas. Era o resto do dia que sempre parecera insuportavelmente tedioso.

Agora o tédio se fora.

Todos os dias ela arrastava o marquês para caminhar ou para cavalgar. Eles subiram até Beechen Cliff naquele primeiro dia, e então foram a Beacon Hill e atravessaram os campos até o vilarejo de Charlcombe em outro dia. Em uma tarde, caminharam até o vilarejo de Weston. Subiram Lansdown Hill a cavalo e chegaram até Claverton Down. Mesmo no dia em que choveu sem parar da manhã à noite, ela insistiu em cavalgar até o vilarejo de Keynsham, a meio caminho de Bristol. Freyja logo descobriu que estar noiva era tão bom quanto ter um dos irmãos ali em Bath, já que Lady Holt-Barron não questionava o decoro de os dois saírem juntos, sozinhos, com frequência.

Mas, para dizer a verdade, gostava mais da companhia do marquês do que da de qualquer um dos irmãos – e tinha certeza de que ele também se divertia. Ela gostava de olhar para ele. O

marquês era inegavelmente um dos homens mais belos que conhecia. E era uma companhia espirituosa. Ele nunca sugeria que, por ela ser uma dama, não conseguiria realizar determinada caminhada ou cavalgada. Quando Freyja exigiu o passeio a cavalo na chuva, ele nem sequer pareceu surpreso, embora Lady Holt-Barron alertasse para todas as terríveis consequências que isso poderia ter para a saúde deles, que seria muito melhor tomarem chá nos Upper Rooms.

Freyja não ansiava nem um pouco pela festa de Lady Potford, que seria um grande acontecimento, reunindo todos que pretendiam pertencer à alta sociedade de Bath. Ela gostava de Lady Potford e não lhe agradava a ideia de o motivo da festa ser uma farsa. Porém, quanto mais se encontrava com a marquesa de Hallmere e com Lady Constance Moore, mais percebia o terrível destino que o pobre marquês teria se ela não o houvesse ajudado – se casar com a prima, que rejeitava a ideia tanto quanto ele.

Não, durante aquela semana ela estaria noiva – de novo! – e representaria seu papel até o final. Quando a festa terminasse e a marquesa partisse para a Cornualha, voltaria à sua vida normal.

A semana seguinte seria muito tediosa, pensou Freyja ao voltar para a casa de Lady Holt-Barron depois de cavalgar até Claverton Down. Mas deixaria para pensar nisso quando chegasse a hora. Talvez simplesmente voltasse para Lindsey Hall. Àquela altura já seria seguro fazer isso.

O marquês entrou em casa com ela, já que Lady Holt-Barron o convidara para o chá. Eles estavam um tanto ofegantes e ruborizados por terem passado tanto tempo ao ar livre, mas Freyja não subiu para o quarto para se trocar. Apenas seguiu na frente do marquês até a sala de visitas.

E parou tão abruptamente que quase colidiu com ele, que vinha logo atrás.

Lady Holt-Barron e Charlotte estavam na sala.

E Wulfric também.

Ele acabara de se levantar e parecia o mesmo Wulfric de sempre, os olhos prateados e um tanto frios, a figura elegante e impecável. Os dedos longos seguravam o cabo do monóculo a meio caminho do olho.

– Ah, Freyja – disse ele, a voz altiva e distante.

– Wulf! – exclamou ela.

– E...? – O monóculo chegou ao olho dele, aumentando-o terrivelmente.

– Posso lhe apresentar o marquês de Hallmere? – disse ela, afastando-se para o lado. – Meu irmão, Wulfric, milorde. O duque de Bewcastle.

O que, em nome de Deus, levara Wulf a Bath exatamente naquele momento? Mas ela soube a resposta sem precisar pensar muito mais. Freyja muitas vezes achava que Wulf compartilhava com Deus a qualidade da onisciência. Fora *exatamente aquele momento* que o levara a Bath.

Alguém havia contado a ele.

Wulf sabia!

As palavras seguintes acabaram com qualquer dúvida que ela ainda pudesse ter.

– Ah, sim – disse ele em um tom suave, abaixando o monóculo, mas ainda encarando o marquês com uma expressão fria. – O noivo de Freyja, suponho?

CAPÍTULO IX



Bewcastle tinha uma óbvia vantagem sobre ele, pensou Joshua uma hora mais tarde, quando os dois desciam a Gay Street. Mas a diferença entre os dois ia muito além dos seus títulos de nobreza – o irmão de Freyja era duque, enquanto Joshua era marquês. Bewcastle nascera para ocupar aquele papel. Era aristocrata até os fios de cabelo, e Joshua, mesmo sendo herdeiro havia cinco anos do título que carregava e já tendo assumido o título há sete meses, ainda se sentia um usurpador.

O grupo conversara sobre vários assuntos durante o chá, nada de muito significativo fora dito. Agora que os dois estavam sozinhos, Bewcastle falava das belezas de Bath e Joshua concordava com cada palavra, tentando não se sentir como um menino prestes a tomar uma surra. Mas a situação era mesmo muito embaraçosa. Fora demais imaginar que a notícia do noivado não chegaria aos ouvidos do duque, mas quem poderia prever que ele apareceria em pessoa em vez de apenas escrever para a irmã pedindo explicações sobre o assunto?

– Entrará comigo? – perguntou Bewcastle quando chegaram à entrada do hotel Royal York.

A frase foi formulada como uma pergunta, mas Joshua reconhecia uma ordem quando ouvia uma.

– Seria um prazer – respondeu.

O duque tinha seus aposentos em uma suíte particular do hotel. O mordomo dele recolheu os chapéus e as luvas dos dois homens e trouxe uma bandeja com bebidas. Bewcastle indicou uma cadeira vazia a Joshua e se acomodou em outra. O mordomo encheu o copo dos dois e deixou-os a sós, fechando a porta silenciosamente ao sair.

Bewcastle encarou o visitante com os olhos pálidos e penetrantes que faziam Joshua pensar em lobos.

– Você com certeza irá me explicar – disse o duque em uma voz bastante agradável, embora os olhos permanecessem frios como gelo – por que seu noivado foi publicamente anunciado à sociedade de Bath e não foi sequer avisado à família de Lady Freyja Bedwyn.

Joshua cruzou a perna.

– Foi uma decisão súbita – respondeu. – Pedi Lady Freyja em casamento durante uma valsa em um baile nos Upper Rooms, ela aceitou e decidimos convidar as outras pessoas presentes a compartilharem nossa alegria. – A explicação parecia tola até aos ouvidos dele.

– Ah, decisão súbita – repetiu Bewcastle. – Mas você não teve nenhum desejo de convidar a família dela para também compartilhar a alegria de vocês dois, talvez no dia seguinte, ou no outro... ou no outro ainda?

Houve uma pausa constrangedora enquanto Joshua tentava escolher uma entre as poucas respostas possíveis. Não havia resposta convincente, é claro.

– Talvez – sugeriu o duque – você pretendesse me procurar em Lindsey Hall depois que a euforia inicial do noivado passasse?

– Lady Freyja já tem idade o bastante – falou Joshua. – Estritamente falando, não precisamos do seu consentimento. Em algum momento, teríamos, sim, pedido a sua bênção. Durante a

última semana, como supôs, estivemos aproveitando muito a companhia um do outro para pensar no que deveria ser feito.

– Vocês, então – disse o duque em um tom suave –, se apaixonaram um pelo outro?

Santo Deus. Ele estava entrando em águas profundas, percebeu Joshua.

– Poderia se dizer que sim – retrucou.

– Poderia se dizer – concordou Bewcastle. – Mas você diria que sim, Hallmere?

– Acredito sinceramente que meus sentimentos por Lady Freyja e os dela por mim são problema nosso – disse Joshua com cuidado.

– Com certeza. – Bewcastle pousou o copo meio vazio na mesa, recostou-se, pousou os cotovelos sobre os braços da cadeira e cruzou os dedos. Silêncios, ao que parecia, não o embarçavam. Demorou algum tempo até ele voltar a falar. – Ao que parece, Hallmere, você sempre foi um homem ambicioso.

Joshua ergueu as sobrancelhas.

– Estranharia se não fosse – continuou Bewcastle. – Quando era menino, você estava a uma vida de distância de herdar o título de marquês, a propriedade e a fortuna... uma frustração, sem dúvida, para um garoto que não tinha um tostão. Então essa vida, no caso do seu primo, se extinguiu sob misteriosas circunstâncias.

Joshua gelou por dentro. Agora estava claro quem havia informado Bewcastle a respeito do noivado e por que ele se apressara em ir para Bath pessoalmente.

– Sob *trágicas* circunstâncias – corrigiu Joshua. – Está insinuando que tive alguma coisa a ver com a morte do meu primo?

– Não insinuei nada – falou o duque, erguendo as sobrancelhas. – Mas provavelmente foram circunstâncias *interessantes* para você. E comemorou suas novas perspectivas fazendo viagens caras e, ahn, espalhando sua semente aos quatro ventos, certo?

– Passei cinco anos na França – disse Joshua com certa irritação – trabalhando como espião para o governo britânico. Esse interrogatório está me ofendendo, Bewcastle.

– Está? – O duque ainda falava em tom suave, dando a entender que não seria levado a uma discussão irritada. – Mas você deseja se casar com a minha irmã, Hallmere. Interrogarei qualquer homem que pretenda pedir a mão dela, mesmo que ele tenha anunciado o noivado antes de falar comigo. A propósito, você se recusou a casar com a moça do povo que engravidou em Penhallow antes de partir?

Joshua deu um sorriso melancólico. Seria interessante ler a carta que a tia mandara para o duque de Bewcastle. Mas ele não permitiria que a malícia dela o colocasse na defensiva diante de um estranho.

– A moça a que se refere nunca sequer pediu que eu me casasse com ela – retrucou, sorrindo. – Ainda assim, eu garanto o sustento dela e da criança há mais de cinco anos.

Bewcastle não mostrava nenhum sinal de que compartilhava do bom humor do marquês. Ele pegou o copo novamente e deu um gole na bebida.

– Lady Freyja Bedwyn é filha de um duque – disse. – É também uma mulher muito rica, como imagino que saiba.

– Acho que teria me lembrado, se tivesse pensado a respeito.

– Na verdade – continuou o duque –, ela é o par perfeito para o senhor.

– E já que estamos falando de nobreza e fortuna – disse Joshua, sorrindo de novo –, também sou um excelente partido para ela. É o que toda a sociedade de Bath vem dizendo desde que anunciamos o noivado.

O duque o encarou com arrogância. Joshua se deu conta, tarde demais, de que poderia simplesmente ter contado a verdade. Afinal, aquele noivado de mentira estaria terminado na próxima semana. Por que deixar a cargo de Lady Freyja explicar tudo à família?

– O senhor não está certo se me aprova – falou. – Não posso culpá-lo por isso. Pedi sua irmã em casamento sem consultá-lo primeiro, já que é o chefe da família, então piorei a situação anunciando o noivado publicamente durante um baile. Nem sequer escrevi para o senhor ou o procurei depois disso. Minha tia, pelo que vejo, cumpriu a tarefa por mim. Agora, só o que posso dizer é que tenho um profundo respeito por sua irmã e que aceitarei a decisão dela caso decida romper o noivado quando ouvir seus conselhos.

Pronto. Aquilo talvez lhe garantisse uma forma decente de sair daquela situação embaraçosa quando chegasse a hora. A visita inesperada do irmão de Freyja talvez acabasse sendo positiva, no fim das contas.

O duque ergueu as sobrancelhas mais uma vez.

– Extraordinário! – disse Bewcastle, irônico. – Não lutaria pela mulher que ama, Hallmere?

– Com certeza não forçaria qualquer mulher a se casar comigo contra a vontade – retrucou Joshua.

O duque pousou o copo vazio na mesa que estava ao seu lado e Joshua interpretou o gesto como um sinal de que a conversa estava encerrada. Então se levantou.

– Acompanharei Lady Freyja a um concerto nos Upper Rooms esta noite – disse Joshua. – Eu o verei lá?

O duque assentiu com a cabeça.

– Desejo-lhe uma boa tarde então. – Joshua despediu-se e deixou os aposentos.

Ele bufava quando saiu do Royal York Hotel. O duque de Bewcastle não melhoraria a impressão que tinha dele quando Joshua desaparecesse da vida de Lady Freyja. Estava pouco se lixando para o duque, mas tudo aquilo poderia vir a ser um grande aborrecimento para ela, não importava se contaria a verdade ou não.

Maldição! A vida estava ficando complicada demais para o gosto dele.

Apesar de tudo, Joshua deu um sorriso involuntário ao imaginar-se como testemunha invisível da conversa pendente entre Bewcastle e Lady Freyja.



Uma coisa, pensou Freyja, era se envolver em um noivado aos olhos da sociedade de Bath. Outra muito diferente era que, entre esse olhos, estivessem os de Wulfric. Ainda mais aqueles olhos tão sagazes, que sempre foram o maior trunfo de Bewcastle para lidar com seus subordinados, incluindo os irmãos e irmãs.

O outro grande trunfo dele era a paciência... se essa era a palavra certa. Wulf conseguia permanecer tranquilo indefinidamente, enquanto seu oponente se irritava, hesitava e esperava o ataque.

Durante o chá na casa de Lady Holt-Barron, Wulf não fizera mais nenhuma menção ao noivado, apenas conversara educadamente sobre a viagem, a condição das estradas, sobre Bath, o clima e uma dezena de outros assuntos. Então fora embora com o marquês, caminhando de volta para o centro da cidade.

No concerto da orquestra nos Upper Rooms naquela noite, Freyja sentou-se entre o duque e o marquês. Eles não fizeram nada além de ouvir a música e conversar sobre ela, embora durante o intervalo Wulfric tenha sido cercado por pessoas ansiosas para cumprimentar o duque de Bewcastle. Mal houve um momento em que Freyja pudesse trocar algumas palavras em particular com o marquês.

– O que meu irmão disse? – perguntou ela. – Você contou a verdade a ele?

– Santo Deus, não – retrucou o marquês, atendo-se à segunda pergunta. – Eu deveria ter feito isso? Achei que talvez você tivesse mais problemas por causa da farsa do que por romper o noivado logo depois.

– Wulf não é meu guardião – disse Freyja com irritação. – Não haverá problemas em nenhum dos dois casos.

– Então por que está tão agitada, coração? – perguntou ele abrindo um de seus sorrisos.

Naquele momento, ela ouviu alguém comentar com Wulf que ele deveria estar muito satisfeito com o noivado da irmã com o marquês de Hallmere. Freyja encontrou o olhar de Joshua e deixou escapar uma risadinha nervosa.

Haveria uma pilha de problemas.

Wulf voltou para o hotel após o concerto. Na manhã seguinte, ele apareceu no Pump Room, impecavelmente vestido em preto e cinza, com camisa branca de linho. Cumprimentou Freyja, Charlotte e Lady Holt-Barron e foi conversar com outras pessoas, mais especialmente com Lady Potford, com quem deu duas voltas pelo salão.

Freyja caminhou de braços dados com Charlotte, que confessou estar apavorada com o duque, rindo da própria tolice.

– Em algum momento ele sorri, Freyja? – perguntou ela.

– Nunca – respondeu Freyja. – Está abaixo de sua dignidade de duque.

Elas riram juntas e Freyja se sentiu terrivelmente desleal. Afinal, adorava todos os irmãos, incluindo Wulf.

As pessoas já começavam a ir embora para tomar o café da manhã, quando Wulf procurou a irmã e informou que ela faria a refeição com ele no Royal York.

Poucos minutos depois, quando aceitou o braço dele e os dois seguiram juntos em um passo acelerado, Freyja se perguntou se deveria confessar toda a verdade e acabar com aquela história toda. Mas ele já sabia que durante a última semana ela e o marquês haviam saído juntos para caminhar e cavalgar sem levarem uma criada ou uma acompanhante. Lady Holt-Barron contara a ele, enlevada pelo romantismo da situação. O que pareceria se, de repente, ela revelasse que eles não estavam realmente noivos?

E desde quando tinha medo de contar a verdade ou de admitir uma pequena indiscrição? Freyja nunca fingira viver sob o mesmo código de conduta que massacrava as outras damas. Então respirou fundo e decidiu contar ao irmão exatamente o que acontecera.

– Lady Potford teve muito trabalho para organizar essa grande festa de noivado para vocês esta noite – comentou Wulf.

Ah, sim, a festa. Naquela noite. Ora, a farsa poderia continuar até o dia seguinte. Com certeza logo depois do evento a marquesa voltaria para casa. Ela devia estar farta de sorrir docemente para Freyja sempre que os caminhos das duas se cruzavam – o que acontecia ao menos duas ou três vezes por dia –, enquanto soltava faíscas pelos olhos. A marquesa parecera muito satisfeita consigo mesma naquela manhã, mas talvez fosse porque previa problemas para o sobrinho e para Freyja, com a inesperada chegada de Wulf a Bath.

Com uma súbita intuição, Freyja pensou que provavelmente fora a marquesa quem o havia informado sobre o assunto.

– Ela tem sido incrivelmente gentil – retrucou Freyja, recebendo um olhar inquisitivo do irmão, que devia estar se perguntando o motivo da docilidade da resposta.

Eles não conversaram mais enquanto caminhavam.

Se a marquesa fosse embora no dia seguinte, pensou Freyja, o marquês provavelmente poderia partir um dia depois. Então ela confessaria tudo a Wulfric e voltaria para Lindsey Hall com ele. Seria tudo muito fácil. Ninguém ali precisava saber. Nenhum anúncio sobre o rompimento do noivado precisaria ser feito. Depois de algum tempo, as pessoas se esqueceriam dele e parariam de perguntar quando seria o casamento. E, de qualquer modo, ela nunca dera importância sobre que fofocas circulavam a seu respeito.

Eles tomaram café da manhã nos aposentos particulares de Wulfric. O mordomo foi dispensado assim que trouxe a comida e serviu o café.

– Vimos dois de nossos irmãos se casarem nos últimos meses – comentou Wulfric em um tom relaxado, enquanto Freyja passava manteiga em uma fatia de torrada. – Ambos os casamentos foram súbitos e inadequados.

Freyja pensara o mesmo quando vira as cunhadas pela primeira vez.

– O pai de Eve pode ter sido um mineiro de carvão – disse ela –, mas ela foi criada como uma dama, é refinada e tem um coração generoso. Além do mais, Aidan é louco por ela. Judith é uma mulher de boa família, mesmo que seu pai seja de uma obscura paróquia no campo. Vovó a adora, assim como Rannulf, é claro. Ser adequado não é tudo, Wulf.

– Com certeza – concordou ele, demorando a mastigar uma garfada de linguiça. – Você, por outro lado, fez uma escolha perfeitamente adequada.

Freyja estava preparada para discutir e brigar. Não sabia o que dizer diante dessas palavras de aprovação. Encarou o irmão com desconfiança.

– Embora tenha sido, assim como no caso de nossos irmãos, uma decisão súbita – acrescentou ele.

– Foi uma atitude impetuosa – disse ela. – Ele me pediu em casamento durante uma valsa nos Upper Rooms, eu aceitei, e nós quisemos convidar os outros presentes a compartilhar nossa alegria.

– Ah – retrucou Wulfric em voz baixa, naquele seu modo único de deixar o oponente arrepiado de medo –, essa explicação foi praticamente idêntica à que o próprio Hallmere me deu.

– Porque foi o que aconteceu – falou Freyja. – Escute, Wulf, se você veio a Bath para fazer o papel de irmão mais velho e líder da família e me repreender por ter ficado noiva do marquês sem o seu consentimento, pode voltar para casa. Já sou maior de idade há quatro anos. Imaginei que ficaria encantado ao me ver casar com uma pessoa adequada.

– Com certeza prefiro um marquês a um lacaio – disse ele. – Mas me sinto obrigado a perguntar se foram os casamentos de Aidan e Rannulf que a levaram a tomar essa decisão, Freyja.

– O quê? – perguntou ela, de forma nada elegante, o garfo cheio de ovos a meio caminho da boca.

– Como você mesma acabou de ressaltar, já passou da maioria há quatro anos – disse o duque. – E 25 anos não é uma idade confortável para uma dama permanecer solteira. Por acaso se tornou consciente disso agora?

– Não! – exclamou ela, irritada. No entanto, havia uma ponta de verdade no que ele dissera. Freyja não comparecera ao casamento de Aidan... ninguém da família soubera do enlace até algumas semanas depois do ocorrido. Mas estivera nas bodas de Rannulf e Judith e sentira certa inveja. Chegara até mesmo a considerar colocar um ponto final em sua condição de solteira aceitando algum cavalheiro adequado em Bath... o conde de Willett, por exemplo.

Wulfric pareceu hesitar antes de voltar a falar, parando para tomar um gole de café.

– Não passou despercebido – disse ele, por fim – o fato de que o anúncio do seu noivado foi feito dois dias depois de o visconde Ravensberg ter o primeiro filho. Um dia, eu acho, depois de Morgan escrever para você, contando a respeito. Provavelmente no mesmo dia em que você recebeu a carta.

– Se tem algo para me dizer, Wulf, não é necessário levar o dia todo para isso. Acha que por que Kit teve um filho eu me entreguei ao sofrimento e à autopiedade? Acha que me joguei nos braços do primeiro homem disponível depois que soube da notícia? Acha que fui eu quem propôs casamento ao marquês durante aquela valsa? Tudo para esconder um coração partido? Não me importo tanto assim com Kit Butler. – Ela bateu com os dedos na mesa e ficou satisfeita ao ouvir o barulho. – Ou com a viscondessa. Ou com o

filho deles. – Freyja pegou um pedaço de torrada do prato e enfiou com força na boca.

– Então o noivado é a consequência de uma relação de amor, Freyja? – perguntou Wulfric depois de um breve silêncio.

Como ela poderia negar isso agora, depois daquele desabafo apaixonado, do qual ainda não recuperara o fôlego?

– Eu o adoro – disse ela. – E ele me adora.

– Ah – retrucou o duque, encarando-a com os olhos impenetráveis. – Sei.

A tensão era quase insuportável. Que mentira horrível acabara de contar! Se o irmão acreditasse, ela pareceria ainda mais patética dali a alguns dias, quando fosse abandonada. Freyja se inclinou sobre a mesa, os olhos brilhando, com uma expressão divertida.

– Você ouviu falar do nosso primeiro encontro em Bath? – perguntou. – Ou melhor, sobre os nossos dois primeiros encontros? Ambos estão estritamente ligados. Se ainda não soube a respeito, alguém com certeza trará o assunto à tona esta noite. É melhor eu mesma lhe contar agora.

– Tenho a sensação de que é algo que eu talvez prefira não saber – falou, parecendo aflito.

Freyja riu e contou ao irmão sobre o mal-entendido em Sydney Gardens, sobre o soco que dera no nariz do marquês e o fato de ele não ter lhe contado o que realmente acontecera.

– É lógico – acrescentou Freyja – que eu não conhecia a identidade dele naquele momento, nem ele conhecia a minha. O marquês se recusou a acreditar que eu era irmã de um duque porque estava sem acompanhante.

– Está muito claro – observou Wulfric, seco – que você estava se comportando de forma perfeitamente normal para os seus padrões.

Ela seguiu descrevendo a cena no Pump Room na manhã seguinte – o relato completo, nos mais vergonhosos detalhes.

– Você precisa ser elogiada – disse Wulfric quando ela terminou. E parecia exausto. – Deve ter garantido assunto para as conversas da sociedade de Bath durante toda a última semana, Freyja. Então, quando seu nome começava a sair de cena, você o trouxe de volta à tona com esse inesperado anúncio de noivado no baile. Agora que descreveu o começo de seu “relacionamento” com Hallmere, é claro que faz todo o sentido para mim que vocês dois tenham se apaixonado um pelo outro. E que tenham decidido assumir um compromisso para a vida toda durante uma única valsa. – Ele suspirou e pousou o garfo e a faca.

Freyja se perguntou o que o irmão diria se ela tivesse lhe contado sobre seu primeiro encontro com o marquês *fora* de Bath.

– Vai ser feliz nesse casamento, então? – perguntou Wulfric.

Às vezes, era possível ver um súbito relance de humanidade em Wulfric. Mas isso não acontecia com frequência. Se ele tinha sentimentos, quase nunca os demonstrava. Se tinha sonhos, segredos ou preocupações pessoais, nunca os compartilhava. Freyja sempre se perguntava sobre o relacionamento do irmão com a amante, se era só um negócio, servindo apenas à função mais óbvia. Mas às vezes, por um brevíssimo instante, passava pela mente dela que o irmão mais velho talvez tomasse conta de todos não só como irmãos sob sua responsabilidade, mas também como pessoas que ele amava.

Freyja teve um desses lampejos quando Wulfric fez a pergunta. E a reação dela foi humilhante. Seus olhos se encheram de lágrimas.

– Sim, eu vou – respondeu com ardor, inclinando-se um pouco na direção dele por cima da mesa. – Sim, nós vamos.

Então ela engoliu em seco e quase pôde ouvir a garganta arranhando ao se dar conta de que o que acabara de dizer com uma emoção tão incomum era uma mentira.

Freyja quase desejou realmente estar noiva do marquês de Hallmere e de estar mesmo apaixonada por ele, ansiando por uma

vida inteira de felicidade juntos. Queria poder dar a própria felicidade como um presente para Wulf, que provavelmente era um homem muito solitário, ela percebia agora.

– Suponho, então – disse Wulfric, pousando o guardanapo na mesa e recostando-se na cadeira –, que é melhor eu dar a minha bênção a esse enlace, se é que isso vale alguma coisa. É mais ou menos como fechar a porta do estábulo depois que o cavalo já fugiu.

Ainda havia comida no prato de Freyja, mas ela perdera o apetite. Sentia-se desprezível. Era impulsiva, cabeça-dura e indiscreta, mas não estava acostumada a mentir para Wulf nem para qualquer outra pessoa da família. No entanto, já fora longe demais naquela farsa e não havia nada a fazer senão seguir em frente até que tudo estivesse terminado. Por sorte não demoraria.

– É melhor Hallmere voltar conosco para Lindsey Hall, a menos que ele tenha um compromisso urgente em algum outro lugar – disse Wulfric. – Temos que apresentá-lo aos nossos vizinhos e celebrar o noivado de forma adequada. E também precisamos fazer planos para o seu casamento.

Freyja de repente desejou não ter comido nada.

CAPÍTULO X



A casa de Lady Potford, na Great Pulteney Street, estava cheia de convidados na noite da festa de noivado. Ela abriu a sala de visitas, uma sala de estar particular, um salão e a sala de jantar para conseguir acomodar a todos. Cada cômodo cintilava sob as luzes de várias velas. A longa mesa de jantar, com a toalha branca de linho engomada, estava coberta de travessas, expondo uma enorme variedade de comidas apetitosas. Ao redor dela, dois criados estavam a postos ajudando os convidados a escolher o que desejavam e a montar seus pratos. Outros criados carregavam grandes bandejas cheias de copos de um lado para outro.

Lady Potford estava mais do que encantada com o rumo dos acontecimentos, como dissera várias vezes a Freyja e ao neto, e uma vez ao duque de Bewcastle, durante a caminhada que fizera com ele pela manhã no Pump Room.

– Tinha muito medo – dissera ela a Joshua – de que você fosse seguir sem rumo como fez nos últimos anos, experimentando os prazeres efêmeros da vida sem perceber que há um prazer ainda maior em assumir seu papel e formar sua própria família. Você voltará a Penhallow depois de se casar com Lady Freyja, fará de lá o lar de seus filhos e cuidará da administração de sua propriedade e

do bem-estar das pessoas que dependem de você. Ela é a noiva perfeita para você, Joshua. Estou muito feliz.

– Tenho um capataz eficiente, vovó – lembrou ele –, e estou sempre em contato com ele. – Jim Saunders era, na verdade, a única pessoa que sempre sabia onde Joshua estava. – Lady Freyja talvez prefira viver em Londres... ou não – admitiu.

Todos os convidados também pareciam encantados. Não era comum que houvesse um evento tão fascinante em Bath – e envolvendo duas pessoas tão ilustres quanto um marquês e a filha de um duque. Em todos os cômodos era possível ouvir o som de risos e conversas animadas.

A marquesa de Hallmere, régia em um vestido de cetim negro com plumas negras compridas, parecia tão satisfeita quanto qualquer outro convidado. Ela sorria com alegria emocionada para todos que a cumprimentavam e, de vez em quando, secava uma lágrima de felicidade com o lenço de bordas negras. A marquesa beijou o ar perto do rosto de Freyja e segurou o rosto de Joshua entre as mãos antes de beijá-lo com carinho e de assegurar ao sobrinho e a todos que pudessem ouvir que seu querido marido ficaria orgulhoso dele naquela noite.

Depois, foi atrás do duque de Bewcastle na sala de visitas.

– Fico feliz e aliviada ao ver que o senhor conseguiu chegar aqui em tão pouco tempo, Sua Graça – disse, estendendo a mão para ele.

O duque pegou a mão da marquesa e inclinou-se sobre ela, mas não a levou aos lábios.

– Madame – cumprimentou.

– Lady Freyja conquistou a sociedade de Bath. Ela é uma jovem dama *tão* doce.

O duque inclinou a cabeça para agradecer aquele estranho elogio, os olhos sem expressão, completamente indecifráveis.

– Desejo que ela seja tão feliz quanto merece – disse a marquesa.

– Certamente, madame.

– E espero de coração – acrescentou ela, secando delicadamente um dos olhos com o lenço – que Joshua não esteja encarando esse noivado apenas como uma travessura.

O duque arqueou as sobrancelhas, mas não fez a pergunta que a marquesa obviamente queria que ele fizesse na pausa que se sucedeu às suas palavras.

– Ele é um amor de rapaz – disse ela com um suspiro profundo.

– É impossível não amá-lo apesar de suas aventuras. Ele era devotado aos primos, sobretudo a Constance, minha filha mais velha, a quem lhe apresentei essa manhã no Pump Room.

O duque voltou a inclinar a cabeça, assentindo.

– Mas Joshua acabou se acovardando, como disse meu falecido marido, quando estava prestes a pedir Constance em casamento, cinco anos atrás – continuou a marquesa. – Ele fugiu para se divertir no continente, embora eu não consiga imaginar por que ele teria ido justamente para lá quando havia uma guerra em curso. Depois que meu marido faleceu, ficou claro para mim que Joshua ainda estava constrangido e envergonhado demais para voltar para casa, por isso vim para cá. Eu sabia que a ligação entre ele e Constance ainda era muito forte, mas... os pais podem ser muito tolos quando desejam a felicidade de seus filhos... eu, tolamente, pressionei-os para o enlace, em vez de deixar que a corte entre eles seguisse seu curso natural. O meu maior desejo era que o noivado dos dois fosse anunciado durante o baile da semana passada, nos Upper Rooms, e tive a clara impressão de que também era isso que Joshua mais queria. Mas então ele foi valsar com Lady Freyja, com aquela expressão travessa nos olhos que conheço muito bem, e no fim da dança o Sr. King anunciou o noivado de Joshua com *ela*.

O duque de Bewcastle segurara o cabo de seu monóculo e o levava a meio caminho dos olhos.

A marquesa deu um sorriso, que logo desapareceu.

– Temo que meu sobrinho tenha tirado vantagem de uma dama refinada, que talvez tenha chegado a uma idade em que... estou certa de que me perdoará por falar tão abertamente, Sua Graça... está tão ansiosa por receber um pedido de casamento que foi incapaz de distinguir entre uma proposta séria e uma feita apenas como travessura, até que Joshua desaparecesse em uma de suas loucas aventuras outra vez.

Por um momento, a marquesa se descobriu vivendo a desconcertante experiência de ser observada através das lentes do monóculo do duque. Mas ele logo o abaixou.

– Devo parabenizá-la, madame – disse o duque com frieza – por ter conseguido escapar a tempo.

– Escapar a tempo...? – Ela não sabia do que ele estava falando. A marquesa se escondeu atrás do lenço e sorriu com uma expressão doce e corajosa quando um convidado a cumprimentou de passagem.

– Teria sido uma aflição para a senhora, madame – continuou o duque –, ver Hallmere casado com sua filha quando suspeita que ele seja, de algum modo, responsável pela morte do seu filho.

Ela o encarou.

– Ah, peço perdão – falou, os olhos arregalados de choque. – Foi essa a impressão que transmiti naquela carta que me senti na obrigação de lhe escrever? Foi um acidente. Joshua esteve com Albert antes do acontecido. Ele foi a última pessoa a ver meu filho vivo. No entanto, nunca houve nenhum questionamento de que Joshua tenha causado o acidente, ou mesmo o testemunhado.

– Ah – retrucou o duque. – Mas ainda assim seria desagradável saber que o homem com quem sua filha iria se casar também era pai do filho da preceptora dela.

– Ah, não da preceptora de Constance – disse a marquesa. – Nessa época, Constance já não estudava mais. A Srta. Jewell era preceptora de minhas outras filhas, Sua Graça. Foi um infeliz incidente. – Ela sorriu com afetação e malícia. – Mas rapazes serão sempre rapazes. Tenho certeza de que não preciso dizer isso ao senhor. Tem vários irmãos mais novos, eu creio.

Os olhos prateados e frios a encararam em silêncio.

– Bem – a marquesa secou os olhos mais uma vez –, achei que era meu dever alertá-lo, Sua Graça, de que sua irmã pode estar correndo o risco de ter o coração partido. Joshua é um rapaz bonito, mas insensível. Nem sei por que o amo. Lady Freyja é uma moça tão doce. Eu odiaria vê-la magoada.

O duque olhou para a marquesa com as sobrancelhas erguidas e uma óbvia expressão de desdém.

– Ah. – A marquesa sorriu e acenou para alguém do outro lado da sala. – Se me der licença, Sua Graça, vejo que estão me chamando.

O duque fez uma breve cortesia e ela se afastou apressada.



– O que foi, coração? – perguntou Joshua. – Não consegue manter as mãos longe de mim, não é?

Ele estava acendendo uma fileira de velas sobre o console da lareira na saleta do primeiro andar que a avó usava como escritório. Na sala havia uma escrivaninha e uma cadeira, além de umas poucas estantes e duas poltronas iguais com braços e pernas dourados.

– Rá! – debochou ela.

Joshua virou a cabeça para olhá-la e sorriu. Lady Freyja dissera que precisava ter uma conversa em particular com ele, por isso a

levara até ali. Ela estava fascinante numa túnica prateada transparente sobre um vestido azul-pálido, de decote baixo, com vários fios prateados e bordados. Os cabelos também estavam enfeitados com acessórios de prata.

– Talvez eu não seja capaz de manter as minhas mãos longe de você – disse ele, sentando-se na beira da escrivaninha. – Acredito que tenha sobrado pouco tecido quando sua costureira foi fazer o seu vestido. O resultado foi magnífico, devo acrescentar.

– Toda essa lascívia não me enche os olhos – falou Lady Freyja com severidade. – E aposto que não ousaria falar assim com nenhuma outra dama.

– Santo Deus, não! – exclamou Joshua. – Não gosto de ser esbofeteado. Deve ter percebido que deixei meio cômodo entre nós antes de falar assim com você. Gosto do meu nariz do jeito que ele é.

– Nós nos metemos em uma terrível enrascada – disse Lady Freyja.

– É verdade – concordou ele. – Por algum motivo, achei que o Sr. King anunciaria o nosso noivado, todos sorririam, aprovariam e diriam que era uma notícia muito agradável, depois voltariam a cuidar da própria vida. Então poderíamos seguir nossos caminhos separadamente. Não imaginei essa festa... nem a enorme felicidade da minha avó com a notícia.

– E eu não imaginei a vinda de Wulf a Bath – acrescentou ela, franzindo o cenho. – Isso tornou tudo ainda mais complicado e embaraçoso.

– Ele tentou persuadi-la a romper o noivado? – quis saber Joshua. – Tive a forte impressão de que seu irmão não gostou nem um pouco de mim. – Ele se perguntou se o duque teria mostrado a carta da tia ou contado a ela sobre as coisas terríveis que a marquesa parecia ter incluído na carta.

Lady Freyja balançou a cabeça, negando.

– Wulf não faria isso – disse. – Ele não dá ordens. Ao menos não aos irmãos e irmãs. Embora eu ache que ele nos manipula para fazermos o que ele quer, mas nos fazendo achar que o fizemos por vontade própria.

– Talvez, então – falou Joshua, sorrindo para ela –, você possa permitir que ele a manipule para romper comigo. Seria a saída perfeita para o nosso dilema, não seria? Se isso acontecer, apenas me avise, para que eu possa fugir antes de me ver noivo de outra pessoa.

– Assegurei a Wulf – disse ela – que adoro você e que você me adora. Prometi a ele que seremos felizes.

Joshua não se controlou, jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada.

– Tente não franzir tanto o cenho, meu anjo – falou ele. – Eu quase acredito que você não crê em uma palavra do que disse.

– Tudo é uma piada para você? – perguntou Lady Freyja, se aproximando mais dele. – Nunca menti para Wulf antes. Sempre abominei mentiras.

Joshua pegou a mão dela e ajeitou o corpo até estar sentado sobre a escrivaninha.

– No momento – disse –, estou sentindo por você algo muito próximo de adoração.

– Ele espera que você nos acompanhe de volta a Lindsey Hall em poucos dias – contou ela, ignorando o comentário dele –, para ser apresentado ao resto da minha família e aos nossos vizinhos. E para que o nosso noivado seja celebrado lá. E também para que possamos começar a planejar o casamento...

– Ah – disse ele, pegando a outra mão dela também. – Estamos mesmo numa bela enrascada.

– Você não vai concordar com isso – exigiu Lady Freyja em um tom arrogante, encarando-o do alto de toda a extensão de seu nariz. – Não irá para Lindsey Hall. Vai dar alguma desculpa, dizendo que

tem outro compromisso e então, depois que for embora, contarei toda a verdade a Wulf.

– Ah, coração... Acabei tornando a vida difícil para você.

– É verdade – assentiu ela. – Mas eu concordei com essa loucura e, no geral, não estou arrependida. Essa última semana foi bem menos tediosa do que teria sido se não estivéssemos noivos. Na verdade, foi um período bem agradável.

– Para mim também. – Ele sorriu para ela.

Lady Freyja abriu a boca para falar alguma coisa e acabou não dizendo nada, mas manteve o olhar preso ao dele. Houve um momento inesperado de silêncio, quando os dois pareceram perceber ao mesmo tempo que estavam sozinhos em uma sala pequena e escondida, iluminada apenas pela luz de três velas.

Joshua estava muito consciente da tentadora extensão de pele nua do decote dela, o espaço entre os seios generosos e redondos, da curva graciosa do pescoço, do rosto forte estranhamente atraente, da massa de cabelos claros e brilhantes. Ele sentiu a temperatura do próprio corpo aumentar, a respiração acelerar, o ventre ficar tenso.

Então puxou Lady Freyja para a frente até ela ficar entre suas pernas abertas e passou os braços pela cintura dela até prendê-la entre eles. Joshua segurou o rosto de Lady Freyja entre as mãos, passou os polegares pelas sobrancelhas escuras e desceu pelo rosto até chegar aos lábios.

Ele umedeceu os próprios lábios enquanto abaixava a cabeça de encontro aos lábios dela, macios, quentes e irresistíveis. Joshua abaixou o lábio inferior dela com o dedo, passou a língua pela pele macia do lado de dentro e, quando ela abriu a boca com um gemido baixo de concordância, ele a beijou profundamente.

O desejo explodiu dele com o calor de uma fornalha. Joshua puxou-a mais para perto e se perdeu no mais puro desejo carnal.

– O que estamos fazendo? – perguntou Lady Freyja, pouco tempo depois, afastando a cabeça e encarando-o com os olhos cintilando e o rosto ruborizado.

– Nos beijando? – sugeriu ele, roçando o nariz no dela e sorrindo. – Nós dois acabamos de concordar que foi uma semana agradável, não é mesmo? Por que não torná-la ainda melhor?

– Talvez – disse Lady Freyja, as mãos pousadas no ombro de Joshua, como se para afastá-lo – você precise ser lembrado de que não estamos realmente noivos.

– Ainda assim, esta é nossa festa de noivado – retrucou ele – e você assegurou ao seu irmão que adoramos um ao outro e que vamos viver felizes para sempre. Você nunca mente para o seu irmão.

Era melhor tomar cuidado, pensou Joshua, ou acabaria se convencendo a fazer algo que não poderia se permitir fazer.

– Não costumo beijar todo belo estranho que encontro – retorquiu Lady Freyja.

– Só aqueles de quem está temporariamente noiva? – Ele sorriu e apertou os braços ao redor da cintura dela, muito fina e delicada em contraste com os seios e os quadris fartos.

Ela o encarou.

– Prometa-me que não se deixará persuadir a ir para Lindsey Hall – pediu. – Essa história precisa acabar logo... o mais breve possível depois dessa noite.

– Você está com medo – disse Joshua em voz baixa, mais uma vez roçando o nariz no dela e brincando com o lábio sobre o de Lady Freyja – de não ser capaz de resistir ao meu corpo por muito mais tempo?

Ela deixou escapar um som de reprovação brincalhona.

– Nunca conheci um homem tão convencido!

– Pois *eu* estou com medo de não conseguir resistir ao seu corpo – confessou ele.

E falava sério. Joshua suspeitava que ter Lady Freyja na cama seria uma das experiências mais sensuais de sua vida. Infelizmente, ele nunca teria certeza. Ela era uma dama, uma aristocrata. Estava fora dos limites dele. Mas Joshua se deu conta de que o noivado, mesmo que falso, estava colocando uma séria tentação em seu caminho. E, ao que parecia, no dela também. Apesar do que dissera, Lady Freyja não estava fazendo nenhum esforço para se afastar dele.

– Eu poderia começar o banquete por aqui – disse Joshua, mordiscando os lábios dela – e continuar até chegar aos dedos dos seus pés. Os dedos dos pés são uma parte incrivelmente erótica da anatomia, sabia?

– Não sabia – respondeu Lady Freyja com firmeza, afastando um pouco a cabeça para encará-lo. – Essa é uma conversa absolutamente imprópria. Você está rindo de mim. Seus olhos o denunciam o tempo todo.

– É mesmo, coração? – Ele abaixou a cabeça para roçar o rosto no ponto em que o pescoço dela se encontrava com o ombro. Lady Freyja arqueou o ombro e jogou a cabeça para trás, depois enfiou os dedos entre os cabelos dele e puxou-os. – E meus olhos também lhe dizem que eu talvez nunca chegue aos dedos dos seus pés? Posso acabar me distraíndo com algo muito melhor no meio do caminho.

Joshua ouviu o arquejo dela. Talvez aquele fosse o momento de proteger o nariz, pensou, mas quando levantou a cabeça viu que os lábios dela estavam entreabertos e as pálpebras, semicerradas. Então ela não estava pensando em socos.

– Não deveríamos estar aqui – disse Lady Freyja. – Deveríamos estar com os convidados de sua avó. Eles vão se perguntar onde nos metemos.

– Vão achar que quisemos ficar alguns momentos a sós e ficarão encantados.

Ela inclinou a cabeça para a frente, fechou os olhos e o beijou com vontade.

Freyja passara os braços pelo pescoço de Joshua que, por sua vez, estava com as mãos sobre o traseiro dela quando a porta se abriu.

– Ah – disse a voz fria e lânguida do duque de Bewcastle. Joshua abriu os olhos, levantou a cabeça e levou as mãos a uma posição mais decorosa, na cintura da falsa noiva –, aqui estão vocês.

Ele entrou na sala e fechou a porta suavemente, enquanto Lady Freyja se virava, ruborizada e um tanto desalinhada.

– Não pensou em bater, Wulf? – repreendeu ela.

Ele ergueu as sobrancelhas e pareceu um pouco surpreso.

– Não – retrucou, após uma breve pausa para pensar na pergunta dela. – Um criado me trouxe até aqui.



Freyja estava terrivelmente embaraçada – em parte porque se atirara com uma intenção tão lasciva em cima do marquês, em parte porque Wulf entrara na sala e flagrara a cena. Só depois que Joshua moveu as mãos é que ela se deu conta de onde elas estavam. E, é claro, as mesmas mãos haviam estado à plena vista de Wulf, já que ela estava de costas para a porta.

Freyja abaixou rapidamente os olhos para se assegurar de que o decote do vestido ainda cobria tudo o que deveria cobrir. Agora, pensou, iria parecer duplamente patética quando aquela farsa chegasse ao fim em poucos dias.

Ao que parecia, Wulfric não fora até ali para arrastá-la de volta para a festa. Ele se sentou em uma das poltronas douradas, pousou os cotovelos nos braços das cadeiras e entrelaçou as mãos – uma

pose característica do duque quando tinha algo importante para dizer.

– Sente-se, Freyja – falou ele, indicando a outra cadeira. – Entendo que houve muito mais durante o deplorável baile nos Upper Rooms do que se pode observar, não é mesmo?

Freyja se sentou e sentiu que o marquês estava parado atrás dela, com uma das mãos pousadas sobre as costas da cadeira. Naquele momento, ela teve certeza de que Wulfric sabia de tudo.

– Ao que parece – continuou o duque –, apesar de a maior parte dos convidados não ter se dado conta, havia uma corrida em curso para ver qual dos noivados seria anunciado primeiro, ambos envolvendo o mesmo cavalheiro. Estou correto nessa suposição, Hallmere?

Havia um previsível toque de zombaria na voz do marquês quando ele respondeu.

– Não exatamente, embora, de acordo com minha prima Constance, a marquesa tivesse esperanças de avançar a aparente corte entre nós para um grau em que o anúncio de um noivado pareceria desnecessário. Eu preferi me defender atacando.

Wulfric dirigiu ao marquês o tipo de olhar penetrante e gelado que costumava direcionar à maior parte dos mortais. Freyja não olhou para ver se o marquês era um deles. Ela imaginou que ele deveria estar sentindo um enorme alívio. A pior parte de pôr fim àquela farsa seria evitada – contar a Wulf. Deveria ter imaginado que ele descobriria a verdade por conta própria.

– Presumo que esse noivado irá terminar assim que a marquesa de Hallmere e a filha dela voltarem para casa, estou certo? – perguntou Wulfric.

– Com os meus mais sinceros agradecimentos à Lady Freyja por me salvar de uma sentença de prisão perpétua, e com minhas desculpas a ela por qualquer inconveniente, sim – concordou o marquês.

– Não foi inconveniente, Wulf – acrescentou Freyja. – Na verdade, concordei animadamente com a farsa. E o tédio da vida em Bath diminuiu de forma considerável durante a última semana.

– Durante esse tempo em que você passeou livremente pelas colinas e pelos campos, sozinha com um cavalheiro que não é seu noivo – comentou Wulfric. – E beijando-o.

– Isso só aconteceu essa noite – disse ela. – E em uma única outra ocasião – acrescentou ela, pelo bem da honestidade, já que agora não era mais necessário mentir. – Você não vai bancar o antiquado agora, não é mesmo, Wulf? Tenho 25 anos. Não preciso viver cercada de acompanhantes e guardiães como a pobre Morgan.

O duque transferiu o olhar indecifrável para o marquês.

– A previsão que sua tia me fez uma hora atrás se provará absolutamente correta quando você abandonar minha irmã na próxima semana – falou. – A marquesa ficará encantada. E Lady Freyja Bedwyn será humilhada.

– Isso é bobagem, Wulf. Não me incomodaria – disse Freyja.

Mas o irmão nem sequer se dignou a olhar para ela. O olhar prateado estava fixo no marquês.

– Nenhuma das duas consequências é do meu agrado – comentou Joshua, com um sorriso. – O que está sugerindo, Bewcastle? Que eu realmente me case com Lady Freyja? Duvido que ela me aceite.

– Isso devia ser decisão dela – retrucou Wulfric. – Você não acha?

Freyja se colocou de pé em um salto.

– Santo Deus! – exclamou. – Concordei com essa farsa porque achei divertido. Não fiz isso com a intenção de preparar uma armadilha para fazer o marquês de Hallmere se casar comigo. Não o quero... e também não quero nenhum outro marido, por sinal.

Freyja afastou-se deles, sentando-se na cadeira perto da escrivaninha, o mais longe possível dos dois homens. Aquilo tudo era

uma estupidez!

– Talvez – disse o marquês – pudéssemos fazer outra cena no Pump Room daqui a alguns dias. Você soube da primeira, Bewcastle? Lamento que Lady Freyja estivesse em desvantagem na ocasião. Mas na próxima posso lhe assegurar de que a simpatia de todos estará com ela, quando me acertar outro soco no nariz e me mandar para o inferno. Todos irão parabenizá-la por se livrar publicamente do noivado com um patife.

Quando virou-se para encarar Wulfric, Freyja viu que ele não estava achando aquilo nada engraçado.

– Daqui a dois dias, Hallmere – disse o duque –, você irá acompanhar a mim e a Lady Freyja a Lindsey Hall, onde será formalmente apresentado à nossa família e aos nossos vizinhos. Vamos anunciar e celebrar esse noivado como se deve. Se quando estivermos perto do Natal ou na primavera, ela decidir que realmente não deseja se unir a você em matrimônio, então o anúncio do rompimento será feito por mim. Freyja será olhada com desaprovação, isso não pode mais ser evitado, mas ninguém sentirá pena dela.

– Acredito – disse o marquês, virando-se para encarar Freyja – que Lady Freyja não deseja que eu vá a Lindsey Hall.

Ela cerrou os lábios. Quantos minutos haviam se passado desde que ela assegurara ao marquês que Wulf nunca dava ordens aos irmãos? Aquela situação estava parecendo uma das ordens do duque.

– Lady Freyja ficará feliz por ter um acompanhante durante as próximas semanas – comentou Wulfric. – Nossos irmãos e as respectivas esposas logo chegarão a Lindsey Hall, pois fomos convidados para as celebrações do batizado do novo neto do nosso vizinho, o conde de Redfield.

Freyja ficou rígida. Batizado do filho de Kit? Ela era obrigada a voltar para casa, com ou sem o marquês? Teriam que comparecer

aos festejos? Teria que sorrir para todos e fingir estar feliz por Kit e pela viscondessa, pelo conde e pela condessa?

O marquês estava totalmente virado para Freyja, parecendo muito mais sério do que o habitual. Quase carrancudo, na verdade.

– Se é Lady Freyja quem decide se e quando nosso noivado irá terminar – disse ele –, então é ela que deve decidir se irei a Lindsey Hall ou não.

Deveria liberá-lo do compromisso agora mesmo, pensou Freyja. Na verdade, deveria voltar para a festa naquele momento e fazer um anúncio público do fim do noivado. Fora uma farsa absurda desde o início. Ao mesmo tempo, o marquês poderia anunciar que *não* iria se casar com a prima Constance. Seria o fim de toda aquela confusão tola.

Com a humilhação patética de um noivado rompido atrás de si – a notícia cedo ou tarde chegaria à casa dela – Freyja teria que comparecer à festa de batismo do bebê de Kit e sorrir sem parar até sentir cãibra no rosto.

– É melhor você ir comigo a Lindsey Hall por uma ou duas semanas, então – disse ela, sem jeito. – Depois disso, inventaremos uma briga... não será difícil.

Wulf ficou de pé.

– Acho – falou, com uma altivez distante – que vocês já negligenciaram os convidados de Lady Potford por tempo o bastante.

Ele caminhou até a porta e saiu sem olhar para trás.

O marquês encarou Freyja.

– Santo Deus – disse.

– Maldição tripla – retrucou ela.

Ele sorriu e, como era de imaginar, deu uma gargalhada.

– Viveremos para nos beijar novamente – brincou o marquês, erguendo as sobrelhas e oferecendo o braço a ela.

– Só se eu estiver morta – assegurou ela, empinando o nariz e passando por ele a caminho da porta.

– Achei que estava acima desse clichê, coração – disse ele. – Mas espero sinceramente que não esteja falando sério. Eu não conseguiria aproveitar o beijo nessas circunstâncias... e você também não. Eu lamentaria terrivelmente por nós dois.

CAPÍTULO XI



Dois dias depois, Joshua se viu cavalcando pela estrada real, no meio de uma enorme comitiva de cocheiros de libré, criados e cavaleiros que acompanhavam a elegante carruagem de viagem do duque e a outra que levava a bagagem, em direção a Lindsey Hall, em Hampshire. Quem poderia ter previsto a bizarra sequência de eventos que o levara àquele momento? Ele não estava certo se deveria tremer de horror ou se dobrar de rir.

Mas Joshua não era homem de ceder ao terror. E era muito divertido observar as pessoas olhando admiradas, fazendo reverências e ajeitando os topetes em todas as cidades por onde passavam, e os motoristas de todos os veículos se afastando para a lateral da estrada para que a procissão de cavalos e carruagens do duque passasse. Ele provavelmente poderia se comportar como Bewcastle, se quisesse... afinal, era o marquês de Hallmere. O pensamento instigou sua imaginação.

Joshua desejou poder dividir a piada com Lady Freyja, mas ela, muito a contragosto, seguia na carruagem que ia à frente, junto com o duque. Além do mais, era possível que estivesse tão acostumada àquele modo de viajar que não veria nada engraçado no pensamento dele. Joshua se perguntou sobre o que os dois irmãos

estariam conversando. Provavelmente sobre nada, ou talvez sobre o tempo, ou sobre a paisagem do lado de fora. Bewcastle não fizera menção ao noivado desde a noite anterior.

Joshua sentia-se animado com a ideia de chegar a Lindsey Hall. Era verdade que ele estava preso à armadilha de um casamento forçado até que Lady Freyja decidisse liberá-lo do compromisso. Estava totalmente à mercê dela. Mas acreditava que ela era uma mulher que sempre jogava limpo, mesmo que jogasse pesado. Além do mais, ela não tinha mais vontade de se casar com ele do que Joshua tinha de se casar com ela. Por enquanto, gostava dela e ainda não se cansara de sua companhia. Pelo contrário, achava a conversa, a inteligência e a espirituosidade dela tão estimulantes quanto a de seus amigos homens. E a achava muito atraente. Talvez atraente demais... teria que ir com muito cuidado nos próximos dias, semanas ou fosse lá quanto tempo era esperado que passasse em Hampshire.

Eles chegaram a Lindsey Hall no meio da tarde. Joshua seguiu a carruagem pelos portões e através da avenida larga e reta, ladeada por olmos. A casa logo surgiu no fim da avenida. Não era em estilo medieval, jacobino, georgiano nem em qualquer outro estilo arquitetônico específico, e sim uma mistura de vários deles. Claramente, era uma mansão que estava na família por gerações e que fora "melhorada" e ampliada diversas vezes. O resultado surpreendia por ser ao mesmo tempo imponente e agradável.

A larga avenida se dividia em duas já perto da casa, circundando um amplo jardim circular com uma fonte de mármore no centro. Não havia tantas flores desabrochando naquela época do ano como deveria haver em julho, mas a água da fonte ainda não fora desligada para o inverno e jorrava a uma altura de cerca de dez metros antes de cair sobre a larga bacia.

Um menino equilibrava-se na bacia da fonte, se molhando todo. Um homem alto, de constituição sólida, com feições austeras e um

nariz grande e adunco – o nariz dos Bedwyns? – estava parado na beira gramada da avenida, com uma menina nos ombros, segurando os cabelos dele. Uma jovem dama esguia e bela de cabelos castanhos e uma ruiva voluptuosa estavam ao seu lado. O grupo se virou para observar a carruagem que se aproximava. As damas sorriram quando eles passaram e a garotinha acenou. Todos olharam com curiosidade para Joshua.

Três pessoas usando roupas de montaria saíram do pátio do estábulo quando a carruagem deu a última volta e entrou no terraço de paralelepípedos que ficava diante das portas duplas da casa. Uma delas era uma beleza pequena e esguia, de cabelos escuros. As outras duas pessoas eram homens: um alto, de constituição larga, cabelos claros e sobrancelhas escuras, e o outro, moreno, esguio e bem-apessoado. Os dois homens tinham o nariz característico da família.

Joshua se deu conta de que estava prestes a conhecer os Bedwyns. Ele se perguntou como seria apresentado. Não havia combinado com Bewcastle se a família saberia da farsa que deveria ser mantida pelo bem da decência até que o noivado pudesse ser rompido de forma adequada... se é que *havia* uma maneira adequada de terminar um noivado.

Houve um grande burburinho quando todos se reuniram no terraço, enquanto a porta da carruagem era aberta e os degraus posicionados. O irmão grande, de cabelos claros, esticou os braços e tirou Lady Freyja de dentro da carruagem. Ela logo estava abraçando as damas e a garotinha. Então trocou apertos de mão em estilo masculino com o menino e os irmãos. Enquanto isso, o duque desceu da carruagem, acenou para todos com a cabeça e pareceu levemente embaraçado quando a dama de cabelos castanhos o abraçou.

Joshua desmontou do cavalo e entregou-o aos cuidados de um cavaleiro que viera correndo dos estábulos.

Freyja foi até ele quando completou a rodada de cumprimentos. Seu queixo estava erguido em uma postura orgulhosa e havia um brilho perigoso em seus olhos. Talvez aquele não fosse um momento pelo qual ela ansiasse com alegria. Freyja segurou a mão dele.

– Quero que todos conheçam o marquês de Hallmere... Joshua – disse ela, com uma voz altiva. – Meu noivo. Não há data marcada para o casamento, mas imagino que vá acontecer em algum momento do próximo ano. Talvez no próximo verão.

Houve um coro de sons diversos, mas ela ergueu uma das mãos e o barulho cessou.

– Primeiro, deixem-me completar as apresentações – continuou ela, apresentando todos ao redor.

Lady Morgan Bedwyn, a jovem beldade morena, fez uma cortesia para ele e o encarou com olhos generosos. Lorde Alleyne, o jovem de cabelos escuros, parecia estar achando a situação divertida. O gigante de cabelos claros era lorde Rannulf e a beldade ruiva era Judith, esposa dele. A bela dama de cabelos castanhos era Eve. O marido dela era Aidan Bedwyn, o homem moreno e taciturno que parecia ter passado uns dez anos na carreira militar. As crianças, Davy e Becky, eram de Aidan e Eve.

– Então foi por isso que você partiu subitamente para Bath, sem dizer uma palavra a ninguém, quando estávamos esperando a chegada de Aidan, Eve, Ralf e Judith – concluiu Lady Morgan, falando com o irmão mais velho. – Você soube do noivado e foi conferir por conta própria, não foi? Por que sempre acaba sabendo de todas as histórias interessantes e nós, não?

Lorde Rannulf trocou um aperto de mão firme e caloroso com Joshua.

– Isso é tão repentino – comentou lorde Rannulf, rindo. – Mas nós, Bedwys, temos uma história recente de noivados e casamentos súbitos. Por que com Free seria diferente?

– Hallmere? – Lorde Aidan Bedwyn apertou a mão de Joshua com um aceno de cabeça, mas sem nenhum sorriso.

A esposa dele estava abraçando Freyja com lágrimas nos olhos.

– Estou tão feliz por você, Freyja – disse ela. – Sabia que isso logo aconteceria.

O menino abriu caminho entre Joshua e Freyja e puxava a saia do vestido dela.

– Tia Freyja – chamou ele, voltando a puxar a saia. – Tia Freyja, eu trouxe meu equipamento de críquete.

– Ei, seu apressadinho! – Lorde Aidan pareceu quase humano quando levantou o garoto e colocou-o sobre os ombros. – Deixe sua tia colocar o pé em casa primeiro antes de começar a perturbá-la para brincar com você. Além do mais, essa não é uma boa época para jogar críquete. Vamos descobrir alguma coisa animada para fazer amanhã.

– Mas primeiro jogaremos críquete, estando na época ou não – garantiu Freyja, sorrindo para o menino e dando uma piscadela para ele. – Quero você no meu time, Davy. Vou fazer uma série de seis assim que pegar o taco.

Joshua olhou para Freyja com interesse. Ela jogava críquete? Deveria ter imaginado.

– Posso jogar também? – perguntou. – Sou um famoso lançador, conhecido por evitar que uma série de seis arremessos aconteça durante uma única entrada... até mesmo uma série de quatro arremessos.

– Rá! – zombou ela.

O menino estava rindo, encantado, e lorde Aidan se mostrou mais humano ao abrir um sorriso.

– Acho que qualquer época é boa para jogar críquete se um Bedwyn diz que é – disse ele.

– Talvez – manifestou-se o duque de Bewcastle, sem erguer a voz, embora todos os ruidosos Bedwyns fizessem silêncio para ouvi-

lo – devêssemos entrar em casa e nos reunir para o chá, na sala de visitas, em meia hora?

– Se o mestre mandou... – debochou lorde Alleyne, com uma risada baixa, depois que Bewcastle entrou em casa na frente deles. Passou o braço ao redor dos ombros de Freyja e seguiu abraçado a ela. – Estou feliz por você, Free, se estiver feliz. E por você também, Hallmere. É melhor entrarmos agora, como dóceis carneirinhos. – Ele seguiu na frente.

– Uau! – disse Joshua, sorrindo para Lady Freyja e lhe oferecendo o braço.

– Decidi – avisou ela, olhando para ele com altivez enquanto aceitava o braço – que o chamarei de Josh. Recuso-me a chamá-lo de milorde, não desejo me dirigir a você como Hallmere e Joshua é sério demais. Deve me chamar de Freyja.

– Ou de Free, como fazem seus irmãos?

– Ou de Free – concordou ela. – Mas só enquanto estivermos noivos. Até o Natal, no máximo.

– Usarei Free livremente até lá, então – brincou ele.

Eles subiram os degraus e entraram na casa. Joshua se viu em um impressionante salão em estilo medieval, com vigas de carvalho no teto, uma lareira grande o bastante para se assar um boi, paredes caiadas enfeitadas com armaduras, estandartes e armas, uma galeria para menestréis acima de um intrincado painel de madeira entalhada e uma imensa mesa de carvalho que ocupava quase todo o espaço.

Parecia o ambiente ideal para um banquete e para uma orgia.



Freyja descobriu que o batizado aconteceria dali a dois dias, e seria um grande evento. Depois da cerimônia na igreja, no fim da manhã,

todos os convidados seguiriam para Alvesley Park, a casa do conde de Redfield – e também de Kit, visconde de Ravensberg – para uma farta refeição e uma festa que provavelmente duraria até tarde da noite.

Rannulf e Judith tinham vindo de Grandmaison, em Leicestershire, onde moravam com a avó materna dos Bedwyns, que estava doente e de quem Ralf era herdeiro – ele e Kit sempre haviam sido melhores amigos. E Aidan, Eve e as crianças estavam lá porque viviam em Oxfordshire, não muito longe dali, e porque Aidan estivera longe de casa por tantos anos que perdera mais de uma década de eventos da família e dos vizinhos.

Aquilo seria uma grande provação, concluiu Freyja, mesmo tendo um noivo como acompanhante para deixá-la mais segura. Era uma estupidez se permitir ficar tão afetada por uma paixão do passado – fazia quatro anos desde que se apaixonara por Kit, e a paixão durara exatamente um mês. Mas houvera o constrangimento adicional do ano anterior, em que ela se comportara como uma tola e quase implorara a Kit que desistisse de Lauren e se casasse com ela. No final, ainda acertara um soco no queixo do pobre Ralf, talvez porque o queixo de Kit não estivera disponível naquele exato momento.

Mas deixaria para pensar no amanhã quando ele chegasse. E pensaria no problema de Josh quando chegasse a hora. Ele estava em débito com ela, apesar de todas as caminhadas e cavalgadas por Bath. Afinal, Josh também aproveitara esses passeios. Portanto ele deveria acompanhá-la na celebração. Depois disso, arrumaria uma briga terrível na frente de todos e romperia o noivado. Não tinha intenção de esperar até o Natal – ou até mais tarde, como sugerira Wulfric. Não seria justo. E talvez ficasse difícil romper o noivado se permitisse que mais tempo se passasse. Ele era atraente demais. E esse detalhe não passara despercebido entre a família dela.

– Você passa duas semanas em Bath – comentara Morgan na noite da véspera, quando todas as mulheres haviam se reunido no

quarto de Freyja – e volta para casa com um deus grego. Tudo o que eu vou descobrir quando for a Londres na primavera, para ser apresentada à sociedade e, quem sabe, a um futuro pretendente, será um bando de rapazes barulhentos, malcomportados e com espinhas no rosto.

Tanto Judith quanto Eve riram.

– Mas você deve esperar até seu príncipe chegar, Morgan – dissera Eve. – E ele *chegar*, assim como o de Freyja chegou.

– Aliás, o príncipe de Freyja é *lindo* – acrescentara Judith, a mão direita pousada sobre o coração e pestanejando de forma teatral. – Todo aquele cabelo louro brilhante... Ai, ai!

– E aqueles olhos azuis risonhos – acrescentou Morgan, em tom de lamento. – Como vou encontrar para mim um homem à altura dele?

– Mas o nosso próprio príncipe sempre parece mais esplêndido do que qualquer simples mortal, Morgan... ou mesmo do que outro mortal extraordinário – disse Eve em um tom gentil. – É assim que penso em Aidan e tenho certeza de que o mesmo acontece com Judith.

Freyja olhara para as duas cunhadas com uma pontada de inveja.

Mas não se permitiria sentir nenhuma emoção negativa naquele dia, decidiu, depois de se levantar cedo e olhar pela janela, vendo que as nuvens estavam esparsas no céu e que talvez desaparecessem até o meio da manhã, deixando o dia ensolarado. O ar que entrava pela janela aberta era fresco, mas não frio. Estava uma ótima manhã para jogar críquete. Aliás, estava um ótimo dia para todo tipo de atividade ao ar livre.

Como era maravilhoso estar longe do confinamento de Bath!

Todos se juntaram no jogo de críquete depois do café – todos menos Wulfric, é claro, que desapareceu em seu escritório. Até mesmo Eve e Judith resolveram jogar, embora Rannulf tentasse

dissuadir Judith da ideia, dirigindo-lhe, em vão, todo tipo de olhares significativos por cima da mesa.

Santo Deus!, pensou Freyja. Judith estaria grávida? Como seria interessante se *isso* fosse verdade... Os dois tinham, no máximo, um mês de casados. Seria possível... Mas aquilo não era problema dela.

Freyja e Joshua jogavam em times diferentes. De propósito. Ele estava determinado a tirá-la do jogo e ela, por sua vez, estava igualmente determinada a fazer seis arremessos em uma única entrada, disputando com ele. Freyja tinha Eve, Morgan, Rannulf e Davy em seu time. Joshua tinha Judith, Aidan, Alleyne e Becky no dele.

Por sorte, Rannulf era um lançador decente, embora fosse gentil com Judith e mais gentil ainda com Becky, certificando-se de que a menina acertasse algumas bolas e marcasse um total de oito *runs*, enquanto todos os interceptadores se tornavam propositalmente desajeitados e não conseguiam tirá-la da jogada. Aidan conseguiu acertar uma série de seis arremessos e duas de quatro arremessos, antes de Freyja pegá-lo perto do limite do campo, e Joshua não desanimou com um total de vinte *runs*. Alleyne saiu para pegar a primeira bola lançada para ele – a bola estilhaçou a meta atrás dele e Davy quase enlouqueceu de felicidade.

O time de Freyja precisava de 52 *runs* para vencer quando chegou a vez deles de rebater. Rannulf marcou 15 antes de ser pego. Eve marcou 16 e Morgan, 11, ambas com arremessos muito benevolentes de Josh, que parecia tão belo e viril sem o paletó e o colete e com as mangas da camisa enroladas que chegava a ser uma distração para o jogo. Davy, que também recebia arremessos bem amigáveis, estava nos 9 *runs* quando Morgan finalmente saiu e foi a vez de Freyja.

A primeira bola de Joshua foi lançada entre as metas, com um efeito maldoso que tornou quase impossível prever seu curso. Freyja

não pôde fazer muito mais do que proteger suas metas e olhar irritada para o lançador sorridente.

– Não consegue fazer melhor do que isso? – gritou ela, flexionando os braços e fazendo algumas demonstrações de rebatidas com o taco.

Ele podia.

A próxima bola quicou na frente dela, levantando grama e terra, e quase arrancando o dente da frente de Freyja quando passou zunindo perto dela.

– Não consegue fazer melhor do que isso? – gritou Freyja de novo, enquanto o time dele vaiava e o dela batia palmas e gritava palavras de encorajamento.

Freyja observou a bola seguinte a cada segundo do caminho, como se estivesse em câmera lenta, ajustou o taco, segurou-o com força e acertou a bola com um barulho preciso. Ela viu quando a bola atravessou o gramado em um lindo arco e passou pela cabeça de Aidan no limite do campo por quase um metro. Então ela correu entre as metas, o taco em uma das mãos, a outra mão segurando as saias, rindo e ouvindo Davy gritar de alegria quando passou por ele.

O time de Freyja ganhou o jogo.

– Acho – disse ela, quando terminou de correr e parou não muito longe de Joshua, arfando, as mãos nos quadris, os cabelos em total desalinho sobre os ombros – que provei que tinha razão.

– É verdade – retrucou Joshua com uma expressão de profunda tristeza, desmentida apenas pelo riso em seus olhos. – Venceu nossa aposta, Free. Preciso pagar minha multa.

Então, diante dos irmãos e da irmã dela, das cunhadas e das duas crianças, Joshua deu duas passadas largas para a frente, enfiou a mão nos cabelos dela, de modo a segurá-la pela nuca, inclinou a cabeça de Freyja para trás e lhe deu um beijo intenso e demorado.

Era bom que tivesse corrido pouco antes, pensou Freyja, quando ele finalmente levantou a cabeça e ela percebeu que estava sendo observada por todos os familiares. A corrida seria uma boa desculpa para o rosto vermelho. Já era humilhante demais ser vista ruborizada.

– Devo estar sofrendo de perda de memória – comentou ela. – Realmente não me lembro de nenhuma aposta.

– Jamais serei capaz de passar novamente de cabeça erguida entre meus pares jogadores de críquete – disse Joshua. – Devo confessar que o jogo foi ganho de forma absolutamente justa. Não tinha a intenção de permitir que conseguisse arrancar pontos de mim.

– Eu sei – disse ela, com um sorriso aberto.

– O que vamos fazer agora? – Davy estava pulando para cima e para baixo e se dirigindo a todos com uma vozinha aguda. – O senhor disse que encontraria algo legal para fazermos, tio Aidan. Podemos cavalgar, ou brincar de esconder, ou subir em árvores, ou...

Aidan pegou o menino no colo e levantou-o pelos tornozelos.

– O que vamos fazer agora – disse, enquanto Davy dava risadinhas e exigia ser colocado no chão – é almoçar. Depois veremos. – Ele deitou o menino com cuidado sobre a grama e fez cócegas nele com a ponta da bota.

– *Tio Aidan?* – perguntou Joshua quando eles voltavam para dentro de casa, de mãos dadas com Freyja, os dedos entrelaçados aos dela.

– Becky e Davy eram filhos adotivos de Eve quando Aidan a conheceu no início desse ano – explicou Freyja. – Os pais deles morreram e nenhum dos parentes quis tomar conta dos dois. Mais recentemente, Eve e Aidan receberam a custódia legal dos meninos. Becky os chama de mamãe e papai. Davy os chama de tio e tia. Eve me contou que ela e Aidan têm o maior cuidado para não tentar tomar o lugar dos pais dos meninos e para não encorajá-los a

esquecê-los. Eu jamais teria imaginado Aidan com filhos. Mas, como você pode ver, ele gosta desses dois como se fosse pai deles.

– Ele foi militar? – perguntou Joshua.

– Por doze anos – respondeu Freyja. – Desde que tinha 18 anos até alguns meses atrás, quando se casou com Eve. – Só então ela baixou os olhos para suas mãos. – Eu lhe dei permissão para segurar a minha mão de um modo tão íntimo?

Ele também abaixou os olhos, então voltou a levantá-los e riu para ela.

– Não – respondeu. – Mas precisamos manter a farsa. Aparentemente, você e Bewcastle concordaram que nosso noivado precisa parecer real para a sua família. Estou apenas fazendo a minha parte.

– Se está imaginando – disse ela em um tom severo – que vou ficar sem reação enquanto você abusa de mim em nome do realismo, lhe adianto que está enganado.

– Sem reação? – Ele sorriu outra vez. – Ah, espero que não. Não é divertido abusar de uma estátua de mármore ou de um peixe morto. Acho que você era uma menina muito levada quando criança, não era?

– É claro.

– Ótimo. – Ele aproximou a cabeça da dela e, por um momento, Freyja achou que ele fosse beijá-la de novo. – Tenho um fraco por meninas levadas.

Aquela farsa, percebeu Freyja, deixara Josh à vontade para flertar descaradamente com ela... e até mesmo para ir além do flerte em alguns momentos.

Por que essa ideia era tão empolgante?



Os Bedwyns eram uma família agitada, que adorava se divertir, concluiu Joshua antes que o dia terminasse. As crianças não ficavam escondidas no quarto de brinquedos enquanto os adultos encontravam atividades decorosas com que se entreter. Depois do almoço, todos decidiram caminhar até o lago, que ficava fora de vista, entre as árvores a leste da casa. Rannulf disse que havia vários lugares ali – todos haviam convidado Joshua a tratá-los pelos primeiros nomes – para um jogo de esconder. Alleyne acrescentou que levaria o balanço para pendurar em uma das árvores. Freyja disse que as árvores também eram ótimas para se subir nelas.

– E sempre há a água – comentou Aidan.

– Em setembro? – perguntou a esposa dele.

– Um setembro *quente* – disse Aidan, olhando pela janela.

O sol estava mesmo brilhando.

– Se alguém for nadar – declarou Eve –, devo dizer que ficarei sentada na margem, observando e tentando parecer o mais decorativa possível.

– Eu também, Eve – concordou Judith. – Podemos nos revezar no balanço para nos exercitarmos.

Foi uma tarde tão ativa quanto prometera ser. Joshua desconfiava que as crianças eram apenas uma desculpa para os adultos deixarem as inibições de lado e se divertirem a valer.

Alleyne e Joshua subiram em uma árvore alta e sólida, não muito longe do belo lago artificial, e amarraram as cordas do balanço a um galho alto. As crianças se balançaram por algum tempo, mas logo começou o jogo de esconder, que continuou por uma hora ou mais, até ser a vez de Joshua procurar – ele conseguiu encontrar todos, menos Freyja. Acabou descobrindo-a no alto de um velho carvalho, com as costas apoiadas contra o tronco, os pés junto ao corpo e os braços passados ao redor dos joelhos. Ele já havia passado por aquela árvore e procurado ao redor dela meia dúzia de vezes.

– Ei! – reclamou ele quando a viu. – Isso é trapaça! Uma das regras era que deveríamos manter contato com o solo.

– O tronco da árvore está em contato com o solo – alegou Freyja, olhando para baixo, sem dar qualquer sinal de medo de altura. – E minhas costas estão em contato com o tronco da árvore.

– A-hã – disse Joshua. – Há uma falha em algum lugar dessa lógica... Mas agora você foi pega.

– Você precisa me tocar primeiro – disse ela.

– Vai me fazer subir até aí? – perguntou ele, estreitando os olhos.

– Sim. – Freyja ergueu a cabeça e ficou admirando o céu.

Os dois logo passaram a admirar o céu juntos, depois que ele subiu e tocou o braço dela, deixando-a oficialmente fora do jogo. Algumas nuvens brancas passeavam pela ampla extensão de azul.

– O verão está quase no fim – comentou Freyja. – Bem, está no fim, mas o calor está se estendendo outono adentro. Gostaria que o inverno não estivesse tão próximo.

– Mas há caminhadas revigorantes e cavalgadas para fazer no inverno – retrucou Joshua. – E, se nevar, é possível andar de trenó, fazer guerras de bolas de neve, esqui e construir bonecos de neve.

– Nunca neva – disse Freyja com um suspiro.

Ele se equilibrou no galho abaixo daquele em que ela estava e encarou-a. Freyja deixara os cabelos soltos desde de manhã. Parecia uma criatura selvagem.

– Teremos que permanecer noivos, coração – falou Joshua. – E eu lhe mostrarei tantas maneiras interessantes de aproveitar o inverno que você não vai mais querer o verão de volta.

Ela virou a cabeça para ele e deu um meio sorriso.

– Não se preocupe – disse Freyja. – Muito antes de o inverno chegar, eu já terei decidido que você pagou seu débito comigo. Amanhã será um dia entediante.

– Amanhã? – repetiu ele, então se lembrou de que eles iriam à festa de batismo do bebê recém-nascido dos vizinhos da família. – Redfield e a família dele são um bando de chatos?

– Fui noiva do filho mais velho deles – contou ela. – Eu deveria ser a viscondessa Ravensberg. O primeiro filho, o primeiro herdeiro da próxima geração, era para ter sido meu. Mas Jerome morreu.

– Ah, sim – lembrou Joshua. – Me perdoe, eu sabia disso. Você o amava? – Ela lhe dissera que não quando contara a história sobre o noivado, quando estavam sobre a rocha branca com vista para a cidade de Bath.

A expressão dela pareceu carregar certo desdém.

– Crescemos sabendo que iríamos nos casar – falou. – Não desgostávamos um do outro. Tínhamos até uma relação carinhosa. Mas *amor* não é um pré-requisito para esse tipo de enlace.

Naquele dia, ela estava se sentindo compreensivelmente melancólica sobre tudo aquilo. Joshua imaginou que o dia seguinte seria ainda mais difícil para Freyja. Ela veria outra mulher no lugar que teria sido dela, com um filho que também deveria ter sido dela... só que com um pai diferente.

– Sabe nadar, Josh? – perguntou ela.

– É claro que sei nadar – disse Josh. – Não está prestes a propor uma disputa, não é mesmo, Free? Se estiver, já vou lhe avisando que cresci perto do mar. Em uma disputa a nado, eu a venceria facilmente. Você já abalou a minha autoestima vencendo a nossa corrida a cavalo e depois rebatendo uma das minhas melhores bolas em sua série de seis arremessos.

– De uma margem à outra, ida e volta – propôs ela.

Ele abaixou a cabeça para ver se os homens e as crianças já estavam na água, e então ouviu os gritos e as risadas. Eve e Judith estavam sentadas na margem do rio. Morgan brincava no balanço, linda, dando impulso alto demais. Aquela jovem dama, pensou Joshua, se veria cercada de pretendentes quando fosse apresentada

à sociedade na primavera seguinte – e não apenas por ser filha de um duque.

– O que pretende usar? – perguntou ele.

– Minha anágua – respondeu ela. – Se acha que vai ficar constrangido demais por isso, pode voltar para casa e achar um bom livro para ler.

– Constrangido? – Joshua começou a descer da árvore sem oferecer a mão a ela... o que talvez fosse provocação o bastante para garantir um dos famosos socos no nariz dados por Freyja. – Mal posso esperar. Vou lhe dar uma cabeça de vantagem na nossa corrida, está bem? Então contarei lentamente até dez antes de ir atrás de você.

Ele riu quando ela pareceu soltar faíscas e desceu furiosa atrás dele.

CAPÍTULO XII



O batizado do honorável Andrew Jerome Christopher Butler era realmente uma grande ocasião, como Freyja logo percebeu assim que os Bedwyns chegaram à igreja e foram encaminhados aos seus assentos. A igreja estava cheia com os vizinhos e os parentes de Kit e da viscondessa. Estavam lá o primo dela, o jovem visconde de Whitleaf, e o avô dela, o barão Galton. Encontravam-se também os parentes ilustres por causa do segundo casamento da mãe da viscondessa: o duque e a duquesa de Portfrey, o duque e a duquesa de Anburey, o marquês de Attingsborough, o conde e a condessa de Kilbourne, a antiga condessa de Kilbourne, agora viúva, e sua filha também viúva, Lady Muir.

Toda aquela comoção, pensou Freyja, por um bebê que estava absolutamente indiferente a tudo o que acontecia ao seu redor. Ele estava lindamente vestido em uma longa camisola de batismo de renda, uma herança de família, embora tivesse dormido durante toda a cerimônia, acordando com um grito de indignação apenas quando a água batismal foi derramada sobre sua cabeça. Mas logo adormeceu de novo, embalado pelos braços do pai.

Freyja tentou na prestar muita atenção no grupo principal, mas como poderia evitar ver Kit, que parecia transbordar de orgulho e

felicidade, e a viscondessa – Freyja nunca conseguira pensar nela como Lauren – cintilando em seu novo papel de mãe?

A viscondessa tinha certa beleza, admitiu Freyja. Seus cabelos eram escuros e brilhantes, a pele imaculada e os olhos de um violeta impressionante. Mas ela estava sempre tão digna, sempre a dama decorosa, sem uma palavra imprópria ou um fio de cabelo fora do lugar. Freyja achava que lhe faltavam espírito e carisma. Ela detestava a mulher... nem que fosse apenas porque todos a amavam e admiravam.

Freyja olhava para as próprias mãos pousadas no colo quando Joshua pegou uma delas, apertou com força e passou-a pelo braço dele. Ela o olhou como se dissesse “Isso tudo não é absolutamente entediante?”, mas Joshua sorriu, os olhos mais suaves e menos zombeteiros do que o normal, e cobriu a mão dela com a dele.

Freyja poderia alegremente tê-lo acertado com os punhos naquele momento. Ela sabia muito bem o motivo daquela atitude: Joshua estava com pena dela. Pouco antes de ele ajudá-la a entrar na carruagem naquela manhã, quando ela estava de mau humor e irritada, Joshua se aproximara dela e dissera baixinho:

– Coragem. Seu Jerome se foi. Mas haverá outra pessoa para você algum dia. E, nesse meio-tempo, talvez eu possa ser de alguma serventia, coração.

Ele achava que ela estava deprimida por causa de Jerome. E estava mesmo... ou deveria estar. Ele morrera tão jovem e de um modo tão tolo – de uma febre que contraíra após resgatar várias famílias de trabalhadores vizinhos em uma enchente. E Freyja sentia carinho por ele. Jerome fora um de seus companheiros de brincadeiras durante toda a infância. Mas ela não se sentira nem um pouco ansiosa para se casar com ele, e ele também não parecia muito ansioso pelo evento. Sempre que Freyja dava alguma desculpa para adiar a formalização do noivado ou para não marcar a data do casamento, ele não fazia objeções.

A interminável cerimônia finalmente terminou, e Kit e a viscondessa partiram na primeira carruagem, já que estava chegando a hora de alimentar o bebê. Ao que parecia, a própria viscondessa estava amamentando o filho. Nesse ponto, com certeza ela não era perfeita, pensou Freyja com certa satisfação. As damas elegantes achavam vulgar não contratar uma ama de leite.

Foi uma enorme bênção ter Joshua ao seu lado depois que eles chegaram a Alvesley. Apresentá-lo a todos como seu noivo ocupou o tempo e a atenção de Freyja e evitou qualquer possível embaraço ou piedade por parte daqueles que sabiam o que acontecera no ano anterior. E havia um assombroso número de pessoas que sabiam que as comemorações pelo aniversário da avó de Kit – que morrera subitamente no início do ano em que estavam – teriam incluído o anúncio do noivado dele com Lady Freyja Bedwyn.

Pouco antes da refeição, Kit e a viscondessa desceram do quarto do filho e finalmente chegou o doloroso momento de ficar cara a cara com eles. Kit estava com o mesmo sorriso cauteloso que sempre exibia na presença de Freyja. A viscondessa, por sua vez, deu um sorriso largo e afetuosos, como sempre fazia também. Freyja abriu um sorriso ofuscante. Que enorme variedade de pensamentos e emoções deviam fervilhar por trás daqueles três sorrisos, pensou ela.

– Preciso parabenizar os dois pelo nascimento do filho de vocês – disse Freyja.

– Obrigado, Freyja – respondeu Kit. – E obrigado por vir.

– Ficamos tão encantados por você ter vindo de Bath a tempo de se juntar a nós hoje – comentou a viscondessa... com certeza mentindo descaradamente.

– Posso apresentar a vocês o marquês de Hallmere, meu noivo? – falou Freyja. – Visconde e viscondessa Ravensberg, Josh.

– O noivo de Lady Freyja! – A viscondessa abriu outro sorriso caloroso para Joshua. – É um grande prazer conhecê-lo, lorde

Hallmere. E como estou feliz por você, Lady Freyja.

Ela deu um passo à frente e, por um terrível momento, Freyja achou que estava prestes a ser abraçada. Ela arqueou as sobrancelhas e ergueu o queixo, então a viscondessa hesitou e se conteve em dar apenas mais um sorriso.

– Hallmere? – Kit trocou um aperto de mãos com o marquês. – Você é um homem de sorte. Espero que saiba que conquistou um tesouro.

Os nós dos dedos de Freyja coçavam quando ela cerrou os punhos.

– E, Freyja – Kit pousou as mãos nos ombros dela –, eu sabia que você logo encontraria a felicidade. Desejo-lhe tudo de bom, sinceramente. – Ele não hesitou como fizera a esposa. Ao contrário, adiantou-se e deu um beijo carinhoso no rosto dela.

Por sorte, a refeição foi anunciada e não houve mais necessidade de seguir com a conversa. Freyja pegou o braço de Joshua e murmurou para ele: – Como estamos nos divertindo.



Joshua não ficou ao lado de Freyja durante toda a tarde. Não teria sido educado. Além disso, depois que a refeição terminou, a terrível tensão que sentira no corpo de Freyja mais cedo, apesar dos sorrisos e da compostura impecável, havia diminuído. Ela circulava entre os convidados, os olhos brilhantes, a pose altiva, sociável e parecendo especialmente atraente em um vestido de musselina com as saias amplas em vários tons de turquesa e verde-água.

Ele não tinha certeza se Freyja não amara profundamente Jerome Butler. Aquele dia estava sendo muito difícil para ela.

Joshua se misturou aos convidados pela maior parte da tarde. Mas, por fim, sentou-se em um banco sob a janela da sala de estar,

ao lado do filho mais novo do conde de Redfield, Sydnam Butler. O homem não tinha o braço direito nem um dos olhos, e o lado direito do rosto, assim como o pescoço, estavam desfigurados por marcas roxas de antigas queimaduras.

– Ferimentos de guerra? – perguntou Joshua.

– Exatamente – respondeu Sydnam Butler. – Fui capturado por um grupo de patrulha francês quando estava em uma missão de reconhecimento em Portugal. Eu estava sem uniforme.

– Esse foi o meu grande medo por cinco anos – confessou Joshua com uma careta. – Estive na França em algumas missões de espionagem para o nosso governo, mas em caráter totalmente extraoficial. Sem soldo, sem uniforme, sem resgate caso eu fosse capturado. Você não recebeu o tratamento que o uniforme lhe garantiria, não é?

– Isso mesmo – concordou Butler.

Eles conversaram por algum tempo sobre as guerras e sobre Gales, onde o homem agora vivia, em uma das propriedades de Bewcastle, na função de administrador. Então Butler acenou com a cabeça na direção de Freyja, que estava em um grupo com Rannulf e Judith, Lady Muir e um primo dos Butler cujo nome escapara da memória de Joshua.

– Fico sinceramente satisfeito por ver Freyja feliz de novo – comentou. – Dá para perceber que você é uma boa companhia para ela.

– Obrigado – disse Joshua. – Mas está sendo um dia tenso para ela. Acho que Freyja era profundamente ligada ao seu irmão, quando eles eram noivos.

– Ah, mas eles nunca foram noivos – esclareceu Butler. – Quando Kit voltou para casa no verão passado, trouxe Lauren como sua noiva e isso foi o fim do acordo de casamento que Bewcastle e meu pai haviam feito. – Ele fez uma breve pausa e deu um sorriso sem graça. – Ah, perdão. Você estava falando de Jerome. Sim, é claro.

Eles sempre gostaram muito um do outro. Mas eu não me preocuparia se fosse você. Isso já foi há muito tempo e Freyja parece feliz hoje. Muito feliz.

Ravensberg e a esposa, que haviam se ausentado do salão por algum tempo, voltaram naquele momento. O visconde carregava o bebê, já sem a camisola de batizado, agora aconchegado em uma manta branca. Duas mãozinhas se agitavam acima das dobras da coberta. Eles foram de grupo em grupo para cumprimentar os convidados e mostrar seu pequeno tesouro. As damas arrulhavam e sorriam para o bebê, enquanto os cavalheiros se mostravam levemente encabulados.

O visconde e a viscondessa eram um belíssimo casal e, se Joshua não estava enganado, ainda viviam um momento muito romântico.

Ele também compreendera o que Sydnam Butler dissera antes que percebesse seu equívoco. Um casamento fora arranjado entre Freyja e o atual Ravensberg. Fazia sentido. Se as duas famílias haviam planejado a aliança com o filho mais velho desde a infância das crianças, não seria natural retomar o plano com o segundo filho, depois de um tempo respeitoso da morte do primeiro? Mas o segundo filho levara para casa uma noiva de sua própria escolha e estragara o plano.

Teria sido de propósito? O atual visconde Ravensberg saberia do casamento que o próprio pai e o irmão de Freyja estavam combinando? Teria ele, assim como Joshua fizera em Bath, se apressado em ficar noivo de outra pessoa para evitar um casamento que não desejava? Ou ele não soubera antes?

De qualquer modo, Freyja provavelmente se sentira menosprezada e detestara a sensação! Que parte dela teria ficado mais ferida pela rejeição? O orgulho? Ou o coração?

Observando de onde estava, no assento da janela – Sydnam Butler se afastara com o pai e com um primo –, Joshua viu que o sorriso de Freyja se tornou ainda mais cintilante quando o casal e o

bebê se encaminhava para o grupo em que ela estava. Ele notou que ela flexionava os dedos ao lado do corpo e que batia com um dos pés no tapete em um gesto nervoso. Sua expressão era tensa. Ela lançou um olhar penetrante para a viscondessa, que estava bem perto agora, mas concentrada nas gracinhas do bebê. O olhar de Freyja, breve e velado, era puro veneno.

Poucos momentos depois, a família estava prestes a chegar ao grupo de Freyja. Judith sorria e trocava olhares carinhosos com Rannulf.

Joshua ficou de pé e adiantou-se até Freyja.

– Coração – ele tocou seu cotovelo e ela deu um salto, como se tivesse sido tocada com ferro em brasa –, vi que algumas almas corajosas estão passeando no terraço. Se incomodaria de tomar um pouco de ar fresco?

– Eu adoraria! – respondeu ela em um tom um pouco alto demais. – Vou enlouquecer se continuar parada.

O clima mudara de repente. Na véspera, era quase como se estivessem no verão. Naquele dia, o céu estava cinzento e tempestuoso e o ar se tornara frio. Eles vestiram as capas para sair para o terraço. Joshua puxou o chapéu sobre a sobancelha para que não fosse levado pelo vento.

– Espero que não esteja pretendendo caminhar a passinhos de rato pelo terraço, Josh. Preciso colocar ar nos meus pulmões. Essas reuniões não são insuportavelmente entediantes?

Ela virou à direita e foi em direção aos estábulos e, assim que os dois passaram pelos jardins, Freyja atravessou o gramado e seguiu caminhando pela estrada que descia da casa. Joshua acompanhava seus passos rápidos, determinados, quase masculinos.

– Ah. – Ela levantou o rosto para o céu. – Assim está melhor.

Ele não tentou conversar e Freyja claramente não estava com humor para isso. Os dois caminharam até chegar a uma ponte de pedra que atravessava um rio e marcava o limite entre o parque da

propriedade e o bosque além dela. Devia ser mais tarde do que Joshua imaginara. O crepúsculo já se anunciava.

– E agora? – perguntou ele. – De volta para casa?

– Ainda não – disse ela. – Aquela festa ainda continuará por horas. Ninguém sabe quando eventos como esse terminam.

– Para onde iremos, então?

Freyja olhou ao redor.

– Há um lago para lá – falou, apontando para a direita deles. – Mas não estou com disposição para nadar hoje. – Ela estremeceu quando uma rajada de vento frio os atingiu.

– O quê? – perguntou Joshua, fingindo espanto. – Não vou conseguir vê-la apenas de anágua novamente? – Na verdade, ele a vira de anágua molhada na véspera, o que era quase o mesmo que anágua nenhuma. A temperatura ameaçou subir muito à mera lembrança.

– Vamos para a cabana do guarda-caça – sugeriu Freyja. – É por ali. – Ela apontou para o bosque à direita. – Acho que, no fundo, é mais um refúgio para a família, já que não me lembro de ter visto um guarda-caça vivendo ali. Mas é sempre mantida em bom estado. Talvez possamos acender o fogo e nos aquecer por algum tempo antes de voltar.

Parecia uma boa ideia, pensou Joshua, seguindo pela ponte.

Eles caminharam por algum tempo pelo bosque que já começava a ficar escuro, já que Freyja parecia não se lembrar exatamente onde ficava a cabana. Mas ela pareceu bem mais animada só por estar procurando por ela.

– Passei várias horas naquela cabana em uma tarde quente, certa vez – contou Freyja. – Fui trancada lá dentro e Jerome e Kit ficaram de guarda do lado de fora. Eles haviam me raptado. Mas a aventura teve um triste fim quando Aidan e Ralf se recusaram a me resgatar. Quando Kit voltou para casa para tentar roubar alguma comida da cozinha, eu gritei e praguejei tão alto que Jerome me

deixou sair com medo de que eu pudesse atrair a atenção de algum jardineiro que passasse por ali. Deixei o nariz dele sangrando, então fui para casa e garanti a Ralf e Aidan algumas manchas roxas também.

– E você nunca mais foi raptada? – ironizou Joshua. – Meu anjo, donzelas raptadas devem chorar, parecer frágeis e fazer seus captores se apaixonarem por elas.

– Rá! Pronto, chegamos. Eu sabia que era por aqui.

A cabana estava fechada. Ele procurou acima do batente da porta e ela ergueu algumas pedras com musgo ao lado até encontrar a chave. A porta foi aberta com tanta facilidade que eles souberam antes mesmo de entrar que a cabana ainda era usada. O interior estava escuro, mas era possível ver, com a luz fraca que entrava pela porta, que havia uma pequena mesa encostada à parede na outra extremidade e, sobre ela, um lampião e o material para acendê-lo. Joshua demorou um pouco, mas acabou conseguindo acender o lampião.

A lareira estava com tudo preparado para ser acesa, com uma caixa de lenha ao lado. Havia uma velha cadeira de balanço de madeira com uma manta desbotada jogada sobre o assento e o encosto. E uma cama estreita encostada a uma das paredes, arrumada com mantas e um travesseiro. Tudo estava limpo, inclusive o piso de terra batida.

Aquele, pensou Joshua, com certeza era o refúgio de alguém.

Freyja entrou e fechou a porta atrás de si. Ficou parada em silêncio, enquanto Joshua se ajoelhava e acendia o fogo.

– Sim, aqui está – comentou Freyja, por fim. – Minha casa-prisão.

– Mas não é mais uma prisão, coração – disse ele, levantando e limpando as mãos antes de se virar e caminhar até onde ela estava. Joshua abaixou a cabeça e tocou os lábios de Freyja com os seus. –

Ao contrário, é um refúgio. E logo será um refúgio *aquecido*, eu espero.

Também era um refúgio isolado. Um lugar perigoso para um homem e uma mulher que estavam tentando evitar que o noivado forjado se transformasse na prisão perpétua de um casamento. Joshua se afastou e indicou a cadeira de balanço.

Freyja tirou a capa, jogou-a sobre as costas da cadeira e se sentou. Joshua tirou o chapéu e a capa, deixou-os na mesa e se sentou na beira da cama.

– O grande suplício está quase terminando – comentou.

Freyja riu baixinho, os olhos presos ao fogo.

– Seria bem feito se eu me recusasse a liberá-lo dessa farsa – disse ela. – Sou mesmo um suplício assim tão grande? Que humilhante... Você é um suplício, é claro, mas *eu*?

– Não estava me referindo a nós – explicou ele. – Conte-me sobre Ravensberg.

– Sobre Jerome? – perguntou ela.

– Sobre Kit.

Freyja virou a cabeça para encará-lo.

– O que quer saber sobre Kit?

– Você foi apaixonada por ele?

– Por Kit? – Ela franziu o cenho com ferocidade para ele.

– Jerome não foi o único irmão de quem você foi noiva – disse Joshua –, ou *quase* noiva. Você tinha carinho por Jerome. Tinha um carinho ainda maior por Kit?

Ela continuou a olhá-lo com irritação.

– Não é problema seu.

– Sou seu noivo.

– Não é, não – retrucou ela em tom zombeteiro. – E não vá fazer papel de amante ciumento agora, Josh. Que ideia! Não é problema seu por quem fui apaixonada ou por quem sou apaixonada, se houver alguém. Isso não é da sua conta.

– Ele sabia que você o amava?

– É claro que ele sabia – respondeu Freyja, voltando a olhar para o fogo. Então ela se recostou na cadeira e fechou os olhos. – Kit queria desesperadamente que eu me casasse com ele. Queria que eu desse as costas a tudo, a todas as expectativas da família dele e da minha, e seguisse para onde a tropa dele fosse mandada. Eu era tudo para Kit e ele era tudo para mim. Mas Wulf não daria seu consentimento. Eu tinha 21 anos e não precisava do consentimento dele. E Wulf não me proibiu exatamente... ele não costumava fazer isso, e é claro que sabia que eu lutaria até a morte contra qualquer tentativa de tirania. Mas fez um discurso sobre dever de família e acabei sendo convencida a anunciar meu noivado com Jerome. Então Kit se juntou novamente ao regimento na Península. No ano passado, como Jerome havia morrido antes de marcarmos a data de nossas núpcias e Kit estava voltando para casa, o pai dele e Wulf finalmente combinaram o nosso casamento. Mas Kit não havia me perdoado. E se vingou de mim trazendo para casa aquela mulher perfeita e insípida, Lauren Edgeworth.

Joshua se perguntou se Freyja percebera que, mesmo que houvesse começado como uma vingança ou uma válvula de escape, o casamento entre o visconde e a viscondessa era hoje uma relação de amor. E imaginou quanto amor ela ainda sentia por Ravensberg no meio de toda aquela raiva e amargura.

– Pobre Freyja – disse ele baixinho.

Ela se pôs de pé de um pulo e cruzou o espaço entre eles em três passadas. Joshua segurou o punho direito dela, que estava a cinco centímetros do nariz dele, e depois o punho esquerdo, que já chegava a roçar seu queixo. Joshua se levantou e prendeu os braços de Freyja atrás das costas, mantendo-a imobilizada.

Os olhos dela pareciam queimá-lo.

– Não *ouse* sentir pena de mim – disse Freyja em um tom agressivo. – Minha história e meus sentimentos são problema meu e

de mais ninguém. Muito menos seu. Não estamos realmente noivos. Não somos nada além de dois estranhos que estão juntos pelas circunstâncias. Não significamos nada um para o outro. Você não é nada para mim. Entendeu? Nada.

Ele abaixou a cabeça e a beijou. Sabia que estava correndo um risco mortal – Freyja poderia arrancar um pedaço do lábio dele com os dentes. Mas ela precisava de consolo. Não que os motivos dele fossem inteiramente altruístas, é claro. Freyja Bedwyn era uma mulher muito excitante quando estava tendo um ataque de fúria.

– Nada mesmo, coração? – murmurou ele. – Assim você me magoa.

– Vou arrancar sua cabeça se você deixar de ser covarde e soltar os meus pulsos – disse Freyja, os olhos ainda cintilando de ira. – Tem medo de encarar a fúria de uma mulher, a menos que esteja prendendo os braços dela, não é?

Ele sorriu e soltou-a. E riu alto enquanto se esquivava dos golpes dos punhos dela sem prendê-la novamente.

– Ai! – reclamou quando um dos punhos de Freyja acertou sua orelha.

Mas ela ainda não havia acabado com ele, e não acabaria, desconfiava Joshua, até derrubá-lo no chão e pisar em cima dele. Ainda bem que Freyja não estava usando as botas de montaria. Mas ele precisava fazer justiça e admitir que ela não tentava usar nem as unhas nem os dentes. Lutava limpo.

Só havia uma forma de se defender que não fosse acertar um soco no rosto dela. Joshua segurou-a pela cintura, prendendo os braços dela a lado do corpo, e apertou-a contra si. Então beijou-a novamente na boca.

– Não gosto nada de você – rosnou Freyja quando ele afastou os lábios dos dela. A raiva sumira dos olhos dela e da voz. – E você não significa absolutamente nada para mim. Menos do que nada.

– Eu sei, coração – retrucou ele, começando a beijá-la de novo.

A raiva com certeza diminuía, mas a paixão definitivamente não. Freyja abriu a boca sob a dele, de algum modo conseguiu passar os braços ao redor de Joshua e pressionou o próprio corpo contra o dele o máximo que as roupas e a anatomia de ambos permitia.

– Não pare – pediu Freyja, ofegante, tentando desesperadamente manter a sanidade. – Não pare!

– Freyja...

– Não pare!

Joshua não saberia dizer quem derrubou quem na cama, mas lá estavam eles, poucos momentos depois, se agitando e arfando juntos no espaço estreito, as mãos de um percorrendo o corpo do outro em um esforço desesperado para encontrar a pele nua sob as roupas. Freyja tirou o casaco dele e o colete – com um pouco de ajuda da parte de Joshua – e puxou a camisa dele para fora da calça. Logo passou a mão por baixo da camisa e pressionou-a contra a pele nua das costas de Joshua, enquanto ele usava os dedos para abaixar o decote do vestido dela e deixar os seios livres. Joshua segurou os seios dela nas mãos e acariciou os mamilos entre os dedos, ao mesmo tempo em que colava a boca na veia pulsante na base do pescoço dela.

Em algum lugar, a sanidade ainda tentava atrair a atenção dele. E outro pensamento também lhe ocorreu.

– Coração – ele ergueu a cabeça e abaixou os olhos para o rosto de Freyja –, você é virgem?

Talvez ela não fosse, já que houvera aquele interlúdio apaixonado com Kit Butler. Se não era...

– Levante os braços.

Joshua fez o que ela pediu, e Freyja tirou a camisa dele e jogou-a para o lado, junto com o paletó e o colete.

– Você é virgem?

– Não ouse parar. – Com uma das mãos, ela segurou o rosto dele para que Joshua a encarasse. Com a outra, começou a abrir a calça

dele.

Joshua interpretou a resposta como um sim. Se não fosse virgem, Freyja teria dito logo e acabado com os escrúpulos dele. O peito nu de Joshua encontrou os seios dela e ele enfiou a língua na boca de Freyja. Ela sugou a língua dele com vontade.

– Deixe-me fazer isso – sussurrou Joshua alguns instantes mais tarde, afastando-se dela e abrindo ele mesmo os botões da calça.

Mas Freyja o ajudou a terminar de se despir depois que ele descalçou as botas hessianas e as meias. Joshua também despiu o vestido dela e as roupas de baixo. Então, depois de tirar as meias de seda dela, ele se deu conta de que a sanidade fora embora junto com as roupas.

Eles voltaram a se abraçar com uma paixão determinada. Se ela era virgem – ele apostaria que sim – não demonstrou nenhum constrangimento pela própria nudez ou pela dele. Mas Joshua já imaginara que estar na cama com Freyja seria muito parecido com deitar ao lado de uma pilha de explosivos com os pavios acesos.

Quando ele a tocou entre as pernas, ela se abriu para ele, febril e ansiosa. Estava quente, úmida, pronta. Ele estava rígido e pulsando de desejo. Joshua rolou o corpo de modo a ficar completamente em cima dela, afastou as pernas de Freyja para o lado com as próprias pernas, deslizou a mão entre os dois para ajeitar o corpo dela e penetrou-a.

Ela era virgem. Era pequena e apertada, e havia uma barreira que impedia o progresso dele. Seus músculos internos se contraíam ao redor dele e as mãos dela apertavam seu traseiro, enquanto ele dava impulso com os pés apoiados na cama. Joshua arremeteu com mais força, ouviu o grito involuntário de Freyja quando ele enfim ultrapassou a barreira e penetrou-a por completo.

Joshua poderia ter prosseguido de forma mais lenta e cuidadosa, mas ela não aceitaria. Estava quente e dominada pela paixão, e ele,

que Deus o ajudasse, a desejava com a mesma intensidade e não precisou de mais encorajamento.

O que se seguiu poderia ser descrito mais como um embate do que como fazer amor. Joshua não tinha ideia de quanto tempo durara. Só sabia que conseguira manter o controle até ela gritar e estremecer em um gozo intenso. Então ele continuou em busca do próprio prazer e se permitiu derramar sua semente dentro dela.

Apesar de o fogo da lareira já ter se apagado, os dois estavam escorregadios de suor, percebeu Joshua alguns segundos, ou minutos, depois – ele se tornara estranhamente alheio à passagem do tempo. Também estavam arfando como se tivessem corrido vinte quilômetros contra o vento. Joshua levantou a cabeça e abaixou os olhos para ela sob a luz mortiça.

Os cabelos de Freyja estavam em um desalinho selvagem e ondulado, espalhados acima da cabeça e pelos ombros. Ela estava ruborizada, os lábios entreabertos e as pálpebras pesadas.

– Ora, coração – disse ele –, se não estávamos encrocados antes, agora com certeza estamos.

CAPÍTULO XIII



As pernas de Freyja estavam bambas enquanto ela se vestia. Suas mãos também tremiam e ela lutava com os grampos de cabelo, arrancando todos e tentando arrumá-los novamente sem a ajuda de um espelho ou de um pente. Sentia-se muito grata por Joshua ter se vestido mais rápido e, naquele momento, estar ajoelhado diante da lareira, limpando os vestígios do fogo que haviam usado e deixando-a novamente pronta para ser acesa.

Ao olhar para ele, Freyja sentiu um frio no estômago de reconhecimento.

Céus, aquele corpo esplêndido estivera nu pouco antes e...

Ora, não importava.

– Foi tudo culpa minha – declarou ela de forma firme e direta.

Ele ficou de pé e virou-se na direção dela. Seus olhos brilhavam, sorridentes, embora houvesse certa rigidez na boca.

– Vai acertar outro golpe na minha autoestima, então? – perguntou Joshua. – Está dizendo que você me seduziu, Free?

– Você não teria feito o que fez se eu não tivesse insistido – lembrou ela. – Jamais o culparei. Foi tudo culpa minha.

Não pare. Não ouse parar.

Que terrível humilhação...

– Se isso fosse um ninho de passarinho – comentou Joshua, apontando para os cabelos que ela segurava no alto da cabeça enquanto enfiava os grampos para mantê-los no lugar –, seria mesmo impressionante. Mas imagino que a ideia seja refazer um penteado elegante, estou certo?

Ele chegou mais perto, afastou as mãos dela e, quando os cabelos desceram cascadeando pelos ombros de Freyja, sentou-se na beira da cama e fez o papel de camareira com dedos surpreendentemente habilidosos.

– Foi um transbordamento mútuo de desejo, Freyja – disse Joshua. – E também foi mutuamente satisfatório, embora eu não consiga parar de acreditar que a machuquei um pouco. Mas aposto que você iria preferir ser torturada a admitir isso, portanto não vou perguntar. Suponho que concorde que agora estamos mesmo em uma séria enrascada.

– Se quer dizer – falou Freyja, mantendo-se firme enquanto ele prendia os cabelos dela com os grampos – que agora se sente obrigado a se casar comigo, então é claro que está falando tolices. Não ouse me pedir em casamento. Tenho 25 anos e imagino que você seja mais velho que isso. Por que não podemos ir para a cama um com o outro se assim desejarmos? Achei muito agradável.

– Agradável. – Ele riu baixinho e se afastou para admirar o penteado. – Muito chique, se posso elogiar meu trabalho. *Agradável, coração?* Você sabe muito bem como ferir a dignidade de um homem. Mas vou responder a sua pergunta com uma palavra. Por que não podemos ir para a cama um com o outro se desejarmos? Bebês! Eles têm o hábito irritante e muitas vezes embaraçoso de ser o resultado desse tipo de atividade a que acabamos de nos permitir.

Que tola renomada ela fora por não ter pensado nisso... ainda mais no dia de um batizado.

– Isso não irá acontecer – retrucou Freyja bruscamente, ficando de pé e indo arrumar a cama.

– Se *acontecer* – disse Joshua –, nós dois teremos que aceitar os grilhões do casamento, coração. Por enquanto acho melhor voltarmos para a festa e torcer para que ninguém tenha percebido por quanto tempo nos ausentamos.

Eles colocaram as capas, e ela esperou do lado de fora, procurando se orientar na escuridão, enquanto ele apagava o lampião, trancava a porta e devolvia a chave para o lugar onde a haviam encontrado. Os dois voltaram pela estrada que levava à casa e atravessaram a ponte sem conversar.

Era estranho que se sentisse tão contrária à ideia de se casar com Joshua, pensou Freyja. Não que ela não quisesse se casar com ninguém. Ela queria. E já tinha 25 anos. Joshua era um homem bonito, charmoso, espirituoso e atraente, e gostava do mesmo tipo de atividade vigorosa ao ar livre que ela. Os dois haviam ido para a cama e fora uma experiência gloriosa.

Então por que não queria se casar com ele?

Porque *ele* não queria se casar com ela? Porque talvez corresse o risco de se apaixonar por ela? E por que isso era tão indesejável?

Porque ela se sentiria desleal a Kit? Ou porque destruiria o tolo e romântico sonho de amor que acalentava ao provar que era possível amar dois homens ao longo da vida?

Ou seria porque tinha medo de que seu coração pudesse ser partido novamente?

Mas Lady Freyja Bedwyn não temia nada nem ninguém. Nunca.

– Se eu fosse um exército inimigo observando-a marchar em minha direção no campo de batalha – comentou Joshua –, não ficaria para proteger meu terreno. Eu fugiria correndo em pânico.

– Que bobagem – retrucou ela.

– Por que esse olhar severo e essas passadas tão determinadas, meu anjo? – perguntou ele.

– Se não percebeu, está frio. Estou ansiosa para chegar logo.

– Nossa saída então serviu para alguma coisa, não é mesmo?

Freyja virou a cabeça e encarou-o na escuridão.

– Você precisa entender – disse – que todos na minha família e na de Kit, todos em nossa vizinhança, ousou dizer, sabiam que ele estava voltando para casa para se casar comigo. E então Kit apareceu com Lauren Edgeworth e apresentou-a como noiva. Nunca consegui aceitar a humilhação. Achei que era uma farsa, para me punir, para me deixar furiosa. Achei que era um noivado de mentira, porque eles pareciam muito inadequados um para o outro. Na verdade, as circunstâncias pareciam muito semelhantes à nossa. A não ser pelo fato de que eu pensei que ele realmente pretendia ficar comigo no final. Mas Kit se casou com ela. Não sou uma pessoa desprezível, Josh. Não sou motivo de piedade também. Só estou... furiosa.

– É um casamento de amor – comentou ele. – Ouça a opinião de alguém que conheceu os dois hoje. É um casamento de muito amor, Free.

Eles já atravessavam o gramado e se aproximavam da casa.

– Essas deveriam ser palavras de conforto? – perguntou Freyja, irônica.

– Eu não a insultaria – disse ele. – Você gosta que as pessoas sejam diretas. Gosta da verdade no lugar da falsidade e da objetividade no lugar da evasão. Seu Kit está profundamente apaixonado pela esposa.

– *Meu Kit.* – Ela riu de novo. – Ele estava devastado pelo sofrimento naquele verão, quatro anos atrás. Acabara de trazer Sydnam de volta da Península, quebrado, mutilado, mais morto do que vivo. E se culpava pelo que acontecera ao irmão. Kit era o único companheiro de Sydnam naquela missão de reconhecimento e era oficial superior dele. Quando foram pegos pelo grupo de patrulha francês e um deles teve que se permitir ser capturado para que o outro ficasse livre a fim de completar a missão, foi Kit quem permaneceu livre. Ele estava enlouquecendo de culpa naquele verão

e se aproximou de mim em busca de consolo. Meu Kit... ele nunca foi meu.

Freyja nunca encarara a verdade de tudo aquilo antes. Por mais que Kit estivesse tão apaixonado quanto ela, para ele a relação dos dois fora algo transitório, um modo de lidar com a culpa e a ansiedade. Freyja se perguntou se Wulfric teria percebido e, por causa disso, fizera o que não costumava fazer e interferira na vida dela. Ela se perguntou se o conde de Redfield havia percebido isso. E Jerome também.

Todo mundo, menos ela.

Não havia mais ninguém passeando no terraço. Todos estavam dentro de casa.

– Esse é o momento – disse Joshua – em que devemos torcer para que nossa ausência tenha passado despercebida e para que todos os grampos dos seus cabelos não decidam se espalhar pelo tapete assim que entrarmos no salão.

O sumiço dos dois, é claro, não escapara à família de Freyja. Aidan ergueu as sobrancelhas quando eles entraram no salão, Alleyne também, Morgan sorriu maliciosamente quando encontrou o olhar de Freyja e Wulf segurou o monóculo. Apenas Rannulf não reagiu, pois estava concentrado em uma conversa com Kit, a viscondessa e Judith.

Kit encontrava-se sentado ao lado da esposa, o braço passado por trás da cadeira dela, os dedos tocando-lhe levemente o ombro. Uma posição tão natural que era quase chocante, mas já estava tarde e os convidados pareciam mais relaxados do que no início da festa. Todos prestavam atenção a algo que Judith dizia.

Sim, era verdade, pensou Freyja. Ela já sabia havia muito tempo... talvez desde o início. Era um casamento por amor. E eles formavam um belo casal.

Freyja não parou para pensar se aquela constatação a fazia sofrer ou não. Relanceou o olhar para Joshua, que a encarava com

uma expressão confusa, enlaçou o braço no dele e atravessou a sala, com o queixo erguido.

– Espero não estar prestes a me ver envolvido em uma cena, coração. Seria muito embaraçoso – murmurou Joshua.

Freyja sorriu, primeiro para Kit, que pareceu subitamente cauteloso, então para a viscondessa, cujo sorriso gracioso escondia qualquer sinal de apreensão que ela pudesse estar sentindo.

– Gostaria de me desculpar – disse Freyja – por não ter conseguido ver o bebê quando vocês o trouxeram aqui para baixo. Josh sugeriu uma caminhada e eu estava ansiando por ar fresco, por isso saí sem pensar. Deveria, é claro, ter esperado alguns minutos.

Embora estivesse engolindo o orgulho e se desculpendo – ou talvez exatamente por causa disso – Freyja também falava com a voz arrogante que usava quando estava na defensiva. Mesmo assim, os quatro que conversavam olharam para ela com certo espanto. Freyja percebeu que Joshua apertava o braço dela com força.

– Ah, mas ele ainda está acordado – disse a viscondessa, o sorriso ainda caloroso e animado. Então se levantou. – Só não me pareceu adequado deixá-lo muito tempo aqui embaixo quando está acostumado com a paz e o silêncio do quarto. Quer subir e vê-lo agora?

Freyja se encolheu por dentro, mas manteve o sorriso no rosto.

– Se você não tem medo de que eu possa perturbá-lo... – respondeu.

– Ah, não. – A viscondessa olhou para Joshua e certa animação apareceu em seus olhos claros. – Mas não vou arrastá-lo até lá, lorde Hallmere. Fique com a minha cadeira.

Por um momento, Freyja achou que a outra mulher fosse lhe dar o braço, mas, se a viscondessa teve essa intenção, pensou melhor e subiu na frente até o andar do quarto do bebê.

– Temo que pais recentes acabem sendo muito tediosos, Lady Freyja – disse ela, virando a cabeça e sorrindo quando as duas já se

aproximavam do quarto. – Adoramos nossos filhos e presumimos que todos devam se sentir tão encantados quanto nós.

– Talvez já esteja na hora de deixar o “Lady” de lado toda vez que se dirigir a mim – sugeriu Freyja.

A viscondessa olhou rapidamente para ela.

– E você vai passar a me chamar de Lauren, não é mesmo?

O bebê estava deitado no chão, sobre uma manta, no meio do quarto das crianças, os braços levantados no ar, as pernas chutando, enquanto a ama permanecia sentada em uma cadeira perto dele, tricotando. Não era exatamente um lugar de paz e silêncio. Havia várias outras crianças ali, algumas ainda bebês, umas poucas mais velhas, incluindo Becky e Davy, que acenaram com animação para Freyja antes de voltar a atenção para suas pinturas. Três outras amas tomavam conta de todos.

Freyja teria ficado satisfeita em permanecer parada olhando para o bebê e deixando escapar os murmúrios habituais de admiração. Mas Lauren se abaixou, pegou o filho no colo e o depositou nos braços de Freyja, seguindo até um recanto mais protegido, que era obviamente onde o bebê dormia, e fechando a porta.

Freyja segurou a criança com extremo cuidado, apavorada com a possibilidade de deixá-lo cair. Ele tinha os cabelos castanhos de Kit, mais claros do que os de Lauren. Mas teria os olhos da mãe. Era macio, quente e não pesava quase nada. Tinha um cheiro doce, de talco. Fazia barulhinhos engraçados e olhou para Freyja sem conseguir focalizá-la muito bem. Ela se assustou com a onda de ternura que a atingiu. Pelo bebê de Kit... e de Lauren.

– Ele é lindo – disse Freyja.

Não havia palavras para descrever o que sentiu. Ela entregou o bebê de volta para a mãe.

– Freyja – falou Lauren –, não imagina quanto me sinto feliz por você ter conhecido lorde Hallmere e ficado noiva dele. Não vou fingir que o conheço bem, já que só fomos apresentados hoje, é claro,

mas, além da aparência extraordinária, ele tem olhos que sorriem. Sempre confiei em olhos assim. Ele parece feliz e você parece feliz. Como ficou ruborizada! Eu sabia que isso aconteceria com você um dia, mas até então me sentia ansiosa por sua causa. Sei como se sentiu, entenda. Fui abandonada no altar pelo homem que amei durante toda a minha vida. Achei que não tinha mais razão para viver e jamais imaginei que voltaria a amar alguém. Mas foi o que aconteceu... e o segundo amor tem sido muito mais forte e completo do que o primeiro. Acho que você também deve estar descobrindo isso. E só melhora à medida que o tempo passa, acredite em mim.

Lauren estava sendo adorável, admitiu Freyja para si mesma, de má vontade. E cintilava com a maternidade recente... e talvez por outros motivos também.

O tal homem com quem Lauren crescera e quase se casara era o conde de Kilbourne. Ele estava no andar de baixo com a esposa. A filha do conde era um dos bebês no quarto das crianças. Estava claro que Lauren não sentia nem uma ponta de ressentimento em relação a ele e ao que poderiam ter tido juntos.

– Nunca amei Jerome de verdade – confessou Freyja. – Eu gostava muito dele e sofri mais com sua morte do que teria imaginado. Mas não o amava.

Lauren sorriu, deixando claro que percebera a confusão proposital de Freyja, e abaixou os olhos para o filho, que estava quase dormindo em seus braços.

– Gostaria de ter conhecido Jerome – disse ela. – Kit o adorava.

Sim. Mas o último encontro dos dois fora amargo e violento. Kit quebrara o nariz de Jerome antes de cavalgar até Lindsey Hall e brigar com Ralf. Depois voltara para a Guerra da Península.

– Preciso lhe contar – falou Freyja – sobre a vez em que os dois me raptaram e me trancaram na casa do guarda-caça, no bosque.

Lauren levantou os olhos e riu.

– Kit me contou – disse ela. – Fiquei encantada ao saber que você saiu vitoriosa. Realmente praguejou como um marinheiro? E acertou mesmo um soco no rosto de Jerome? As memórias de infância são maravilhosas, não são? Kit e eu usamos aquela cabana com frequência. É nosso refúgio particular.

Freyja subitamente se lembrou do que acontecera naquela cabana cerca de uma hora atrás... e ela vinha tentando não pensar nisso. Talvez naquele exato momento estivesse grávida. Talvez estivesse fadada a se casar com Josh contra a vontade de ambos. Mas, se não fosse o caso, romperia o noivado o mais rápido possível e nunca mais voltaria a vê-lo.

Era um pensamento estranhamente aterrorizante.

O bebê estava dormindo. Lauren deu-lhe um beijo leve na testa e colocou-o com cuidado no berço, antes de cobri-lo com as mantas. Então se virou para Freyja e, dessa vez, passou o braço pelo dela quando se encaminhavam para as escadas.

– Estou tão feliz por finalmente sermos amigas – falou Lauren. – Sempre gostei de você e a admirei. Às vezes, desejei ter seu espírito determinado. Mas devo confessar que também sempre tive um pouco de medo de você.

Freyja deixou escapar uma risadinha.

– Ninguém imaginaria isso – disse. – Lembra-se daquela primeira vez em que você foi a Lindsey Hall com Kit?

– E que você tentou me deixar o mais desconfortável possível? – perguntou Lauren, rindo também. – Como eu poderia esquecer? Tive vontade de morrer!

– Mas, em vez disso, lidou comigo com seu jeito magnânimo, muito feminino e educado – comentou Freyja. – Meus irmãos ficaram encantados depois que você partiu.

A festa estava terminando, percebeu Freyja, quando elas entraram no salão. Alguns vizinhos já haviam partido. Wulfric estava

de pé, assim como outros membros da família dela. Provavelmente já haviam pedido que trouxessem a carruagem.

– Então, Free – comentou Alleyne, aparecendo ao lado da irmã quando Lauren foi falar com Wulf –, houve uma reconciliação entre você e Lauren? A vida está ameaçando se tornar ainda mais tediosa...

– Está na hora de você arrumar uma vida para si mesmo – retrucou ela com severidade.

Ele se encolheu.

– Que golpe, Free! Vou sair pelo mundo em busca do meu próprio final feliz. Aidan, Ralf, você... Finais felizes estão começando a se tornar uma epidemia entre nós.

Joshua estava de pé, conversando com Lady Kilbourne e com a duquesa de Portfrey. Usava todo o seu encanto com elas e parecia devastador de tão belo. A luz do candelabro acima fazia os cabelos dele cintilarem de tão louros. Mesmo contra a vontade, Freyja sentiu os joelhos fracos ao lembrar que apenas uma hora antes...

Ele tentou evitar que acontecesse.

Ela o desafiara a parar.

Como a vida se tornara complicada.

E como era inegavelmente arrebatadora!

Joshua virou a cabeça e sorriu para ela. Então deu uma piscadela lenta e ela ficou exasperada, como sempre.



Joshua costumava levantar cedo. Não demorou a fazer isso na manhã seguinte, mas acordou mais tarde do que o usual. Mal dormira a noite toda e só conseguira cair em sono profundo quando já estava claro. Todos os Bedwyns, com exceção de Freyja e Judith, estavam tomando o café da manhã.

– Ela está se sentindo indisposta esta manhã – explicou Rannulf, olhando um tanto encabulado para Joshua, que perguntara por Judith –, assim como estava ontem de manhã, quase até a hora de sairmos para a igreja. Acabo de contar à família que ela está em um estado delicado. Pretendíamos manter a notícia só entre nós por algum tempo, mas o enjoo matinal é um bom modo de entregar segredos.

– Pobre Judith – disse Eve. – Vou subir e fazer companhia a ela por algum tempo depois do café... a menos que ela prefira ficar sozinha, é claro.

– E Freyja? – perguntou Joshua.

Com certeza ela não estava mais na cama, a menos que houvesse passado a noite insone como ele. Era possível...

– Vocês dois brigaram ontem? – perguntou Alleyne, sorrindo. – Ela não entrou em casa depois de cavalgar conosco antes do café da manhã. Disse que precisava de mais ar e saiu para caminhar.

– Brigar? – disse Joshua. – Com a sua irmã? Como alguém poderia provocar uma briga com uma dama de natureza tão doce quanto Freyja?

Todos riram. Até mesmo Bewcastle pareceu achar o comentário divertido.

– Pisquei para ela do outro lado da sala de visitas ontem, pouco antes de deixarmos Alvesley na noite passada – contou Joshua –, e ela demonstrou uma raiva ativa. Quando ficamos a sós, antes de entrarmos na carruagem com Morgan e Alleyne, ela me disse que as pessoas poderiam ter percebido e nos achado terrivelmente vulgares. Onde ela pode ter ido?

– Seria prudente da sua parte – aconselhou Aidan – esperar que ela alivie sua indignação na caminhada e volte para casa em seu próprio tempo.

– Ah, mas a prudência nunca foi o meu forte – disse Joshua.

– Há uma trilha atrás da casa. Freyja costuma ir para lá quando quer ficar sozinha. E se *eu* brigasse com meu noivo – disse Morgan olhando para Aidan – iria querer que ele fosse atrás de mim me seguir.

– Eve ainda está tentando me ensinar a entender as mulheres – defendeu-se Aidan. – Ao que parece, passei tempo demais no exército.

Eles não haviam brigado exatamente, pensou Joshua, enquanto caminhava para além dos estábulos, meia hora depois, para onde a trilha começava. E ela não demonstrara raiva por causa da piscadela... apenas ficara indignada com a ousadia. Ele fizera um movimento com os lábios imitando um beijo e a chamara de “coração” quando ela o repreendeu. Então eles haviam entrado na carruagem com o irmão e a irmã dela e Joshua deliberadamente passara a mão de Freyja pelo braço dele.

Não, eles não haviam brigado. Mas haviam tido relações íntimas na noite anterior e isso mudara tudo entre os dois. O que começara como um leve flerte para aliviar o tédio evoluíra para um noivado impulsivo e temporário a fim de frustrar o esquema vil que a tia dele armara para obrigá-lo a se casar com a prima e então se transformara em algo mais duradouro com a decisão da avó dele de organizar uma festa de noivado. Então Bewcastle chegara a Bath e rapidamente percebera a verdade, o que levava ao prolongamento do noivado. Joshua sabia do perigo. Havia se preparado para ele, se protegido contra ele, tanto pelo próprio bem quanto pelo dela. Mas agora estavam correndo o sério risco de ver uma travessura ocasional se tornar um compromisso para a vida inteira. Se ela ficasse grávida, os dois não teriam escolha. E mesmo se não ficasse...

Santo Deus, ela era *Lady Freyja Bedwyn*.

Na noite da véspera, Freyja parecera não se dar conta da seriedade do que acontecera. Ou talvez tivesse consciência, mas

simplesmente houvesse se recusado a admitir. Naquela manhã, se ele estivesse correto, ela encarara a realidade e descobrira que era muito perturbadora.

A trilha começava com uma série de degraus largos, que subiam por entre arbustos até árvores maiores mais acima na colina. Então, uma trilha dobrava para a direita e seguia em meio às árvores, dando a quem passasse por ali uma impressão de total isolamento.

A realidade também se apresentara a ele naquela manhã; ou na noite da véspera, para ser mais preciso. Ele agora era o marquês de Hallmere, querendo ou não. As guerras haviam acabado, com a prisão de Napoleão Bonaparte na ilha de Elba. O trabalho dele estava feito. Tinha 28 anos. Era verdade que não tinha intenção de voltar a Penhallow, mas era parte da nobreza. E teria que assumir seu lugar na Casa dos Lordes algum dia. Também precisaria estabelecer uma residência permanente em algum lugar, provavelmente em Londres. Teria que se assentar.

Aquelas palavras lhe pareciam terríveis, embora ele não soubesse bem por quê. Já "assentara" anos antes, quando aprendera o ofício de carpinteiro e trabalhara em Lydmere. Imaginara que passaria a vida no vilarejo. Chegara até mesmo a olhar com interesse para as moças do lugar.

Talvez realmente estivesse na hora de se casar. E se devia fazê-lo, por que não com Freyja? Socialmente, não poderia fazer uma escolha melhor. E jamais se sentiria entediado ao lado dela. Achava Freyja atraente. E descobrira na noite anterior que ela era tão explosiva na cama quanto ele imaginara. Joshua apreciaria a oportunidade de se deitar com ela em circunstâncias menos frenéticas, a fim de descobrir se a natureza de Freyja era tão sensual quanto passional. Então por que não casar com ela?

Talvez porque ele nunca teve a intenção de cortejá-la. Talvez porque ela nunca houvesse mostrado qualquer inclinação a ser cortejada. Talvez porque a natureza dele ainda fosse inquieta

demais, ou porque os sentimentos dela ainda estavam presos à paixão por Ravensberg.

Mas quem sabe agora, que eles não tinham mais escolha em relação ao assunto?, pensou Joshua enquanto caminhava, parando de vez em quando para descansar e apreciar a natureza ao redor. Não havia sinal de Freyja. Era possível que ela não tivesse tomado aquela trilha. Ou, se tivesse, talvez já houvesse retornado à casa por outro caminho àquela altura.

A trilha não era muito íngreme. Joshua estava prestes a chegar ao topo da colina e a começar a curva descendente que levaria ao fim da caminhada. No topo da colina, uma torre de pedra fora construída para parecer uma ruína de aparência romântica.

Ele levantou os olhos e sorriu.

As mãos dela descansavam nas ameias. O rosto estava erguido para o sol, virado para o lado contrário de onde Joshua vinha. Se ela estivera usando um chapéu para caminhar, não havia sinal dele agora – nem de qualquer grampo prendendo os cabelos, que voavam soltos com a brisa.

Naquela manhã ela se parecia mais com uma dama medieval, a senhora do castelo, defendendo-o dos assaltantes, enquanto seu lorde estava em alguma batalha.

– Se eu chegar mais perto – falou ele em voz alta, levando as mãos em concha ao lado da boca para se fazer ouvir –, serei recebido com óleo fervente e flechas envenenadas?

Ela se virou e abaixou os olhos para ele, enquanto afastava os cabelos do rosto com as mãos.

– Não – gritou Freyja de volta. – Acho que me daria mais prazer jogá-lo por cima das ameias. Suba.

CAPÍTULO XIV



— Olhe – disse Freyja, depois que Joshua subiu a escada em espiral dentro da torre e se juntou a ela no topo. Freyja mostrou o cenário ao redor com um gesto. – Acha que existe vista mais bonita em algum lugar?

A vista se estendia por quilômetros em todas as direções. A casa ficava para o outro lado, atrás dela, mas Freyja preferia olhar na direção das terras cultivadas, das construções das fazendas, das cercas vivas e alamedas sinuosas. A torre era um de seus lugares favoritos no mundo – isolado, no meio da natureza, parecia diminuir os pequenos problemas e tristezas dela, soprando-os para longe com o vento.

Freyja não gostava de compartilhar o lugar com ninguém, mas teria sido mesquinho mandar Joshua embora. No entanto, gostaria de conseguir fazer isso. Ouvir a voz dele chamando-a lá de baixo, depois vê-lo subindo até ela a deixara de pernas bambas, com a respiração ofegante e um nó no estômago. Ela ficara desarmada. Freyja estava muito consciente da presença física dele, mais ainda agora que Joshua estava de pé ao seu lado, alto e viril nas roupas de montaria.

E não gostava nem um pouco da sensação. Fora ótimo estar apaixonada quatro anos antes, quando se imaginara caminhando em direção a um final feliz. Como era jovem e ingênua naquela época! Mas naquela altura da vida, a paixão sugeria apenas perda de controle e medo de se ver obrigada a abrir mão da independência que conquistara a duras penas. Não estava apaixonada por Joshua, mas com certeza sentia-se muito atraída por ele. Realmente não gostava disso. Não escolhera se apaixonar ou se sentir atraída por ninguém – ainda mais por um homem que considerava tudo uma grande piada e que nunca levava nada a sério.

Joshua Moore, marquês de Hallmere, não era digno do amor dela, mesmo se Freyja estivesse disposta a oferecê-lo a ele. E não estava.

– Não que eu tenha visto em minhas viagens – disse ele em resposta à pergunta de Freyja, olhando com admiração para a vista. – As colheitas foram ceifadas e algumas árvores estão começando a mudar de cor. Daqui a poucas semanas estarão ainda mais gloriosas. Ah, me perdoe. – Joshua virou-se para encará-la. – Você não gosta do outono, não é?

– Apenas porque o inverno vem logo depois – respondeu Freyja. – O inverno sempre me lembra de... – Ela estremeceu.

– De sua mortalidade? – sugeriu ele. – Você leu *As viagens de Gulliver*?

– É claro que li.

– Lembra-se daqueles personagens que eram condenados a viver para sempre? – perguntou Joshua. – Não consigo me lembrar em que parte do livro estavam, mas haviam nascido com uma marca na testa que significava que jamais poderiam morrer. Em vez de serem invejados, eles eram alvo de pena de seus pares. Era um destino terrível nascer com aquela marca. Quando escreveu o livro, Jonathan Swift foi mais sábio do que a maioria de nós e compreendeu como seria desagradável viver para sempre. E se

vivermos em constante medo, Free, como aproveitaremos o tempo que nos é designado?

– Não vivo em constante medo – retrucou ela.

– Só no inverno? – disse Joshua, sorrindo para ela. – E no outono porque o inverno vem logo depois? Por metade do ano?

Ela balançou a cabeça.

– Que conversa tola... Quem lhe disse que me encontraria aqui?

– Estava se escondendo de mim?

– Nunca me escondo de ninguém – falou Freyja, irritada. Na verdade, ela fizera exatamente isso, ou ao menos tivera a intenção de adiar ao máximo o momento de encontrá-lo naquela manhã. – Acho que está na hora de brigarmos, Josh. Está na hora de eu libertá-lo e deixá-lo seguir com a sua vida. Está na hora de acabar com essa farsa.

– Não podemos fazer isso, coração – disse ele, apoiando um dos cotovelos sobre as ameias e virando-se para encará-la. – Ainda não. Ao menos não até sabermos se você está esperando um bebê ou não.

Freyja passara a maior parte da noite acordada, preocupada justamente com isso. Com a possibilidade de ter que se casar com Joshua. De ele ter que se casar com ela. De se ver presa para sempre em um casamento que nenhum dos dois escolhera por livre e espontânea vontade e do qual ambos iriam se ressentir para sempre. E de se ver mãe de um bebê quente e macio.

– Não estou – disse Freyja com determinação. – E sempre há um ou outro motivo para não rompermos esse noivado. Quando começamos a farsa, iríamos acabar com ela no dia seguinte. A cada dia, desde então, parece que afundamos em um buraco cada vez mais fundo.

– Devo entender, meu anjo – perguntou Joshua –, que você não quer se casar comigo?

– Sabe que não quero – respondeu Freyja – tanto quanto você. Fale sério ao menos uma vez na vida, Josh. Começo a achar que sua risada e seus modos despreocupados são máscaras que você usa. O que ainda não decidi foi se essas atitudes não escondem nada ou se há uma pessoa atrás delas que eu não reconheceria se a encontrasse sem o disfarce.

Joshua a encarou com os olhos semicerrados, o sorriso ainda brincalhão nos lábios.

– Não encontraria absolutamente nada, coração – disse. – Está arrependida pelo que aconteceu na noite passada?

– É claro que estou! E foi tudo culpa minha. Em primeiro lugar, eu não deveria ter dado a sugestão de irmos à cabana. Bastaria um pouco de imaginação para perceber que estaria nos levando em direção ao perigo. Mas não me dei conta. Não me preparei para resistir ao que se provou irresistível. *Você* estava preparado. E teria me detido. Mas eu não permiti. Foi muito, muito humilhante.

– Você não gostou, então? – perguntou Joshua.

– É claro... – Ela virou a cabeça e olhou irritada para ele. – É claro que gostei. Sou uma mulher e você é um homem... um homem bonito, atraente.

– Jura? – Ele abriu um sorriso. – Sou mesmo?

– É claro que gostei – repetiu Freyja. – Mas isso não quer dizer nada. Você não entende? Gostaria que não tivesse acontecido. Não só não estamos noivos de verdade, como nem sequer pensamos em ficar. Nunca cultivamos qualquer relacionamento mais profundo do que um mero flerte e acabamos nessa situação apenas porque estávamos terrivelmente entediados em Bath. Nunca levamos nosso noivado de mentira a sério, embora nós dois tenhamos nos divertido com ele como uma espécie de travessura que logo terminaria e da qual sairíamos ilesos. A noite passada estragou tudo isso. É claro que preferia que não tivesse acontecido. Se formos forçados a nos casar, esse único erro da minha parte terá arruinado as nossas vidas.

– Então é melhor torcermos para não sermos obrigados a casar – falou Joshua, os olhos sérios agora. – Mas será que a noite passada não teve nenhum resultado positivo? Você agora deixou de lado o ódio que sentia pela viscondessa Ravensberg, não é mesmo?

– Estava mais do que na hora – disse ela com um suspiro, virando-se na direção da casa. – Meus sentimentos haviam se tornado embaraçosos para mim e também para Lauren e Kit. Ela é uma perfeita dama, doce e de bom coração, qualidades que detestava nela porque eu mesma não as possuo. Mas, sim, nós nos entendemos na noite passada. Talvez até venhamos a nos tornar amigas. Quem sabe? Coisas estranhas acontecem...

– E Ravensberg? – perguntou ele. – Você o perdoou?

Freyja suspirou novamente e afastou os cabelos do rosto com o braço.

– Na noite passada, não pude deixar de pensar que se Kit tivesse voltado para casa sem Lauren no verão passado, talvez ele não tivesse conseguido resistir à pressão das nossas famílias – confessou ela. – E talvez tivesse se casado comigo apenas por não conseguir arrumar um modo de não fazê-lo. E eu teria percebido isso, se não imediatamente, com certeza algum tempo depois. E estaríamos presos em um inferno. Não há nada a perdoar. Kit teria se casado comigo há quatro anos, mas eu não quis na época. Ele não me devia nada no ano passado. E talvez eu estivesse me agarrando a algo que nunca existiu. Estava apaixonada, mas não tenho certeza se estar apaixonada é mais próximo do amor ou da atração física.

– E você sente atração física por mim?

Freyja virou-se para ele outra vez e riu quando viu o sorriso nos olhos de Joshua.

– Ah, isso eu não posso negar – confessou ela. – Você deve saber que sim, da mesma forma que sei que o mesmo vale para você. Mas esse sentimento não seria o bastante para nos levar a

construir um futuro juntos. Por isso é tão perigoso e por isso devemos resistir a qualquer custo.

Ela estava muito perto dele. Joshua estendeu as mãos e a puxou contra seu corpo. Então abaixou a cabeça e beijou-a com calma, quase preguiçosamente, com os lábios entreabertos. Ela apoiou as mãos nos ombros dele e percebeu com um peso no coração que haveria um imenso vazio em sua vida depois que aquela farsa chegasse ao fim.

– Embora eu jamais vá entender por que se sente atraído por mim – falou Freyja, quando o beijo terminou. – Sou tão feia.

– O quê? – Os olhos dele brilhavam. – Vindo de qualquer outra mulher, isso seria um modo nada sutil de pedir um elogio. Mas você está falando sério. Deixe-me ver. Deixe-me dar uma boa olhada em você.

Os olhos de Joshua começaram a examinar o rosto dela, enquanto Freyja se perguntava por que diabos dissera algo tão estúpido em voz alta. Há muito tempo já desistira de lamentar a própria aparência e de invejar a de Morgan. Freyja nascera assim. Qualquer um que não gostasse da aparência dela poderia simplesmente olhar para o outro lado.

– Você não é bela, Free, não é linda – disse Joshua, por fim. Ao menos ele não iria apelar para falsos elogios, pensou ela. – Mas tem algo além dessas duas qualidades. Você é esplêndida, coração. Acho que daqui em diante, sempre vou achar as moças bonitas um tanto insípidas.

– Que tolice! – Ela riu. – Se me bajular dessa forma desavergonhada mais uma vez, eu o jogarei por sobre as ameias em um mergulho fatal.

– Estou apavorado, tremendo – disse ele, inclinando-se para levantá-la nos braços.

– Me ponha no chão! – exigiu Freyja.

Mas ele chegou mais perto das ameias e ergueu-a mais alto. Freyja deu um gritinho, passou os braços com força ao redor do pescoço dele e se pegou rindo descontroladamente.

– Não lute – avisou Joshua, rindo também –, ou talvez eu a d-d-deixe cair, Free. Ops!

Ela deu outro gritinho quando ele fingiu que a soltava.

Joshua finalmente colocou-a no chão e ela permaneceu colada ao corpo dele, o rosto contra a gravata, se recuperando da crise de riso.

– Seu cretino – disse ela. – Vou me vingar, você vai ver.

– Free – falou Joshua em voz baixa, o queixo apoiado no topo da cabeça dela –, isso precisa ser dito. Se você *estiver* esperando um bebê, serei tão responsável quanto você. Vamos nos casar e faremos o melhor possível para termos um bom casamento, tanto pelo bem da criança quanto pelo nosso próprio bem. Não vamos desperdiçar energia nos ressentindo um do outro e ficando infelizes por imaginar que o outro pode estar infeliz. Vamos fazer o melhor possível para viver bem. De acordo?

Freyja estava bastante abalada. Sentia-se quente, segura e grata por estar apertada contra o corpo sólido dele. As palavras de Joshua não mudaram nada... e mudaram tudo.

– De acordo – disse ela.

Eles ficaram na mesma posição, nenhum dos dois sabendo muito bem o que fazer depois.

– É melhor voltarmos para casa – falou Freyja de repente, recuando. – Estou faminta.

– Vou descer a escada na sua frente – avisou ele. – Ela é muito íngreme. Pode pegar minha mão, se quiser.

Freyja ergueu o queixo e olhou carrancuda para ele.

– Ei, ei – disse Joshua, levantando as mãos de modo teatral, como se quisesse se defender de um ataque. – E *agora*, que diabos eu disse de errado?

– Não ouse tentar me proteger! Eu subi essa escada sem a ajuda de nenhum homem intrometido. Vou descê-la do mesmo modo.

– Pelo amor de Deus – falou ele, balançando a cabeça e abaixando novamente os braços – não se pode nem ser cavalheiro com você sem despertar a sua ira. Vá em frente, quebre o pescoço enquanto desce e estarei logo atrás, grato por não ter me levado junto na queda. Melhor ainda, você pode impedir a *minha* queda quando eu tropeçar nas minhas botas.

Freyja sorriu para si mesma e começou a descer a escada em espiral.



Joshua gostava dos Bedwyns e lamentava a farsa que estava sendo lograda contra eles. Embora, é claro, o noivado talvez não se provasse uma farsa se ele e Freyja afinal fossem forçados a se casar.

Rannulf e Judith iriam voltar para Leicestershire no dia seguinte. Eles moravam em Grandmansion Park, com Lady Beamish, a avó materna dos Bedwyns, mas ela não estava bem de saúde e os dois não queriam ficar longe por mais tempo.

– Logo nos veremos de novo, Joshua – disse Judith quando estava se despedindo de todos –, portanto isso não é um adeus. Só espero que não marquem o casamento para uma data em que estarei impossibilitada de viajar... Mas isso é muito egoísta da minha parte. Ficarei feliz por você e por Freyja onde quer que eu esteja.

– Você deve ser mesmo durão para conseguir lidar com Free – comentou Rannulf, piscando para Joshua enquanto trocavam um aperto de mãos. – O casamento de vocês sem dúvida não será tranquilo. Minha irmã não é facilmente controlada. Mas meu palpite é de que ela encontrou seu par. Com certeza será um casamento interessante.

– Não acredito que ela possa ser controlada – disse Joshua –, facilmente ou não. Talvez seja uma bênção que eu goste da sua irmã do jeito que ela é.

Rannulf riu, apreciando a resposta, e deu um soco camarada no ombro do marquês.

Aidan parecia uma pessoa taciturna e mal-humorada até alguém conhecê-lo melhor. Sem dúvida era reticente e demorava para rir, ou até mesmo para sorrir, mas logo ficou evidente que adorava Eve e era devotado aos filhos. Aidan passou a maior parte do tempo em Lindsey Hall com as crianças – brincando com elas, levando-as para caminhar e para cavalgar, exigindo cortesia e obediência, mas deixando-as livres quando necessário.

– Eles viveram todos os terrores da rejeição e da insegurança depois que os pais morreram – explicara Aidan uma manhã, depois que Joshua tomara conta do menino no pônei, enquanto ele ensinava a menina a montar. – Mesmo quando já estavam conosco há algum tempo, tentaram levá-los embora como vingança por Eve ter se casado comigo. O caso foi levado à corte e o magistrado nos concedeu a guarda legal dos dois. Se eu tiver que passar os próximos vinte anos ajudando-os a acreditar que pertencem a um lugar, que são amados incondicionalmente, que o mundo é bom, que podem ousar ser adultos felizes e produtivos quando crescerem, então considerarei esses anos bem gastos.

– São crianças de sorte – comentou Joshua, lembrando a desolação da própria infância.

– Têm todo o direito de ser – retrucou Aidan. – É claro que contamos com a possibilidade de as inseguranças deles voltarem à tona quando Eve tiver um filho nosso, mas essa hora ainda não chegou, e lidaremos com isso quando acontecer.

Alleyne lembrava a Joshua de si mesmo. Animado e sempre ativo, ainda assim exalava certo ar de inquietude e falta de objetivo.

– Eu o invejo – disse Alleyne, quando ele e Joshua estavam sozinhos na mesa de café da manhã, depois de Rannulf e Judith terem partido. – Tem sua casa, sua propriedade, um lugar para onde voltar, agora que tem o título de marquês e que seus serviços na França não são mais necessários. E estar casado com alguém que você ama para ajudá-lo a fincar raízes. Acho que deve amar Free. – Ele sorriu. – Não posso imaginar nenhuma outra razão para um homem querer se casar com ela, a menos que fosse pela fortuna, e você obviamente não precisa do dinheiro dela.

– Não preciso – concordou Joshua. – Mas você também não sofre com falta de fundos ou de qualquer um dos atributos necessários para atrair uma noiva, se é o que quer.

– O problema é que não sei o que quero – confessou Alleyne. – Se eu fosse pobre, não teria escolha a não ser conseguir um emprego, não é mesmo? Acho que teria encontrado meu lugar há muito tempo e seria razoavelmente feliz. E se eu fosse pobre, não haveria tantas mulheres dispostas a me conquistar. Talvez eu tivesse que conquistar alguém que me amasse por quem eu sou, alguém por quem eu desistiria com satisfação da minha liberdade. Nobreza e fortuna também trazem problemas.

– Já houve um tempo em que eu não tinha nem nobreza nem fortuna e, no geral, tenho que admitir que você não deixa de ter razão – contou Joshua.

– Dito isso – Alleyne voltou a falar, em um tom melancólico, levantando-se e servindo-se de mais comida da mesa –, não estou certo de que desistiria de tudo mesmo se pudesse. Venho pensando... com um empurrão de Wulf... em concorrer a um assento no Parlamento ou em assumir algum cargo no governo. No que se refere ao casamento, não estou com pressa. Espera-se que os Bedwyns sejam monogâmicos depois do matrimônio. Mais do que isso, espera-se que amem seus cônjuges. Não sei se estou preparado para esse tipo de compromisso nem se algum dia estarei.

Espero que você esteja. Freyja exigirá isso de você... com os punhos, se necessário.

– Essa, sim, foi uma ameaça que me deixou apavorado – brincou Joshua. – Meu nariz foi alvo desse punho duas vezes, em duas ocasiões diferentes.

Alleyne jogou a cabeça para trás e deu uma risada.

– Boa e velha Free – falou.

Morgan era jovem, linda e estava prestes a ser apresentada à sociedade. Conheceria a rainha na primavera seguinte e permaneceria em Londres para participar de todo o frenesi de eventos da temporada social. Com todas as vantagens de berço, fortuna e boa aparência, não havia outra possibilidade para ela se não tomar de assalto a nobreza britânica e ser cortejada por todos os homens em busca de uma esposa, e por um bom número de outros que só pensariam em casamento depois de pousar os olhos nela.

Mas Morgan não vivia esperando esse dia. Não era uma jovem tola, que só pensava em casamento e festas.

– Acho tudo isso uma grande bobagem – dissera ela certa noite, durante o jantar. – Toda essa coisa de ser apresentada à sociedade. E a ideia de um mercado de casamentos é de mau gosto e profundamente humilhante.

– Você não tem medo de que ninguém se interesse por você, não é mesmo, Morg? – perguntara Alleyne.

– Não tenho medo desse tipo de coisa – retrucara ela com desdém –, portanto pode tirar esse sorrisinho do rosto, Alleyne. Temo exatamente o oposto... Me ver cercada por almofadinhas tolos, anciãos maliciosos e homens tediosos de todas as idades. Tudo isso por eu ser quem sou. Nenhum deles irá me conhecer mesmo nem irão *querer* me conhecer. Só querem se casar com a rica irmã mais jovem do duque de Bewcastle.

– Felizmente, Morgan – dissera Aidan –, você tem o poder de dizer não para qualquer um deles. Wulf não é um tirano e não poderia forçá-la a um casamento contra a sua vontade mesmo se ele quisesse.

– Vai conhecer alguém na próxima primavera – completara Eve com delicadeza –, ou na seguinte, ou ainda na outra, e haverá um homem que será diferente. Algo que mexerá com você, *aqui*. – Ela tocara o peito na altura do coração. – E, antes que se dê conta, mesmo se não tiver a intenção de amá-lo, saberá que não há mais ninguém no mundo para você a não ser ele.

– Eve encontrou Aidan – manifestara-se Freyja, soando exasperada, embora houvesse um brilho carinhoso em seus olhos quando voltara-se para a cunhada – e se tornou uma romântica incurável.

– É verdade – concordara Eve, rindo, o rosto ruborizado.

– Ora, eu com certeza não espero encontrar o meu futuro marido no mercado de casamentos de Londres – dissera Morgan, erguendo a cabeça com a altivez típica das mulheres da família. – Vou esperar até os 25 anos se precisar, exatamente como Freyja fez. Ela esperou até encontrar o homem certo. – Ela olhara para Joshua com um brilho de aprovação nos olhos.

– Mesmo que haja alguns sobressaltos ao longo do caminho – acrescentou Alleyne.

Joshua descobriu que não desgostava nem mesmo de Bewcastle. O homem era frio, austero e distante, mas fazia as refeições com a família e se juntava a eles no salão de estar durante as noites. A não ser por isso, mantinha-se muito isolado. Ele convidou Joshua para ir à biblioteca depois do almoço, no dia em que Rannulf e Judith partiram. Joshua imaginou que um convite daqueles era raro. Ele afundou na cadeira de couro que Bewcastle indicou antes de sentar-se do outro lado da lareira.

– Você foi apresentado à maior parte dos membros da nossa família – disse Bewcastle, pousando os cotovelos nos braços da cadeira e cruzando os dedos – e a quase todos os nossos vizinhos quando estivemos em Alvesley para o batizado. Quando voltei de Bath, era minha intenção oferecer uma festa, ou até mesmo um baile, em homenagem ao noivado. Mas você talvez não considere desejável um evento desses. Presumo que o noivado ainda seja de natureza temporária?

Joshua hesitou e se pegou encarando os olhos pálidos e indecifráveis do duque. Por um momento pareceu que podia ler naqueles olhos que Bewcastle sabia do que acontecera entre ele e Freyja.

– Como você observou em Bath – disse Joshua –, e como eu havia explicado a Freyja antes disso, meu noivado é muito real para mim. Apenas ela pode rompê-lo. E Freyja ainda não deu a última palavra.

Ele já percebera antes que Bewcastle não ficava desconfortável com longos silêncios, como o que se seguiu naquele momento.

– Se você quer que ela diga essa última palavra – comentou Bewcastle, por fim –, então confio que você vá fazer com que ela deseje dizê-la. Freyja pode não parecer uma mulher suscetível a ter o coração partido, mas essa sorte não lhe é desconhecida.

– Eu sei – falou Joshua.

– Ah. – O duque ergueu as nobres sobrancelhas.

– Vou consultar Freyja sobre a festa – disse Joshua.

Ele sentia que tivera um breve relance de um lado de Bewcastle que o duque mantinha muito cuidadosamente escondido até mesmo da própria família. Ele se preocupava com Freyja. Não apenas com o nome da irmã e, por consequência, com o nome dos Bedwyns, mas com *ela*. Tinha medo de que Freyja voltasse a ser magoada.

A porta da biblioteca se abriu naquele momento, e as sobrancelhas do duque se ergueram ainda mais enquanto ele levava

os dedos ao monóculo. Joshua olhou por sobre o ombro e viu que a intrusa era a pequena Becky, que espiou pela fresta da porta por um momento antes de entrar e fechar a porta com cuidado.

– Acabei de acordar da minha soneca – disse com muita clareza, em sua vozinha sibilante. E Davy não estava no quarto, e a babá Johnson disse que eu podia descer. Mas mamãe e papai e todos os outros estão lá fora e eu não queria ir lá porque está frio.

Bewcastle ergueu um pouco o monóculo.

– Então parece que a única alternativa é ficar dentro de casa – disse.

– Sim – concordou a menina.

Mas ela não reagiu à sugestão implícita de que poderia se sentir à vontade em qualquer parte da casa, exceto na biblioteca.

– Olá, tio Joshua – falou Becky passando por ele enquanto se aproximava mais para examinar o objeto que chamara a sua atenção: o temido monóculo de Bewcastle. Ela o pegou dos dedos surpresos do duque, examinou-o com atenção, virou de um lado e do outro e levou-o ao olho. Então virou-se para Bewcastle. – Parece engraçado, tio Wulf.

– Imagino que sim – concordou ele. – Seu olho também está engraçado.

Ela deu uma risadinha antes de subir no colo do duque, aconchegando-se contra o peito dele e voltando a brincar com o monóculo.

A impressão, pensou Joshua, enquanto Bewcastle iniciava uma conversa sobre Penhallow, era que ele parecia ao mesmo tempo desconfortável e encantado. Ele ficou sentado meio imóvel, como se temesse assustar a criança. Joshua acreditava que nada semelhante já acontecera ao duque.

No fim daquela tarde, durante um jogo de bilhar, Joshua conversou com Freyja sobre a possível celebração pública do

noivado deles em Lindsey Hall e ela se opôs terminantemente, como ele já esperava.

– Santo Deus – disse ela –, o que virá a seguir? Um casamento de mentira? Já basta. Logo, logo vou arrumar uma briga com você, Joshua, goste da ideia ou não. Toda essa história está começando a se tornar tediosa e absurda.

– Espere só mais um pouco – disse ele.

– Espere, espere, espere – reclamou ela, impaciente. – Ainda estará dizendo isso em meu octogésimo aniversário? Tudo se tornou tão tolo. Não, não haverá festa, baile, chá, nada. Gostaria de nunca ter começado isso. Gostaria que você não tivesse invadido meu quarto na estalagem naquela noite. E que eu não estivesse caminhando em Sydney Gardens naquela manhã. Gostaria de ter ignorado aqueles gritos idiotas. E de não ter dançado com você no baile. Gostaria...

– Se você acertar aquela bola – avisou ele –, ela vai sair voando além da mesa e passar direto pela janela.

Freyja largou o taco de bilhar.

– Josh – falou –, estão todos tão felizes por mim. Por nós. Não consigo mais suportar essa mentira.

– Há duas linhas de ação possíveis para nós – disse ele. – Você pode brigar comigo, romper nosso noivado e me mandar embora, ou eu posso descobrir algum negócio importante que exija meu imediato retorno a Penhallow e partir. Eu sugeriria a segunda opção, já que não envolveria um súbito rompimento do noivado e deixaria aberta a possibilidade de você me chamar de volta caso se torne necessário.

Maldição, pensou Joshua, surpreso. Ele não queria partir naquele momento. Mas tinha que admitir que a situação se tornara intolerável. Olhando para trás, não estava convencido de que Bewcastle tivera razão ao insistir que ele fosse para Lindsey Hall e mantivesse aquele noivado vivo por tanto tempo.

– Faça isso, então – concordou Freyja, franzindo o cenho. – Mas como? Que motivo você vai alegar?

– Meu capataz escreve para mim com frequência – explicou Joshua. – E sabe que estou aqui. É quase certo que eu receba uma carta dele nos próximos dias.

– Não será cedo demais para mim – disse ela.

– Que palavras calorosas e românticas, coração – falou Joshua, levantando uma das mãos e roçando o dedo no queixo dela.

Freyja pegou o taco de bilhar, o cenho franzido, e se inclinou sobre a mesa.

CAPÍTULO XV



A carta chegou na manhã seguinte. Estava na bandeja de prata que ficava na mesa do grande salão, onde sempre eram deixadas as correspondências da família, menos as de Bewcastle, que eram levadas separadamente para a biblioteca. Todos haviam acabado de retornar de uma cavalgada, as roupas úmidas por causa de um chuvisco que começara a cair. Até o duque saíra com eles naquela manhã. As crianças já subiam correndo as escadas para se trocar.

– Ah, Aidan, recebi uma carta de Thelma! – exclamou Eve, encantada. – E há uma carta para você também, Joshua – disse, virando-se para ele e entregando o envelope.

Os olhos de Joshua encontraram os de Freyja, que também acabara de pegar uma carta que recebera. Foi um momento melancólico. Ali estava, então, a desculpa dele para partir. Já pensara no que diria depois de “ler” a carta e sabia que provavelmente haveria alguma verdade nela – com a colheita e o inverno não muito distantes, havia uma necessidade urgente de dar início a alguns reparos e reformas na fazenda, e, por mais que tedioso que fosse, era realmente preciso estar lá para supervisionar o trabalho, ao menos por algumas semanas. Durante esse tempo, Freyja saberia se estava esperando um bebê ou não, e isso o levaria

de volta para um casamento às pressas ou colocaria um fim no noivado dos dois. E caberia a Freyja pensar em um motivo para a segunda opção.

Partiria no dia seguinte, pensou Joshua, enquanto rompia o selo da carta. Seria um homem livre de novo... ao menos até ter notícias dela. Poderia fazer o que quisesse pelo resto da vida. Voltaria a se divertir como bem entendesse.

A carta de Jim Saunders era mais curta do que o normal. Joshua leu-a rapidamente, então leu-a outra vez, mais devagar. Diabos! Havia contrariado a vontade da tia e agora ela não se daria por satisfeita até destruí-lo. Ao que parecia, estava preparada para ir longe nessa determinação.

– Algo errado, Josh? – perguntou Freyja, a voz propositalmente alta e preocupada e, é claro, todos olharam para ele, como ela pretendia.

– Sim – respondeu ele. – Lamento, mas terei que partir para Penhallow sem demora.

– Ah, o que aconteceu? – perguntou Eve, aflita. – Nada ruim, espero.

– Na verdade – repetiu Joshua –, estou prestes a ser acusado de assassinato.

– *Assassinato?* – Aidan falou por todos eles, em uma voz que algum tempo antes teria feito um regimento inteiro ficar imediatamente atento. – Assassinato de quem?

– Do meu primo, há cinco anos – disse Joshua, dobrando a carta. – Uma testemunha se apresentou recentemente à minha tia, a marquesa de Hallmere, disposta a jurar que me viu matar Albert.

– E você o *matou*? – perguntou Aidan, o rosto pálido, assumindo a postura do formidável coronel que fora.

– É claro que não – respondeu Joshua, com seu sorriso habitual. Sabia que aquilo não era nada engraçado, mas estava parecendo um típico melodrama, com todos eles parados no grande salão, como

atores em suas marcações. – Embora, ao que parece, eu tenha sido a última pessoa a vê-lo vivo.

– Posso sugerir – manifestou-se Bewcastle, parecendo absolutamente tranquilo, até mesmo entediado – que continuemos essa conversa na sala de refeições enquanto tomamos o café da manhã?

Por alguns instantes, ninguém se moveu, a não ser o próprio duque. Então Freyja se aproximou e passou o braço pelo de Joshua.

– Eu estou faminta, caso ninguém mais esteja – disse.

Ela foi andando com ele a passos largos, deixando todos para trás.

– Eu deveria ter imaginado – falou Freyja, a voz baixa e furiosa – que você inventaria uma história totalmente absurda como essa. Espera mesmo que alguém *acredite* nisso?

– Farei o melhor possível para ser convincente, coração – retrucou ele, enfiando a carta de Saunders no bolso do casaco de montaria. – Ao menos você terá uma desculpa razoável para romper o nosso noivado se, daqui a algumas semanas, eu acabar me revelando um bandido perigoso, trancado em alguma cela escura e lúgubre, esperando para ser enforcado.

– Tudo para você é uma piada – retorquiu Freyja.

Não houve chance de continuar a conversa, pois todos se reuniram ao redor deles, ávidos por mais informações. Mas Bewcastle falou preguiçosamente sobre o tempo até que todos houvessem enchido os próprios pratos e que o mordomo servisse o café e fosse dispensado.

– Agora, Hallmere – disse Sua Graça quando a família ficou a sós –, talvez você pudesse nos esclarecer sobre a natureza dessas acusações. Ou talvez não. Acredito que Freyja tenha direito de saber. O restante de nós, não.

– Albert se afogou – explicou Joshua. – Ele e eu estávamos juntos em um barco durante uma noite, que subitamente se tornou

tempestuosa. Albert pulou do barco para nadar de volta à praia. Ele não era um bom nadador, mas se recusou a voltar para o barco. Eu remei ao lado dele até que Albert estivesse num ponto em que desse pé, então dei meia-volta em direção ao mar e fiquei navegando por cerca de uma hora, talvez mais. Foi imprudência da minha parte, mas eu tinha outras preocupações na cabeça. Além do mais, naquela época, ainda me considerava invencível. Na manhã seguinte, soube que Albert estava desaparecido. Mais tarde, naquele dia, o corpo dele foi jogado na praia pela maré.

Eve levou as mãos à boca.

– Será que ele voltou a nadar depois que você desapareceu? – perguntou Alleyne. – Teria sido uma coisa terrivelmente estúpida para se fazer em uma noite de tempestade, ainda mais se ele não nadava bem. Ou ele também se achava invencível?

– Presumo que vocês dois haviam brigado – disse Aidan.

– Sim – admitiu Joshua –, embora eu não consiga mais me lembrar do motivo. Vivíamos brigando. Crescemos juntos em Penhallow, mas nunca houve qualquer afeto entre nós.

– Ainda assim – comentou Bewcastle, dando um gole no café e fixando os olhos prateados e penetrantes em Joshua –, você saiu para remar com ele naquela noite.

– Sim.

– E agora apareceu uma testemunha – disse Morgan em tom zombeteiro. – Alguém que também estava remando ou nadando por lá, nas mesmas águas tempestuosas, eu suponho. Mas você não o viu, certo, Joshua? Ouso dizer que esse homem é alguém que espera fazer fortuna com um pouco de chantagem. Sua tia daria dinheiro a ele? Você deve mesmo voltar para casa e cuidar para que ela não faça isso.

– Minha tia, vocês precisam entender – explicou Joshua –, perdeu o único filho naquela noite. Ele era o herdeiro do título de nobreza e de tudo ligado ao título, incluindo a casa que ela ainda

chama de lar. Eu fui o único beneficiado com a morte de Albert, que fez de *mim* o herdeiro. Apenas recentemente deixei muito claro que não me casaria com a minha prima, a filha mais velha da minha tia. Eu já estava... ligado a Freyja.

– Então ela está disposta a acreditar na testemunha? – manifestou-se Eve, os olhos arregalados de espanto. – Ah, pobre Joshua. Como irá provar sua inocência?

– Sinceramente, não acredito que seja difícil – disse ele. – No entanto, devo ir até lá para resolver o assunto. Ao que parece, outro primo, meu herdeiro presumido, também foi chamado, então é possível que haja algum aborrecimento, já que, se a acusação puder ser feita, eu não teria a proteção do meu título de nobreza. A morte aconteceu muito antes de eu me tornar marquês.

– Ah, pobre Joshua – repetiu Eve. – O que podemos fazer para ajudar?

Freyja estava sentada em silêncio do outro lado da mesa, observando Joshua com olhos frios e hostis. De repente, ela se levantou e foi pisando firme na direção dele. Enfiou a mão no bolso do casaco de Joshua sem pedir licença, pegou a carta de Saunders, desdobrou-a e leu. Os lábios dela estavam contraídos em uma linha fina quando terminou. Então dobrou novamente a carta e pousou-a ao lado do prato dele.

– Aquela mulher está por trás disso – falou. – Alguém precisa lhe ensinar uma lição que ela nunca mais esqueça. Vamos partir hoje. Um hora deve ser o bastante para nos aprontarmos. Wulf, por favor, providencie uma carruagem para nós em uma hora.

– Nós? – disse Joshua. – *Nós?*

– Não acha que vou permitir que enfrente isso sozinho, acha? – perguntou ela. – Sou sua noiva. Vou com você.

– Ah, sim, Freyja – concordou Eve. – Acho mesmo que você deve ir.

– Sim, no entanto, há o pequeno detalhe do decoro – argumentou Bewcastle. – Você ainda não é casada com Hallmere, Freyja.

Ela estalou a língua com impaciência, mas Alleyne se adiantou.

– Serei seu acompanhante, Free – disse. – Irei com vocês dois. Na verdade, não perderia isso por nada.

– Então também irei – falou Morgan com determinação. – Não adianta me olhar com seu monóculo, Wulf. Não irá me deter. Tenho 18 anos e é perfeitamente aceitável que visite meu futuro cunhado junto com a minha irmã e meu irmão. Na verdade, o certo é que Freyja tenha uma companhia feminina. E não gosto nada de como me soa essa marquesa de Hallmere. Quero vê-la com meus próprios olhos. E acho que ela deveria ter a chance de descobrir que a família que passará a ser a de Joshua pode ser um poderoso inimigo.

– Ah, bravo, Morgan – disse Eve. – Embora ainda não tenhamos certeza de que a marquesa tem mesmo algo a ver com esse súbito surgimento de uma testemunha. No entanto, gosto da ideia de ela ser confrontada com todo o poder dos Bedwyns. É claro que Aidan é o que tem a aparência mais ameaçadora de todos vocês. Aidan? – Ela olhou de forma inquisidora para o marido.

Ele retornou o olhar parecendo não compreender por alguns instantes, antes de erguer as sobrancelhas e acenar levemente com a cabeça.

– Estávamos planejando uma espécie de viagem de casamento atrasada depois que partíssemos daqui. Com as crianças, é claro. A preceptora deles se casou há pouco tempo e ainda não a substituímos. Pensamos em Lake District como um possível destino, mas acho que a Cornualha também nos atenderia muito bem... se estivermos convidados, é claro. Hallmere? – disse Aidan.

Um grupo de Bedwyns determinados a serem ameaçadores. Uma tia com vontade de aço disposta a uma vingança tão implacável que poderia fazer Joshua perder a vida se ela fosse bem-sucedida.

Acusações de assassinato agitando a vizinhança. Uma misteriosa testemunha e algum tipo de investigação oficial pendente. O primo Calvin Moore, o herdeiro devoto, seguindo às pressas para Penhallow para reclamar sua herança de um homem que conseguiu cometendo um assassinato. E um noivado falso para aumentar a tensão.

Que cavalheiro com espírito esportivo e sangue nas veias conseguiria resistir a uma cena como essa?

– Com certeza estão todos convidados – disse Joshua –, isto é, se estiverem dispostos a um entretenimento mais extravagante do que o convencional.

– Somos Bedwyns – declarou Alleyne com um sorriso.

Bewcastle apenas ergueu as sobrancelhas e voltou a se dedicar ao seu café da manhã.

– Estamos perdendo tempo aqui sentados – falou Freyja com impaciência. – Poderemos já ter percorrido vários quilômetros até a noite se partirmos ainda de manhã.

A perspectiva de uma longa e inesperada viagem à Cornualha, começando em uma manhã escura, chuvosa e nebulosa e terminando com uma infame acusação de assassinado tendo como alvo e único suspeito o futuro cunhado deles, pareceu animar imensamente os Bedwyns. Estavam todos falando ao mesmo tempo e afastando os pratos do café da manhã enquanto Joshua deixava a sala de refeições com Freyja.

– Meu coração – disse ele, assim que não podiam mais ser ouvidos –, eu lhe dei a oportunidade perfeita para você se livrar de mim hoje e a desculpa ideal para se livrar permanentemente de minha presença tão logo as circunstâncias permitam. No entanto, você insiste em ir comigo?

– Aquela mulher foi longe demais dessa vez – retrucou Freyja, o queixo e o nariz erguidos, um brilho marcial nos olhos. – E me dará imenso prazer mostrar isso a ela.

Ele riu baixinho.

– Você pode acabar nunca se livrando de mim – disse.

– Bobagem – respondeu ela, bruscamente. – Serão apenas mais uns dias. Que homem em sã consciência ficaria sentado sozinho em um barco, no meio do oceano, durante uma noite tempestuosa, apenas na expectativa de que alguém passasse remando, não o notasse, e então jogasse o primo do barco e o deixasse se afogar? E que homem normal não faria um estardalhaço caso isso realmente acontecesse e não tentaria resgatar o homem que se afogava? Que homem manteria a boca fechada sobre tudo isso por cinco anos e então a abriria exatamente no momento em que a mãe da vítima está furiosa porque suas esperanças de casar o assassino com uma de suas filhas foi frustrada? Gostaria de dar uma palavrinha com um homem desses.

– Que Deus o ajude – comentou Joshua. – Você e Alleyne juntos. E Aidan e Morgan também, ousou dizer. Não percebe, meu anjo, que estamos ficando cada vez mais encrencados a cada dia que passa?

– Bobagem – disse ela outra vez. – E você não precisa temer que haverá qualquer ligação permanente entre nós. Descobri na noite passada que fomos poupados desse destino. Isso, ao menos, foi um alívio.

Joshua a encarou. Então ela não estava esperando um bebê? E ainda assim perdera de propósito a chance de se livrar dele para sempre?

– O próximo movimento é seu, coração – disse. – Você vai ter que encontrar um modo de terminar esse noivado. Estou absolutamente resignado a ser um homem noivo até os 90 anos.

– Uma hora – disse Freyja quando eles chegaram à porta do quarto dela. – Espero que todos estejam prontos e reunidos no salão nem um minuto depois disso.

– Sim, madame – concordou Joshua, sorrindo para Freyja enquanto ela entrava no quarto e fechava a porta com força no

rosto dele.

Mas, assim que Joshua ficou só, o sorriso em seu rosto desapareceu e o estômago dele se revirou de forma desconfortável. Afinal, teria que voltar a Penhallow.

Era uma perspectiva sombria.



A viagem foi longa e tediosa. A conversa na carruagem e nas várias estalagens onde pararam para fazer refeições e se hospedar girou em torno de tópicos neutros que provavelmente não eram de interesse de ninguém. Com certeza não de Freyja.

Ela não conseguia acreditar que aquilo estava acontecendo. Durante os silêncios que uma longa viagem inevitavelmente trazia, e mesmo durante algumas conversas, ela tentou recordar cada estágio de seu relacionamento com Joshua, para entender como tudo levava àquela profunda enrascada, como ele mesmo dizia. Como as coisas haviam evoluído do instante em que acordara no meio da noite com Joshua invadindo seu quarto, até aquele momento, em que cavalgavam em direção à casa dele na Cornualha, com Joshua como seu noivo e metade da família dela os acompanhando? Freyja imaginava que seu envolvimento começara quando ela o abrigara em seu guarda-roupa sem entregá-lo para aquele horrível homem de cabelos grisalhos, que nem sequer esperara que ela abrisse a porta e fora logo entrando.

O que teria acontecido se ela o tivesse entregado? Será que toda a vida dela estaria diferente naquele momento?

Freyja imaginava que sim.

Assim como a vida de Joshua.

Eles chegaram à Penhallow no fim de uma tarde, depois de viajar durante quase todo o dia ao longo da estrada da costa, admirando a

vista. Não era um dia de sol quente, mas também não estava inteiramente nublado. Em um momento, o mar abaixo dos penhascos estava cinza como aço e parecia bastante ameaçador, e no instante seguinte exibia um azul brilhante, cintilando sob a luz do sol. Na maior parte do tempo, a superfície da água era uma mistura dos dois extremos.

– Eu gostaria de pintar o mar – disse Morgan. – Seria um desafio fantástico, não é mesmo? Acho que a maioria das pessoas costuma achar que ele é de uma cor, ou ao menos de uma cor em um momento específico de determinado dia. Mas não é. Seria necessário toda uma paleta de cores para pintá-lo bem, e mesmo assim...

– E mesmo assim, se você entrasse no mar e deixasse a água escorrer por entre seus dedos, veria que ela não tem cor – comentou Joshua.

– A cor é projetada na água por outra coisa – falou Morgan.

– Pelo céu? – sugeriu Alleyne.

– Mas, se você subir no alto de uma montanha – continuou ela –, vai descobrir que o céu e o ar também não têm cor. O que dá cor ao céu? O que dá cor à água? Se pudéssemos entrar em uma folha de grama como podemos entrar na água e no ar, será que descobriríamos que também não tem cor? – Os olhos dela cintilavam com a complexidade do quebra-cabeças.

– E se pudéssemos descobrir tudo isso, Morg – perguntou Alleyne –, eu ainda me perguntaria qual seria o objetivo.

– Cor e interpretação são produtos de nossa mente – disse Freyja. Ela levantou a mão para deter Morgan, que já se preparava para falar novamente. – Mas o que dá essa capacidade à nossa mente, eu não sei. Talvez seja algo além de nossa capacidade mental... algo de que ainda não temos consciência.

– A própria consciência? – falou Morgan.

A irmã era uma moça estranha, pensou Freyja. Linda, educada, ousada, tão orgulhosa e altiva quanto qualquer um dos irmãos, e tão irreverente quanto a própria Freyja em relação a algumas convenções sociais. No entanto, Morgan tinha uma profundidade intelectual e uma consciência quase mística dos mistérios da existência, que a maior parte das pessoas nem sequer se importa em questionar.

O que aconteceria com a irmã, agora que crescera e estava prestes a ser apresentada à sociedade? Encontraria um homem que a apreciasse, que permitisse que ela fosse livre o bastante, que não cortasse as asas dela?

E o que aconteceria com ela mesma? Assim que aquela história tola de acusação de assassinato fosse esclarecida, teria que romper seu noivado com Joshua. Não haveria mais motivo para adiar novamente essa decisão por qualquer razão tola que se apresentasse. Mas como seria a vida dela dali em diante?

– Você pode pintar em Penhallow – disse Joshua a Morgan – e investigar todos os mistérios do universo com seu pincel. Mas, falando em Penhallow, a casa surgirá à vista depois dessa curva.

A curva na estrada era necessária por causa da presença de um rio no vale, que atravessava o terreno. A estrada fora construída a partir do topo do penhasco e começava a descer na curva fechada, seguindo pela encosta íngreme. Abaixo estava um rio largo, com a correnteza lenta, seguindo em direção ao mar. As encostas em ambos os lados eram verdes e rochosas, salpicadas aqui e ali de flores brancas, amarelas e cor-de-rosa. De um lado do vale via-se uma igreja e algumas casas de um vilarejo próximo, que subiam pela encosta da montanha devido à ausência de terra plana ao lado do rio.

No extremo oeste do vale, a cerca de um quilômetro do mar, empoleirada em um amplo platô acima da metade da encosta da montanha, erguia-se uma grande e imponente mansão de pedra.

Estava meio virada para o mar, os gramados de aparência suave espalhando-se ao redor e descendo pela montanha com canteiros de terra escura que deviam ser jardins floridos no verão. Cercada pelas belezas naturais da costa marítima de Cornish por todos os lados, a casa era como uma pedra preciosa perfeitamente lapidada.

A primeira sensação que Freyja teve de Penhallow foi puramente física, como se houvesse recebido um soco nas costelas. Foi quase doloroso.

A estrada descia lentamente, íngreme até o vale e a ponte de pedra com três arcos que Freyja conseguia ver de onde estava. Do outro lado da ponte, a estrada seguia margeando o rio, até voltar a subir do outro lado do vale. Também havia um caminho íngreme e sinuoso que subia até a casa, e uma casa menor, ainda que de bom tamanho, na entrada – a casa da viúva, talvez.

Morgan e Alleyne estavam apertados contra a janela do lado deles da carruagem, olhando para fora. Joshua olhava por cima do ombro de Freyja.

– Realmente impressionante – comentou Alleyne.

– Lindo! – disse Morgan em uma voz suave.

Joshua permaneceu em silêncio. E tenso. Freyja conseguia sentir a tensão dele, mesmo sem tocá-lo. Aquele era o lugar onde moravam a tia e as primas dele. O lugar onde o próprio Joshua passara uma infância infeliz, como um órfão na casa do tio. Fora para lá que nunca quisera retornar. E onde teria que lutar contra a desconfiança, as insinuações, a hostilidade, o ódio e as acusações de assassinato.

E o lugar pertencia a Joshua. Era sua herança, fonte de riqueza e prestígio, sua responsabilidade. E era a pedra ao redor de seu pescoço.

Freyja não sabia quase nada sobre a vida dele ali. Sobre o que o levara a se afastar do lugar e sobre o motivo pelo qual sempre relutara tanto em retornar. Mas achava que estava prestes a

descobrir... só não sabia se queria. Sempre pensara em Joshua como um homem risonho, despreocupado, charmoso, com pouca profundidade de caráter. Pensava nele como alguém agradável com quem flertar, alguém divertido até para se mentir junto, mas de forma nenhuma um homem que desejasse como companheiro para o resto da vida. Sempre contara em poder dizer adeus a Joshua sem lamentações.

Esperava que nada disso estivesse prestes a mudar, mas tinha a terrível sensação de que talvez acontecesse.

Sem nenhuma razão que pudesse compreender e sem sequer ter a intenção, Freyja procurou a mão de Joshua e segurou-a com firmeza. Ele entrelaçou os dedos com os dela e apertou com tanta força que Freyja sentiu dor. Normalmente ela o teria repreendido ou tentado se soltar. Mas permaneceu em silêncio e não protestou.

As rodas da carruagem faziam barulho sobre a ponte, e Freyja se deu conta da vista ampla e linda ao longo do rio, até o mar. Ambos cintilavam como um milhão de diamantes, pois as nuvens haviam acabado de sair da frente do sol.



Era difícil se aproximar de Penhallow sem ser visto, a menos que alguém se esgueirasse montanha acima a pé. A aproximação de duas grandes carruagens de viagem e outra, mais simples, para os criados, além de mais duas para as bagagens, seria impossível de ignorar.

No entanto, apenas Jim Saunders estava esperando diante das portas da frente quando a primeira carruagem, na qual vinham Joshua, Freyja, Alleyne e Morgan, chegou e logo se adiantou para dar lugar à carruagem de Eve e Aidan e as crianças. Cavalariços já se aproximavam, vindos dos estábulos.

Joshua foi o primeiro a descer. Ele trocou um aperto de mão caloroso com o capataz que contratara em Londres seis meses antes e que não vira desde então e se virou para ajudar Freyja e Morgan a descer. Aidan já tirava as crianças da carruagem deles e o menino e a menina saíram correndo pelo terraço para observar a vista que ia do vale até a praia dourada no outro extremo.

– Vim o mais rápido que pude – disse Joshua, depois de apresentar Saunders aos Bedwyns.

– Fez muito bem, milorde – disse Saunders. – O reverendo Calvin Moore chegou na noite passada.

As portas da frente finalmente foram abertas e, ao olhar para cima, Joshua viu a tia parada no degrau superior, com uma aparência frágil e abatida nas roupas de luto, um lenço com a bainha preta contra os lábios. Ele se perguntou se ela o estava esperando. E também se esperava que ele levasse Freyja. Mas poderia apostar que a marquesa não contava que ele trouxesse também os outros convidados. E os Bedwyns eram um grupo formidável. Com exceção de Eve, todos encaravam a marquesa com suas expressões mais arrogantes. Ninguém superava a altivez dos Bedwyns.

Joshua quase sorriu, mas decidiu não fazer isso.

– Tia – disse ele, caminhando na direção dela.

– Joshua, meu querido – falou ela. – Que surpresa adorável... e justamente quando já havia perdido a esperança de que você voltaria para casa algum dia. Estava agora mesmo falando com o primo Calvin... Mas você não sabe que ele veio nos visitar, não é mesmo? Comentava com ele que o mais adequado seria que você o recebesse, já que Penhallow é sua e ele é seu herdeiro, mas que você não encontrou tempo para vir até aqui desde que seu pobre tio faleceu. Então Chastity viu as carruagens se aproximando e eu soube que minhas preces haviam sido atendidas.

Não, concluiu Joshua, ela não o esperava. Nem havia percebido que ele sabia o que estava acontecendo ou tinha optado por não mencionar isso de imediato. Mas é claro que ela o teria cumprimentado de forma diferente se tivesse chegado sozinho.

– Estou encantado em estar aqui, tia – disse Joshua. – Trouxe convidados comigo, como pode ver. A senhora já conhece a minha noiva. Posso lhe apresentar lorde e Lady Aidan Bedwyn, Lady Morgan Bedwyn e lorde Alleyne Bedwyn? Minha tia, a marquesa de Hallmere.

Ela os recebeu com gentileza. Por um momento, pareceu prestes a abraçar Freyja, mas algo no olhar sério da moça fez com que ela mudasse de ideia e se contentasse com um sorriso caloroso e lacrimoso. Um estranho poderia jurar que a marquesa nunca se sentira mais feliz do que naquele momento, cumprimentando vários hóspedes inesperados em uma casa que considerava sua.

– E crianças! – exclamou ela, levando as mãos ao peito e olhando com carinho para Becky e Davy, que ainda admiravam a vista enquanto a ama tomava conta, ao lado da terceira carruagem. – Que delícia ouvir vozes de criança ecoando novamente pelos corredores de Penhallow! Já faz tantos anos desde que você, Albert e as meninas eram crianças, Joshua. Bons tempos aqueles. Vamos subir para a sala de visitas, onde todos estão esperando para encontrá-los? Vocês devem estar ansiosos pelo chá.

Joshua virou-se para oferecer o braço a Freyja, mas antes que ela pudesse aceitá-lo, alguém passou correndo pela porta. A moça se adiantou desajeitada em sua pressa, agitando as mãos, animada. O rosto redondo e infantil cintilava de felicidade. Ela ria convulsivamente, como uma criança concentrada em uma brincadeira.

– Josh! – dizia a moça sem parar. – Josh, Josh, Josh.

Ele abriu os braços e ela se jogou contra ele, quase derrubando-o. A moça passou os próprios braços pelo pescoço de Joshua com

força e aninhou a cabeça no peito dele. Isso tudo sem parar de rir e de repetir o nome dele.

Ela crescera bastante em cinco anos, tinha 18 agora, mas ainda parecia a mesma da última vez em que a vira.

– Prue! – disse Joshua, abraçando-a. – Prue, meu amor!

– Você voltou para casa – falou a prima contra o peito dele. – Sabia que voltaria. Josh, Josh, Josh.

– Prudence! – disse a tia em um tom ameaçador. – Como ousa deixar o quarto sem a minha permissão? Onde está a Srta. Palmer?

– Está tudo bem, tia – falou Joshua, enquanto a prima começava a gemer, aflita. – Que recepção melhor do que essa eu poderia ter? Trouxe algumas pessoas para você conhecer, meu amor. Se me soltar um pouco, vou apresentá-las a você.

– Lady Prudence Moore, minha prima – disse Joshua, olhando primeiro para Freyja. – Essa é Lady Freyja Bedwyn. Acredito que ela permitirá que você a chame de Freyja, assim como ela a chamará de Prue. Freyja vai ser minha esposa.

Céus, por que diabos ele acrescentou aquilo?

Prue abriu seu sorriso infantil, largo e ingênuo para cada um dos Bedwyns a quem foi apresentada e repetiu cada nome baixinho para si mesma para não esquecer. Quando Joshua terminou as apresentações, a moça olhou para ele e riu.

– E esse é Josh – disse ela, percebendo que ele não havia se apresentado a ninguém.

– E eu sou Josh – confirmou ele, sorrindo com ternura para a prima e passando o braço ao redor dos ombros dela.

– E você voltou para casa.

– E eu voltei para casa.

– E trouxe Freyja – falou Prue. – Gosto de Freyja. Gosto de todos. Mas de quem mais gostei foi de Eve. Depois de Josh. Amo Josh mais do que qualquer pessoa no mundo. A não ser por Chass, Constance e...

– Prudence! – falou a mãe da moça, com menos rigor.

Joshua riu e encontrou o olhar de Freyja. A expressão não era fria, arrogante, chocada, repulsiva nem qualquer outra que ele pudesse ter esperado. Freyja olhava atentamente para ele, com uma curiosidade penetrante.

A tia guiou-os para dentro de casa. Eve se adiantou e deu o braço a Prue, com um sorriso bondoso e sincero iluminando seu belo rosto, enquanto Aidan atravessava o terraço para pegar as crianças. Morgan e Alleyne já haviam entrado. Joshua ofereceu o braço a Freyja.

– Ela sempre foi uma criança – disse ele. – E sempre será.

– E você a ama – declarou Freyja.

– Ela é feita de amor – retrucou Joshua. – Não há mais nada nela além de amor. Como alguém poderia lhe dar em retorno algo diferente?

– Josh – disse Freyja com um suspiro –, isso é algo que eu realmente não precisava saber sobre você.

– Coração – retrucou ele –, você me achava incapaz de amar? Que injusto da sua parte.

CAPÍTULO XVI



O salão com colunas tinha dois andares de altura, com frisos e bustos de mármore que valiam a pena ser examinados mais de perto em algum momento. A escadaria de degraus largos e encerados e o corrimão entalhado em formas intrincadas ficava em uma câmara separada. A sala de visitas para a qual a marquesa de Hallmere os havia levado era grande, quadrada e elegante, com uma lareira de mármore esculpido, paredes forradas de seda com bordas douradas, um teto alto pintado com cenas da mitologia grega e uma janela destacada para fora, com assento na base, que tinha uma vista estonteante para o vale e o oceano.

Freyja não percebeu imediatamente a vista, mas, no instante em que entrou na casa, notou que era muito maior do que esperara. Ainda assim, era um lugar para o qual Joshua nunca quisera retornar. Por quê?

Lady Constance esperava na sala de visitas. Ela sorriu com carinho sincero para Joshua e Freyja. A dama ao lado dela, esguia quase ao ponto da magreza excessiva, de cabelos castanhos, rosto oval e olhos grandes, belos e tristes, era a irmã mais nova dela, Lady Chastity Moore. O homem calvo e um tanto corpulento, com o colarinho da camisa tão alto e apertado que ele precisava mover

toda a parte de cima do corpo quando queria virar a cabeça, foi apresentado aos hóspedes recém-chegados como reverendo Calvin Moore, primo em segundo grau de Joshua.

O herdeiro que haviam mandado buscar, supôs Freyja.

Foi Joshua quem fez as apresentações, não a tia. Na verdade, Freyja percebeu que o modo de ele agir mudara completamente desde que eles haviam entrado na sala de visitas. A sala tornara-se visivelmente dele. Joshua se tornou o senhor da mansão. Depois que as apresentações foram feitas, convidou todos a se sentar ou a ir até a janela admirar a vista. E pediu que a tia fizesse a gentileza de mandar servir o chá.

– Prudence – disse a marquesa, o sorriso doce disfarçando o olhar venenoso que lançou na direção da filha mais nova –, volte para a companhia da Srta. Palmer em seu quarto imediatamente.

– Ah, não – opôs-se Joshua, incorporando o marquês de Hallmere até o último fio de cabelo –, Prue deve ficar para o chá, tia.

A moça bateu palmas, animada, e Lady Chastity pegou uma das mãos da irmã e levou-a para se sentar ao seu lado no pequeno sofá.

– Com certeza – concordou Eve, sentando-se perto das moças e sorrindo para as duas. – Viemos até aqui para conhecer a casa de Joshua e os membros da família dele que moram aqui. Prue é um desses membros.

– É mesmo uma vista esplêndida – comentou Alleyne depois de espiar pela janela. – Imagino que a praia nesse lado do vale seja particular, certo, Joshua? É parte da propriedade? Eu o invejo.

– Ainda quero pintar o mar – falou Morgan, que estava sentada ao lado de Alleyne –, mas também quero pintar esse vale, a casa e o parque na encosta da montanha. É muito bom que você se torne meu cunhado, Joshua. É provável que tenha que visitá-lo várias vezes, em diferentes épocas do ano, até que minha paleta fique satisfeita. Ah, Freyja, tudo isso também será seu!

– Acredito que essa seja uma terra de criação de carneiros, estou certo? – perguntou Aidan. – Sua fazenda fica acima do vale? Estou ansioso para conhecê-la e para conversar com seu capataz.

Freyja optou por ignorar a vista da janela. Estava propositalmente examinando a sala.

– É um cômodo magnífico – disse. – Acho que vou querer fazer algumas mudanças na mobília e nos tecidos depois que nos casarmos, Joshua, mas são detalhes. Vou gostar muito de receber os convidados aqui. Imagino que também tenha gostado em sua época, madame. – Ela sorriu com graciosidade para a marquesa, que retribuiu com um sorriso doce, mas foi salva de ter que dizer alguma coisa pela chegada da bandeja com o chá.

Os Bedwyns haviam dito ao que vieram, pensou Freyja.

Joshua conversava com o primo em segundo grau.

– É uma feliz coincidência que você esteja em Penhallow justo na época em que eu trouxe minha noiva e seus familiares para ver a casa que será de Freyja depois que nos casarmos – disse. – Deve fazer cerca de dez anos desde a última vez em que o vi, Calvin. Resolveu tirar férias na Cornualha?

O reverendo Calvin Moore ficou ruborizado.

– Fui convidado a vir pela prima Corinne – disse ele, a tensão transparecendo em sua voz.

– É mesmo? – Joshua ergueu as sobrancelhas e olhou para a tia com um sorriso. – Deve ter imaginado que eu logo traria Freyja aqui, não é verdade, tia? E pensou em me fazer uma surpresa com a visita do meu herdeiro? Que imensa gentileza da sua parte. Sinta-se à vontade para ficar por uma semana ou mais, Calvin... desde que assim deseje, claro. Será agradável ter minha própria família junto de mim, assim como a de Freyja.

O Sr. Moore pigarreou, desconfortável.

– É muito gentil da sua parte dizer isso, Hallmere.

Depois disso, todos se sentaram para tomar chá e conversaram tranquilamente sobre uma variedade de assuntos diferentes. Foi tudo muito divertido, pensou Freyja. A atmosfera ao redor deles quase gritava o assunto não mencionado. Uma testemunha se apresentara para acusar Joshua de um assassinato ocorrido cinco anos antes. O reverendo Calvin Moore obviamente já sabia a respeito. Assim como as filhas da marquesa, com exceção de Prue, talvez. Além, é claro, de Joshua e de todos os Bedwyns. No entanto, nenhuma palavra sobre o escândalo foi dita em voz alta.

Freyja imaginou que a marquesa fora pega de surpresa – pela súbita chegada do sobrinho, pelo fato de ele ter levado a noiva e os outros convidados, e pela maneira como ele a tratou: com cortesia, mas deixando claro quem estava no comando. Ela montara toda a trama, mas ainda não pudera colher os louros que pretendia.

E, ainda assim, havia uma absurda sensação de normalidade na cena toda. Duas famílias, prestes a se unirem pelo casamento, tomando chá juntas e sendo agradáveis uns com os outros. A marquesa parecia cintilar de alegria.

– A Sra. Richardson está pronta para lhes mostrar seus aposentos – disse ela, quando todos terminaram o chá. – Estou certa de que vão querer repousar antes do jantar. Que maravilha será ter tantos convidados à minha mesa! Venho ansiando há tempos por um momento como este, não é mesmo, Constance?

– Repousar? – falou Freyja, sorrindo. – Acho que não, madame. Vou me trocar, me refrescar e estarei pronta para conhecer toda a casa. Você me acompanhará, Josh?

– Com prazer– respondeu ele. – Mais alguém deseja se juntar a nós? Você, Calvin? E, Chass, se quiser, poderia nos acompanhar. Sempre conheceu essa casa melhor do que qualquer um de nós. E, Prue, meu amor, com certeza não iremos sem você. Podemos todos nos encontrar no saguão em meia hora?

A casa era muito maior do que parecera enquanto se aproximavam pela estrada. Era um prédio quadrado e elegante. A maior parte dos aposentos de uso comum ficava na ala da frente, na direção sudeste, com aquela vista magnífica para os jardins, o vale e o mar. Os aposentos particulares e os quartos de dormir ficavam na ala leste, e os aposentos de visitas, o salão de baile e a longa galeria, na ala oeste. A ala norte, com vista em parte para o vale, em parte para os jardins e para a encosta da montanha, abrigavam os escritórios. Os quartos dos criados ficavam nos últimos andares.

Joshua conduziu a conversa enquanto mostrava a casa, embora Constance acrescentasse alguns poucos comentários. Mas foi Chastity quem deu todas as explicações quando eles chegaram aos salões nobres e à galeria. Ela sabia a história de cada detalhe arquitetônico, de cada obra de arte, de todas as gerações da família Moore que haviam vivido ali, tanto na casa antiga, antes de ela ter sido posta abaixo, quanto na nova, na qual haviam vivido as quatro últimas gerações. A moça falava com tranquilidade, clareza e concisão e com óbvio interesse pelo assunto. Freyja descobriu que gostava das três filhas da marquesa. Todas pareciam surpreendentemente diferentes da mãe.

Joshua, livre da responsabilidade de ser o guia nos salões nobres, passou a mão de Freyja pelo próprio braço e encarou-a com os olhos risonhos.

– Os Bedwyns são realmente formidáveis quando entram em ação – comentou. – Você mais do que todos, coração. Então vai trocar a mobília da minha sala de visitas? E vai gostar de receber os convidados lá?

– As forrações e os tecidos são da cor errada – disse ela. – E várias cadeiras estão em péssimo estado... e são enfeitadas demais.

Ele riu.

– *Vou gostar muito de receber os convidados aqui* – repetiu ele em voz baixa, citando as palavras exatas que ela usara. – *Imagino*

que também tenha gostado em sua época, madame.

– Não houve menção a qualquer suspeita de assassinato – comentou Freyja.

– Ah, mas haverá.

Eles eram tão parecidos, pensou Freyja. Estava se divertindo. Poderia ser enforcado se fosse condenado, mas tudo o que fazia era sorrir diante da perspectiva excitante do perigo.

O resto do dia seguiu mais ou menos da mesma forma que havia sido desde que chegaram. Joshua ocupou a cabeceira da mesa no jantar e Freyja sentou à sua direita e Constance à sua esquerda. A tia sentou-se no outro extremo da mesa. Ele assentiu para ela com firmeza quando achou que já era hora de as damas se retirarem e deixarem os cavalheiros com seus vinhos do Porto e sua conversa de homens.

Chastity e Morgan, que pareciam ter desenvolvido uma relação amigável, distraíram a todos ocupando o piano. Eve se sentou com Prue, que Joshua permitira que jantasse com todos – Freyja imaginou que aquilo provavelmente nunca acontecera antes. E a própria Freyja ficou de pé diante da janela recuada, olhando para a escuridão do lado de fora até que os cavalheiros se juntassem a ela.

Eve conversou com a marquesa e com Constance. Ela não tinha a arrogância fria do Bedwyns, mas se saiu muito bem em seu próprio jeito doce e tranquilo.

– Deve ser triste perder mais do que apenas o parceiro de uma vida quando ele morre – comentou Eve. – Ser a dona de Penhallow deve ter sido uma parte maravilhosa do seu casamento, madame. Estou certa de que Freyja achará a mesma coisa. Quais são seus planos para o futuro? Ou ainda é muito cedo para decidir? Percebo que ainda está de luto.

A marquesa secou os olhos.

– Tudo em que consigo pensar nesse momento é no meu querido Hallmere... o *falecido* Hallmere... – respondeu. – Mas é claro que

receberei Lady Freyja aqui de braços abertos. Posso ensinar a ela como tomar conta de uma casa tão grande, embora imagine que ela tenha aprendido alguma coisa em Lindsey Hall.

– A casa da viúva, no vale, é um lugar de aparência agradável – comentou Freyja.

– Sua irmã toca lindamente, Lady Freyja – disse a marquesa, erguendo a voz. – E como é bela. Imagino que vá se casar antes do próximo verão. As moças mais bonitas são arrebatadas jovens.

– Se elas se permitem ser arrebatadas, madame – retrucou Freyja. – Não estou certa de que Morgan será uma delas.

– E a senhorita, Lady Constance? – perguntou Eve. – Quais são os seus planos agora que o ano de luto de sua mãe está chegando ao fim? Uma temporada social em Londres, talvez? Se Freyja e Joshua estiverem casados antes da primavera, Freyja poderá ser sua acompanhante, caso sua mãe ainda não se sinta disposta.

Sim, pensou Freyja, sorrindo para si mesma, Eve era tão implacável quanto qualquer um deles.

– Está na hora de voltar para o seu quarto, Prudence – disse a mãe, com aquela voz fina de que Freyja se lembrava tão bem.

– Venha, Prue. – Eve se levantou e pegou a moça pelas mãos. – Eu estava mesmo subindo para ler algumas histórias para Becky e Davy antes de colocá-los na cama. Você gostaria de ouvi-las também?

Mais tarde, depois que os cavalheiros se juntaram às damas na sala de visitas e todos haviam tomado chá e conversado por algum tempo, a marquesa sugeriu que se recolhessem cedo, certa que todos iriam apreciar o descanso depois de uma viagem tão longa.

– Eu mesma estou completamente exausta, devo confessar – disse ela –, com toda a empolgação de receber meu querido Joshua em casa, ao lugar a que ele pertence, e também a querida noiva dele e sua família.

Ninguém fez qualquer objeção. Realmente fora uma longa viagem. Mas, ao que parecia, Joshua ainda não estava pronto para se recolher.

– Você gostaria de sair para tomar um pouco de ar fresco, Freyja? – perguntou.

– Ah, mas, Joshua, querido – interrompeu a tia com a voz débil –, Lady Freyja precisaria levar a criada junto.

Alleyne sorriu e ergueu as sobrancelhas para a irmã.

– Ela estará com o noivo, madame – manifestou-se Aidan, maravilhosamente arrogante. – Não há necessidade de acompanhante.

– E mesmo que houvesse... – disse Freyja, deixando a frase incompleta. – Sim, eu gostaria, Joshua, obrigada.

Estava uma noite fria, como era de esperar no início do outono, mas ainda assim agradável. O céu, que estivera tão escuro mais cedo, agora estava repleto de estrelas e a lua se refletia no solo, iluminando o mar com uma faixa cintilante que seguia até a parte baixa do rio.

Havia uma trilha que seguia ao longo da encosta da montanha, de um lado contornada por arbustos e canteiros de flores e, do outro, por uma murada de pedra que chegava à altura da cintura, meio coberta por hera e outras plantas. Além da murada, havia outro canteiro de flores e depois um gramado que descia até os arbustos e a estrada lá embaixo. Freyja imaginou que, no verão, tudo aquilo devia se transformar em um festival de cores. Mesmo àquela altura do ano, e à noite, era lindo.

– Que tola é a sua tia – disse ela. – Você pretendia nunca mais voltar aqui, não é mesmo? Deixaria que ela seguisse com a própria vida, em paz, e que cuidasse da casa como se fosse dela. Mas a mulher tinha que arrumar problema aonde não havia.

– E agora Morgan virá nos visitar com frequência para pintar, Alleyne virá aproveitar a praia particular e Aidan está interessado em

minhas fazendas. Eve está planejando que minhas primas passem uma temporada social em Londres e você tem a intenção de redecorar a casa. E eu estou aqui – comentou ele. – Sim, acho que se minha tia pudesse voltar no tempo e ignorar a carta da Sra. Lumbard informando-a de minha presença em Bath, ela talvez fizesse isso. Ou não. A marquesa sempre teve necessidade de se sentir no controle completo da situação.

– Por que você não queria voltar para cá? – perguntou Freyja.

Ela sabia muito pouco sobre ele, a não ser o fato de que era uma companhia atraente e divertida. Era estranho como alguém podia conhecer um homem do modo mais íntimo fisicamente e ainda assim não saber nada sobre ele. Ela nunca quisera conhecê-lo melhor. Ainda não queria. Mas agora parecia inevitável. Tomara a decisão impulsiva de acompanhá-lo até ali e agora estava irremediavelmente ligada à vida dele.

– Vim para cá com 6 anos – disse Joshua –, depois que meus pais morreram. A princípio, não me contaram que eles haviam morrido. Disseram apenas que eu teria que partir por algum tempo. Suponho que acreditassem que, aos poucos, eu os esqueceria e nunca seria necessário me contar a terrível verdade. Mas minha tia me contou na primeira travessura que aprontei. Disse que meus pais ficariam muito desapontados se soubessem que tinham um filho tão mau. E que era bom que os dois estivessem mortos e nunca fossem saber.

– Céus! – exclamou Freyja. – Esse é exatamente o tipo de coisa que a marquesa diria. Espero que você tenha mandado ela se danar.

– Fiz isso – confirmou ele –, de forma bem mais divertida, acredito. Mas naquele momento eu soube o que aquela verdade significaria para mim. Até então, eu havia tolerado a situação aqui com toda a paciência que conseguia reunir. Vivi esperando o dia em que minha mãe e meu pai viriam me buscar e me levar para casa. Senti um vazio profundo ao saber que eles haviam partido para

sempre. Além disso, eu ainda precisava encarar a realidade de que aquela vida, com meus tios e meus primos, seria a minha vida para sempre.

– Não me venha dizer que você se fez de coitadinho – disse ela, lutando contra a pena que sentia pelo menino que ele fora.

– Coração – falou, com um sorriso –, você deveria estar derramando lágrimas de piedade nesse momento. Não, nunca fui um coitadinho. Decidi que, se minha tia estava determinada a pensar mal de mim, eu faria tudo o que estivesse ao meu alcance para merecer minha reputação.

– E seu tio? – perguntou Freyja. – E seus primos? Eles tinham a mesma opinião a seu respeito?

– Meu tio não tinha escolha – disse Joshua. – Eu *era* mau, Free. Poderia deixá-la de cabelo em pé se contasse algumas das minhas aventuras.

– Duvido – retrucou ela. – Cresci com os Bedwyns e com os Butlers. Na minha família, éramos chamados de agitados e travessos, mas nunca de maus.

– Eu me dava bem com as meninas – continuou ele. – Só que elas eram muito mais novas, portanto não eram realmente minhas companheiras.

– Imagino que sua tia o odiasse por você ser o herdeiro logo depois do filho dela.

– Sem dúvida.

– Oh! – exclamou Freyja quando eles dobraram uma curva na trilha e receberam uma súbita lufada de vento no rosto. A vista do mar agora era muito mais ampla e o vilarejo surgira no lado oposto do rio. – Que magnífico!

– Não é? – concordou Joshua.

Ainda assim, ele não quisera voltar para lá.

– Como era Albert? – perguntou Freyja.

– O filho perfeito. Albert aprendeu tudo com meu tio e o ajudava com os negócios da propriedade sempre que tinha permissão. Adorava a mãe e era atencioso com as irmãs. Era excelente nos estudos, tanto na época da escola quanto depois, na universidade. Era um membro ativo da igreja e contribuía para todas as obras de caridade que apareciam. E com frequência intervinha com a mãe a meu favor.

– Eu o teria odiado – disse Freyja com ardor.

Joshua riu baixinho.

– Sim – concordou ele. – Acho que teria mesmo.

– E mesmo assim você estava sempre brigando com ele? Foi o que nos contou em Lindsey Hall.

– É claro. A maldade não costuma apreciar a bondade, Free. Eu era muito, muito mau. E Albert era muito, muito bom. Ele costumava me passar sermões sobre a bondade e eu com frequência dizia a ele o que poderia fazer com seus sermões.

A voz dele carregava o riso despreocupado de sempre. Era a máscara atrás da qual Joshua escondia todas as sombras escuras de sua vida, percebeu Freyja. Ela se perguntara antes se a máscara esconderia alguma coisa ou se não haveria nada por trás dela. Agora sabia a resposta, embora ainda não houvesse penetrado naquelas sombras. E também não queria fazer isso. Queria se lembrar de Josh como um flerte que, durante uma noite, se tornara algo mais. Não queria sentir nenhum arrependimento nem se comover com as lembranças sombrias de uma pessoa que talvez tivesse valido a pena conhecer melhor.

Eles dobraram em outra curva. Ali, a encosta da montanha se erguia acima deles em um penhasco íngreme e os dois estavam novamente protegidos contra o vento. Pararam de caminhar e Joshua apoiou os cotovelos na murada e olhou para baixo. A luz do luar iluminou seu perfil. Estava sorrindo.

– Se odiava tanto a sua vida aqui – perguntou Freyja –, então por que ficou tanto tempo? Você partiu daqui há cinco anos. Já devia ter... 22 ou 23 anos?

– Eu tinha 23 – disse ele. – Deixei Penhallow quando tinha 18 anos e fui viver em Lydmere. – Joshua acenou com a cabeça na direção do vilarejo. – Ofereci-me para ser aprendiz de um carpinteiro e aprendi o ofício. Era bom no que fazia. Teria conseguido levar uma vida decente com meu trabalho. Estava bastante feliz e acredito que teria continuado a ser.

Era estranho imaginar que Lady Freyja Bedwyn jamais teria conhecido Joshua Moore, carpinteiro do vilarejo de Lydmere, e que sequer saberia da existência dele se seus caminhos não houvessem se cruzado. Aqueles dois mundos eram muito diferentes.

– Mas então Albert morreu e você se tornou o herdeiro – concluiu ela. – E tudo mudou.

– Sim. – Ele virou a cabeça para olhá-la, um sorriso zombeteiro nos lábios. – Então me tornei Hallmere e pude aspirar a mão da filha de um duque, mesmo sendo apenas um noivado de mentira. A vida é estranha, não acha?

Mas ele ainda não explicara por que partira.

Freyja se lembrou, então, de algo a que não dera atenção quando ouvira. Joshua contara à família dela que não se lembrava mais do motivo que o levava a brigar com Albert no barco, na noite em que o primo morrera. Como ele podia *não* se lembrar? Considerando o que acontecera naquela noite, com certeza cada detalhe dela deveria estar gravado na memória de Joshua.

Mas ela não perguntaria. Não queria realmente saber... embora ela tivesse noção de que aquela era uma desculpa muito frágil.

– Você não voltou a Penhallow durante todos os anos em que morou no vilarejo? – perguntou Freyja.

– Eu vinha uma vez por semana, na folga que tinha no trabalho. Vinha para ver Prue.

– Pobre moça – disse Freyja. – A mãe não é muito apegada a ela, não é mesmo?

– Ninguém jamais precisa usar a palavra *pobre* para descrever Prue – falou Joshua. – Temos a tendência a ver as pessoas com capacidade física e mental diferente como se fossem criaturas dignas de pena, com defeitos ou incapacidades. Nós as chamamos de aleijados e de idiotas. Nós os encaramos a partir de nossa perspectiva limitada. Conheci uma pessoa cega que sentia o mundo com tanto encantamento que me deixou envergonhado de minha própria limitação. Prue é feliz e transborda amor... E essas são características que perdemos junto com a infância. De que modo ela é incapaz? Ou deficiente? Ou pobre?

Ele falou com tamanha intensidade que, por um instante, Freyja não o reconheceu. Joshua fora gentil e paciente com a moça durante toda a tarde, e também ao longo do jantar, sem parecer condescendente ou entediado. Prue não fora a única transbordando amor. Freyja se lembrou de Eve, a quem Aidan descrevia carinhosamente como uma mulher com o coração sangrando e um enorme carinho pelos “incapazes”. A casa deles estava cheia de criados que ninguém mais empregaria por alguma razão – incluindo uma ex-prisioneira verdadeiramente feroz que trabalhava para eles como governanta e que ficaria feliz em dar a vida por Eve. Freyja admirava imensamente a cunhada.

– Agora que você voltou – disse Freyja –, talvez acabe decidindo ficar. Depois que essa artimanha da sua tia for desmascarada, quero dizer. É claro que teria que fazê-la se mudar para outro lugar, mas ela com certeza não foi deixada na miséria.

– Não foi – confirmou Joshua. – Mas ela continuará a viver aqui. *Eu* não.

Se estivesse no lugar dele, pensou Freyja, teria a satisfação de mandar a tia para fora de Penhallow, de tirar dela tudo o que não lhe pertencesse por direito. Mesmo que escolhesse não viver ali,

Freyja não permitiria que outra mulher tomasse seu lugar. Teria uma enorme satisfação em se vingar.

Mas o que Joshua fazia ou deixava de fazer não era problema dela. *Ele* não era problema dela.

– A encosta de uma montanha em uma noite estrelada – disse ele –, com a lua dançando sobre a superfície do mar... e uma bela mulher ao meu lado. Por que estou apenas tendo uma conversa educada com ela e admirando a vista? Devo estar perdendo o jeito com o sexo feminino. Isso comprometeria muito a minha reputação se alguém me visse. – Joshua endireitou o corpo e se virou para ela com um sorriso nos lábios.

– Se quiser, pode imaginar que minha acompanhante está parada a alguns metros de distância.

Ele riu baixinho.

– Mas Aidan disse que você não precisa de acompanhante – lembrou ele.

– Porque Aidan *confia* em você – disse Freyja. – E porque acha que estamos noivos.

– E estamos, graças à minha tia e ao seu irmão... e também à sua decisão de me acompanhar até aqui. Seus cabelos estão soltos sob esse capuz, não estão?

Ela tirara os grampos dos cabelos quando fora até o quarto para pegar a capa.

– Por que quer saber? – perguntou Freyja, tensa.

Agora que ele mencionara, ela percebia que a paisagem ao redor realmente era propícia ao romance... ou ao menos ao flerte. Mas ela já flertara o bastante com Joshua durante as últimas semanas. Eles tinham muita sorte, na verdade, por não terem se visto obrigados a se casar. Freyja não estava disposta a dar espaço para novas indiscrições.

Mas ele diminuía a distância entre os dois e levava as mãos ao capuz dela, puxando-o para trás. Os cabelos de Freyja cascadearam

pelos ombros e pelas costas, agitados pelo vento.

– Entenda, Free – disse ele –, que um homem com sangue nas veias sente os dedos coçando para enfiá-los entre esses cabelos. Nada pessoal, é claro, mas eu tenho sangue nas veias. – Os dedos de Joshua brincaram com os cabelos dela e então se entrelaçaram neles. – Mas então, depois que ele faz *isso*, não consegue resistir a fazer *isso*. – Ele puxou-a contra o corpo e inclinou a cabeça dela para trás, fazendo-a encarar o rosto dele iluminado pelo luar. Os olhos de Joshua, como ela esperara, brilhavam.

– Mas o problema – disse ela, pousando as mãos na cintura dele – é que a mulher então sente uma vontade quase irresistível de acertar com os punhos o tal homem com sangue nas veias.

Ele riu.

– Um boa luta de socos nos faria cair por sobre o muro e descer a montanha rolando até os arbustos lá embaixo, com nossos braços e pernas, e outras partes do corpo, entrelaçados. Acho que vou arriscar. – Joshua abaixou a cabeça e roçou o nariz no dela.

– Não consigo pensar em nenhuma razão no mundo – comentou Freyja – pela qual deveríamos estar fazendo isso. – *Mentirosa, mentirosa.*

– Está vendo? – disse ele, lambendo os lábios de Freyja e fazendo com que uma sensação quente percorresse todas as partes erradas do corpo dela... isto é, erradas se ela quisesse sair incólume daquela situação. – Somos o complemento perfeito um do outro, coração. Não consigo pensar em nenhuma razão no mundo por que não deveríamos estar fazendo isso.

– Isso é para casais que estão se cortejando – retrucou Freyja. – Para casais que estão noivos. Ou casados. Nenhum desses é o nosso caso.

– Mas *somos* um homem e uma mulher – argumentou Joshua, abaixando a cabeça e falando com os lábios colados ao pescoço dela. Freyja sentiu o corpo todo se arrepiar e levou uma das mãos

aos cabelos dele, perdendo-se na massa sedosa e macia. – Juntos, a sós, em uma noite de luar. E arfando de desejo um pelo outro.

– Não estou...

A boca de Joshua interrompeu o protesto dela. Aberta, quente, úmida, tentadora, a língua pressionando os lábios dela, abrindo caminho. Freyja se encostou ao corpo dele com um gemido baixo, sentindo uma pulsação dolorida entre as pernas, onde ele já estivera uma vez.

Ela deixou a língua encontrar a de Joshua, passou a mão por baixo do paletó e do colete dele – por que os homens usavam tantas camadas de roupa? – enquanto as mãos de Joshua encontravam os seios dela sob a capa, depois desciam pelas costas até segurá-la pelas nádegas e puxá-la com mais força contra o próprio corpo.

– Você não está...? – perguntou ele, erguendo a boca a poucos centímetros da dela.

– Arfando de desejo – disse Freyja, ofegante.

Joshua riu baixinho.

– Imagina se estivesse! – brincou ele. – Por que não quer se casar comigo, Free? Não pode ter Ravensberg, mas suponho que mais cedo ou mais tarde vá precisar se casar com alguém. Por que não comigo?

– Você vai precisar se casar com alguém mais cedo ou mais tarde? – perguntou ela, afastando-se mais alguns centímetros.

– É diferente para um homem.

– Diferente como?

– Um homem gosta de liberdade e não gosta de compromisso – explicou Joshua. – Pode gostar de um flerte e não esperar nada além disso. As mulheres têm o instinto de fazer ninho. Querem um lar, fidelidade, romance eterno e bebês.

Ele riu e segurou o punho direito dela.

– O que foi, coração? – perguntou. – Sem socos? Achei que isso provocaria uma reação.

Nesse momento, o punho esquerdo dela acertou um sólido golpe no queixo dele.

– Por que não quero me casar com você? – Freyja repetiu a pergunta. – Talvez porque eu sinta alguma pena desse seu belo rosto. Se ele estivesse ao meu alcance diariamente pelo resto da vida, logo estaria horrível, como o rosto dos brutamontes que são contratados para socar os outros apenas para a diversão dos cavalheiros que gostam de apostar em esportes sangrentos.

Ele jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada, ao mesmo tempo em que passava os dedos pelo maxilar e o flexionava.

– É melhor voltarmos para casa – disse Joshua. – Está perfeitamente claro, então, que sou um homem livre e feliz, inquieto, e que não pretendo parar de espalhar minhas sementes por aí. E que você prefere seguir sendo uma solteirona a se casar com alguém que não consiga lhe inspirar sentimentos tão profundos quanto os que já sentiu uma vez. Jamais iremos nos casar, Freyja. Mas sentimos atração um pelo outro e quase entramos em erupção quando a oportunidade se apresenta. Devemos evitar essas oportunidades e pôr um fim nessa situação de uma vez por todas? Ou devemos apenas aproveitar o momento? E o momento podem ser os próximos dias, as próximas semanas ou o que for.

– Você fala como se os próximos dias fossem nada além de oportunidades para flertes – protestou ela. – Supostamente há uma trama em andamento para fazer com que você seja acusado de assassinato. Uma testemunha pode ser algo perigoso.

– Meu Deus, sim – concordou Joshua. – Meia dúzia de testemunhas poderia ser ainda mais fatal. Imagino se minha tia seria tão esperta... ou tão tola.

– Eu me pergunto o que realmente terá acontecido naquela noite – falou Freyja. Mas logo balançou a cabeça e puxou o capuz sobre os cabelos novamente, virando-se e começando a seguir a trilha de volta para casa. – Mas não quero saber.

Joshua caminhava ao lado dela.

– Tem medo de que eu realmente o tenha matado? – perguntou. Seria por isso que se sentia tão relutante em ouvir a verdade?, pensou ela.

– Na verdade, eu *ameacei* matar Albert – confessou Joshua.

– Mas não o matou – disse ela. – Você falou para Aidan que era inocente e eu acreditei em você. Ainda acredito. Acha que o teria matado se ele houvesse vivido tempo o bastante?

A resposta demorou a ser dada. Eles voltaram a dobrar a curva em que o vento soprava com força, agora às costas deles.

– Realmente não sei – respondeu Joshua por fim. – Mas tenho muito medo quando penso que talvez tivesse matado.

Pronto! Ali estava tudo o que ela queria ouvir sobre o assunto. Freyja acelerou o passo. Já ouvira demais. Algo terrivelmente sério havia acontecido naquela noite, além do fato terrível de alguém ter morrido. E ela não queria saber o que era.

Fico me perguntando se Hallmere pensou em mencionar à senhorita que ele tem um adorável filhinho bastardo vivendo com a mãe em um vilarejo perto de Penhallow.

A lembrança das palavras da marquesa voltou à mente de Freyja.

Ela era a preceptora das meninas até que o infeliz incidente forçou meu marido a dispensá-la. Eles parecem não estar passando necessidade. Acredito que Hallmere ainda os sustente.

Aquela história, no entanto, não tinha nada a ver com ela. Não era noiva de Joshua e não sentia a menor inclinação em julgá-lo pelo que quer que fosse. Mas tinha uma forte suspeita de que a briga no barco fora sobre a preceptora e o filho dela. Albert teria feito um de seus sermões hipócritas sobre o assunto? E Joshua teria... como ele teria reagido além de ameaçar o primo de morte? Exatamente como e por que Albert morrera?

Ela não queria saber.

– Eu a choquei, coração? – perguntou Joshua. – Isso significa que não haverá mais flertes entre nós? Assim você acaba comigo...

– Meu Deus, você não leva nada a sério! – disse Freyja com desdém.

Mas agora ela sabia a resposta a essa pergunta, embora preferisse não saber.

Sim, havia muitas coisas que Joshua Moore, o marquês de Hallmere, levava a sério.

Ela deveria ter dito adeus a ele há muito tempo, antes de começar a suspeitar de que Joshua não era apenas um patife despreocupado e risonho, belo demais para seu próprio bem.

Ele riu baixinho, encontrou a mão dela sob a capa e segurou-a enquanto caminhavam, os dedos entrelaçados aos dela.

CAPÍTULO XVII



— Quem é o sujeito? – perguntou Joshua, encostando-se na beira da escrivaninha do capataz e cruzando os braços.

Era de manhã cedo, mas Saunders já estava trabalhando em seu escritório.

– Hugh Garnett – respondeu Saunders. – As terras dele ficam do outro lado do vale, a mãe era filha de um barão. Pelo que ouvi dizer, vem prosperando. Comprou mais terras depois de assumir a administração das do pai alguns anos atrás. Não se pode dizer que é um cavalheiro sem influência.

– Ah, conheço Hugh Garnett. – Joshua franziu o cenho. – Ele é sobrinho, por parte de pai, da Sra. Lumbard, uma amiga próxima da minha tia. Não estou muito surpreso. Mas que vantagem você acha que ele levaria com isso, além do fato de não gostar de mim? Garnett não é o tipo de homem que faz algo sem um objetivo.

– Ele vem demonstrando certo interesse por Lady Chastity – comentou Saunders –, mas não recebeu nenhum encorajamento por parte dela ou da marquesa. No entanto, a marquesa o convidou para tomar um chá aqui, com a tia e a prima, depois que voltou de Bath. Seria um enlace vantajoso para Garnett, em especial se contasse com a plena aprovação da mãe da dama em questão.

– E mais especificamente se não houvesse possibilidade de eu estragar tudo vindo morar aqui, agora que estou noivo e prestes a me casar a qualquer momento – disse Joshua. – Acredito que o reverendo Calvin Moore tenha sido convidado tanto para cortejar Constance quanto para dar conforto e apoio moral à marquesa. Ela continua dominando a todos com a mesma crueldade de sempre, não é mesmo?

Joshua se levantou e foi até a janela, que dava para a encosta da montanha, outra visão magnífica. As hortas e os jardins floridos ficavam ali atrás, assim como várias estufas. Além delas, uma trilha subia além dos arbustos cultivados, passando por canteiros de flores silvestres mais próximas do platô acima.

De repente, Joshua se lembrou do que Constance havia lhe contado e virou-se para encarar Jim Saunders. O capataz era um cavalheiro de cerca de 30 anos, talvez menos, que herdaria uma modesta fortuna e uma pequena propriedade depois da morte do pai, embora houvesse um irmão mais novo e várias irmãs a quem teria que sustentar. Era um camarada de boa aparência e um trabalhador dedicado. Era fácil entender por que Constance, vivendo em um ambiente tão isolado de homens de sua própria classe, pousara o olhar nele. Saunders sentiria o mesmo por ela? Ele estava sentado atrás da escrivaninha, olhando para um livro contábil fechado, uma expressão indecifrável no rosto.

– Precisa entender, milorde – disse o capataz, a voz cuidadosamente formal –, que sou novo por aqui e ainda não formei opiniões firmes sobre todos na casa e na vizinhança. Não conheço bem a marquesa e não tenho ideia dos motivos dela. Também não o conheço muito bem. Mas estou ciente de que devo a minha lealdade ao senhor e não a ela.

Era uma resposta estudada, mas nada bajuladora.

– Então você não está certo se há alguma verdade nessas acusações de que me alertou – concluiu Joshua. – E está se

perguntando se trabalha para um assassino desesperado.

– Prefiro pensar que não – retrucou Saunders.

– Obrigado. – Joshua o encarou mais detidamente. – Como soube? Nada foi dito sobre isso desde a minha chegada. Não havia nenhum oficial de polícia me aguardando na porta para me prender. Quem lhe contou?

Saunders ajeitou o livro contábil, nivelando a parte de baixo com a beirada da mesa.

– Constance? – perguntou Joshua.

Saunders começou a abrir o livro, mas logo voltou a fechá-lo.

– Ela sugeriu que o senhor deveria ser informado, milorde.

– Ah – disse Joshua, baixinho. – Então devo agradecer à minha prima e a você por atender ao pedido dela. Parece que a trama ainda não está completamente armada e minha chegada talvez tenha comprometido seu progresso. Só me pergunto por que a trama ainda não estava terminada se há até uma testemunha, um cavalheiro próspero, disposto a jurar que me viu assassinar meu primo.

Saunders voltou a encará-lo, mas não se aventurou a dar qualquer opinião.

– Acho – continuou Joshua, afastando-se da janela e sorrindo – que estou prestes a comprometer ainda mais essa armadilha. Vou aproveitar meu dia. Amanhã você pode me dar um relatório de como andam as novas construções e uma lista dos reparos que precisam estar prontos quando a colheita começar. Também quero ver a fazenda e falar com os trabalhadores e com suas esposas enquanto estiver aqui.

– Sim, milorde – disse o capataz. Estou às suas ordens no momento em que desejar.

Joshua deixou a ala dos escritórios da casa e foi ver se alguém da família, ou dos hóspedes, já havia se levantado. Mas ele

provavelmente passara mais tempo com Saunders do que se dera conta. Quase todos já estavam reunidos na sala de café da manhã.

– Bom dia – falou Joshua ao entrar na sala. – E parece que vai ser um dia belo e ensolarado. Talvez mais tarde todos possamos ir de carruagem ou a cavalo até Lydmere. É uma pequena vila de pescadores, muito bonita, com uma baía e uma praia mais abaixo. Ah, olá, Freyja. – Ele pegou a mão dela, levou-a aos lábios e a manteve ali um pouco mais do que o necessário, enquanto a encarava com um sorriso nos olhos.

Mas fazer o papel do amante ardente era muito mais fácil do que viver a realidade de um falso noivado, decidiu Joshua, enquanto se servia da comida disposta sobre o bufê e se acomodava à cabeceira da mesa. O beijo da noite anterior fora mais frustrante do que satisfatório, principalmente porque agora sabia como era levar um beijo a um estágio muito mais avançado com Freyja. Na noite anterior, Joshua se dera conta de que corria um grave risco de estar se apaixonando. E teria que se empenhar para manter a relação dos dois da maneira em que estava. A última coisa que ele queria era se apaixonar por alguém.

Joshua se juntou à conversa geral até Eve e Aidan – os últimos a chegarem porque estavam no quarto dos filhos – sentarem-se e começarem a comer.

– De repente me ocorreu – disse Joshua – que minha vinda para casa será notada na vizinhança. Minha chegada não deve ter passado despercebida. Quando correr a notícia de que trouxe minha futura noiva comigo, a ocasião será vista como um motivo de celebração. Pensei em darmos um grande baile em Penhallow daqui a uma semana. Eu mesmo tomarei a maior parte das providências, mas não venho aqui há cinco anos e sem dúvida não conheço todos que vivem nas redondezas. Acredito que possa me ajudar com a lista de convidados, tia. E Constance e Chastity, vocês me ajudariam também?

Constance, muito ruborizada, assentiu. Chastity sorriu.

– Que ideia fantástica, Joshua – disse a tia, sorrindo docemente. Mesmo que eu ainda esteja de luto por seu querido tio. Mas você precisa se lembrar de que aqui não é Londres nem Bath. Há poucas famílias de importância nos vinte quilômetros ao redor de Penhallow. Um pequeno jantar e uma recepção seriam mais adequados. Eu mesma mandarei os convites e acertarei tudo com a cozinheira.

– Quanto ao menu a ser servido no baile – retrucou Joshua, também sorrindo para ela –, agradeço, tia, se puder cuidar disso. Fiz muitos amigos durante os anos em que morei em Lydmere. Vários deles gostariam muito de dançar um pouco em um baile aqui, imagino. E também todos os meus arrendatários e os trabalhadores da minha propriedade. Será mais como um baile comunitário do que um baile da *aristocracia*. Espero que seus amigos mais elegantes não se sintam ofendidos, tia. Acredito que a Sra. Lumbard já tenha voltado de Bath com a filha. Nós as convidaremos. Talvez o sobrinho dela possa vir também... Hugh Garnett, não é isso?

A tia empalideceu e encarou Joshua com os lábios cerrados. Chastity deixou o garfo cair no prato, fazendo barulho.

– Ouvi dizer que ele acompanha a tia de vez em quando – disse Joshua. – Na verdade, acho que a acompanhou até aqui para tomarem chá recentemente, estou certo?

Joshua percebeu que os Bedwysns acompanhavam a conversa com ávido interesse. Constance estava com os olhos fixos no próprio prato, embora não comesse. Os olhos de Chastity estavam arregalados e fixos em Joshua. Calvin pigarreou.

– Isso mesmo – confirmou a marquesa. – Um jovem agradável. Minha querida Edwina Lumbard o adora.

– No entanto, tia – continuou Joshua –, acredito que ele a tenha deixado muito aborrecida ao reabrir velhas feridas que talvez estivessem começando a cicatrizar.

– Do que está falando, Joshua? – Ela pousou a mão sobre o peito, na altura do coração, os ombros se curvaram para a frente, e sua expressão era debilitada e patética.

– Estou falando – prosseguiu Joshua – que desconfio de que Garnett sugeriu à senhora que a morte de Albert não foi acidental, que na verdade se tratou de assassinato. E acredito que tenha me acusado como o assassino.

– Ah, não, Joshua – disse Eve, levando também a mão à altura do coração.

– Que demônio! – exclamou Alleyne.

– Se isso for verdade – falou Aidan –, é realmente uma acusação muito séria, Joshua.

– Santo Deus – manifestou-se Freyja, levando a xícara de café aos lábios. – Estou noiva de um assassino? Que divertido!

Chastity estava mortalmente pálida, assim como Constance.

O reverendo Calvin Moore ficou de pé, pigarreou mais uma vez e ergueu a mão, como se estivesse prestes a dar uma bênção.

– Você está absolutamente certo, Hallmere – falou. – Essa sugestão realmente foi feita. O Sr. Garnett alega ter sido testemunha do que aconteceu na noite em que meu primo morreu. Foi por isso que a prima Corinne me chamou aqui. Ela sentiu a necessidade de ter um homem por perto, um parente, para aconselhá-la. Mas com certeza não é hora nem lugar para discutir um assunto tão desagradável.

– Não consigo pensar em uma oportunidade melhor para isso, Calvin – disse Joshua, sorrindo para o reverendo. – Sente-se novamente, por favor. Aqui somos todos família. Ou seremos, em breve.

– Joshua, meu querido – falou a marquesa, com a voz cada vez mais fraca. – Nunca, nem por um momento, acreditei em uma palavra do que o Sr. Garnett disse. Não sei por que ele diria uma coisa dessas. Mas realmente senti necessidade de me consultar com

alguém mais sábio do que eu, um homem, alguém da família. E o primo Calvin é um clérigo.

– Espero que a minha chegada inesperada não o tenha deixado muito agitado, Calvin – disse Joshua. – Mas lhe asseguro de que está absolutamente a salvo aqui comigo. Eu estava com Albert na noite em que ele se afogou, mas não o matei. Quando eu seria chamado para me defender dessas acusações, tia? Ou por acaso chegou uma carta sua a Lindsey Hall quando eu já estava a caminho daqui?

– Você precisa entender, Joshua – falou a marquesa –, que fiquei terrivelmente abalada. Não sabia o que fazer. Não queria trazer você aqui, pois poderia estar em perigo.

– Que atitude atenciosa da sua parte – comentou Joshua.

– Ora. – Ela secou os lábios com o guardanapo. – Você é meu sobrinho. Sempre foi como um filho para mim.

– Constance – chamou Joshua, virando-se para a prima –, você acredita que eu tenha matado o seu irmão?

Seus olhos se encontraram.

– Não – disse. – Não, eu não acredito, Joshua.

– Chass? – Ele olhou para a moça, que ainda o encarava com os olhos arregalados. – Você acredita?

– Não – sussurrou, balançando a cabeça levemente.

– Calvin? – Joshua se dirigiu ao primo, que voltara a sentar.

Calvin pigarreou... um hábito dele, ao que parecia.

– Você sempre foi um garoto travesso, Hallmere – disse o reverendo. – Mas nunca foi mau, até onde me lembro. Eu só acreditaria em uma acusação dessas se houvesse alguma evidência que provasse a sua culpa.

– É justo – comentou Joshua. – Freyja?

– A manhã está indo embora enquanto discutimos essas tolices – disse ela, o nariz empinado. – Estou ansiosa pela cavalgada até o vilarejo que você nos prometeu.

– Ah, eu também – falou Morgan.

– E acho que as crianças começam a ficar impacientes para sair de casa – acrescentou Aidan. – No entanto, ficaria satisfeito em acompanhá-lo em uma visita ao Sr. Garnett mais tarde, Joshua. Imagino que você pretenda visitá-lo.

– Com certeza – disse Joshua. – Calvin, é melhor você vir conosco também.

A tia voltou a secar os lábios.

– O Sr. Garnett não está em casa – falou.

– É mesmo, madame? – estranhou Aidan.

– Eu o teria convidado a vir aqui para falar com o primo Calvin se ele estivesse na cidade – explicou ela. – Estou tão ansiosa quanto vocês para ouvi-lo admitir que estava errado. Mas ele ficará fora por alguns dias.

– Entendo. – Joshua a encarou com uma expressão divertida.

– Por que ele se ausentou neste momento? – O tom de Alleyne era de mais puro espanto. – Logo agora que deveria procurar um magistrado para contar sobre a evidência que diz ter? Devo confessar, Joshua, que também não consigo entender por que esse homem esperou cinco anos e por que decidiu se manifestar agora.

– Eu me arrisco a dizer que Garnett não está em casa – falou Joshua – porque precisava pensar melhor na tal evidência. Ele seria muito tolo se agisse apressadamente, ainda mais depois de esperar tanto. Qualquer júri colocaria a palavra dele contra a minha, e eu sou, afinal, o marquês de Hallmere. Ele precisa se lembrar de que um barco de pesca... presumo que ele estivesse em um barco de pesca quando testemunhou esse crime vil... seria perfeitamente visível por mim e por Albert. Por que ele se afastou com o barco sem oferecer ajuda? Estaria com medo de que eu o matasse também?

– Você está brincando com a situação, Joshua – disse a tia. – Mas ela pode se tornar realmente séria. Não aguentaria perder outro filho, nem mesmo um sobrinho que sempre foi tão querido quanto

um filho para mim. Estou quase disposta a sugerir que você desapareça agora, enquanto pode. Pelo menos estaria em segurança.

– Ah, mas eu me odiaria se fugisse como um covarde – retrucou Joshua, sorrindo.

– E eu odiaria não me tornar a dona de Penhallow – acrescentou Freyja enquanto se levantava. – Mas essa conversa está ficando cada vez mais tediosa. Vou cavalgar, mesmo que seja sozinha.

Todos os Bedwyns também se levantaram, e os outros os acompanharam, com exceção da marquesa, que parecia doente e frágil demais para se mover.

– Como Garnett não será confrontado hoje – propôs Joshua –, podemos aproveitar o bom tempo. Vamos nos encontrar no saguão daqui a uma hora? As crianças e Prue também. Tia, a senhora não deve se aborrecer mais. Terei uma conversa dura com Garnett quando conseguir encontrá-lo e vou repreendê-lo por ter perturbado alguém tão sensível quanto a senhora. Permita-me ajudá-la a se recolher aos seus aposentos. – Ele ofereceu o braço à marquesa, que não teve escolha a não ser aceitar.

– Espero que converse com ele, Joshua – disse ela, apoiando-se pesadamente no braço dele. – Realmente não consigo suportar tudo isso.



Freyja logo percebeu que Joshua era muito benquisto tanto em Penhallow quanto no vilarejo de Lydmere. Ela já percebera que os criados da casa costumavam abrir um sorriso alegre sempre que o serviam ou quando ele surgia em seu campo de visão. Freyja não pôde evitar fazer uma comparação entre os criados de Penhallow e

os de Lindsey Hall, que deveriam achar que sorrir para Wulfric era tão absurdo quanto sair cantando e dançando na presença dele.

Em Lydmere, a reação foi ainda mais visível. Joshua foi reconhecido no mesmo instante em que entrou cavalcando ao lado de Freyja, à frente do grupo que vinha com eles. Por toda parte, as pessoas faziam cortesias ou tiravam os chapéus em deferência. Isso não seria nada demais, já que ele *era* o marquês de Hallmere, se não houvesse também sorrisos em todos os rostos e até mesmo saudações aos gritos, da parte de alguns moradores mais ousados. Como Freyja previra, meio exasperada, meio admirada, Joshua desceu do cavalo e começou a trocar apertos de mão e tapinhas no ombro, vez por outra beijando alguns rostos femininos enrugados.

O rosto dele estava iluminado de alegria e afeto.

Foi naquele momento que Freyja se deu conta do grave perigo que corria. A cada minuto, Joshua se revelava mais e mais humano. Mais cedo, no café da manhã, ele fora destemido e direto, apesar do toque de crueldade por trás da cortesia e do sorriso. Antes ela poderia ser capaz de resistir àquele homem. Agora ele era puro calor humano e alegria, cheio de amizade para com pessoas que Freyja não consideraria dignas de nota... o que era uma constatação estranhamente constrangedora. Era muito mais difícil resistir àquele homem. Ele era muito diferente de qualquer outro cavalheiro que ela conhecia.

É claro que ela poderia ter previsto e evitado tudo aquilo. Afinal, Joshua se apressara a ajudar uma criada que se assustara com um esquilo, não é mesmo?

Mas ele não negligenciou os parentes e convidados que levava para conhecer Lydmere. Todos deixaram os cavalos na estalagem do vilarejo e entraram para tomar chá, cerveja e comer bolinhos. Eles se sentaram na taverna pública e Joshua começou a apontar a vista pela janela e a descrever outras atrações em que poderiam estar interessados. Eve e Aidan logo levaram as crianças até uma praia

que Joshua indicara – não tão ampla quanto a praia particular de Penhallow, mas belíssima à sua própria maneira, com vários quebra-mares, muitos barcos oscilando no mar, e alguns parados na areia por causa da maré baixa. Chastity levou Prue com eles. Calvin convidou Constance para passear pela rua da frente e, depois de algum tempo, Morgan e Alleyne foram explorar as ruas estreitas e íngremes e checar o que as poucas lojas do vilarejo ofereciam.

Joshua apresentou Freyja a Isaac Perrie, o estalajadeiro – uma experiência nova para ela. O homem era um gigante careca, com uma falha nos dentes e o rosto vermelho.

– Encontrou uma dama fina, camarada – disse o estalajadeiro, apertando a mão de Joshua, que pareceu se perder na mão enorme do outro homem. – Fico muito feliz porque estaremos todos aqui quando você se casar com ela e voltar de vez para Penhallow.

O homem se posicionou para continuar a conversa, de pé, com as pernas bem afastadas diante da mesa em que eles estavam, secando as mãos no avental grande que usava. Freyja não conseguia se decidir se achava divertido ou se sentia ultrajada, mas optou pela primeira opção. A vida com Joshua nunca era tediosa.

– E Hugh Garnett? – Joshua estava perguntando quando Freyja voltou a atenção novamente para a conversa. – Ouvi dizer que ele vem prosperando.

O estalajadeiro estalou a língua e olhou para o teto.

– Sim, está muito bem – concordou. – Com ganhos ilícitos, sem dúvida. Mas meu lema é viva e deixe viver, como você bem sabe.

– Só que ele parece não estar disposto a me deixar viver – falou Joshua com uma risadinha. – Na verdade, Garnett esteve com a minha tia recentemente e alegou ter me visto matar o meu primo, cinco anos atrás.

– Não! – O Sr. Perrie parou de secar as mãos por um momento. – Ele está louco?

– Garnett não está em casa – disse Joshua. Portanto ainda não posso lhe fazer uma visita social. Na verdade, me arriscaria a dizer que ele foi esperto o bastante para sair em busca de algumas outras testemunhas que pudesse arranjar. Apostaria em quem poderiam ser?

– Não sou tonto o bastante para fazer apostas – retrucou o homem. – Não haveria ninguém para apostar contra mim. Deixe esse assunto comigo, camarada. Vá passear com sua dama. Foi uma honra e um privilégio conhecê-la, madame.

A brisa fresca do mar quase fez o chapéu de Freyja voar quando eles saíram da estalagem, e ela levantou a mão para segurá-lo no lugar.

– O que foi tudo isso? – perguntou ela.

– Hugh Garnett tentou estabelecer um negócio de contrabando aqui, alguns anos atrás – explicou Joshua. – Não era nada para causar alarme, afinal, contrabando é um negócio comum ao longo da costa sul da Inglaterra. Mas os subordinados dele eram uma gangue de ladrões forasteiros e eles tentaram dominar o comércio com punhos de aço. Foram convencidos do erro que estavam cometendo e se mudaram para outro lugar.

– Acho que você foi uma das pessoas que os convenceu. Isaac Perrie foi outra?

Ele piscou e a segurou pelo cotovelo.

– Há alguém que quero que conheça – falou.

Ele a levou a um belo chalé caiado de branco, perto da baía, e bateu na porta. Era a casa de Richard Allwright, o carpinteiro idoso que ensinara o ofício a Joshua e o empregara. Ele e a esposa os convidaram a entrar e insistiram para que tomassem uma xícara de chá. A Sra. Allwright mostrou, cheia de orgulho, uma pequena mesa de madeira, lindamente entalhada, que Joshua fizera sob a orientação do marido e lhe dera de presente quando terminara o período como aprendiz.

– É um dos meus tesouros – disse ela.

– Você tinha muito talento, Josh – elogiou Freyja, passando a mão pela superfície suave da madeira e tentando imaginar como ele seria naquela época.

– *Tem*, madame, não *tinha* – corrigiu o Sr. Allwright. – A carpintaria é um talento que não morre mesmo quando não é praticado. Então agora, meu camarada, você vai desperdiçar seu talento sendo marquês em vez de ganhar a vida honestamente? – Mas ele riu com vontade e cutucou as costelas de Joshua com o cotovelo. – É bom vê-lo em casa. Nunca consegui entender por que achou que precisava partir. Vai gostar daqui, madame.

– Acredito que sim – respondeu Freyja, surpreendendo-se ao perceber que falava a verdade. Ou o que seria a verdade se ela tivesse alguma intenção de ficar por ali. Freyja não esperara gostar da Cornualha, mas havia alguma coisa ali que conquistara seu coração.

– Há mais alguém que quero lhe apresentar – disse Joshua depois que saíram da casa do carpinteiro.

– De novo?

Ele olhou para ela e sorriu.

– Imagino que essa não seja exatamente a sua ideia de uma manhã animada.

Ele parecia um menino, exultante de tanta felicidade. Freyja inclinou a cabeça para o lado e o olhou por entre os olhos semicerrados, para protegê-los da luz do sol.

– Josh – disse –, por que você foi embora daqui?

Parte do brilho que iluminava os olhos dele se apagou enquanto eles permaneciam se encarando do lado de fora da porta da casa do Sr. Allwright.

– Albert estava morto e eu era o herdeiro – explicou. – Minha tia e meu tio estavam devastados pelo sofrimento e inclinados a me culpar, embora nunca tenham mencionado a suspeita de

assassinato. Eu me culpava. Remei ao lado de Albert até ele conseguir ficar de pé, mas não fiquei observando-o até que chegasse à praia. Acho que ele teve câibras e afundou. Não poderia continuar aqui depois disso.

Não era razão suficiente para Freyja. Com certeza o tio iria querer que ele ficasse, para aprender suas futuras responsabilidades. Mas nada daquilo era problema dela.

– Quem você quer que eu conheça dessa vez? – perguntou Freyja.

Ele se animou novamente, ofereceu o braço a ela e então subiram uma colina íngreme, até alcançarem outro bonito chalé com rosas trepadeiras subindo por toda a parede da frente e uma vista que se estendia por cima dos telhados até a baía. Joshua bateu na porta.

A mulher que abriu era jovem e atraente. Seus olhos se iluminaram assim o que viram.

– Joshua! – exclamou ela, estendendo duas mãos elegantes para ele. – É você mesmo? Ah, é sim. Que surpresa maravilhosa!

Quando Joshua a apresentou a Anne Jewell, Freyja ficou um tanto chocada. Aquela devia ser a preceptora que dera à luz o filho dele. Ele a chamou de *Srta.* Anne Jewell, mas a moça tinha um filho, um menininho de cerca de 5 anos, louro e de olhos azuis, com todo o potencial para ser um destruidor de corações femininos quando crescesse. A mãe orientou o menino a fazer uma cortesia para o marquês de Hallmere e para Lady Freyja Bedwyn, antes que ele se escondesse atrás das saias dela.

Eles não entraram, embora tivessem sido convidados. Ficaram parados na porta por alguns minutos, conversando. Freyja se esforçava para não se sentir ultrajada. Não estava realmente noiva de Joshua, mas ainda assim era muito mau gosto da parte dele levá-la ali.

– O que eu fiz agora, coração? – perguntou Joshua, enquanto eles desciam a colina em direção à baía. Ela não respondera a nenhuma das tentativas de conversa dele.

– Você acha que fez alguma coisa? – disse Freyja, cheia de raiva reprimida.

– Você não ficou com *ciúmes*, ficou? – perguntou ele, rindo. – Ela não é nem de perto tão interessante quanto você, Free.

Ela ficou realmente furiosa e soltou o braço do dele.

Joshua parou subitamente na calçada e ficou encarando-a, sem entender nada. De repente, se deu conta.

– Ah! A malícia da minha tia parece estar em ação aqui. Você acreditou nela, Free? Não me conhece nem um pouco? Minha tia sempre acreditou que eu era o sedutor de Anne Jewell e pai do filho dela. Deixei que acreditasse. Nunca me importei com o que a marquesa pensava a meu respeito.

Freyja se sentiu terrivelmente envergonhada. Porque é claro que ela ouvira a história contada pela marquesa e não pensara em questionar a verdade da acusação. O que fora uma grande tolice.

– Você não é o pai do menino? Mas ele se parece com você.

– E também com a mãe – retrucou Joshua. – Não percebeu que ela tem cabelos claros e olhos azuis?

– Você sustenta os dois? – perguntou Freyja. – Foi o que sua tia me contou.

– Não os sustento mais integralmente. Anne agora dá aulas a um ou dois pupilos e se recusa a aceitar qualquer coisa de mim que não seja o absolutamente necessário. Mas houve um tempo em que ela não era bem aceita aqui. As pessoas deste lugar são boas, mas nem sempre são tão tolerantes quanto deveriam ser. São humanas, não santas.

Freyja deixou o ar escapar lentamente e voltou a caminhar, as mãos cruzadas nas costas. Mas ele começava a se parecer com um

santo, e ela não gostava nada disso. Se queria ter alguma chance contra ele, precisava ter algo para desprezar em Joshua.

– É claro... – disse ela, se perguntando por que não percebera a verdade até aquele momento. – Albert?

– Sim, Albert – confirmou Joshua. – E não foi com o consentimento de Anne. Ela com certeza tem mais bom gosto do que isso.

Eles chegaram à base da colina e seguiram caminhando pela rua que corria paralela à praia. Becky e Davy estava dando cambalhotas na areia com algumas outras crianças, enquanto Eve e Aidan os observavam. Todos estavam animados. Sentada na lateral de um dos barcos de pesca ancorados na areia, Prue balançava as pernas, parecendo feliz, enquanto Chastity conversava com uma mulher mais velha. Um rapaz estava perto delas, claramente tomando conta de Prue, para pegá-la se ela caísse. Constance e o reverendo Calvin Moore estavam no outro extremo da rua.

– Por que não contou ao seu tio? Ele deveria saber, não?

– O que Bewcastle faria – perguntou Joshua – se descobrisse que um de seus irmãos havia engravidado sua preceptora ou a de Morgan?

– Ele espancaria o sedutor quase até a morte – respondeu Freyja.

– Ah, sim – concordou – acredito que Bewcastle faria mesmo isso. Também acredito que nenhum de seus irmãos o colocaria nessa posição. Não posso ter certeza de como o meu tio teria reagido, mas posso imaginar. Ele não só pediria a minha tia que demitisse a preceptora como também que a expulsasse da vizinhança. Anne teria se visto sem nada, com um filho nas costas e vagando pelas estradas. Teria terminado em uma prisão em algum lugar. O garoto teria sorte se sobrevivesse.

– Então você permitiu que a culpa recaísse nos seus ombros – concluiu Freyja.

– Tenho ombros largos – disse ele.

E provavelmente tinha também muito pouco dinheiro nos últimos cinco anos, até herdar o título. Ainda assim, durante a maior parte desses anos, sustentara uma criança que não era dele.

– Acho você muito tolo – falou Freyja em tom de zombaria. – Terrivelmente tolo. Ainda bem que nunca nos casaremos.

Ela empinou o nariz e saiu pisando firme na direção de Eve e Aidan, tentando se convencer de que acabara de dizer a verdade.

Odiava Joshua.

Como ele ousava ser tão nobre e tão tolo?

Freyja desejou ardentemente não ter sido impulsiva e decidido fazer aquela viagem. Desejou estar em Lindsey Hall. Desejou nunca ter ido a Bath. Desejou nunca ter conhecido o marquês de Hallmere.

Não, não desejou.

– Coração – Freyja percebeu que ele estava caminhando ao lado dela –, você fica ainda mais atraente quando está furiosa.

Ela quase começou a rir. Em vez disso, empinou ainda mais o nariz e seguiu em frente.

CAPÍTULO XVIII



Constance e Chastity se sentaram com o primo à tarde e o ajudaram a fazer uma lista de convidados para o baile. Apesar do esplendor do salão de Penhallow, Joshua não conseguia se lembrar de já tê-lo visto sendo usado. Como a tia argumentara no café da manhã, não havia por perto um grande número de famílias com posição social suficiente para merecer um convite.

– Vamos convidar todo mundo – explicou Joshua. – Acho que os moradores da região não mudaram muito nos últimos cinco anos, mas vocês precisam me ajudar a garantir que eu não vá me esquecer de ninguém.

– Um baile de verdade – disse Chastity, os olhos cintilando de admiração – no esplêndido salão de baile de Penhallow! Estou tão feliz por você não ter permitido que mamãe o dissuadisse da ideia, Joshua. – Ela ficou ruborizada, aparentemente por causa da própria deslealdade. – E fico feliz também por não ter permitido que ela o forçasse a se casar com Constance.

Constance também ficou ruborizada.

– Talvez – comentou Joshua, os olhos brilhando, travessos – Constance goste mais do primo Calvin. – É claro que ele havia

imaginado certo naquela manhã. A tia estava fazendo o possível para promover um enlace entre eles.

– Ah, não, Joshua – respondeu Constance, muito séria.

– Constance gosta mais do Sr. Saunders – contou Chastity.

– E você, Chass? – perguntou Joshua à prima. – Gosta de Hugh Garnett?

Ele tivera a intenção de fazer uma brincadeira, da qual todos ririam. Mas Chastity o encarou com os olhos assustados, o rosto muito pálido.

– Não se preocupe. Eu não daria o meu consentimento de forma nenhuma. – Joshua se apressou a garantir. – Sou seu guardião legal, lembra?

Ela sorriu, mas ainda estava tensa.

– Você também é guardião de Prue – disse Chastity. – Vai permitir que ela fique isolada no quarto de crianças pelo resto da vida, Joshua? Ou que seja mandada para um hospício?

– Um hospício? – repetiu Joshua, franzindo o cenho. – Isso não foi mencionado de novo, foi?

Havia muito tempo, quando se tornara óbvio que Prue não era como as outras crianças, a mãe quisera mandá-la para um hospício. Por sorte, essa fora uma das poucas questões em que o tio de Joshua fizera valer a sua vontade, e Prue ficara. Chastity devotara a maior parte de sua infância a fazer companhia à irmã. Joshua ajudara, assim como Constance, em menor grau.

– Se você vier morar aqui e nós tivermos que nos mudar para a casa da viúva, mamãe disse que não haverá outra possibilidade que não mandar Prudence embora – falou Chastity. – Os nervos dela não aguentariam ter Prue à vista do dia todo.

Joshua suspirou. Ele contratara um capataz bom e competente para tomar conta da propriedade e considerara que, assim, cumpriria o dever exigido por sua nova posição. Mas também era guardião legal de Chastity e de Prue. No fim das contas, talvez ele

tivesse sido negligente ao se manter afastado... e planejava partir outra vez assim que o problema com Garnett estivesse resolvido. Não era agradável admitir isso.

– Prue terá um lar em Penhallow enquanto eu estiver vivo e for o marquês – disse Joshua. – E ela terá acesso à casa toda, assim como ao quarto de crianças. A Srta. Palmer é boa para ela?

– Mamãe diz que ela é uma preceptora imprópria – comentou Chastity –, porque nem sequer tenta ensinar a Prue a maioria das coisas que as preceptoras costumam ensinar. Mas ela lhe ensinou muito e a leva para passear do lado de fora da casa, onde minha irmã adora estar. Prue tem talento para cuidar das plantas em péssimo estado e deixá-las saudáveis novamente. Ela não é louca, Joshua. É apenas... diferente.

– Você está pregando para um convertido – brincou ele, sorrindo. – Você e ela estavam com a Sra. Turner e com Ben Turner na baía essa manhã?

– A Sra. Turner adora Prue – disse Chastity. Ela hesitou. – E acredito que Ben também. Mamãe teria um ataque se soubesse disso.

Joshua deixou o ar escapar lentamente. Maldição... ao que parecia, ele teria que ficar em Penhallow por mais algum tempo. A marquesa era mãe de suas primas, é claro, e portanto a guardiã por direito delas, mesmo que não legalmente. Mas ele não via nada além de infelicidade ao redor. Ali estavam duas jovens damas, ambas na casa dos vinte anos, que ainda não haviam tido a oportunidade de ter uma vida própria. E Prue agora estava crescida, tinha 18 anos. Não podiam mais continuar a pensar nela como uma criança, embora Joshua soubesse que a tia preferia não pensar na filha de forma nenhuma. A marquesa parecia incapaz de pensar na felicidade de alguém que não fosse ela mesma.

Joshua desejou simplesmente não ter voltado.

Mas os problemas desapareceriam se ele não estivesse ali para vê-los?

Conseguiria ignorar de forma tão egoísta as próprias responsabilidades?

– Vou falar com a Srta. Palmer – disse Joshua. – E vamos voltar a conversar sobre o que é melhor para Prue. Mas agora vamos retomar a nossa lista. Temos dez nomes até aqui. Acredito que vamos precisar de mais alguns para superar o número de músicos da orquestra.

Constance riu.

– Uma orquestra? – perguntou Chastity, os olhos brilhando novamente. – É mesmo, Joshua? Esse baile vai ser mágico...

Algum tempo depois, Joshua subiu a trilha atrás da casa, o sol aquecendo seu corpo, embora ele soubesse que estaria mais frio quando alcançasse o topo e não estivesse mais protegido do vento. Pela primeira vez em sete meses, ele realmente se sentia o marquês de Hallmere.... e sentia o peso da responsabilidade. O mais alarmante, no entanto, era que não parecia um peso opressivo. Mesmo que o capataz administrasse tudo com eficiência, as primas precisavam dele, e ele as adorava. Agora tinha o poder de fazer algo positivo para torná-las mais felizes. E também de não fazer. Poderia ir embora e deixá-las aos cuidados da mãe ou poderia ficar e assumir seu papel como guardião legal.

Estranhamente, Joshua mal se lembrara da acusação de assassinato que ainda pairava sobre sua cabeça. Era difícil levá-la a sério.

A trilha o conduziu para fora do vale e, como esperara, uma rajada de vento o atingiu. Ele olhou para trás, na direção da casa e dos jardins, do rio e da ponte abaixo dele, para o vilarejo que não era muito visível além das terras da propriedade e do outro lado do vale. Então virou-se para olhar para o terreno que se elevava suavemente à esquerda, com rochas brotando do chão, mato,

arbustos e flores silvestres. Os carneiros da fazenda estavam espalhados, pastando. À direita, a terra descia e se nivelava em uma bela colcha de retalhos de campos separados por muros de pedras e algumas poucas sebes. A estrada principal saía do vale e seguia serpenteando entre os campos, estendendo-se até onde o olho conseguia ver, a caminho de Land's End.

A terra dele. As fazendas dele. E as fazendas dos arrendatários dele.

Um amor inesperado por tudo aquilo o atingiu como um soco no estômago. Santo Deus, teria perdido o juízo?

Joshua balançou a cabeça e virou à esquerda para seguir na direção dos penhascos. Os Bedwyns eram um grupo cheio de energia, como ele descobrira em Lindsey Hall. O passeio a Lydmere naquela manhã e a ida até a praia não fora o bastante para eles. Todos haviam subido naquela direção para admirar a vista. Ele prometera encontrá-los assim que houvesse terminado de fazer a lista de convidados para o baile.

Logo pôde vê-los ao longe. As crianças e Prue corriam a uma distância segura da beira do penhasco. Parecia que estavam atrás de um carneiro – um dos passatempos favoritos dele quando criança. Mas o carneiro, uma criatura sensata, não mostrava nenhum sinal de pânico, apenas se afastava antes que conseguissem pegá-lo, então voltava a pastar. Eve estava sentada em uma pedra plana, os braços ao redor dos joelhos, enquanto Aidan se deitara no chão ao lado da esposa. Morgan e Alleyne estavam passeando pelo promontório, mais à frente. Não havia sinal de Freyja.

Prue foi a primeira a vê-lo e veio correndo pesadamente na direção dele, em seu jeito característico e pouco gracioso, com os cotovelos colados ao lado do corpo, agitando as mãos no ar. Ela ria, animada, e Joshua abriu os braços e acolheu-a neles. A menina passou os braços com a força habitual ao redor do pescoço dele.

– Josh! – gritou ela. – Josh, Josh, Josh. Estou me divertindo tanto! Gosto de Becky e gosto de Davy. Amo Eve e amo você e...

Ele se soltou gentilmente do abraço da prima, passou um braço pelos ombros dela e caminhou abraçado com a moça.

– Você ama todo mundo, Prue – disse Joshua. – Deveria poupar seu fôlego e apenas me dizer que ama todo mundo. Estavam perseguindo os carneiros?

– Si-i-m. – Ela riu. – Eve disse que poderíamos, se não os machucássemos. Eu não quero machucá-los. Amo carneiros. – Prue levantou o rosto para ele, com um sorriso embevecido.

– Onde está Freyja? – perguntou ele.

– Olhando para o mar – respondeu a moça. – Ela gosta. E gosta de mim. Freyja me deixou dar a mão a ela e puxá-la para cima da trilha.

Freyja fizera aquilo?, pensou ele com certo espanto.

– Dei a mão a Freyja porque ela está solitária – continuou Prue. – Fiz com que se sentisse um pouco melhor. Você vai deixá-la melhor.

Freyja solitária? Essa era uma ideia estranha, mas possivelmente verdadeira. Prue às vezes tinha percepções aguçadas e inesperadas, que não eram reprimidas por expectativas processadas pelo intelecto. No entanto, essa era uma ideia nova. Freyja solitária?

– Joshua – disse Eve quando ele se aproximou –, tudo aqui é tão adorável. É de tirar o fôlego. Estou tão feliz por estarmos aqui em vez de em Lake District. Depois que se casar com Freyja, vamos ficar nos convidando para vir para cá o tempo todo. Não é mesmo, Aidan? – Os olhos dela eram risonhos.

Aidan pegou uma folha de grama e usou-a para fazer cócegas atrás da orelha da esposa. Eve riu alto e afastou a mão dele.

– Vou ter que lhe ensinar algumas boas maneiras, milady – disse Aidan, uma expressão inescrutável no rosto.

Joshua sentiu uma sensação curiosa no ventre. Costumava pensar no casamento como uma válvula de escape para a paixão ou ao menos para o tipo de paixão que se podia encontrar em outro lugar sem ser necessário assumir um compromisso para o resto da vida. Mas ali estava um aspecto do casamento que era muito mais atraente... o que era estranho, já que não havia nenhum sinal da paixão que deveria se inflamar quando os dois estavam a sós. Eles estavam relaxados e se divertiam juntos – Aidan ria apesar da expressão propositalmente severa – e implicavam um com o outro.

– Preciso lhe dizer – falou Aidan, quando Prue se afastou para se juntar à brincadeira das crianças – que o modo como você lidou com aquela situação absurda no café da manhã ganhou a minha admiração. Colocar tudo às claras como fez foi com certeza a melhor maneira de agir.

– Aprendi cedo a não jogar os jogos da minha tia pelas regras dela – disse Joshua.

– Mas e se aquele homem... Garnett, não é?... aparecer com mais testemunhas? – perguntou Eve. – O dia hoje foi tão adorável e tranquilo que precisei lembrar a mim mesma que alguém está tentando acusá-lo de assassinato.

– Não estou preocupado com isso. – Joshua sorriu. – É apenas um aborrecimento que precisa ser resolvido. Onde está Freyja?

– Ela achou uma reentrância ali para se sentar – disse Aidan, indicando os penhascos atrás dele com o polegar. – Acho que está impressionada com tudo aqui.

Joshua conhecia bem o lugar onde ela estava. Era como se uma colherada gigante de terra tivesse sido tirada da encosta, deixando um espaço vazio. As laterais eram uma mistura de rocha e terra firme. À frente, os penhascos desciam bem mais abaixo, em uma faixa gramada que quase alcançava a praia lá embaixo. Era um lugar abrigado da maior parte dos ventos, a não ser os que vinham diretamente do sul.

Freyja estava sentada no meio da reentrância, as pernas esticadas diante do corpo, os braços apoiados no solo gramado. Ela trocara o elegante traje de montaria que usara naquela manhã por um vestido de musselina e uma capa de aparência aconchegante. Os cabelos, como era de imaginar, estavam soltos nas costas.

– Aqui era o forte da minha infância – disse Joshua, parando na entrada da reentrância, acima dela – e meu mastro de navio, meu ninho de águia, o refúgio para todos os meus sonhos.

Freyja levantou o rosto para o sol e ele se sentou ao lado dela.

– Nunca me senti muito atraída pelo mar – falou Freyja. – Sempre me pareceu vasto demais, misterioso demais... poderoso demais. Ninguém consegue controlar o mar, não é mesmo?

– E você gosta de se sentir no controle de tudo? – perguntou Joshua.

– Sou mulher – retrucou ela. – As mulheres têm muito pouco controle sobre qualquer coisa em suas vidas. Não somos sequer pessoas por direito, mas propriedade de algum homem. Temos que lutar por cada migalha de controle que pudermos ter sobre nossos destinos. Tenho quatro irmãos poderosos, tive que lutar com ainda mais determinação do que a maioria pela minha liberdade. Mas eu não conseguiria lutar contra o mar.

– Eu também não, se serve de algum consolo – disse ele. – O mar está aí para nos lembrar de como somos pequenos e impotentes. E isso não é necessariamente uma coisa ruim. Já fazemos coisas terríveis com o poder que temos. Mas, quando você começou a falar, me pareceu que talvez houvesse perdoado o mar.

– Ele também é estimulante – falou Freyja. – Toda essa liberdade e energia. Sinto como se estivesse olhando dentro da eternidade. A praia abaixo é particular, não é? Pertence a Penhallow.

– Sim. Levarei você até lá um dia. É ampla e dourada quando a maré está baixa e inexistente na maré alta. Pode ser perigosa. A

maré sobe rápido no fim do dia e pode impedir que se chegue ao vale se não voltarmos a tempo.

– E se a pessoa não conseguir voltar? – perguntou Freyja. – Se afoga?

– Ou escala o penhasco – disse Joshua. – Eu costumava fazer isso às vezes, só por prazer, mesmo na maré baixa. Parece íngreme, no entanto há vários pontos de apoio para os pés e para as mãos. Mas é perigoso. Bastaria um escorregão e eu teria me quebrado em pedaços na queda. Você nunca teria me conhecido.

– Eu teria escalado também se morasse aqui com você – disse ela, os dentes à mostra, um brilho imprudente de desafio nos olhos. – E teria chegado ao topo antes de você.

Ele riu.

– Nunca saberemos, não é mesmo?

Freyja apontou para uma porção de terra no meio do mar.

– Que ilha é aquela? É habitada?

– Foi um ponto de contrabando, muito tempo atrás – respondeu Joshua. – Mas até onde sei, não é mais. É inexplorada e deserta.

– Você já esteve lá?

– Eu costumava remar até lá de vez em quando. Às vezes com amigos, mas geralmente sozinho. Gostava da solidão, da oportunidade de pensar e sonhar sem interrupções.

– Deve ser difícil chegar lá – comentou Freyja. – A água parece agitada ao redor e há penhascos escarpados se erguendo do mar.

– Há umas poucas baías. Você tem medo do mar?

– Não tenho medo de nada – disse ela, levantando o queixo naquele movimento arrogante típico de Freyja.

– Mentirosa – acusou Joshua. – Você tem medo.

– Tolice! – falou Freyja, enquanto ele observava as mãos dela, aguardando um movimento brusco em sua direção com cautela. Mas ela as manteve atrás do corpo. – Leve-me até lá um dia. Amanhã. Só você e eu. Só nós dois.

Joshua não entrara no mar em uma embarcação pequena desde a noite da morte do primo. Nem sequer percebera até aquele momento que sentia-se relutante em voltar a navegar. Ele abaixou os olhos para o mar, onde havia ficado sentado no barco com Albert, discutindo, até o primo mergulhar da beirada da embarcação e se recusar a voltar. Joshua virou a cabeça para o ponto mais além no rio, onde Albert estava de pé, com a água na altura do peito, e continuou a navegar até o promontório seguinte, para clarear a cabeça e decidir o que deveria fazer a seguir.

Ele fechou os olhos, desejando que as lembranças fossem embora. Todas elas.

– Acho que é *você* quem tem medo, Josh – provocou Freyja.

Ele virou a cabeça na direção dela e sorriu.

– Amanhã? – disse. – Só nós dois? Está disposta a encarar um perigo desses? E não estou me referindo ao passeio de barco.

Freyja também o encarou, as sobrancelhas arqueadas. Os olhos dela ficaram presos aos dele por um longo momento, antes que ela respondesse, e Joshua sentiu uma pressão na altura do ventre.

– Estou disposta – disse Freyja por fim. – Mas espero continuar vendo-o como o mesmo libertino superficial e sedutor que conheci em Bath.

– Mas é exatamente o que eu sou, coração – disse. – Por acaso, tive uma infância interessante e acabei me vendo envolvido em um monte de bobagens antes de sair daqui. E parece que agora me dei conta de que preciso lidar com isso de uma vez por todas. Mas é apenas um pequeno hiato em minha vida frívola.

– Gostaria de poder acreditar em você – disse ela, endireitando o corpo e abraçando os joelhos.

E Joshua desejava que Prue não houvesse sugerido a ele que Freyja era solitária. Ele queria pensar nela como a mais forte, independente e orgulhosa de todos os mortais. Mas Freyja perdera o homem com quem crescera imaginando se casar, e depois, o homem

por quem se apaixonara. Não, ele não queria conhecer Freyja melhor, assim como ela não queria conhecê-lo melhor.

O flerte leve deles em Bath fora tão agradável...

Joshua sorriu mais uma vez para Freyja, que continuou a encará-lo com altivez. Mas o antagonismo leve e sensual que fora comum entre os dois não estava mais lá. Algo sutil havia mudado. Joshua tentou desesperadamente pensar em um modo de descontrair o ambiente. Mas Freyja o frustrou ao erguer uma das mãos e pousar os dedos levemente no queixo dele. Por um momento, ele teve a sensação de que não havia ar o bastante para respirar. Então ergueu a mão, pegou a dela e virou a cabeça para beijar a palma da mão de Freyja.

– Tem certeza de que não quer que eu convide mais ninguém para se juntar a nós nessa excursão à ilha? – perguntou ele.

– Tenho certeza. Mais ninguém.

Meu Deus! Ele estava quase explodindo. Se aquilo continuasse, iria correr o risco de pular do penhasco para se refrescar no mar.

Enquanto Freyja se inclinava para a frente e pousava os lábios nos dele, Joshua não conseguia mais se lembrar por que o noivado era falso e por que iriam ter que rompê-lo mais cedo ou mais tarde. Havia uma razão, não havia? Algo sobre ele não estar pronto para se comprometer? Sobre ela amar outra pessoa?

Mas sua capacidade de pensar se tornara mais lenta pelo fato de os dois estarem se beijando. De algum modo Joshua se viu deitado de costas, com o corpo de Freyja meio apoiado sobre o dele. Os dois se beijavam, não com uma paixão desenfreada ou um desejo ardente, mas de forma suave, quase preguiçosa, o que Joshua achava muito mais perigoso. Ele segurava o rosto dela entre as mãos. As mãos de Freyja, por sua vez, estavam nos cabelos dele, as pontas dos dedos acariciando-o. Os dois estavam com os olhos abertos.

Meu Deus!

Uma Freyja apaixonada era um pequeno barril de pólvora prestes a explodir. Uma Freyja carinhosa era ainda mais letal.

– Hummm – disse ele contra os lábios dela. – Minhas lembranças deste lugar vão se transformar para sempre.

Joshua não sabia por quanto tempo mais eles continuariam a trocar beijos suaves e delicados. Alguém os interrompeu pigarreando acima deles.

– Que vista adorável, Morg, não concorda? – perguntou Alleyne. – Embora eu a aconselhe a olhar para a frente e não para baixo. Pode ter uma vertigem.

– E eu os aconselharia a procurar outro lugar para ver a vista – disse Joshua, enquanto Freyja se sentava e Morgan ria. – Esse está ocupado.

– Que feio... – brincou Alleyne. – Um anfitrião tão gentil... Não somos desejados aqui, Morg. Mas vejo que Davy capturou um carneiro e está tentando montar nele. É melhor irmos resgatá-lo.

– David ou o carneiro? – perguntou Morgan.

Eles desapareceram, dando risadinhas.

– A excursão que propôs vai ser muito perigosa, você sabe – falou Joshua, entrelaçando os dedos atrás da cabeça enquanto Freyja afastava os cabelos do rosto e prendia-os atrás da orelha, antes de abraçar novamente os joelhos.

– Eu sei – disse ela.

– Mas não está com medo?

– Não. Você está?

– Apavorado. – Ele riu, embora falasse muito sério. – Posso não conseguir manter as mãos longe de você, coração.

Quando ela se virou para encará-lo, o sol fez com que as ondas de seus cabelos se transformassem em um halo dourado ao redor da cabeça. Freyja pareceu estranha e subitamente linda para Joshua.

– Talvez *eu* não seja capaz de manter as minhas mãos longe de *você* – disse ela, encarando-o com firmeza.

O ar pareceu sumir de novo para Joshua.

– Vai ser um dia interessante – comentou ele.

– Sim.

Que Deus nos ajude, pensou ele. O que os dois estavam fazendo? Iam se meter em águas profundas, em mais de um sentido.

Tinha que haver um motivo pelo qual eles não iriam se casar... afinal, os dois estavam tão determinados contra o casamento.

Mas que diabo de motivo era esse? Talvez Joshua ainda pudesse se salvar caso conseguisse se lembrar.

– Quando eu fizer minhas preces esta noite – disse ele –, uma delas será para não chover.

E então sorriu para Freyja.

CAPÍTULO XIX



Freyja rezou para que chovesse – ou melhor ainda – para que nevasse. Então se deu conta de que estava sendo covarde e pediu à divindade que controlava o clima para que, em vez disso, garantisse um céu sem nuvens, um dia ensolarado e de temperatura amena.

Bem cedo pela manhã – ainda nem havia amanhecido – ela jogou as cobertas para o lado, atravessou o quarto e olhou pela janela. Não havia uma única nuvem no céu, o que não significava necessariamente que seria um dia bonito. Com frequência, um dia que começava ensolarado acabava se tornando nublado e chuvoso mais tarde. E um dia ensolarado naquela época do ano costumava ter temperaturas árticas. Mas a janela estava aberta e ela não tremia.

O que a levara a dar aquela ideia? Afinal, tinha, sim, medo do mar. Um medo mortal de atravessar sua superfície em um pequeno barco de pesca. E, ainda assim, exigira ser levada até aquela ilha assustadoramente distante. No entanto, não era essa perspectiva que mais a perturbava. Afinal, estava na natureza de Freyja Bedwyn confrontar os próprios medos sempre que surgia um desafio.

Leve-me até lá um dia. Amanhã. Só você e eu. Só nós dois.

De onde haviam surgido aquelas palavras? Por que não sugerira um passeio com todos os outros? Com certeza seria possível conseguir mais de um barco. Havia segurança quando se estava em grupo.

Só você e eu. Só nós dois.

Ela estava muito mais envolvida com Josh do que desejaria admitir. Percebera isso durante a noite, quando não conseguia dormir, tentando se convencer de que ainda não esquecera Kit. Mas esquecera. Estava começando a usar a antiga paixão por ele como um escudo atrás do qual podia se esconder. Kit estava feliz com Lauren e ela com ele. E não havia mais nenhuma pontada de dor ou raiva ao admitir isso. Aquela parte da vida dela estava terminada.

Mas, já que esquecera Kit, o que a impedia de amar Josh?

Ela não ousava amá-lo. Mesmo ele não sendo nem de longe a pessoa superficial que aparentava em Bath, ainda assim não era inteligente se apaixonar por um homem como Josh. Ele estava ansioso por voltar à vida sem compromisso que levava antes. À sua vida frívola, como ele mesmo a descrevera na véspera.

Mas Freyja não estava certa se havia acreditado em suas palavras.

Mais tarde, naquele dia, ela iria até a ilha com ele. Só os dois. E não haveria como fingir inocência.

Está disposta a encarar um perigo desses? E não estou me referindo ao passeio de barco.

Estou disposta.

Posso não conseguir manter as mãos longe de você, coração.

Talvez eu não seja capaz de manter as minhas mãos longe de você.

Freyja estremeceu e, sob o ar fresco da madrugada, voltou para a cama. Mas apenas cochilou até dar um horário decente para levantar e se aventurar fora do quarto.

A essa altura, Joshua já havia saído para as fazendas com o capataz, acompanhado por Aidan e Alleyne. Freyja se lembrou, então, que prometera passar a manhã subscrevendo convites para o baile com Morgan, Constance e Chastity.

Assim que se juntou às outras mulheres no solário, depois do café da manhã, Freyja descobriu que a lista era longa. Ela se perguntou se alguém em um raio de oito quilômetros de Penhallow havia ficado de fora e percebeu quanto era típico de Joshua ser tão generoso, apesar do título de nobreza. Freyja tentou imaginar Wulf como anfitrião de um baile daqueles e sorriu diante do absurdo da ideia.

– Consegue imaginar Wulf com uma lista de convidados como essa, Morgan? – perguntou ela, enquanto as quatro se acomodavam para iniciar a tarefa.

– Conosco participando do baile? Wulfric é nosso irmão, o duque – explicou Morgan para as outras duas damas. – Ele é extremamente apegado às posições sociais.

– Joshua não vê esse baile como um evento social elegante para as pessoas da alta sociedade – falou Constance. – Vê como uma comemoração de sua volta ao lar e também do noivado. E todas essas pessoas são amigos dele... criados, trabalhadores da terra, as pessoas do vilarejo. Ele deseja compartilhar a alegria e as boas-novas com eles. Um baile assim as ofende?

– Na verdade, acho que vou me divertir muito! – confessou Morgan, se debruçando por cima da mesa.

– Se o baile fará Josh feliz, então também me fará feliz – declarou Freyja.

Ela soou como alguém dócil e apaixonada.

Estava apaixonada?

Constance levantou os olhos do convite em branco diante dela, a caneta de pena suspensa sobre o tinteiro.

– Sabe, Freyja, quando estávamos em Bath e você ajudou Joshua a frustrar o plano de mamãe, eu realmente acreditei que vocês logo encontrariam um modo de romper o noivado. Não achei que era de verdade, com o anúncio tendo sido feito de modo tão apressado. Mas fico feliz por ser real. Você é perfeita para Joshua. É ousada e inteligente o bastante para desafiá-lo. Você o domará sem esmagar o espírito dele, mas também não permitirá que ele a subjugue... Joshua a desprezaria ou logo se cansaria de você se isso acontecesse.

Freyja ficou estupefata com a declaração da moça, mas não teve a oportunidade de responder.

– Freyja! – exclamou Morgan. – Houve mais coisas ligadas ao seu súbito noivado em Bath do que nos contou? Que irritante da sua parte esconder um segredo de mim. Achei que não escondêssemos nada uma da outra. Fique avisada de que vou querer que me conte tudo mais tarde. Mas concordo com Constance. Joshua é mesmo perfeito para você. Espero encontrar alguém assim também, embora esteja certa de que isso não acontecerá naquela atmosfera tola da temporada social de Londres.

– Ah, mas como deve ser maravilhoso ir a uma dessas temporadas – falou Chastity, melancólica. – Todos aqueles bailes, eventos, concertos. E pessoas... Eu a invejo, Morgan.

Elas dividiram a lista de convidados em partes iguais e se concentraram apenas em escrever por algum tempo. Era provável, pensou Freyja, que muitos dos que receberiam aqueles convites nem sequer fossem capazes de lê-los. Mas sem dúvida a notícia correria rapidamente e não seria necessário ler os cartões para compreender o que eles significavam.

Freyja se deu conta de que estava ansiosa pelo baile. Seria mais divertido do que qualquer outro evento de que já participara. A vida era divertida ao lado de Joshua. E nunca era previsível.

Ela quebrou o silêncio depois de cerca de quinze minutos, durante os quais nada fora ouvido além do barulho das quatro penas no papel.

– Constance – perguntou Freyja –, você se lembra de alguma coisa da noite em que seu irmão morreu?

Era estranhamente fácil esquecer a razão pela qual todos tinham ido a Penhallow. Só quando via a marquesa, silenciosa, pálida e patética – que lançava olhares venenosos para Freyja quando ninguém estava vendo – é que ela se lembrava de que todos estavam esperando pelo próximo passo daquele jogo bizarro e talvez perigoso.

– Não me lembro de nada – disse Constance. – Estava chovendo muito e a tempestade piorou no decorrer da noite. Só soube que Albert não voltou para casa na manhã seguinte.

– Mas você sabia que ele havia saído? – perguntou Freyja.

– Ele havia ido a Lydmere – falou Constance. – Disse que ia conversar com Joshua.

– Sobre o quê? – quis saber Freyja.

– Não-não sei – disse Constance, molhando a pena no tinteiro novamente, mas não voltando a escrever. – Sobre a Srta. Jewell, eu acho. Ela era a preceptora de Chastity e foi demitida porque... Ora, não importa. Joshua encontrou um chalé no vilarejo para ela e mamãe estava aborrecida com isso. Albert concordou em ir conversar com ele.

– A preceptora estava esperando um bebê? – perguntou Morgan, os olhos arregalados. – E sua mãe e seu irmão acharam que Joshua era o responsável? Não consigo acreditar que ele faria uma coisa dessas.

– Joshua não era o pai – falou Chastity com determinação. – Ninguém sabe quem é o pai. A Srta. Jewell nunca disse.

No silêncio um tanto tenso que se seguiu, Constance retornou à tarefa de sobrescrever os convites e, logo depois, Morgan também.

Freyja percebeu que Chastity não tinha condições de escrever. A mão da moça tremia. Talvez estivesse com medo de que as duas convidadas estivessem deduzindo que, se o pai do filho da preceptora não era Josh, talvez fosse o irmão dela.

– Você se lembra de *alguma coisa* daquela noite? – perguntou Freyja.

Chastity balançou a cabeça, negando.

– De nada – afirmou. – Mas não pense mal de Joshua, Freyja. Sei que ele não fez nada de impróprio com a Srta. Jewell. Joshua vinha aqui visitar Prue, não a preceptora. Eu sei... eu estava sempre com a Srta. Jewell quando Joshua estava aqui, ou então com ele e Prue. E sei que ele não matou Albert nem fez nada que causasse a morte do meu irmão. Foi um acidente, só isso.

Freyja continuou a observá-la por algum tempo antes de retornar à própria tarefa – ainda tinha mais quatro convites para subscrever – e dar uma chance à moça de se recuperar para pegar a pena.

Freyja se perguntou se as irmãs haviam amado o irmão. Nenhuma delas parecia estar disposta a ver a morte dele como um crime, embora ambas soubessem que ele fora ao vilarejo naquela noite para confrontar Joshua sobre a situação em relação à preceptora. Certamente Chastity se dera conta de que o irmão fora o pai do filho da Srta. Jewell.

A preceptora era uma triste criatura, pensou Freyja. Era aceita no vilarejo agora, embora não fosse realmente incluída na comunidade. Uma mulher com um filho ilegítimo, sem poder exercer a profissão, forçada a aceitar o apoio de um homem que não era responsável por ela de modo nenhum. A mulher precisava de independência, de uma ocupação e recuperar o orgulho próprio.

Mas a Srta. Anne Jewell não era problema dela.

Elas finalmente completaram a tarefa, e Constance reuniu os convites em uma pilha organizada e levou-os para serem entregues. Chastity pediu licença para subir e ir ao quarto de Prue.

– Freyja – disse Morgan quando as duas estavam sozinhas –, há muitas coisas que ainda não foram ditas nem resolvidas, não há? Assim como uma acusação de assassinato ainda pairando sobre a cabeça de Joshua. Acho tudo isso tão empolgante...

Uma reação típica dos Bedwyns.

– Quase a invejo – voltou a falar Morgan.

– Quase? – Freyja ergueu as sobrancelhas.

– Ora, adoro Joshua – disse Morgan – e ele é de longe o homem mais belo que já vi... incluindo Alleyne. Mas eu o amo como a um cunhado. Vou ter que encontrar meu próprio desafio e minha própria empolgação... se é que ainda resta alguma em algum lugar por aí.

Estava na ponta da língua de Freyja contar à irmã que o noivado dela não era real, mas não disse nada. Havia algumas questões a serem resolvidas primeiro e uma delas era fazer um passeio de barco à ilha ainda naquele dia.

Posso não conseguir manter as mãos longe de você, coração.

Talvez eu não seja capaz de manter as minhas mãos longe de você.

O coração dela bateu mais rápido quando se lembrou das palavras que haviam trocado.

– Qualquer hora vai encontrar alguém perfeito para você – disse Freyja. – Todos encontram.

Todos, menos eu.

O único homem perfeito que ela parecia conhecer, pensou Freyja, melancólica, não estava disponível para um relacionamento permanente.



Freyja nem se lembrava de quando aprendera a nadar. Até onde sua memória alcançava, sempre fora capaz de pular na água, fosse da

margem de um rio, de galhos de árvores ou até mesmo de barcos. Conseguia nadar na superfície ou embaixo d'água, nado livre, de costas ou boiando. Conseguia se garantir em uma boa briga na água. Sabia navegar em barcos pequenos e furados, deitada, sentada ou de pé. Nunca lhe ocorrera ter medo da água.

Até ver o mar pela primeira vez, por volta dos 10 anos.

Ela nunca soubera dizer exatamente o que havia no mar que a deixava tão aterrorizada. Sua vastidão, talvez. Mas, até aquele instante, Freyja nunca admitira esse pavor nem para si mesma. Nunca tivera a oportunidade de nadar nem de velejar no mar.

Estava sentada em um banco estreito de madeira, em um barco estreito de madeira, cercada pelo mar por todos os lados... tão perto que era possível deslizar a mão pela água. Estava muito consciente de que a prancha fina sob seus pés era a única coisa que a separava das profundezas desconhecidas.

Freyja sentia tanta vergonha de si mesma e menosprezava tanto o próprio terror que ergueu o queixo de forma arrogante e cruzou as mãos frouxamente no colo, em vez de se agarrar com força à lateral do barco, como desejava fazer.

– Nervosa? – perguntou Joshua com um sorriso.

Ele era irritante. Remava pela água ondulada pela brisa e agitada o bastante para mostrar uma ocasional crista branca sobre as ondas. E estava deslumbrante. O vento lhe despenteava os cabelos, fazendo-os brilhar. Freyja tentou se concentrar na beleza dele, ou melhor, em seu sorriso malicioso e zombeteiro. Joshua *sabia* que ela estava apavorada.

– Rá! De um pouquinho de água? – Freyja tentou não notar que a ilha parecia ainda mais distante do que quando eles haviam começado a viagem, ou que a terra firme de onde saíram parecia estar a quilômetros de distância.

– Eu não estava falando da água. – Ele deu uma de suas piscadelas típicas.

– Bobagem! – Freyja cerrou os lábios e Joshua riu.

Na mesa do almoço, ele explicara que havia prometido a Freyja que a levaria para sair de barco naquela tarde. Mas, antes que alguém pudesse sugerir um passeio coletivo, Joshua acrescentou que o barco que havia conseguido era muito pequeno, com lugar só para duas pessoas, e que ele lamentava muito, mas estava noivo havia pouco tempo e precisava de algum tempo sozinho com a futura noiva.

Joshua sorria com charme para todos na mesa, parecendo, ao mesmo tempo, malandro e encantador. Ninguém disse uma única palavra de protesto, nem mesmo Aidan, que poderia ter escolhido aquele momento para fazer o papel de irmão mais velho, já que Wulf não estava ali para repreender aquela indiscrição. Mas todos acreditavam que ela estava realmente noiva de Josh, por isso não se preocupariam, mesmo se soubessem que o destino deles era a ilha.

Assim, todos haviam começado a fazer seus próprios planos. A marquesa iria sair para fazer algumas visitas e informou a Constance que ela deveria acompanhá-la... junto com o reverendo Calvin Moore. Chastity guiaria todos os outros até a praia. Morgan levaria a tela e as tintas. Eve deixou claro que ninguém deveria sequer *pensar* em nadar.

Freyja virou a cabeça e ficou surpresa por ainda conseguir mover o pescoço, de tão tensa. Podia ver todos na areia agora, as figuras minúsculas, parecendo invejavelmente a salvo, alguns correndo, alguns caminhando. Três deles acenavam na beira da água. Seriam Prue e as crianças? Freyja ergueu uma das mãos e acenou de volta.

Assim que Joshua e o pescador dono do barco a ajudaram a entrar, Freyja percebeu as duas mantas dobradas no chão. Se perguntasse a Joshua o propósito das mantas, ele com certeza diria que estavam ali para aquecê-los se o vento ficasse frio demais, mas os olhos dele estavam rindo ao dizer isso.

Freyja não perguntou.

– Se quiser, coração – falou Joshua –, podemos voltar agora mesmo.

Ela o encarou com desdém.

– Não estou com medo – falou. – De nada. Você está?

Mas ele apenas abriu seu sorriso malicioso.

Freyja percebeu como os músculos dos braços e das coxas de Joshua se flexionavam à medida que ele remava. Se o barco virasse, ela simplesmente nadaria. E ele também. Joshua não deixaria que ela se afogasse. E ela não deixaria que ele se afogasse. Freyja sentiu que relaxava, como sempre acontecia quando confrontava qualquer medo que ameaçava assombrá-la.

No entanto, a respiração dela acelerou e o sangue pareceu correr mais rápido em suas veias. O que aconteceria na ilha? Ela deixaria acontecer? *Faria* acontecer? Evitaria? Ou a oportunidade nunca se apresentaria? Eles simplesmente aproveitariam uma hora de caminhada pelo lugar, admirando a vista, e então retornariam a salvo para o continente?

Por um instante, Freyja achou que eles não conseguiriam desembarcar de jeito nenhum. Os penhascos pareciam altos demais, a praia pedregosa demais, o mar muito agitado. Mas Joshua remou ao redor da ilha até uma pequena enseada, pulou do barco e puxou-o para fora da água. Ele se inclinou sobre a lateral do barco e colocou as mantas sobre os ombros.

Bem, aquilo respondia ao menos a uma pergunta, pensou Freyja, observando-o.

– Podemos querer sentar um pouco – disse ele. – A menos que você planeje ficar sentada aí a tarde toda.

Ela ignorou a mão estendida dele e desceu de forma nada elegante pela lateral do barco até a areia. Joshua começou a abrir caminho pela areia, pelos seixos soltos e pelas rochas até a terra acima. Freyja foi arrastando os pés atrás dele.

A ilha era maior do que ela pensara. Se estendia em dunas ondulantes e depressões, uma mistura de vegetação, mato, areia branca, rochas nuas e alguns arbustos de tojos amarelos e armérias do mar cor-de-rosa. Gaivotas grasnavam no céu. O ar estava frio e salgado.

Joshua pegou a mão dela quando eles pararam em um pequeno promontório para se deliciar com a beleza primitiva de tudo aquilo.

– É estranho – disse ele. – Eu me esquecera de que há tanta coisa que amo na Cornualha.

– Em um lugar como esse – falou Freyja, erguendo o rosto para a brisa –, é fácil acreditar em Deus e na eternidade sem a interferência de nenhuma religião.

– É melhor você não deixar o reverendo Calvin Moore ouvi-la falar assim – brincou Joshua.

Mas havia calor na voz dele, uma ternura que a deixou sem ar novamente.

– Eu lhe dei permissão para segurar a minha mão? – perguntou ela, alarmada.

Joshua riu baixinho, ergueu a mão dela ainda entrelaçada à dele e encostou-a nos lábios.

– Tarde demais para isso, coração – disse ele. – Você me convidou a vir aqui, lembra-se? Só nós dois? Há outra enseada no lado leste. Lá ficaremos mais abrigados do vento do que no resto da ilha. Vamos até lá nos sentar um pouco?

– É claro – concordou Freyja, os joelhos tremendo.

O que eles estavam fazendo? Após o baile e depois que aquela história com Garnett estivesse resolvida, eles deixariam Penhallow e cada uma seguiria seu caminho. Nunca mais se veriam de novo. Será que Freyja tinha certeza de que queria aquela lembrança? Mas então percebeu que já não tinha mais escolha. O que quer que acontecesse naquela tarde, ou não acontecesse, ficaria marcado para sempre na lembrança dela.

Acharia tão difícil – ou tão fácil – esquecer Joshua como esquecera Kit?

Nunca se deitara com Kit.

Freyja ficou parada olhando para a extensão interminável de água azul-esverdeada, enquanto Joshua abria uma das mantas sobre a relva alta na pequena enseada para a qual ele a levava. Era realmente mais protegido ali. Quase podiam imaginar que estavam no verão... em um dia frio de verão. Joshua pousou a outra manta na relva, ainda dobrada. Ela imaginou que a intenção dele era que se cobrissem com a manta sobressalente caso sentissem frio.

Depois.

Freyja deixou escapar o ar lentamente. Ainda não era tarde demais. E Joshua não a forçaria.

Na última vez havia sido fácil. Não fora preciso tomar uma decisão. Ela estava dominada por uma paixão cega provocada pela mágoa que a festa de batizado provocara e por algo que Joshua dissera... ela só não conseguia mais se lembrar do que fora. Agora, entretanto, havia tempo demais para pensar.

Mas um único pensamento parecia pulsar na mente dela no mesmo ritmo do sangue que pulsava em suas veias. Ela o queria. Queria aquela lembrança para guardar consigo no futuro. Não conseguia mais pensar em se proteger do sofrimento que experimentara antes. Já era tarde demais.

Ao que parecia, ela não era nem um pouco sábia no que dizia respeito aos homens que escolhia amar.

Freyja sentou-se na manta, puxou os joelhos contra o corpo e passou os braços ao redor deles, sem olhar para Joshua. Ele abaixou-se ao lado dela e se deitou de lado, a cabeça apoiada em uma das mãos.

– Então, coração – disse Joshua baixinho –, por que estamos aqui?

Ela deu de ombros e voltou a abaixá-los.

- Para ver a ilha? – falou. – Para passar algum tempo juntos?
- Com que objetivo? – perguntou ele. – Porque estamos noivos?
- Não estamos – rebateu ela.

– Não. – Joshua ficou em silêncio por algum tempo. – Por que estamos aqui, Free?

Ele iria fazê-la dizer em voz alta, não é mesmo? Bem, era justo. Fora ela que pedira para Joshua levá-la ali. E pedira para que fossem sozinhos. Iria agora agir como uma florzinha de estufa e esperar que o homem tomasse à frente da situação? Freyja virou a cabeça para encará-lo. Os olhos de Joshua sorriram de volta, mas sem a expressão zombeteira nem o riso malicioso que ela esperara ver.

- Para fazer amor – respondeu Freyja.

Eles continuaram a se encarar enquanto o ar parecia crepitar entre os dois.

– Sim – falou Joshua em voz baixa. – Para fazer amor. Vamos fazer do jeito certo, sem frenesi, sem pressa? Assim ambos teremos lembranças felizes de nossas breves semanas juntos.

Ele se sentou e descalçou as botas hessianas e as meias. Então despiu o casaco e desabotoou o colete. Freyja ergueu as mãos e tirou os grampos dos cabelos. Quando eles já caíam soltos pelas costas, Joshua tirava a camisa.

Ela mal tivera a chance de olhar direito para ele na cabana do guarda-caça, em Alvesley. Agora podia ver que a beleza dele não se limitava ao rosto. Os ombros, o peito, os braços de Joshua eram fortes e musculosos, de uma proporção máscula. Freyja pousou a mão nas costas dele e acariciou-o com os dedos. O corpo de Josh era quente e convidativo.

- Quero fazer isso desde a última vez – admitiu Freyja.

– Quero fazer isso desde *antes* da última vez – disse ele, virando-se para ela. – Acho que tudo começou em um quarto de estalagem quando você estava descalça, com os cabelos desalinhados e furiosa. – Joshua aproximou mais a cabeça, roçando os lábios nos

dela. – Deve ser de longe a mulher mais desejável que já conheci, Freyja Bedwyn. – A língua dele acariciou levemente os lábios dela, causando uma sensação eletrizante que desceu até os dedos dos pés.

Ele a despiu com mãos experientes. Depois retirou as últimas peças das próprias roupas enquanto seus olhos devoravam o corpo dela. Quando ambos estavam nus, Freyja se deitou de costas na manta.

Ela teve medo, então, de que se o tocasse, se iniciasse qualquer coisa, acabaria estragando tudo sendo muito apressada, como fora da outra vez. Queria descobrir se poderia haver alguma ternura no ato de fazer amor, algum sentimento além da paixão arrebatadora. Queria poder se lembrar de Joshua com carinho. Queria se lembrar dele como estava naquele momento, encarando-a cheio de desejo controlado. Freyja pousou as mãos ao lado do corpo e sussurrou.

– Faça amor comigo – disse.

– É o que pretendo, coração – retrucou ele, inclinando-se sobre ela.

As mãos dele começaram a explorar o corpo dela. Freyja logo percebeu que Joshua era tão especialista em usar as mãos para tocá-la quanto para despi-la. Sabia exatamente o que fazer, às vezes usando apenas as pontas dos dedos de forma tão leve que a sensação era mais forte que o próprio toque. E ele também sabia como usar a boca, beijando-a onde as veias pulsavam, sugando seus seios, deixando o hálito quente aquecer seu umbigo, enlouquecendo-a com beijos suaves ao longo da parte interna das coxas, até os dedos dos pés.

Joshua segurou os pés dela nas mãos e massageou-os de um modo que fez o desejo disparar pelo corpo de Freyja em uma pulsação rápida. Depois pousou-os sobre a manta, deixando os joelhos dela dobrados. Ele se ajoelhou entre as coxas de Freyja e

moveu as pernas dela para cima das dele, deslizando a mão entre os corpos dos dois.

Joshua sabia exatamente como tocá-la *ali* também. Ela estava quente e úmida, dolorida de desejo. Os dedos dele se moviam com delicadeza enquanto Freyja o observava – lindo, as pálpebras pesadas, concentrado no que estava fazendo. Então Joshua a tocou em algum lugar com o polegar, esfregando de leve. Ela arqueou o corpo, gritando algo, abandonando todo o controle tão cuidadosamente preservado e explodiu em um gozo trêmulo e absoluto.

Joshua sorria enquanto a levantava um pouco e a encaixava em seu corpo, penetrando-a profundamente. Freyja respirou fundo. Dessa vez não houve dor, apenas um prazer indescritível enquanto o membro rígido dele pressionava a região que ainda pulsava, sensível pelo gozo recente. Ela moveu as mãos para segurar os joelhos dele.

– Acho que está na hora de dar prazer a você também – disse Freyja, olhando-o através das pálpebras semicerradas.

– É verdade. – Havia o sorriso de sempre nos olhos dele, mas também uma paixão ardente.

Ela contraiu os músculos internos ao redor dele, fazendo-o respirar com mais dificuldade.

– Você quase me fez perder o controle. *Quase* – disse ele, ofegante.

Ele saiu de dentro dela e voltou a arremeter com força. Ela o recebia com os músculos internos pulsando e remexendo os quadris. Freyja sentiu o desejo crescer mais uma vez, mas estava determinada a acompanhá-lo enquanto o ato durasse. E estava determinada a fazê-lo durar para sempre.

Dessa vez foi Joshua quem ficou observando o rosto de Freyja. Era tudo incrivelmente erótico.

– Coração – disse ele, por fim, a voz rouca e ofegante –, um cavalheiro não pode sair cavalgando em direção ao pôr do sol e

deixar sua dama para trás. Se eu me declarar derrotado, você me permitirá acompanhá-la?

Freyja olhou dentro dos olhos dele e perdeu o pouco de controle que ainda tinha. Então se viu subitamente indefesa contra as estocadas firmes do corpo dele contra o seu, que provocavam uma dor deliciosa. Ela gritou alto e estremeceu sob o peso dele.

Mesmo depois de alguns instantes, Joshua permaneceu dentro dela, ainda grande e rígido. Ela abriu os olhos e ele sorriu. Pousando as mãos na manta, ajeitou-se sem sair de dentro dela, depois abaixou-se, cobrindo-a dos ombros aos dedos dos pés, seu peso prendendo-a ao chão. Joshua procurou a boca de Freyja e beijou-a, não com a intensidade e a paixão que ela esperava, mas com infinita ternura.

Então ele pousou a cabeça ao lado da dela, o rosto enfiado nos cabelos de Freyja, e tornou a arremeter, lenta e profundamente, de um modo que a fez se sentir cuidada e amada, por mais estranho que pudesse parecer. Sexualmente saciada como estava, aquela foi uma sensação extraordinária, mais emocional do que física. Joshua ficou imóvel, tenso por um momento, depois o corpo dele relaxou com um profundo suspiro. Freyja pôde sentir o fluxo quente do gozo de Josh dentro dela.

Ele arfava no ouvido dela. Os dois estavam quentes, os corpos escorregadios de suor. Gaivotas grasnavam acima deles. E ainda havia o fluxo do mar batendo contra a areia. E os cheiros de sal, de areia, do oceano. E a luz e o calor do sol, além de uma brisa fresca e bem-vinda.

A terra se movia lentamente sob o corpo deles.

A lembrança daquele momento viveria para sempre dentro dela. E Freyja não permitiria que nenhuma dor futura a maculasse. Não mesmo.

Joshua alcançou a manta que sobrara, saindo de cima de Freyja. Ela virou o corpo de lado, de costas para ele, que os cobriu com a

manta e passou um braço sob o pescoço dela, aconchegando os corpos dos dois.

Freyja ficou olhando para o penhasco rochoso dos lados da enseada e a água verde-escura abaixo dele. Uma gaivota branca estava encarapitada no topo da rocha, olhando para o mar e grasnando. Freyja se sentia aquecida, lânguida, muito consciente de cada sensação que se imprimia em sua memória.

A julgar pelo ritmo da respiração dele, Joshua adormecera. Ela ficou feliz com isso. Não queria conversar. Ainda não. Não queria ouvir as provocações brincalhonas dele nem ouvi-lo dizer novamente como estavam encrencados.

Não queria rir nem sentir medo. Só queria permanecer naquele eterno momento presente. E quando precisasse seguir em direção ao futuro, bem... Nunca esqueceria. Nunca poderia dizer que, durante aquela tarde gloriosa, estivera apenas apaixonada. Também amara. Como o corpo e com o coração.

Tola, tola, tola, uma vozinha interior tentou dizer a ela. Mas Freyja se deixou levar pelo sono em vez de ouvir a voz, que tentava avisá-la de que ela se arrependeria daquele dia – e de ter caído no precipício do amor.

CAPÍTULO XX



— Lembre-me, coração – disse Joshua, os olhos apertados contra o brilho do sol se refletindo na água –, de por que não vamos nos casar.

Ela estava sentada de frente para ele no barco, a expressão fechada também por causa do sol. Desde que haviam feito amor pela segunda vez e voltado para o barco, os dois mal haviam se falado.

Freyja o encarou.

– Não ouse se sentir obrigado a agir como um cavalheiro e me pedir em casamento – retrucou ela, parecendo sinceramente zangada. – O que aconteceu foi culpa minha. Não tinha a intenção de prendê-lo a um casamento.

– Sua culpa de novo? – Ele sorriu. – Estou começando a me sentir uma marionete.

– Que é exatamente como eu me sinto desde que nos conhecemos. Agora estamos quites.

– Então casar comigo seria uma prisão? – perguntou Joshua.

– É claro que seria – respondeu Freyja com impaciência. – Estamos conscientes disso e sendo cautelosos a esse respeito desde o início. Seria um terrível erro para nós dois.

Joshua já não sabia mais por quê. Ela não iria ficar sofrendo para sempre pelo amor que perdera, iria? Por outro lado, ele odiaria estar casado com uma mulher que guardava esse tipo de sentimento.

– Então por que essa tarde aconteceu? – Joshua voltou a perguntar. – Não podemos usar a desculpa de que nos deixamos levar pela paixão, não é mesmo? Tudo foi deliberadamente planejado ontem... por nós dois.

Freyja demorou um pouco a responder. Seus olhos estavam perdidos no mar.

– Sou Lady Freyja Bedwyn – falou. – Filha e irmã de duques. Embora sempre tenha sido ousada, pouco convencional e até mesmo rebelde, espera-se que eu me comporte com decoro. Os cavalheiros não têm as mesmas restrições ao seu comportamento. Todos os meus irmãos tiveram amantes ou ligações amorosas eventuais. Wulf tem a mesma amante há anos, sem que nenhum escândalo suje o nome dele. Escolhi não me casar. Ao menos não ainda, não até que encontre alguém por quem estaria disposta a sacrificar minha liberdade. Mas tenho 25 anos e todas as necessidades de uma mulher.

– Então você me usou como uma... ligação amorosa eventual?

– Não seja ridículo – disse ela. – Você pode ser extremamente irritante às vezes. Troque de lugar comigo. Quero remar.

Ele sorriu.

– Não estamos em um lago – alertou. – Remar no mar requer muito mais força e habilidade. Além disso, você teria que se levantar, passar por mim e se sentar onde estou. Acredito que o barco vá balançar terrivelmente.

– Se você cair – disse ela –, eu o resgatarei.

Era preciso admirar aquela mulher. Durante todo o caminho até a ilha, Joshua reparara no terror que ela sentia, apesar de Freyja não ter demonstrado. Ainda assim, agora ela estava disposta a remar de

volta à praia? Joshua quase podia sentir o cheiro do medo por trás do jeito despreocupado e arrogante dela.

– Isso é reconfortante – comentou ele, prendendo os remos e levantando-se, as mãos apoiadas na borda. O barco balançou. – Farei o mesmo por você, Free, embora pelo que eu me lembre você nade como um peixe. Eu a venci por pouco em nossa disputa em Lindsey Hall.

Como Freyja não se moveu imediatamente, ele achou que ela havia mudado de ideia. Mas ela se levantou, sem cambalear, atravessou o barco, sentou no lugar que ele ocupara e pegou os remos. Seu queixo estava erguido, como sempre.

Freyja o acusara de usar uma máscara, de esconder quem ele era de verdade. Não era diferente com ela. Por trás da fachada fria, altiva e ousada que ela apresentava ao mundo, estava uma mulher solitária, que fora magoada. Prue tinha razão – ela era uma mulher que simplesmente sentia medo de amar de novo.

Ela manjava o barco como uma profissional, sem desperdiçar energia à toa enfiando os remos muito fundo e tentando mover todo o oceano em uma única remada. Os dois seguiam em uma velocidade constante.

Então ela não mudara de ideia quanto ao casamento, certo? Era realmente uma pena, já que ele estava começando a mudar de ideia quanto a se casar com ela. Na verdade, a ideia de dizer adeus a Freyja – o que provavelmente logo aconteceria – não o agradava em nada. A vida dele iria parecer muito vazia sem ela. Ainda mais depois do que acontecera naquela tarde.

Apesar de toda a ousadia e paixão, Freyja ainda era sexualmente inocente. Era provável que não reconhecesse a diferença entre fazer sexo e fazer amor. Eles haviam feito amor naquela tarde... ou ao menos ele fizera, embora tivesse cuidado de não pronunciar uma única palavra romântica.

Freyja o quisera apenas pela experiência, para satisfazer a necessidade sexual feminina.

Era um pensamento humilhante.

Joshua riu.

– Eu deveria estar segurando um chicote na mão direita – disse ele. – A cena pareceria ainda mais impressionante vista da baía.

Havia vários moradores parados na rua e na areia, olhando com curiosidade a noiva do marquês de Hallmere remando até a praia.

Joshua pulou no mar quando chegaram à água rasa, arriscando a ira do valete quando visse suas botas hessianas. Ele arrastou o barco até a areia seca e levantou Freyja no colo, colocando-a em terra firme. Ben Turner já se aproximava correndo para puxar o barco mais para cima. Alguém na estrada deixou escapar um assovio estridente, fazendo com que todos dessem gargalhadas divertidas.

– Ah, Ben – falou Joshua –, eu queria mesmo falar com você.

Ben o encarou com uma expressão cautelosa e pegou as mantas que estavam no barco.

– Soube que sua mãe tem sido gentil com Lady Prudence. Vejo que ela está na porta do chalé de vocês. Vamos subir até lá?

Ele pegou Freyja pelo cotovelo e indicou um dos chalés na rua logo acima da baía. A Sra. Turner estava parada na porta, os braços cruzados no peito. Quando eles se aproximaram, ela se inclinou em uma cortesia.

– Se ele a estava obrigando a remar aquele bote, milady – disse a mulher, rindo –, eu o dispensaria, se fosse a senhorita. Ou acabará sendo assim pelo resto de sua vida.

– Mas ela insistiu – protestou Joshua. – Como um cavalheiro poderia negar?

Ele percebeu que Freyja achava muito estranho o modo como ele confraternizava com pessoas comuns. Mas Joshua fora um deles apenas cinco anos antes.

– Fiquei sabendo de sua enorme gentileza com Lady Prudence – disse Joshua à Sra. Turner.

Ele tivera uma longa conversa com a Srta. Palmer de manhã, enquanto Prue caminhava com Eve e as crianças. Prue ficava muito tempo confinada no quarto das crianças. A Srta. Palmer saía com ela sempre que possível. Era frequente que as duas caminhassem até o vilarejo. Prue desenvolvera grande apego pelos Turners, que a tratavam com muito carinho. Na verdade, a Sra. Turner sugeria que a Srta. Palmer deixasse Prue com ela por uma hora ou duas e tirasse um tempo para si mesma – tempo esse que a Srta. Palmer aproveitava para visitar a Srta. Jewell.

A expressão da Sra. Turner se tornou imediatamente cautelosa.

– Ela é uma criança doce – disse a mulher –, não uma idiota, embora a mãe pareça acreditar no contrário, se me perdoa dizer, milorde. Sei que ela é Lady Prudence e, portanto, não devo encorajá-la a entrar na minha casa, mas alguém precisa amar aquela moça. E apenas a Srta. Palmer não é o bastante.

– Não estou aqui para repreendê-la – explicou Joshua, cruzando as mãos nas costas.

– Espero que não. Lady Prudence adora essa casa. Ela tem o próprio avental pendurado atrás da porta, e a primeira coisa que faz quando chega é colocá-lo. A menina varre o chão, sacode os tapetes, lava os pratos, pendura roupas e prepara chá para mim e para Ben. E está aprendendo a cozinhar. Até costura um pouco. Ela traz o sol para dentro dessa casa.

Joshua viu que Ben estava ruborizado. O rapaz abaixara a cabeça e empurrava uma pedra na rua com a ponta da bota.

– É exatamente o que Prue faz – disse Ben. – Ela não é mais uma garotinha. – Ben levantou os olhos e encarou Joshua, com um toque de desafio no olhar. – É uma mulher crescida.

A Srta. Palmer demonstrara preocupação com o número de vezes em que Prue declarava seu amor por Ben Turner. A menina dizia isso

a todos, é claro, e falava a verdade. Mas havia algo particular no modo como falava de Ben.

– Você a ama, não é mesmo, Ben? – perguntou Joshua, em uma voz tranquila.

O rapaz ficou ainda mais ruborizado, mas não desviou o olhar.

– Não tenho o direito de amar Prue... Lady Prudence – disse ele.
– Não precisa se preocupar comigo, *milorde*. Não vou esquecer qual é o meu lugar.

Joshua percebeu que o título havia sido mencionado com uma leve ênfase e certa amargura.

– Não, eu não esperaria nada diferente de você, Ben – retrucou.
– Queria agradecer a vocês por serem amigos de Prue. Eu *realmente* a amo, entendem?

– Nunca deixo Lady Prudence a sós com Ben – adiantou-se a Sra. Turner. – E jamais deixaria. Sei bem como são as coisas, embora tenha certeza de que meu filho é ajuizado.

Joshua sorriu para os dois, assentindo e oferecendo o braço a Freyja. Eles caminharam de volta na direção da estalagem, onde haviam deixado os cavalos.

– É estranho – comentou ele – que eu nunca tenha considerado um problema o fato de Prue estar crescida. Como de certo modo ela sempre será uma criança, acho que esperei que continuasse criança em todos os aspectos.

– Esse é um erro que costuma ser cometido em relação às mulheres – disse Freyja. – Presume-se que não temos as mesmas necessidades que os homens. Prue não é uma criança, certo? Ela é uma mulher. E Ben Turner viu isso. E provavelmente Prue *percebeu* que ele viu e a atração do chalé é mais por ele do que pela mãe dele. O que a marquesa fará se descobrir a verdade?

– Tentará mandar Prue para um hospício, onde ela será trancada, acorrentada, espancada e tratada como um animal.

– Meu Deus! Ela não pode ser tão cruel – falou Freyja.

– Minha tia teria feito exatamente isso quando Prue era criança se meu tio não tivesse sido contra. Ela está falando em fazer isso agora, caso seja forçada a se mudar com as filhas para a casa da viúva.

Freyja respirou fundo.

– Se eu não acertar meu punho no rosto dessa mulher antes de sair daqui, acho que vou virar santa... o que seria um destino terrível. O que você vai fazer a esse respeito? É o guardião legal de Prue, certo?

– Até eu ser condenado por assassinato, sim – disse ele. – O que eu devo fazer, Freyja? Encorajá-la a se casar com o pescador?

Ele sorriu da expressão no rosto dela. A perspectiva devia estar além da imaginação de qualquer membro da orgulhosa família Bedwyn. No entanto, ele soubera logo que chegara a Lindsey Hall que Aidan se casara com a filha de um mineiro de carvão e que Rannulf se casara com a filha de um reverendo de uma paróquia obscura, filho de uma atriz de Londres. Ainda assim, Eve e Judith haviam sido tão bem aceitas pelo resto da família como se fossem duquesas de nascença.

– Talvez – sugeriu Freyja – Prue seja capaz de fazer as próprias escolhas. Josh, ela me deu a mão ontem à tarde, quando estávamos subindo a montanha atrás da casa. E não foi porque precisava da minha ajuda, mas porque achou que eu precisava da dela.

– Você quase me esganou quando cometi esse erro certa vez – comentou Joshua. – Embora estivéssemos descendo e não subindo.

– Eu sei. Mas fiquei comovida. Entendi o que quis dizer quando me contou que ela é cheia de amor e que o sentimento transborda dela. E é tão inocente que tememos por ela. Talvez não devêssemos temer por pessoas como Prue e sim por aqueles que, como nós, foram ensinadas a não confiar uns nos outros.

Joshua a encarou com certo espanto. A voz de Freyja perdera toda a costumeira arrogância. Ela estava quase trêmula de emoção.

Tudo porque Prue lhe dera a mão?

– Eu deveria conversar com Prue, então? – perguntou ele. – Você virá comigo?

Freyja voltou a parecer mais consigo mesma.

– Eve seria uma escolha muito melhor – falou. – Mas, sim, eu irei. Josh, o que estou fazendo aqui em Penhallow? Por que não estou em Bath, passeando no Pump Room toda manhã e tomando chá nos Assembly Rooms?

– Acredito, coração, que você perseguiu um patife e não conseguiu resistir à tentação de alegrar sua vida por algum tempo assumindo o desafio de tentar acompanhar o ritmo dele. Além do mais, é melhor para você estar aqui do que morrer de tédio lá, não é?

– Um patife – repetiu Freyja, quando eles entraram no estábulo da estalagem e um cavaleiro se apressou para pegar os cavalos deles. – É isso que você é, Joshua? A vida era tão simples quando eu não tinha dúvidas da resposta para essa pergunta.

Ele virou a cabeça e piscou para ela.



O dia seguinte amanheceu nublado, com muito vento. E um tanto sombrio. Joshua saíra cedo novamente com o capataz e com Aidan. A marquesa pedira a Constance que resolvesse algo para ela na cidade e sugerira que o reverendo Calvin Moore a acompanhasse. Alleyne, provavelmente percebendo a expressão no rosto de Constance, perguntara a Chastity se ela também gostaria de ir. Os quatro saíram juntos e o olhar da marquesa parecia prestes a perfurar Alleyne.

A mulher era uma inimiga odiosa. Muito diferente de Freyja ou de qualquer um dos Bedwys, a marquesa não demonstrava

hostilidade abertamente nem lutava de forma justa. A tia de Joshua pusera algum plano em ação e estava preparada para esperar que desse resultado. Nesse meio-tempo, fazia o papel da anfitriã frágil e educada. O sorriso gentil parecia ter sido pintado no rosto dela.

Freyja encontrara refúgio no solário. Estava escrevendo uma carta para seu procurador enquanto Morgan, ao seu lado na mesa, escrevia para Judith.

– Essa espera é muito estranha, não é? – disse Morgan de repente, depois de algum tempo. – Eu contava com fogos de artifício quando chegássemos a Penhallow. Imaginei que fosse haver animação, perigo, espadas cintilando e pistolas soltando fumaça durante os primeiros dias e depois a satisfação da vitória.

– Está desapontada?

– Desapontada? Não. – Morgan franziu o cenho. – Mas um pouco inquieta, devo confessar. A marquesa realmente odeia Joshua, não é? E a nós todos também, embora continue dizendo quanto está encantada por nos ter aqui. Por que ela o odeia tanto a ponto de estar disposta a colocar a vida dele em risco?

– Ela o culpa pela morte do filho – disse Freyja. – Acha que Joshua foi o responsável por aquela história sórdida da preceptora, então quando o filho foi confrontá-lo, morreu. De certa forma, talvez, não se possa culpá-la por se perguntar se o acidente foi *realmente* um acidente.

– Acho que foi o filho da marquesa que seduziu a preceptora.

– Sim – confirmou Freyja.

– Acho que eu não teria gostado dele – comentou Morgan. – Na verdade, estou quase certa de que eu o teria detestado, quase tanto quanto detesto a mãe dele. Que horrível da parte do rapaz permitir que Joshua assumisse a culpa e encontrasse uma casa para a pobre mulher. Mas o que me preocupa, Freyja, é aquela testemunha. É uma provocação da parte dele não estar em casa e não poder ser confrontado. Sozinho, com certeza ele não é ameaça, mas e se

conseguir persuadir vários homens a confirmar a história que inventou? Joshua tem noção do perigo que está correndo? Ele está fazendo alguma coisa a esse respeito?

– Na verdade, está – disse uma voz vinda da porta.

As duas se viraram e viram o próprio Joshua parado ali, ainda em roupas de montaria. O rosto estava ruborizado por ter andado ao ar livre.

Ele gostava de viver perigosamente, pensou Freyja.

O corpo dela tornou-se consciente dele no mesmo instante. Ela desejava o que acontecera no dia anterior para que pudesse guardar aquelas lembranças. Fora uma tola. Como viveria com aquilo? Como viveria sem ele?

– O que está fazendo, então? – perguntou Morgan.

– Por que contar e estragar a diversão? – disse ele, rindo e entrando na sala. – Garnett ainda não voltou, mas tenho esperança de que retorne a tempo para o baile. Na verdade, estou contando que ele tenha ouvido a notícia da festa e que possua um forte senso dramático. Por isso mandei um convite para ele.

– Eu sei – confirmou Morgan. – Fui eu que pus o nome dele no convite. Mas por quê?

Joshua riu de novo e disse:

– Só vou dizer que, se Garnett vier, o baile será uma ocasião à altura dos Bedwyns.

Os olhos de Morgan brilharam.

– Ah, você realmente tem um plano! Muito bom!

Ele estendeu a mão, apertou o ombro da moça e voltou sua atenção para Freyja.

– Vou descer até o rio caminhando com Prue – disse Joshua. – Vem comigo, Freyja?

– Tenho que terminar esta carta para Judith – falou Morgan quando Freyja olhou para ela –, depois preciso escrever para tia Rochester. Não faço isso há séculos, mas ela será a minha

acompanhante na apresentação à sociedade, por mais que eu não queira pensar nisso.

Freyja trocou a roupa que usava por um vestido de lã e uma peliça quente. E, depois de olhar pela janela e confirmar que o tempo não mudara, colocou um chapéu que cobria suas orelhas. Prue também estava vestida com roupas quentes, amarelas como o sol, da cabeça aos pés. A moça sorria feliz, animada com a perspectiva de um passeio com Joshua e Freyja.

Eles desceram a ladeira íngreme até o vale sem usar a descida mais gradual da entrada que passava pela casa da viúva e onde ventava muito. Prue riu alto quando desceu correndo os últimos metros e se jogou nos braços de Joshua que a esperava. Freyja olhou carrancuda quando ele se preparou para lhe oferecer a mesma ajuda. Joshua sorriu e se afastou.

Eles caminharam pela trilha que corria ao lado do rio até a praia. Mas não foram até o fim do caminho. Paravam com frequência para espiar o rio, observar a corrente preguiçosa formando redemoinhos por sobre as pedras e pequenos bancos de areia, vendo um girino ocasional passar apressado. Joshua pegou uma pedra e jogou-a em um arco alto que alcançou a outra margem. Prue riu e bateu palmas, encantada. Freyja, não querendo ficar para trás, pegou uma pedra chata e jogou-a de tal modo que a fez deslizar pela superfície da água, quicando quatro vezes antes de afundar e sumir de vista. Prue pulou ainda mais empolgada.

– Quero fazer isso – disse a moça, e Freyja passou os dez minutos seguintes mostrando-lhe como escolher uma pedra adequada e como jogá-la de lado, com o movimento exato do pulso. Prue não conseguiu fazer direito, mas se divertiu demais tentando e se jogou sobre uma pedra grande, dando gargalhadas incontroláveis porque Joshua também não conseguiu.

Freyja observou a expressão dócil dele, certa de que Joshua poderia fazer as pedras quicarem *dez* vezes se quisesse.

Ela não conseguia compreender o amor quase doloroso que ele sentia por Prue. Costumava se sentir embaraçada quando se via diante de pessoas que sempre considerara incapazes. Se tivesse sabido a respeito de Prue com antecedência, teria ficado horrorizada e talvez houvesse rejeitado a moça. Mesmo sem saber, mantivera uma distância cautelosa de Prue nos primeiros dias, satisfeita em deixar que Eve, Joshua e Chastity se ocupassem dela.

Mas não havia malícia em Prue, nem estupidez, embotamento ou negatividade. Era uma criatura de natureza solar, que simplesmente não tinha a maldade que fazia com que o resto dos mortais se afastasse da inocência e do amor, e que os levava a um lugar sombrio que chamavam de maturidade. Embora em Prue os movimentos às vezes bruscos e o rosto redondo e infantil fossem um sinal externo de que ela não era uma jovem como as outras, ainda assim era uma bela moça.

E tinha a mesma idade que Morgan.

Joshua observou a prima até ela parar de gargalhar.

– Gostaria de ir até o vilarejo, Prue? – perguntou ele.

– S-sim. Adoro ir lá.

– Qual é o seu lugar favorito no vilarejo? – perguntou ele.

Prue olhou além do rio com os olhos cintilando, na direção de Lydmere.

– O chalé – disse.

– Da Sra. Turner?

– Sim.

– Por que gosta de lá? – Ele se agachou diante dela, pegou alguns seixos e rolou-os em uma das mãos.

– Posso fazer coisas – falou Prue. – Posso ajudar. É um lugar muito bom.

– Mas é pequeno – argumentou Joshua. – Você não iria gostar de viver lá, iria?

Prue franziu o cenho e sorriu de novo.

– Sim, eu iria – respondeu. – Sei como fazer coisas.

– Você ama a Sra. Turner? – perguntou Joshua.

– Sim. – O sorriso dela ficou mais amplo. – E Ben. Amo Ben.

– É mesmo? – Ele se virou e arremessou uma das pedras.

Obviamente se esquecera de que não tinha o talento de fazê-las quicar... já que a pedra quicou cinco vezes na superfície da água. Prue riu animada e apontou. – Por que você o ama, Prue? Ele é bom para você?

– Si-sim. Ele gosta que eu faça o chá para ele e come o meu bolo, não o da Sra. Turner. Ben me ama.

– Eu amo você, Prue. Freyja ama você.

– Sim. – Ela levantou os olhos para Freyja e sorriu com carinho.

– Joshua fez você ficar melhor, Freyja. Vi vocês no barco. Vocês foram até a ilha.

Ah, meu Deus. Freyja sorriu de volta e evitou os olhos de Joshua.

Prue voltou a olhar para Joshua.

– Ben me beijou.

O rosto dele ficou visivelmente abalado.

– Ele a *beijou*?

– No meu aniversário – disse ela, com uma risadinha. – Eu estava fazendo 18 anos. A Sra. Turner me deu meu avental e me beijou. E Ben serviu meu chá... todos nós rimos... e me beijou. Aqui – disse, pousando a ponta do dedo no rosto, perto da boca. – Eu disse “Amo você, Ben”. E ele disse “Amo você, Prue”. – A moça ria encantada com a lembrança.

– Prue – perguntou Freyja, pegando a mão da moça e fazendo com que se levantasse, de modo que as duas pudessem seguir caminhando juntas –, você ama Ben de um modo especial? Como Eve ama Aidan?

– Como você ama Josh? – Prue riu. – Si-sim.

Joshua se juntou às duas, ao lado da prima.

– Ben tem belas mãos – comentou a moça. – São grandes. Ele trabalha com elas. Mas não me machucaria com elas.

– É claro que não – disse Joshua, entrelaçando o braço no dela.
– Ninguém jamais vai machucá-la, Prue. Você sabe o que é o casamento? Sabe o que as pessoas casadas fazem juntas?

– Si-sim – respondeu Prue. – Elas tomam conta uma da outra. E se beijam. E têm bebês.

Joshua relanceou um olhar espantado na direção de Freyja.

– A Srta. Palmer me contou – esclareceu a moça – e Chastity também. Chastity me levou para visitar a Srta. Jewell e *ela* me contou. A Srta. Jewell tem David. Amo David.

– O filho dela? – disse Joshua. – Ele é um lindo garotinho.

– A Srta. Jewell disse que há beijos maus e que eu não devo deixar que ninguém jamais me dê um beijo mau. Ben não me daria beijos maus. Ben me ama. Eu amo Ben.

As mulheres na vida de Prue haviam-na educado em relação aos perigos de sua própria sexualidade, pensou Freyja. Elas obviamente haviam percebido que, pelo menos na aparência, a moça não era mais uma criança.

– Se você morasse no chalé – falou Joshua –, não teria Penhallow toda como sua casa, Prue. Você dormiria no chalé, moraria lá e o trabalho que faz lá agora teria que ser feito todo dia. Não acha que Lady Prudence Moore deveria viver em uma casa grande, com criados para tomar conta dela e roupas elegantes para usar o tempo todo?

– Eu gostaria de morar no chalé, Josh – disse a moça. – Gostaria de morar com a Sra. Turner. Gostaria de morar com Ben mais do que tudo. Amo Ben. Ele me beijou e não foi um beijo mau. Ben não me daria beijos maus. E não me machucaria com as mãos.

Joshua levou a mão da prima aos lábios e segurou-a ali por alguns momentos.

– Não, ele não faria isso, meu amor – disse. – Conheci Ben quando ele era menino. Ele nunca a machucaria. E se ele algum dia a beijar de novo, será com beijos bons. Se ele a tocar, será com mãos gentis.

Freyja ficou perplexa ao perceber que os olhos dele estavam marejados.

– Devo conversar com Ben e com a Sra. Turner, então? – ele perguntou a Prue. – Você realmente escolheria morar com eles se pudesse?

Ela parou de caminhar, arrancou o braço do de Joshua, levou as mãos ao peito e olhou para ele com os olhos arregalados e empolgados.

– A Srta. Palmer falou que mamãe não permitiria – disse –, que *você* não permitiria. A Sra. Turner disse que mamãe não permitiria e que *você* também não. Eu perguntei e ela disse isso. Ben chorou e saiu.

– Mas *você* é uma mulher, Prue – falou Joshua com gentileza. – Às vezes quando *você* é uma mulher precisa decidir as coisas por conta própria. Mas a Sra. Turner e Ben também precisam decidir. Vou conversar com eles.

Prue abriu um sorriso alegre, então soltou uma gargalhada e começou a girar, até que estendeu as mãos para Joshua e Freyja. Eles desceram caminhando pela trilha do rio. Na verdade, mais deslizaram do que caminharam, balançando os braços como três crianças felizes.

Freyja sentiu o coração cheio de amor por Joshua. Se ela houvesse sequer suspeitado que ele era capaz de tamanha gentileza e preocupação pela vida de uma pessoa inferior – de acordo com o consenso geral –, teria fugido de Sydney Gardens naquela manhã em Bath e deixado a criada entregue à própria sorte. Teria ignorado Joshua no Pump Room. Teria...

Não, não teria.

Talvez tivesse decidido cortejá-lo com toda a determinação que conseguisse. Não teria se envolvido em um mero flerte e dado a ele a impressão de que não desejava nada além disso. Mas era tarde demais. Se tentasse conquistar Joshua agora, ele se sentiria enganado, obrigado a pedi-la em casamento.

Assim, não havia nada que Freyja pudesse fazer além de descer a trilha do rio com ele e com Prue, com o amor pesando em seu peito.

CAPÍTULO XXI



Os criados de Penhallow, tanto os que ficavam dentro da casa quanto os da área externa, trabalharam arduamente para preparar o grande baile. Não perdiam tempo com reclamações e se dedicavam com grande entusiasmo aos preparativos de um evento tão inusitado para todos.

Nem o mais antigo dos criados se lembrava da última vez em que os salões nobres haviam sido usados. E estavam sempre prontos para serem exibidos. Um viajante que fosse destemido o bastante para bater na porta era levado até lá pela governanta e tinha permissão de examinar todos os tesouros enquanto ela contava a história de cada um. Embora sempre fossem mantidos limpos, nunca parecera ter havido necessidade de banir cada grão de poeira dos salões nobres e deixar todas as superfícies cintilando.

Era uma tarefa hercúlea deixar tudo pronto a tempo – e eles teriam o prazer de aproveitar aquilo tudo, lembrou a cozinheira, que foi espiar o salão de baile quando abaixaram o grande candelabro para que as centenas de velas fossem repostas. Parecia estranho para os criados que todos houvessem sido convidados, assim como todos os membros de suas famílias, os amigos do vilarejo e das fazendas nas redondezas. Nem mesmo os que precisariam estar

trabalhando na festa estavam desapontados. A pedido de Joshua, o mordomo organizara escalas, para que os funcionários pudessem aproveitar o banquete e as danças no fim da noite.

O chefe dos jardineiros fizera uma busca atenta por flores que demorassem a desabrochar e sacrificou todo o conteúdo das estufas cuidadosamente cultivadas. Os arranjos de flores ficaram a cargo das damas da casa, supervisionadas por Chastity, que ficara encantada com tarefa. Prue recebeu permissão para ajudar. Constance e Eve eram competentes, mas Morgan era a que tinha mais jeito para decoração. Ela fez várias sugestões a Chastity, todas discutidas com enorme boa vontade. Freyja se contentou em observar, já que arranjos de flores nunca haviam sido o seu forte. A marquesa estava ausente. Segundo ela, as flores a faziam espirrar e lhe davam dor de cabeça.

A orquestra chegou no fim da tarde e foi levada aos aposentos na ala dos fundos da casa, depois de instalar e afinar seus instrumentos.

O jantar foi adiantado em duas horas, já que os convidados chegariam às 19h e as damas preferiam se trocar para o baile depois de comer. Aquele não seria um baile como os de Londres, que começava tarde e continuava até o amanhecer. A maioria dos convidados era composta por trabalhadores simples, que não poderiam se dar o luxo de ficar na cama até o meio da tarde do dia seguinte. E muitos deles precisavam viajar certa distância para chegar, embora o chefe dos cavaleiros tivesse organizado as carruagens e os outros veículos da casa para que buscassem os convidados mais idosos e os que moravam mais longe.

Na fila para receber os cumprimentos, na entrada do salão de baile, ficariam Joshua e Freyja, a marquesa, Constance, Chastity e Prue.

Joshua vestia um paletó marrom-escuro com calções justos, dourados, na altura dos joelhos, colete com bordados dourados,

camisa e meias brancas, com renda no pescoço e nos punhos. Ele olhou ao redor com satisfação. Sempre achara uma pena que os salões nobres nunca fossem usados. Sentiu o perfume das flores e percebeu como o piso recém-encerado brilhava sob a luz dos candelabros.

Ele sentiu um arrepio de prazer. Tudo aquilo pertencia a ele, e aquela noite Joshua demonstraria a todos os convidados que uma nova era começava no relacionamento deles com Penhallow e com o marquês de Hallmere. Não haveria mais uma distância impenetrável entre eles, os senhores da terra, os ricos e os privilegiados. Naquela noite começaria uma nova era para os que dependiam dele, aqueles sobre quem Joshua, gostando ou não, tinha algum poder.

Naquela noite Joshua começaria sua nova vida. Apenas uma semana antes, teria ficado horrorizado ao imaginar que talvez estivesse preso a Penhallow, um lugar que fora como uma prisão durante a infância dele, tanto pelo título, que nunca desejara, quanto pelas responsabilidades, o que tentara resolver contratando um capataz competente. Mas descobrira que essas responsabilidades iam muito além do que qualquer funcionário poderia fazer. Mas ele *estava* preso ao lugar, e eram os laços de amor, não o dever, que o mantinham ali.

Mas ele não buscava um final feliz naquela noite. Ainda havia muito a ser feito antes que pudesse começar a pensar em felicidade. Joshua soubera que Hugh Garnett voltara para casa. Não era possível ter certeza se ele iria ao baile, mas apostaria que sim. E havia a marquesa. E Freyja...

Joshua ouviu sons atrás deles e se virou para vê-la se aproximando com Morgan e Eve – Aidan e Alleyne vinham logo atrás, os dois em roupas de noite preto e brancas. Freyja cintilava em um vestido verde-claro todo bordado com fios de ouro. Era um vestido de decote baixo, com a saia solta e mangas e bainha bordadas. O cabelo estava preso para o alto em um penteado

elaborado, também entremeado com acessórios de ouro. As luvas longas e os sapatos também eram dourados.

Joshua prendeu a respiração. Quando começara a pensar nela como uma beleza? Ela não era, certo? Mas, para ele, Freyja era mais adorável do que qualquer mulher em que já pousara os olhos. Ele sorriu, pegou a mão enluvada dela, se inclinou em uma cortesia e levou a mão aos lábios.

– Você está linda, meu anjo – disse.

Ela arqueou as sobrancelhas escuras em uma expressão arrogante.

– Você também, Josh – retrucou.

Ele sorriu e se virou para cumprimentar os outros. A tia e as primas também se aproximavam com Calvin. A tia, vestida em seda negra, com enfeites de plumas na cabeça, sorria olhando ao redor, como se tudo aquilo houvesse sido ideia dela. Na verdade, a marquesa passara o dia de bom humor. Constance parecia mais bela do que em Bath, usando um vestido azul-claro e muito composta. Chastity estava de rosa, os olhos brilhando de entusiasmo. Prue, de amarelo, quase não cabia em si de tanta animação.

Os convidados começaram a chegar e logo havia um verdadeiro fluxo de pessoas, uma curiosa mistura de membros das classes mais altas, elegantemente vestidos, com moradores do vilarejo e pequenos fazendeiros e trabalhadores do campo em suas melhores roupas de domingo. Os convidados mais simples pareciam ao mesmo tempo constrangidos, satisfeitos e aturdidos quando se inclinavam em cortesias para a marquesa, que cumprimentou a todos com uma condescendência rígida. Todos ficavam mais relaxados ao cumprimentar Joshua, que apertou a mão de cada um, sempre com uma palavra gentil.

Joshua ficou satisfeito ao ver que Anne Jewell comparecera. Ele a convidara pessoalmente e insistira para que ela fosse. A ex-preceptora entrou no salão de baile com a Srta. Palmer e manteve

os olhos fixos no chão quando fez uma cortesia para a marquesa. Ben Turner foi com a mãe. Os Allwrights também foram. Isaac Perrie foi com a esposa e as duas filhas. Jim Saunders foi. Assim como Sir Rees Newton, o magistrado local, com Lady Newton e o filho deles.

Quando o fluxo de chegada de convidados começou a diminuir e Joshua anunciou sua intenção de pedir para que as danças tivessem início, não havia ninguém de quem ele conseguisse se lembrar que não estivesse ali – com exceção de Hugh Garnett. Seria um triste desapontamento se o homem não aparecesse... Mas, enquanto isso, havia um baile para aproveitar.

Joshua abriu o baile, acompanhando Freyja na primeira dança. Era uma quadrilha animada, como a maior parte das danças planejadas para a noite. No início, houve algum constrangimento, e Joshua teve que deixar seu lugar na fila, de braços dados com Freyja, para circular ao redor da pista e persuadir os casais a se juntarem à diversão. Ele ria e brincava com as pessoas e logo a fila se estendeu por toda a pista.

Depois disso, todos pareceram se entregar à diversão. Se os convidados das classes mais altas sentiram algum desconforto por roçar os ombros com os de classes mais baixas, não demonstraram. Joshua percebeu que, na segunda dança, Aidan foi o par de Anne Jewell, Alleyne dançou com uma das irmãs Perrie, que estava com o rosto tão vermelho que parecia prestes a explodir. Joshua dançou com Constance, que tivera Calvin como par na primeira dança.

– Está se divertindo? – perguntou ele.

– É claro. – Constance sorriu.

– Achei que Saunders iria exigir essa dança com você. – O capataz ainda não dançara com ninguém.

– Mamãe não iria gostar – disse a moça.

– Ela não iria. – Joshua tivera a intenção de ter uma boa conversa com Constance, mas ainda não havia encontrado tempo. – Mas *você* gostaria?

Ela o encarou sem dizer nada.

– E *Saunders* gostaria? – perguntou ele.

Constance franziu o cenho por um instante.

– Nem sempre podemos fazer o que queremos.

– Por que não?

– Ah, Joshua – falou a moça, melancólica –, gostaria de ser como você...

Mas nesse momento eles foram obrigados a prestar atenção nos passos complicados da música.

Foi no final da segunda dança que Hugh Garnett entrou no salão, junto com outros cinco homens, nenhum deles morador das vizinhanças. Joshua conversava com a Sra. Turner e com Prue e não pôde se afastar porque estava dando atenção à prima, que contava muito animada que dançara com Ben. Mas a marquesa se adiantou e recebeu os recém-chegados na porta com sorrisos atenciosos. Ela passou o braço pelo de Garnett e chamou alguém que estava do outro lado do salão. Quando virou a cabeça, Joshua viu Chastity indo na direção da mãe, um sorriso ainda no rosto, mas já sem o brilho que a iluminara até então. Garnett fez uma cortesia e disse alguma coisa antes de estender o braço. Chastity pousou o braço sobre o dele e foi conduzida até a pista, onde os casais já se reuniam para a próxima dança.

Os outros cinco homens se dispersaram pelo salão e logo se misturaram aos convidados.

Ah, pensou Joshua, assim era melhor. Ele foi buscar Morgan, sua parceira na próxima dança.



O par de Freyja na segunda dança foi Sir Rees Newton e, na terceira, Isaac Perrie, o estalajadeiro do vilarejo. Ela mal conseguia

acreditar que ele a convidara e que ela aceitara. Santo Deus, se Wulf estivesse ali congelaria o homem com um dos seus olhares glaciais apenas pela ousadia do estalajadeiro de erguer os olhos para ela. Mas Freyja descobriu que estava se divertindo imensamente. Tinha a sensação de que aquilo era o certo. Era como a vida deveria ser. E sentiu uma pontada de tristeza por aquelas pessoas, pois Joshua logo partiria – se conseguisse se livrar da ameaça que ainda pairava sobre sua cabeça –, e a vida deles retornaria à terrível normalidade sob o jugo da marquesa. Freyja também sentiu uma pontada de tristeza por Joshua. E por si mesma.

Mas não permitiria nenhum pensamento triste naquela noite. Iria se divertir.

– É bom ver Garnett de volta de sua viagem – comentou o Sr. Perrie, acenando com a cabeça para a fila de dançarinos.

– Hugh Garnett? – Freyja olhou para o parceiro, espantada. – Ele está aqui?

– Sim. – O estalajadeiro abriu um sorriso, mostrando o espaço do dente que faltava. – É o terceiro a partir do fim.

Freyja viu de relance que Hugh Garnett era um homem jovem, de cabelos escuros, bonito de um jeito estranho. E estava dançando com Chastity.

– Não se preocupe, minha jovem – disse o Sr. Perrie. – Seu camarada está a salvo de qualquer perigo.

Minha jovem? Freyja poderia ter caído na gargalhada pelo absurdo da situação se não estivesse se sentindo subitamente alarmada... e empolgada. Finalmente! Alguma coisa iria acontecer.

E aconteceu logo depois que aquela dança terminou.

Quando todos os pares saíram da pista, Hugh Garnett permaneceu. E no burburinho que se seguiu à música, ele ergueu a voz e falou para que todo o salão ouvisse:

– Sir Rees Newton – disse, e esperou um instante enquanto a atenção de todos se voltava em sua direção e as conversas davam

lugar a um silêncio surpreso –, me pergunto se percebeu, senhor, que o baile desta noite abriga um assassino e um usurpador.

Freyja olhou ansiosa para o outro lado do salão, onde Joshua estava parado, e reconheceu no mesmo instante o homem que invadira seu quarto na estalagem da estrada para Bath e o homem que ficara quieto no Pump Room, na manhã seguinte ao incidente em Sydney Gardens, esperando que ela acabasse de atacá-lo. Joshua parecia alerta, pronto para o perigo... e estava se divertindo.

– Perdão – disse Sir Rees, espantado. – Está se dirigindo a mim?

– Fico surpreso por ele ter tido a ousadia de voltar à Cornualha – continuou Garnett. – Joshua Moore assassinou o primo cinco anos atrás. Ele levou o rapaz para o mar em um pequeno barco de pesca, empurrou-o da beirada do barco e o manteve no fundo com o remo. O assassinato foi por cobiça e Joshua Moore conseguiu tudo o que desejava. O senhor pode vê-lo aqui, esta noite, como o marquês de Hallmere. Estou aqui para denunciar Joshua Moore, senhor. Fui testemunha do assassinato.

Freyja teve a impressão de que ninguém moveu um músculo sequer, à exceção de Chastity, que afundara em uma cadeira ao lado de Morgan e da marquesa, que cambaleava, com uma das mãos ao redor do pescoço.

Sir Rees parecia mais irritado do que ultrajado quando falou:

– Essa é uma alegação muito grave, Garnett. Mas esse não é o lugar nem o momento...

Outra voz o interrompeu.

– Eu estava com Hugh Garnett na ocasião – falou um homem atarracado, de aparência rude, que se destacou do meio dos convidados – e posso confirmar a evidência.

– Eu também estava lá e também confirmo – disse outro homem, magro e careca.

– Eu também, senhor.

– E eu, senhor.

– Eu também.

Cinco. E o próprio Hugh Garnett. Os joelhos de Freyja ficaram trêmulos e ela se sentiu subitamente nauseada.

– Quando o Sr. Garnett – começou a marquesa, segurando o braço dele com uma das mãos, enquanto mantinha a outra no próprio pescoço – veio a mim antes com essas acusações, eu lhe disse que jamais acreditaria nelas. Não o meu querido Joshua, que era como um filho para mim. Não a menos que o senhor conseguisse me trazer provas irrefutáveis. Mas ainda não acredito que Joshua pudesse ter feito uma coisa dessas. Me diga que há algum equívoco. Me diga que estou sonhando. Me diga que isso é alguma piada.

Freyja cerrou os punhos ao lado do corpo.

Sir Rees também se adiantou. Ele parecia profundamente perturbado, como era de imaginar. Não fora aquilo que esperara de uma noite de festa. Mas, antes que pudesse voltar a falar, Isaac Perrie se manifestou.

– Não se deixe perturbar, milady – falou em tom afável. – Esses homens são patifes mentirosos, todos eles. Eu estava na porta da minha taverna naquela noite porque uma tempestade se formava, e eu sabia que os rapazes haviam saído de barco. Vi quando a embarcação voltou. O jovem Josh... esse que agora é marquês... vinha remando e o filho da senhora nadava ao lado dele. Os dois estavam perto da praia e vi quando seu filho ficou de pé, enquanto Joshua saía remando novamente. Fiquei bravo com ele por voltar a navegar porque o mar estava muito agitado, mas Josh sempre foi bom com os remos e não me preocupei.

– Eu também os vi – disse outra voz. – Parei ao seu lado, Isaac, caso não se lembre. O primo de Joshua estava na água, num lugar que dava pé, a salvo.

– Eu os vi da rua da frente – manifestou-se uma outra voz. – Aconteceu exatamente como Isaac falou.

– Eu estava na praia com meu pai, perto do nosso barco – falou Ben Turner. – Também os vi.

– Eu os vi da janela da minha casa – disse a Sra. Turner.

Freyja abriu o leque e abanou o rosto lentamente. Seus olhos encontraram os de Morgan do outro lado do salão e as duas trocaram um meio sorriso. O que estava acontecendo era óbvio. Pelo menos uma dúzia de pessoas testemunhara o evento exatamente como Joshua o contara na época. E como se isso não fosse suficiente, alguns criados de Penhallow estavam passeando na praia particular, do outro lado do rio e também haviam visto tudo, além de um casal de trabalhadores da fazenda, que andava no topo do penhasco acima de Penhallow e vira também.

Para uma noite de tempestade, o lugar abrigara uma multidão, todos com uma excelente visão, presumindo que a lua brilhava no céu durante o fenômeno.

Freyja encontrou os olhos de Joshua, que piscou para ela.

A marquesa e o Sr. Hugh Garnett, ao que parecia, não haviam levado em consideração que Penhallow e seus arredores estavam cheios de amigos de Joshua, pessoas que o conheciam, o amavam, confiavam nele e estavam dispostas a cometer perjúrio em seu benefício.

– Eles estão mentindo, Sir Newton, todos eles – falou Hugh Garnett, ainda mantendo a acusação, com o rosto em brasa.

A marquesa cambaleou novamente, mas ninguém foi ajudá-la.

– Estão dispostos a defender um assassino porque ele os convidou para um baile. Joshua Moore não é o marquês de direito. Deveria ter sido enforcado há muito tempo. O reverendo Calvin Moore é que é o marquês de direito.

– Você! – Isaac Perrie apontou o dedo grande e largo na direção do indivíduo atarracado, de aparência violenta. – Pensei que havia lhe dito há seis anos para desaparecer daqui com esses bandidos. Você nos ouviu dizer que não precisávamos de você e do

contrabando que fazia por aqui. Foram avisados de que se aparecessem novamente, seus miseráveis, seriam arrastados até o magistrado e entregues à própria sorte... à força ou à prisão, provavelmente. Ainda assim se esgueiraram de volta, um ano depois, para sair de barco com Hugh Garnett, o antigo chefe de vocês, testemunhar um assassinato e não levantar um dedo para ajudar um homem que estava morrendo nem para prender o maldito assassino? É mesmo muito provável...

As palavras do estalajadeiro foram recebidas com palmas e risos, além de algumas palavras feias murmuradas.

Sir Rees Newton levantou as duas mãos e todos ficaram em silêncio.

– Não sei qual é a origem dessa situação – disse o magistrado –, mas me parece uma brincadeira boba e de péssimo gosto. Deveria se envergonhar, Garnett. E se amanhã eu descobrir um rastro dos seus cinco companheiros que se disseram testemunhas na minha jurisdição, eles passarão a noite na cadeia esperando pela minha boa vontade... ou pela minha *má vontade*. E quanto a vocês, testemunhas de defesa, deveriam fazer uma prece extra pela salvação de suas almas no próximo domingo, na igreja. Lady Hallmere, madame, peço desculpas pelo transtorno que essa tolice lhe causou. E, milorde. – Ele se inclinou na direção de Joshua. – Sempre acreditei no que contou sobre aquela noite e sempre acreditarei. Era conhecido como um rapaz sincero e confiável e não vi razão para duvidar disso. Sugiro que peça para que o baile seja retomado, se achar que a noite não está arruinada.

– De forma nenhuma – disse Joshua, enquanto Hugh Garnett saía pisando firme, seguido por seus cinco comparsas. – Na verdade, acho que está na hora da ceia, no salão nobre de jantar. Infelizmente não há assentos para todos, então sugiro que façam seus pratos e encontrem um lugar para se sentar. Enquanto isso,

Lady Freyja Bedwyn e eu daremos a volta pelos salões, conversando com todos. Afinal, essa é também uma celebração do nosso noivado.

Mas antes de todos começarem a se mexer, o reverendo Calvin Moore pigarreou e elevou a voz inesperadamente, usando seu tom de púlpito.

– Essa foi uma vil demonstração de maldade – falou –, ocasionada por algum problema com contrabando na cidade, no passado, em que Joshua tomou o lado da lei e da paz. Gostaria que soubessem que vim para cá com o objetivo de lidar com a compreensível perturbação que essa crise causara na minha prima, a marquesa. Não vim porque cobiçava o título. Não cobiçava e não cobiço. Sou um homem do clero e estou absolutamente satisfeito com o que tenho na vida.

Houve mais aplausos, mas a maioria das pessoas estava ansiosa pela ceia e pela oportunidade de surpreender uns aos outros repetindo cada palavra que haviam acabado de ouvir, como se tivessem a esperança de que alguém pudesse ter adormecido durante toda a cena.

Joshua se aproximou de Freyja, os olhos sorridentes e animados.

– Está vendo, coração? Às vezes é melhor manter a boca fechada e deixar que o oponente enfie os pés pelas mãos.

– Como eu fiz no Pump Room?

Ele segurou-a pelos pulsos.

– Ora, não se pode esperar que um cavalheiro concorde com uma afirmação dessas. Mas se a carapuça servir...

– Acredito que o Sr. Perrie estava se referindo a isso quando lhe reconfortou, naquela manhã – disse ela.

– Está vendo? Minha tia e Hugh Garnett não são adversários de grande valor. De certa maneira foi tudo um tanto frustrante, não?

– Mas vai alimentar as fofocas nos arredores pelos próximos cinquenta anos – brincou Freyja. – E vai fazer parte do folclore desse lugar para as próximas gerações.

Ele riu.



Joshua não pedira a nenhum deles que fizesse aquilo, nem mesmo a Perrie. E, ainda assim, todos o ajudaram, em um ato de fé cega. Porque o conheciam e conheciam Albert, não duvidaram dele nem por um instante. E nenhum deles jamais acreditara que Joshua era o pai do filho de Anne Jewell, embora ele nunca houvesse negado isso e ela tivesse demorado algum tempo para ser aceita no vilarejo. Todos haviam acreditado nele.

Era difícil pensar que havia deixado amigos assim para trás e que nunca quisera voltar.

Durante a ceia, Joshua circulou entre os convidados com Freyja, como prometeu. A única coisa que pesava no coração dele era a farsa que perpetrara contra todos. E que acabara de reafirmar, naquela noite, quando dissera aos amigos que o baile era uma celebração do seu noivado. Mas ele e Freyja não estavam noivos. Não até que conseguisse persuadi-la a mudar de ideia.

Ainda assim, não parecia justo.

Chastity tocou o braço dele no momento em que todos começavam a deixar o salão de jantar para voltar ao salão de baile. Ela parecia mortalmente pálida. Era como se estivesse mantendo a compostura apenas pelo poder da força de vontade.

– Joshua – disse Chastity –, poderia vir à biblioteca? Já chamei mamãe, Constance, o primo Calvin e Sir Rees Newton. E a Srta. Jewell. Freyja, você viria também, por favor?

Mas Joshua segurou a mão da prima e apertou-a com força.

– Não, Chass! Não! Não faça isso. Não é necessário.

– Sim. – Ela o encarou com olhos cansados, recolheu a mão e se virou. – É necessário.

Joshua fechou os olhos por um momento breve e admitiu para si mesmo que ela provavelmente estava certa. E, de qualquer modo, não havia como detê-la.

– Estamos prestes a descobrir o que *realmente* aconteceu naquela noite? – perguntou Freyja em voz baixa.

– Vamos lá conferir? – perguntou ele, oferecendo o braço a ela.

CAPÍTULO XXII



— Ninguém falou a verdade agora há pouco no salão de baile – declarou Chastity. Ela convidara todos a se sentarem e todos haviam feito isso, com exceção de Joshua, que ficou de pé, de costas para a janela, e da própria Chastity, que encostou o corpo na extremidade da escrivaninha para se apoiar. – Ninguém.

– Percebi isso, Lady Chastity – falou Sir Rees Newton. – Mas peço à senhorita que não se perturbe por causa disso. Hugh Garnett pode ser uma criatura profundamente desagradável quando se dispõe a fazer o mal e os homens que estavam com ele são um bando de canalhas repulsivos. Quanto aos que se manifestaram a favor de lorde Hallmere, ora, que eles cometeram perjúrio é tão certo quanto eu estar sentado aqui, mas aquelas pessoas o conhecem há muito tempo e claramente decidiram que a verdade tem várias facetas. Estou disposto a fingir que não fiz nada além de dançar, comer bem e aproveitar a companhia dos meus vizinhos esta noite.

– Talvez este seja o problema – disse a marquesa em um tom amargo. A máscara de doçura e gentileza havia caído. – Todos sempre amaram Joshua. Todos sempre acreditaram em cada palavra que ele disse. Ninguém, nem mesmo o meu marido, insistiu para que fosse investigado a fundo o que realmente aconteceu naquela

noite. Albert confrontou Joshua sobre a flagrante imoralidade que ele cometera com nossos criados, e então Albert morreu. Joshua foi o último a vê-lo vivo. Isso não é suspeito o bastante para ao menos plantar a semente da dúvida na cabeça de alguém?

– Sei que todos estavam mentindo – continuou Chastity, erguendo a voz e falando de modo muito claro, embora seus olhos estivessem colados no chão –, porque não havia ninguém lá fora naquela noite, nem na água nem na terra, para testemunhar o que aconteceu... Ninguém, com exceção de Joshua e Albert. E de mim.

Santo Deus! Joshua fixou a atenção na prima, tão estupefato quanto os outros. O que estava acontecendo ali?

– Eu *vi* o que aconteceu – continuou Chastity. – *Só* eu.

– E eu também, Chastity – disse Anne Jewell baixinho. – Eu estava com você.

Que diabos?

Chastity franziu o cenho para a moça, mas não a contradisse.

– Caminhei até o vilarejo – contou Chastity. – Sabia que Albert iria conversar com Joshua e o segui. Fui até a casa da Srta. Jewell primeiro, e então nós duas fomos até a casa de Joshua. Mas descobrimos que eles haviam saído de barco. Descemos até a baía para esperar até que retornassem. As nuvens já cobriam o céu e o vento ficava cada vez mais forte. Não havia mais ninguém por perto. Eu estava carregando um revólver.

– *O quê?* – exclamou a marquesa, deixando o corpo cair para trás na cadeira. No entanto, ninguém prestou atenção, e ela pareceu achar melhor não desmaiar.

– Estávamos nos abrigando do vento ao lado de um dos barcos quando vimos Joshua voltando – disse Chastity. – Ele estava remando. A princípio pensamos que Albert não estava com ele, mas logo vimos meu irmão nadando ao lado do barco. Quando eles chegaram perto da praia, Joshua deu meia-volta e Albert veio andando pela água em direção à areia.

– *Obrigado, Chass* – falou Joshua com firmeza, dando um passo à frente. – Isso é tudo o que precisa ser dito. Confirma o que falei o tempo todo. Vamos...

Freyja se levantou de sua cadeira e se aproximou de Joshua, pousando a mão no braço dele.

– Precisamos saber o que aconteceu com Albert – disse Calvin –, se ele realmente chegou a salvo à praia.

– Eu o confrontei – confessou Chastity. – Com a arma. Apontei para ele e não o deixei sair da água. Disse a Albert que ele ficaria ali e congelaria até prometer procurar o papai e confessar tudo, até prometer ir embora de Penhallow e nunca mais voltar.

– Ah, Chass – falou Constance. Ela olhou para Anne Jewell com uma expressão triste. – *Albert* era o pai do seu filho, não é? Acho que sempre soube. Só não *queria* saber, embora nunca tivesse acreditado que fora Joshua.

– Garota perversa! – exclamou a marquesa, olhando com raiva para Chastity. – Jamais acreditarei nisso. Jamais! Você é uma mentirosa. Assim como Joshua. Mas mesmo se fosse verdade, você ameaçou seu próprio irmão, sangue do seu sangue, com a morte e a expulsão de casa simplesmente porque ele procurou prazer com uma mulher que sempre se insinuou para Albert, sempre dando um jeito de chamá-lo para a sala. Ah, sim, senhorita. Não ache que eu não percebia.

– Não havia buraco de bala no corpo – interrompeu Sir Rees. – Seu irmão se afogou, Lady Chastity.

– Ele riu de mim – continuou ela. – Disse que não *precisava* sair do mar, que pretendia nadar um pouco mais porque a noite estava deliciosa. Então Albert voltou para a água e acabou se afogando. – Chastity cobriu o rosto com as mãos. – Se alguém o matou, fui eu.

Constance se levantou e atravessou a sala correndo para tomar a irmã nos braços. Chastity a abraçou por um momento, mas logo a afastou com gentileza.

– Não foi por causa da Srta. Jewell – voltou a falar –, embora isso fosse ruim o bastante. Mas a Srta. Jewell foi vítima de Albert apenas porque ela o afastava do quarto das crianças, levando-o para a sala de aula.

– Rá! – gritou a marquesa, fazendo um gesto amplo com os braços, numa expressão de incredulidade.

– Chastity – pediu Anne Jewell. – Por favor, já chega.

– Chass – falou Joshua. – Deixe as coisas como estão. Não precisa dizer mais nada.

Mas ela continuou:

– Fiquei feliz quando descobri que ele estava morto. Fiquei *feliz*. Que Deus me ajude, mas ainda me sinto feliz. Prue tinha 13 anos. *Apenas 13 anos!* E era irmã dele. Mas Albert achou que, porque Prue tinha a mente de uma criança, a vontade de agradar de uma criança e fazia o que diziam para ela fazer, ele poderia se aproveitar dela como quisesse. Eu... eu quase lamento que ele não tenha me dado um bom motivo para atirar nele.

A marquesa deu um gritinho e caiu para trás na cadeira. Dessa vez, Constance percebeu que era de verdade, correu até a mãe e pegou a mão dela. Chastity se deixou cair contra a escrivaninha. Calvin pigarreou.

– Lamento muito, Chastity – disse Freyja.

– Confirmo tudo o que Lady Chastity disse – falou Anne Jewell. – Dou a minha palavra.

Sir Rees Newton se levantou.

– Já ouvi o suficiente. Agradeço por me convidar a vir até aqui ouvir esses terríveis segredos de família, Lady Chastity. Não duvidava da história de lorde Hallmere, mas seu relato afastou qualquer dúvida que pudesse ter restado. A senhorita não foi responsável pela morte do seu irmão. Como magistrado, eu a absolvo de qualquer culpa. Quanto ao sofrimento que cerca toda

essa tragédia... Bem, não tenho nada ver com isso. Vou deixar vocês e me juntar à minha esposa no salão de baile.

Ele fez uma cortesia e deixou a biblioteca sem dizer mais nada.

– Aquela garota, aquela Prudence – disse a marquesa, afastando Constance com um safanão e endireitando o corpo na cadeira – vai ser levada desta casa e trancada em um hospício, que é o lugar a que pertence. Nunca teria acontecido nada disso se ela não ficasse se exibindo diante de Albert o tempo todo... não que eu acredite que ele tenha feito algo além de demonstrar o afeto de um pai. Albert sempre foi um menino adorável. Nunca mais quero colocar os olhos nessa garota. Ela partirá pela manhã. Primo Calvin, por favor, cuide disso. Você é um clérigo, deve conhecer algum lugar para onde ela possa ser levada.

– Se Prue for, irei com ela – declarou Chastity.

– Basta! – falou Joshua, com a voz firme e autoritária. – Já houve danos demais por aqui nas últimas semanas. Eu tinha a esperança de que essa terrível história nunca viesse à tona, mas talvez precisemos levar a sério aquela antiga crença de que a verdade sempre aparece. Talvez isso precisasse acontecer. Mas é preciso lembrar que Prue é a mais inocente de todas as vítimas inocentes dessa história. Ela permanecerá nesta casa, na *minha* casa, pelo tempo que desejar, e será sempre bem-vinda aqui, mesmo depois que partir.

– Prudence é *minha* filha – gritou a tia.

– E está sob a minha tutela – Joshua lembrou a ela. – Mas não vamos ficar falando sobre ela como se fosse um ser inanimado. Prue é uma mulher, tem sentimentos e vontades próprias. É capaz de escolher o próprio futuro e decidir o rumo que quer dar à própria vida. Na verdade, já escolheu. Ela vai se casar com Ben Turner.

A marquesa o encarou em silêncio, então ficou de pé para confrontar o sobrinho, o rosto pálido e distorcido pela raiva.

– Você vai permitir que Lady Prudence Moore se case com um pescador? – perguntou a marquesa.

– Farei o anúncio assim que voltarmos ao salão de baile – avisou Joshua. – Venha comigo, sorria e pareça feliz. Amanhã discutiremos os detalhes. Essa noite precisamos entreter os convidados.

A tia olhou por cima do ombro dele, estreitou os olhos e cerrou os lábios.

– É tudo culpa sua – disse ela, parando diante de Freyja. – Se você não tivesse usado seus truques para seduzir Joshua em Bath e o roubo de Constance, ele estaria noivo *dela* e seríamos uma família feliz, como sempre deveríamos ter sido. E agora você vem aqui para invadir Penhallow e se pavonear com sua família orgulhosa e insolente.

Freyja ergueu as sobrancelhas e ficou olhando para a marquesa em um silêncio frio e desdenhoso.

Joshua viu, estarrecido, a tia levantar a mão e acertar um tapa no rosto de Freyja. Ele chegou a estender o braço para evitar, mas era tarde demais.

Freyja então armou o golpe com o braço direito e acertou um soco no nariz da marquesa, que caiu para trás como um saco de trapos.

Calvin pigarreou. As outras damas pareciam estar esperando pela próxima cena. Joshua percebeu que uma das plumas do penteado da tia se partiu ao meio.

– Estava começando a temer – falou Freyja – que ela nunca fosse me provocar o bastante para me permitir fazer isso. Estou muito satisfeita por ter feito.



Por volta da meia-noite, o baile já terminara e os convidados tinham voltado para suas casas, todos assegurando a Joshua que nunca haviam tido uma noite melhor. Freyja imaginava que o drama no meio do baile só aumentara o deleite de todos.

O anúncio do noivado de Prue e Ben e a felicidade que parecia se derramar dos dois levou até mesmo Freyja à beira das lágrimas. Ela piscava com força para afastar a emoção – Lady Freyja Bedwyn não cederia a lágrimas tão facilmente.

Para surpresa de todos, a marquesa voltou ao salão de baile com o resto da família. O nariz dela ficara um pouco vermelho por algum tempo e as duas plumas restantes do penteado tiveram que ser rearrumadas, mas ela se recompôs e montou novamente seu habitual sorriso de mártir.

Freyja percebera que o par de Constance nas três últimas danças fora James Saunders, o capataz de Joshua, que não dançara nem uma vez sequer até então. Constance, sempre tranquila, digna e contida, subitamente não escondia mais o brilho do amor que iluminava seus olhos. Ela parecia muito bela. Depois dos primeiros cinco minutos, o Sr. Saunders passou a agir da mesma forma.

– Foi uma noite maravilhosa, Joshua – disse Eve, no salão de baile quase vazio. A marquesa e o reverendo Calvin Moore haviam se retirado. Chastity e a Srta. Palmer levaram Prue para o quarto. Constance desaparecera com o Sr. Saunders. – Já estivemos em bailes comunitários na estalagem do vilarejo perto da nossa casa, não é mesmo, Aidan? Mas, nesta noite, percebi que devemos convidar todos para a nossa casa, talvez para uma festa de verão nos jardins, ou uma festa de Natal, ou...

Aidan riu e passou o braço pela cintura dela.

– Ou ambas, meu amor – falou. – Você sabia que teria tantas pessoas o apoiando aqui essa noite, Joshua?

– Permita-me dizer apenas que não fiquei surpreso – respondeu Joshua com um sorriso.

– Foi impagável – acrescentou Alleyne. – Só lamentei não ter havido algumas trocas de socos. Gostaria muito de ter acertado o sorrisinho daquele Garnett. Mas acho que não seria adequado com tantas damas presentes, não é mesmo?

– Eu, ao menos, tive o prazer de acertar o rosto da marquesa – disse Freyja. – Nunca me senti tão feliz quanto na hora em que ela me deu aquela bofetada.

– Está vendo? – Morgan jogou as mãos para o ar. – Perdi toda a diversão. Você não me conta *nada*, Freyja. O que aconteceu?

– É uma longa história – respondeu Freyja. – E não cabe a mim contar.

– Todos vocês vieram aqui para me dar apoio quando eu estava prestes a ser acusado de assassinato – falou Joshua. – Acredito que todos têm o direito de saber a verdade. Sei que posso contar com a discrição de vocês.

Ele fez um breve relato do que fora revelado na biblioteca.

– Ah, Prue – disse Eve quando Joshua terminou de falar, fechando os olhos e passando o braço pela cintura de Aidan. – Minha doce e inocente Prue. Mas ela teve Chastity e a Srta. Jewell para defendê-la. E agora tem Ben Turner, aquele jovem tão belo e confiável. Acredito que ela será feliz. – Ela fez uma pausa. – Acho que gostaria de me recolher agora.

Aidan beijou o topo da cabeça da esposa.

Freyja olhou para eles com uma expressão melancólica. Nunca vira nenhuma demonstração pública de afeto entre os dois antes.

– Eu não – disse. – Preciso de ar fresco, de exercício, do vento no meu rosto. Você me leva até a praia, Josh?

Alleyne sorriu para a irmã e ergueu as sobrancelhas, mas não fez comentários e não protestou. Todos foram dormir enquanto Freyja trocava de roupa, colocando um vestido de lã e uma capa quente, com capuz, além de sapatos fechados. A noite estava muito fria, porém bastante clara. Não seria necessário usar um lampião para

iluminar o caminho até o vale, ao longo da trilha do rio e depois até o mar. Joshua também trocara as roupas elegantes que usava, percebeu Freyja quando o encontrou no saguão.

Havia uma sensação depressiva de anticlímax que precisava ser levada pelo vento. Joshua já não corria mais riscos, depois da inacreditável cena no salão de baile. Todas as incertezas sobre a noite da morte de Albert haviam sido esclarecidas. Estava terminado. Não havia mais nada que precisasse ser feito.

Nada mais os prendia a Penhallow.

Nada mais os mantinha juntos.

– Você ficará para o casamento de Prue? – perguntou ela.

– Sim – disse Joshua.

– Durante o mês inteiro, enquanto os proclamas são lidos? – perguntou Freyja. – Vai aguentar esse tempo todo aqui por amor a ela?

– Sim.

Ele não era o tipo de pessoa que Freyja pensara. Essa percepção a irritara alguns dias antes. Agora, no entanto, ela estava feliz por isso, feliz por ter tido a oportunidade de descobrir quem Joshua realmente era.

– E depois? Tudo aqui seguirá como sempre foi? E você irá... sair pelo mundo novamente? Voltar a aproveitar a vida?

– Tenho a sensação – disse Joshua – de que o casamento de Constance também não irá demorar. Acho que esta noite ela finalmente acordou para várias coisas. Estava quase fazendo uma declaração pública de seus sentimentos por Jim Saunders, e ele parecia estar disposto a ser persuadido a se casar com alguém de uma classe superior.

– Você aprovaria o casamento deles, então? – Freyja se perguntou o que Wulf diria se ela se deixasse levar por um romance com um dos capatazes dele.

– Sim. Mas minha aprovação não tem a menor importância, não é mesmo? Constance é maior de idade, não sou guardião legal dela. E, como Prue, ela é absolutamente capaz de decidir o que a fará feliz. Não consigo pensar de forma dinástica, Freyja. Não fui criado dessa forma.

– Então vai ficar para esse casamento também?

Eles estavam chegando ao fim do vale e a encosta íngreme já não os protegia mais do vento frio do oeste, que agora fazia as capas de ambos voarem.

– Sim – retrucou ele. – Gostaria que eles ficassem na casa da viúva, mas terei que resolver alguns detalhes antes.

– E a pobre Chastity será deixada sozinha em Penhallow com a mãe – falou Freyja. – Mas ao menos ela terá as irmãs por perto.

– Minha tia não irá mais viver em Penhallow – disse Joshua, olhando nos olhos dela. – Penhallow vai ser a *minha* casa.

– Ah. – Freyja o encarou com certa surpresa. Mas não conseguia pensar em mais nada para dizer. Sentia-se um pouco magoada por alguma razão que não sabia explicar.

– Minha tia terá que morar na casa da viúva se não houver outra solução – disse ele. – Mas vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance para encontrar outro lugar para ela. E tenho a impressão de que ela não vai querer viver tão próxima de mim.

– E Chastity?

Ele suspirou.

– É minha tutelada, não minha prisioneira. Não posso decidir o que ela vai fazer. Talvez escolha ir para onde a minha tia for. Talvez prefira morar com Constance... ou pode querer permanecer aqui. Vou dar a ela a oportunidade de passar uma temporada social em Londres, embora não tenha certeza de como vou fazer isso. Mas sou o marquês de Hallmere, não sou? Um homem de importância e influência. – Ele sorriu para ela.

Eles circundaram o promontório e as largas faixas de areia da praia se estenderam diante deles, os penhascos se erguendo de um lado e o mar do outro. Freyja podia ouvir o barulho do mar e ver a luz da lua cintilando em sua superfície. Estava mais frio ali, o ar úmido e salgado. Ela levantou o rosto e respirou fundo várias vezes.

Então era isso. Joshua iria ficar ali. Iria assumir suas responsabilidades como chefe da família. Iria se assentar. Sem ela.

– Talvez eu o veja em Londres na próxima primavera, então – disse ela. – Morgan será apresentada à sociedade.

– Quero a primeira valsa no primeiro baile – retrucou ele. – Só valsamos uma vez, Free, e até essa vez foi interrompida pela necessidade de correr atrás do mestre de cerimônias para anunciar nosso noivado.

Eles atravessaram a praia, o vento batendo em seus rostos.

– A primeira valsa está reservada.

Eles caminharam em silêncio por algum tempo. Não se tocavam. Freyja tinha as mãos dentro da capa. As de Joshua estavam cruzadas nas costas.

– A maré está subindo – avisou Joshua. – Mas temos bastante tempo antes de ficarmos presos no vale.

– Você acha que ele cometeu suicídio?

– Albert? – Joshua ficou em silêncio por alguns instantes. – Ele deve ter percebido que estava muito encrocado. Sabia que a mãe não conseguia ver nada errado nele e o pai era um fraco. De qualquer modo, não parecia o tipo de homem que tiraria a própria vida. Mas quem sabe? Chass lhe dera um ultimato. E eu também. Eu disse a Albert que se ele ainda estivesse a vinte quilômetros de Penhallow na noite seguinte, eu o mataria com as minhas próprias mãos. Não acho que teria feito isso, mas com certeza *teria* dado uma boa surra nele. E ele também sabia disso. Acho que foi pego pelo frio ou teve câibras. Albert era uma criatura terrível, cruel. Sempre suspeitei que ele também estivesse envolvido naquela

tentativa de montar o posto de contrabando. Mas agora chega desse assunto.

Joshua parou de caminhar e ficou parado olhando para o mar. Freyja parou ao lado dele, sentindo toda a vasta maravilha do universo e a empolgação de fazer parte dele.

– Freyja – disse Joshua –, o que você vai fazer pelo resto de sua vida?

Ah, não! Ela ficou alerta pelo tom da voz dele e pelo fato de tê-la chamado de *Freyja* e não de *Free* ou de *coração*.

– Seja o que for – retrucou Freyja, erguendo o queixo –, será feito sem você, Josh. Não sou uma de suas pontas soltas que devem ser amarradas antes que você possa se enraizar aqui. Nunca foi parte do nosso trato que você se sentisse obrigado a me pedir em casamento.

– E se o que eu sinto não for obrigação? – perguntou ele.

Mas a garganta dela ficara seca e dolorida, e Freyja se deu conta de que, se ele dissesse mais uma única palavra, ela começaria a chorar. Como Joshua ousava? Ela não precisava daquilo. Freyja virou-se e olhou para os penhascos. A lua estava acima deles. Não pareciam tão íngremes olhando dali.

– Vou subir – declarou ela.

Joshua suspirou.

– Muito bem, então – disse ele –, é mais prudente voltarmos. A maré está subindo rápido.

– Não, vou subir até *lá*. – Ela apontou para o topo dos penhascos. Freyja percebeu a familiar fraqueza nos joelhos e a falta de ar que costumava sentir quando se forçava a fazer coisas perigosas, principalmente aquelas de que mais tinha medo.

Joshua riu.

– Voltarei pela manhã, coração – disse –, para recolher o que sobrar de você. Não, não conseguirei fazer isso, não é mesmo? Os

restos já terão sido levados pela maré. – Ele respirou fundo. – Que diabos você está fazendo?

– Vou subir nos penhascos – reafirmou ela.

– Por quê? – Joshua emparelhou com Freyja. – Ainda não estamos isolados pela maré.

– Por quê? – repetiu ela. – Que pergunta idiota, Josh. Porque os penhascos estão lá, ora.

Ela afastou a capa para trás das costas, encontrou o primeiro ponto de apoio para os pés e para as mãos e ergueu o corpo. Então olhou para baixo por cima do ombro.

– Vou chegar ao topo antes de você! – disse Freyja, desafiando-o.

CAPÍTULO XXIII



O que eu deveria ter feito, pensou Joshua, era tê-la arrancando da encosta do penhasco e arrastado-a de volta para casa pela trilha, à força se necessário. E seria necessário, é claro. Ele a teria colocado debaixo do braço ou a jogado por cima do ombro, evitando os golpes dela e fechando os ouvidos às pragas que ela rogaria. Mas ao menos Freyja ainda estaria viva quando ele a colocasse no chão, a salvo, em Penhallow.

Teria sido a atitude mais responsável a tomar, e ele se cobrira com o manto da responsabilidade que passara a usar ao longo da última semana. Havia se tornado uma nova pessoa, um adulto maduro, um marquês sóbrio, um homem sábio. Preparava-se, agora, para se deixar envolver pela respeitabilidade enfadonha e por uma meia-idade prematura.

Mas o que estava fazendo, então, em vez de arrastar Freyja para casa em segurança?

Estava escalando os penhascos atrás dela.

No meio da noite, com um vento forte soprando.

E com ela toda enrolada nas próprias roupas.

Também dava boas risadas. Que imenso absurdo era tudo aquilo! E como era inegável a empolgação pelo perigo iminente!

Não que fosse tão perigoso quanto parecia. Na verdade, apesar de bastante íngremes, os penhascos tinham um bom número de reentrâncias perfeitamente localizadas para servir de apoio aos pés e às mãos. É claro que, depois que se começava a escalada, não havia como voltar. Em primeiro lugar, porque descer da encosta de um penhasco é muito mais difícil do que subir. E, em segundo, porque a maré já estava na boca do rio e não havia mais como alcançar o vale, a não ser a nado.

Joshua não estava disputando para ver quem chegava primeiro. Ele se mantinha o mais próximo possível de Freyja, ligeiramente abaixo dela, quase como se acreditasse que conseguiria agarrá-la caso ela escorregasse. Mas talvez pudesse ajudá-la de algum modo se ela ficasse sem saber como continuar a subir. Ele não lhe oferecera ajuda, é claro. Não queria distraí-la. Quando ela parava, às vezes por um minuto inteiro, ele ficava quieto onde estava.



Joshua sabia que assim que chegassem ao topo iriam desmoronar, os joelhos bambos e absolutamente inúteis por alguns minutos. Também se deitariam de costas sobre o abençoado terreno plano, agarrando-se a ele como se temessem deslizar no espaço a qualquer minuto. E iriam jurar, como ele jurara todas as vezes que fizera aquela escalada quando menino, que *nunca mais* seriam tão tolos.

Os últimos metros eram os mais difíceis, onde a rocha sólida era entremeada com terra, mato e pedras soltas. Ali, o perigo de encontrar um falso apoio para os pés e deslizar pela encosta era muito real. Joshua lembrou que na primeira vez em que escalara ficara imóvel por cerca de meia hora, a menos de dois metros do topo, incapaz de mover um músculo, embora dissesse a si mesmo que *precisava* fazer aquilo antes que perdesse o controle da bexiga.

Freyja não cometeu o erro de ficar parada por muito tempo. Joshua já tentara imaginar como agiria se isso acontecesse. Ele subiu depois dela acima da entrada da mesma reentrância onde haviam se sentado alguns dias antes e se deitou de barriga para baixo sobre a grama, arfando.

Depois de uns cinco minutos, Freyja foi a primeira a começar a rir.

Joshua a acompanhou.

Eles ficaram deitados lado a lado, se agarrando ao mundo como se esperassem que a força da gravidade se consumisse a qualquer momento, sacudindo-se de tanto rir.

– Acho que venci – disse Freyja, fazendo com que os dois caíssem na gargalhada de novo.

– Você tem medo de altura?

– Sempre tive – admitiu ela.

Os dois riram tanto que ficaram sem ar.

Joshua se virou de lado para encará-la, e Freyja fez o mesmo.

– Você não está achando a noite fria, está? – perguntou ele.

– Fria? – Ela ergueu as sobrancelhas. – *Fria?*

Eles se aproximaram e logo os braços estavam ao redor um do outro, as bocas coladas, beijando-se com a urgência de dois loucos que haviam acabado de vencer a morte.

Os corpos dos dois se encaixaram, em um emaranhado de roupas, braços e pernas, calor e umidade, e uma urgência imensa no âmago de ambos. Fizeram amor com vigor, paixão e alegria.

– Meu coração, meu amor – murmurava Joshua quando sua boca estava livre.

– Meu amor. Ah, meu querido – sussurrou Freyja de volta.

Eles explodiram em um clímax poderoso juntos... talvez três minutos depois de terem começado tudo. Como se depois de chegarem ao topo do penhasco, estivessem disputando uma corrida... que, como era apropriado, terminava empatada.

Os dois arfavam novamente, e Freyja ria de novo, junto ao ombro de Joshua, que passara o braço sob o corpo dela e os cobrira com as capas.

– O que foi isso? – perguntou ele, a boca contra o ouvido dela. – Minha audição ficou subitamente comprometida? *Meu amor? Meu querido?* A paixão e o desejo a fizeram se soltar, coração?

Ela parou de rir, mas não disse nada.

– Sem palavras? – sugeriu Joshua.

– Não estrague isso, Josh – pediu Freyja.

– O que estragará tudo para mim – disse ele – será ver você partir e ter que sorrir animado, como se estivesse feliz em vê-la ir embora para planejar nosso casamento. E então esperar pela sua carta rompendo oficialmente o nosso noivado. E depois ter que valsar com você na próxima primavera, tendo vivido todo o inverno esperando por aquela única hora. E, por fim, ter que passar o resto da minha vida sem você.

Joshua ouviu quando ela deixou escapar um suspiro lento e profundo.

– Não há necessidade... – começou a dizer Freyja.

– *Maldição!* – Ele a interrompeu antes que ela começasse o discurso pronto. – Vamos ser sinceros um com o outro ao menos uma vez, Freyja. Já tenho mentiras, segredos e equívocos pelo resto da minha vida. Se tudo isso não tiver sido nada além de uma travessura para você, tudo bem. Diga isso honestamente e eu a deixarei ir sem dizer nem mais uma palavra... a menos que você esteja esperando um bebê, é claro. Mas, se está pretendendo me deixar porque acha que deve honrar a cláusula temporária do nosso acordo e porque acha que estou sendo irritantemente nobre na minha oferta de tornar nosso noivado real, então pare com isso, coração. Seja honesta comigo. Você me ama?

A voz dela soou tão normal que o tranquilizou – fria e arrogante como sempre.

– Ora, é claro que eu amo você – disse Freyja.

– É claro. – Ele a abraçou com força, sem conseguir parar de rir por algum tempo. – E então, vamos permitir que um pequeno acordo arruíne o resto de nossas vidas?

– Sempre que brigarmos – argumentou ela –, e nós *vamos* brigar, Josh, cada um de nós vai se perguntar se o outro se sentiu coagido a casar.

– Que tolice! – falou ele. – Você não confia em mim, Freyja? Estou dizendo que amo você, que a adoro, que não consigo imaginar felicidade maior do que passar o resto da minha vida amando, rindo, discutindo e até mesmo brigando com você. E acredito que vá ser sincera comigo. Você me disse que me ama... que é claro que me ama. Isso inclui querer se casar comigo, viver aqui comigo por toda a sua vida, ter bebês comigo e se divertir comigo? Inclui compartilhar as tristezas da minha vida? E todas as alegrias?

– É claro que inclui esses desejos. Mas, Josh, estou apavorada.

– Por quê? – perguntou ele.

Freyja estava com o rosto pressionado no ombro dele.

– Nunca soube bem o que fazer diante do amor, do noivado e da perspectiva de casamento – disse ela. – Se eu me entregar à felicidade agora, ela talvez evapore diante dos meus olhos.

– Ah, coração – disse ele. – O que aconteceu no outro dia, quando você ficou com medo do mar?

– Eu não fiquei...

– O que aconteceu?

Houve um breve silêncio.

– Eu o persuadi a me levar até a ilha – respondeu ela.

– E?

– E insisti em remar parte do caminho de volta.

– Mesmo você tendo que trocar de lugar comigo no barco – lembrou Joshua. – E o que você fez esta noite, quando estava apavorada com a altura dos penhascos?

– Eu os escalei.

– E agora está apavorada com a ideia de me amar. O que vai fazer a respeito?

Freyja afastou a cabeça do ombro dele e o encarou irritada.

– Vou amá-lo de qualquer modo. E *não* faça a próxima pergunta, Joshua, se ainda admira o formato do seu nariz. Você me lembra tudo o que eu detestava em todas as minhas preceptoras, fazendo perguntas e tentando arrancar respostas certas aos pouquinhos. Vai me perguntar o que planejo fazer sobre o meu pânico em relação a um noivado e um casamento de verdade com você.

Joshua a encarou de volta e não disse nada.

– Estamos noivos – continuou ela. – É... é isso que vou fazer. Estamos realmente noivos. Mas, se você morrer antes do nosso casamento, Josh, vou persegui-lo no céu e no inferno depois da minha morte e estrangulá-lo. Está me ouvindo?

– Sim, coração – disse ele, em um tom obediente. – Quero me ouvir dizer isso, Free. E quero ouvi-la responder.

Ele se sentou, checou a distância da beira do penhasco e se ajoelhou na posição clássica para essas situações. Então pegou uma das mãos dela e abriu seu sorriso mais encantador.

– Lady Freyja Bedwyn – disse –, me daria a honra de aceitar a minha mão em casamento? Sabendo que é um enlace puramente de amor de ambos os lados?

– Você está sendo tolo – comentou ela.

– Eu sei, meu anjo. – Ele jogou um beijo para ela. – Mas quero que você possa se gabar disso para os nossos netos um dia... que o avô deles se ajoelhou e implorou para que se casasse com ele.

– Eles jamais acreditariam. Bastaria olhar para a velha dama que eu terei me tornado e então para o belo cavalheiro idoso que você se tornará. – Ela se sentou e suspirou. – Mas eu me lembrarei desse momento por toda a minha vida e devo dizer que a lembrança sempre trará lágrimas aos meus olhos quando eu souber que

ninguém está olhando. Sim, eu aceito, meu amor. Eu me casarei com você... mas apenas porque será um enlace de amor mútuo.

Ela permaneceu sentada e ele ficou ajoelhado, os dois sorrindo um para o outro como um casal feliz. Enquanto o vento soprava os cabelos dela, Joshua estava muito consciente da longa e íngreme queda a menos de um metro de seus tornozelos.

– Continuo esperando sentir o peso dos grilhões do casamento – disse Joshua –, mas simplesmente não está acontecendo. Sou um homem noivo e nunca me senti mais livre. Vamos voltar para casa e acordar todo mundo para contar a novidade?

– Mas não seria novidade para eles, certo?

– Meu Deus, tem razão... – Ele sorriu. – Mas temos que celebrar de algum modo, coração. Alguma sugestão?

– Ah, Josh – disse ela, abrindo os braços –, pare de falar bobagens e venha aqui.

– Ótima ideia!



Freyja soube que Joshua saíra para resolver alguns negócios quando perguntou por ele na manhã seguinte. Mal continha sua empolgação pouco habitual, mas não havia ninguém para quem contar a novidade. O que diria?

Estou apaixonada?

Estou noiva?

Vou me casar?

Com Joshua?

Além do fato de que todos a olhariam como se ela houvesse enlouquecido de vez, era tudo muito aquém do estilo dela. Não era o tipo de pessoa dada a demonstrações exuberantes de sentimentalismo.

Freyja optou, então, por fazer uma caminhada até o vilarejo. Havia algo que precisava fazer... e tinha que estar sozinha. Ninguém deveria saber a respeito. A simples ideia de que alguém pudesse descobrir lhe dava arrepios.

– Bom dia – disse Freyja, quando Anne Jewell abriu a porta do chalé, após ela bater. – Não! – Ela ergueu a mão quando a mulher fez um gesto como se convidando-a para entrar. – Não vou entrar nem perturbá-la mais do que o necessário.

– Mas... – começou a dizer Anne Jewell.

– Não, obrigada. – Freyja manteve a mão erguida. – Corrija-me se eu estiver errada, mas acredito que não se sinta muito feliz morando nesse vilarejo, não é?

O sorriso caloroso da mulher perdeu um pouco do brilho.

– Todos aqui têm sido muito gentis comigo – disse –, principalmente Joshua... lorde Hallmere. Mas não precisa se preocupar. Não vou mais aceitar a ajuda financeira dele. Tenho a esperança de conseguir novos pupilos logo.

Freyja estalou a língua.

– Acha que eu me importo que ele lhe dê uma pequena ajuda financeira? Olhei para você e vi uma mulher inteligente, que nunca reclamou de seu fardo, apesar de ele lhe ter sido impingido injustamente, por uma atitude nobre de autossacrifício. Vi também uma mulher que manteve o próprio orgulho. Seu desejo é ensinar?

A Srta. Jewell pareceu desconfiada.

– Sempre foi o meu sonho – disse. – Mas minha família nunca teve posses, embora eu tenha tido sorte o bastante para conseguir me educar. Sempre quis ensinar.

– Tenho um emprego para você, se estiver interessada – ofereceu Freyja. – É em uma escola para moças, em Bath. É um lugar muito respeitável e paga um salário que sustentará você e o seu filho com certo conforto. A propósito, terá permissão para levá-lo com você. Meu procurador entrou em contato comigo há cerca de

uma semana dizendo que o estabelecimento está precisando de outra professora... de geografia, creio.

Anne Jewell ficou encarando-a.

– Tenho certa influência na escola – explicou Freyja.

A preceptora umedeceu os lábios.

– É o que eu mais gostaria – disse ela, a voz pouco mais do que um sussurro. – Eles sabem que David não é fruto de um matrimônio?

– Sim. E isso não será um impedimento se você provar seus bons serviços como professora.

– É o que farei. – Ela levou a mão ao pescoço e fechou os olhos com força. – Ah, meu Deus, certamente provarei. Uma escola! Em Bath! Como poderei agradecer, Lady Freyja?

– Da seguinte forma – disse Freyja com objetividade: – para todos os efeitos, foi o procurador, Sr. Hatchard, quem conseguiu o cargo para você e checkou suas referências. Foi ele quem respondeu sua carta perguntando por um cargo e quem lhe ofereceu o emprego. Meu nome nunca deverá ser mencionado a ninguém, está entendendo? Principalmente dentro das paredes da escola da Srta. Martin. E menos ainda para a própria Srta. Martin.

A Srta. Jewell a encarava com os olhos arregalados.

– É claro – respondeu. – Sim, é claro.

– O Sr. Hatchard escreverá para você dentro de uma ou duas semanas com uma oferta formal, além de todos os detalhes e as passagens para você e seu filho. Tenha um bom dia, Srta. Jewell.

Foi naquele momento que a porta já meio fechada se abriu e o menino saiu... com Joshua atrás dele.

– Estou pronto, mamãe – falou a criança, muito animada. – Veja! Mãos limpas. – Ele mostrou as mãos para que a Srta. Jewell inspecionasse, primeiro as palmas e então as costas.

Freyja desejou ardentemente se tornar invisível. *Maldição, será que Josh ouviu tudo?* Ele olhou para ela com uma expressão que

misturava alegria e surpresa.

– Ah, Freyja – disse –, você também está aqui? Vim pegar David. Pensei em organizar um passeio com as crianças hoje.

– Vim me despedir da Srta. Jewell – explicou Freyja –, já que logo voltarei para Lindsey Hall. Para começar a planejar o casamento. – Para seu horror, ela percebeu que estava corando. Então o encarou com raiva, as narinas dilatadas, quando ele piscou lentamente para ela, fazendo com que as lembranças da noite anterior a invadissem.

Eles caminharam de volta para casa juntos, David montado no cavalo de Joshua, feliz e orgulhoso, enquanto ele puxava o animal.

– Se eu soubesse que você iria visitar Anne – comentou Joshua –, teria esperado por você, Free. Teríamos ido juntos, a cavalo.

– Sim... – começou ela, em tom cauteloso –, essa foi apenas uma das várias coisas que ainda tenho a fazer antes de partir.

– Coração – disse ele, baixinho –, você é uma fraude.

Ela virou rapidamente a cabeça e encontrou os olhos sorridentes de Joshua.

– Mas não precisa temer. Seu segredo está seguro comigo.

– Segredo? – Ela franziu o cenho.

– Qual é a sua ligação com a Srta. Martin? – perguntou Joshua.

– Josh – retrucou ela –, eu poderia matá-lo por estar naquela casa essa manhã. Imagino que estivesse com o ouvido colado ao buraco da fechadura.

– Não havia necessidade, coração. Foi você quem se recusou a entrar e forçou Anne a ficar parada do lado de fora com a porta meio aberta. Se houvesse entrado, teria me visto. Eu não estava tentando me esconder.

– A mulher era minha preceptora – confessou Freyja. – Eu a tratei muito mal, ela foi dispensada por ser incapaz de me controlar e então cometeu a afronta de se recusar a permitir que Wulf lhe arrumasse outro emprego. Ela abriu uma escola em Bath e estava

prestes a morrer de fome quando eu soube a respeito. O que mais eu poderia fazer? – Ela o encarou irritada.

Joshua sorriu para ela e piscou o olho novamente. O menininho riu quando o cavalo relinchou e jogou a cabeça para trás.

– Acho que você vem sendo a benfeitora da escola desde então – concluiu ele. – A benfeitora *anônima*.

– A Srta. Martin me odeia. Se ela soubesse, recusaria toda a ajuda e não teria o que comer. E eu teria que viver com a culpa. Seria rude e injusto.

Ele riu de novo, enfurecendo-a. David chamava alguns moradores do vilarejo que passavam e acenava para eles, sentindo-se importante.

– E suponho que, de vez em quando – continuou Joshua –, você encontre alguém que poderia ser ajudado pela escola... uma potencial professora, por exemplo, ou uma pupila que não pode arcar com os custos da escola... e sinta uma terrível vergonha de ser caridosa.

– Josh – falou Freyja em um tom severo –, se não tirar esse sorrisinho do rosto até eu contar até três, vou arrancá-lo para você.

Um.

– Você não passa de uma mulher de coração mole – falou ele, ainda sorrindo.

– Dois.

– Amo você, coração – disse ele, já sem o sorriso no rosto. – De corpo, mente e alma.

Ela o encarou com uma expressão exasperada.

– E amo também seu coração mole e generoso – acrescentou Joshua.

Freyja riu.

– Acho que você vai usar isso contra mim pelo resto da vida.

– Até o último minuto – disse ele, pegando a mão dela e entrelaçando os dedos dos dois.

Freyja riu alto.

– Odeio você.

Ela virou a cabeça para encará-lo, o homem louro, belo, de membros longos, sorridente e lindo. O homem *dela*. O amor da vida dela.

– Ah, Josh – falou Freyja –, amo você. Pode usar *isso* contra mim pelo resto da vida também.

– É o que pretendo fazer, coração – disse Joshua, piscando para ela.

CAPÍTULO XXIV



— **A**cho que vou chorar – anunciou Morgan.

– Mas é melhor que não faça isso em público – disse Lady Freyja.

– Ficaria mal para todos nós, e as pessoas pensariam que os Bedwyns são sentimentais.

Alice já estava chorando, embora tentasse disfarçar as lágrimas enquanto colocava o chapéu branco, com borda de peles, sobre o penteado elaborado da patroa e amarrava as fitas brancas largas em um grande laço de lado sob o queixo.

– Pele branca sobre veludo branco – disse Judith. – Com um regalo para as mãos! Estou começando a pensar que talvez eu devesse ter me casado no inverno e não no verão.

Mas ela não falava sério. Estava absolutamente deslumbrante em um vestido verde-escuro e uma peliça que contrastavam com os cabelos ruivos e brilhosos. A saia do vestido descia solta até o chão, partindo da cintura alta que acomodava a leve protuberância da gravidez.

Morgan usava um vestido de veludo de um rosa profundo e parecia mais linda do que qualquer mulher tinha o direito de ser.

– Ora, *eu* com certeza vou derramar algumas lágrimas – garantiu Eve – e em público. As pessoas podem dizer o que quiserem sobre

as esposas dos Bedwyns.

Ela estava bela e delicada em um vestido azul-claro.

Alice finalmente terminou de arrumar o chapéu e se afastou com um soluço. Freyja se levantou e virou para se olhar no grande espelho que ficava entre as duas janelas no outro canto do quarto de vestir.

Ah, santo Deus, essa sou eu?, pensou.

Vestida de veludo e pele brancos da cabeça aos pés, ela estava quase bela. A princípio havia desdenhado da ideia de usar branco no casamento. Lady Freyja Bedwyn não era uma pessoa que usava branco. Teria preferido uma cor mais forte.

– Está vendo? – disse tia Rochester em sua voz prática e estridente. Era a tia-dragão deles, em cujas veias corria o mais puro sangue Bedwyn. – Eu não estava certa em insistir no branco, Freyja?

Ela não insistira, exatamente. Os Bedwyns não insistiam sobre nada uns com os outros, já que todos tinham vontades de ferro e eram teimosos até o último fio de cabelo. Mas era verdade que defendera com ênfase sua opinião e a tia era muito conhecida por seu bom gosto impecável. Freyja queria desesperadamente ter a aparência mais encantadora possível no dia do próprio casamento.

– *Eu* estava certa em escolher o branco, tia – falou.

– Nossa, Free – disse Alleyne, da porta. – Você está tão linda que dá vontade de morder. Mas que bom que já estamos quase no Natal e o ano já está chegando ao fim. Porque três casamentos na família no mesmo ano é um choque, principalmente para nós, que ficamos para trás. Voto para que o de Morgan seja o próximo.

– Mas antes vamos deixar que tenha seu dia, Freyja – falou Aidan por trás do ombro do irmão. – O vestido é adorável. E o brilho em seus olhos, ainda mais.

Então os dois se afastaram para dar espaço para Rannulf, que estava de braço dado com a avó deles. No verão, quando Judith e Ralf se casaram, a velha dama parecia à beira da morte, embora seu

maior desejo fosse conhecer o primeiro bisneto antes de morrer. O casamento do neto e herdeiro, a gravidez de Judith e o fato de eles estarem morando com ela haviam lhe dado um novo sopro de vida, ao menos até o momento. A avó insistira em viajar até Lindsey Hall para assistir ao casamento de Freyja.

– Alleyne – disse Ralf –, faça a gentileza de me apresentar àquela beldade. – Ele recuou com um movimento teatral. – Ah, meu Deus, é Freyja, não é?

– Você está linda, elegante e feliz, minha querida – disse a avó. – Mas não acho que seu quarto de vestir tenha sido projetado para acomodar tanta gente. E não acredito que o ministro vá gostar que todos cheguem atrasados à igreja. Devemos deixá-la com Morgan e com a camareira.

Morgan era a madrinha de Freyja.

Só então, depois que todos saíram com burburinhos e elogios, Freyja começou a se sentir nervosa. Ela havia ficado muito tensa quando partira de Penhallow, uma semana após o baile – e depois, todos os dias ao longo das semanas que se seguiram, embora Joshua lhe escrevesse diariamente. Simplesmente não conseguia acreditar no próprio final feliz. Abrira cada carta dele com inquietude. E não ajudara em nada que o inverno estivesse chegando.

Ela odiara aquilo – a sensação de vulnerabilidade, a agonia de amar e de não ser capaz de confiar no futuro.

E se Joshua saísse de barco novamente, caísse na água e se afogasse? E se ele subisse de novo aqueles penhascos, escorregasse e caísse? E se...?

Joshua ficara em Penhallow para os casamentos de Prue e de Constance. E a marquesa partira para cuidar da casa de um irmão que morava em Northamptonshire e que ficara viúvo recentemente. Chastity escolhera ir ao casamento do primo em Lindsey Hall, com Constance e o Sr. Saunders, antes de se juntar à mãe. Mas ela iria

para Londres na primavera, seria apresentada à rainha e teria sua primeira temporada social – com Freyja como acompanhante. Anne Jewell e o filho haviam partido para Bath um mês antes e ela assumira o posto de professora de geografia na escola para moças dirigida pela Srta. Martin.

As semanas em que Joshua permanecera em Penhallow pareceram intermináveis. Mas ele finalmente chegara.

E aquele era o dia do casamento deles.

Freyja ainda estava nervosa. E odiava cada vez mais a sensação.

Ela ergueu o queixo.

– Dias de casamento são tão chatos – disse Freyja a Morgan. – As pessoas ficam chorosas e sentimentais. Gostaria de simplesmente ter ido para Londres, comprado uma licença especial e me casado sem ninguém saber, como Aidan e Eve fizeram.

– Não, você não gostaria – retrucou Morgan com um sorriso. – Vamos, Freyja. Wulf está esperando por nós.

Wulfric estava parado no grande salão, cercado por toda a pompa e esplendor dos estandartes e das armas, parecendo meio satânico. Ele examinou as irmãs da cabeça aos pés com os olhos frios e prateados, e surpreendeu Freyja ao estender as duas mãos para ela. Freyja pousou as luvas brancas nas do irmão e o encarou com as sobrelanceiras erguidas quando as mãos dele se fecharam com força ao redor das dela.

– Você está muito encantadora, Freyja – disse ele.

Wulf elogiando alguém?

– Prometa-me que será feliz? – pediu o duque.

Os olhos dela se encheram de lágrimas. Freyja teria tido enorme prazer em acertar um soco no nariz dele, mas não houve tempo. Ele apenas inclinou a cabeça sobre as mãos dela e beijou uma de cada vez.

– O que estamos esperando? – perguntou Freyja em um tom arrogante. – Prefiro não me atrasar.

Já estavam todos na melhor carruagem de viagem do ducado quando ela finalmente respondeu a pergunta dele.

– Eu prometo, Wulf.

Às vezes, Freyja tentava organizar os irmãos em ordem, do favorito ao menos favorito. Aidan costumava estar no topo da lista – talvez porque estivera tantos anos longe e acabara tendo menos oportunidades de provocá-la. Mas aquilo tudo era bobagem. Ela amava todos os irmãos de maneira diferente, mas com a mesmíssima intensidade. Morreria por qualquer um deles. Mas, naquela manhã, naquele exato momento, Wulf com certeza era o irmão preferido. E ela faria qualquer coisa que fosse preciso para vê-lo feliz também.

Depois dali, tudo se transformou em um borrão de acontecimentos e sensações. A carruagem parou no fim do caminho que levava ao pátio da igreja, com hordas de moradores do vilarejo inclinando-se para vê-la. Ela subiu apressada até a igreja sob os velhos teixos desfolhados, o vento soprando muito forte, as folhas secas no caminho à frente. Morgan arranjando a cauda do vestido, Wulf parecendo muito austero, o som do órgão da igreja, e logo ela estava atravessando a nave de braços dados com Wulf, as pessoas nos bancos de cada lado e...

Ah. O borrão se dissipou, assim como todo o nervosismo.

Joshua esperava no fundo da igreja, lindo de tirar o fôlego em roupas de gala preto e brancas. Mas ela não havia reparado na *aparência* dele. Ela havia reparado *nele*.

Freyja não se repreendeu por ter pensamentos tão tolos.

E percebeu que sorria. Sentiu a felicidade borbulhando dentro dela e ameaçando se derramar em uma gargalhada.

Ele sorriu em resposta e Freyja notou o riso e o brilho tão familiares em seus olhos. No entanto, o que ela viu naquela manhã não era a expressão de malandragem imprudente. Era alegria. Apenas alegria.

Freyja piscou com força. Poderia até se permitir um pouco de romantismo. Afinal, era seu casamento. Mas lágrimas? Não, lágrimas estavam proibidas. Joshua jamais a deixaria esquecer.

– Caros irmãos... – começou o reverendo.



Era uma manhã fria de dezembro. Um vento gelado soprava. Havia uma carruagem aberta esperando pelos noivos na extremidade do caminho que levava à igreja. O veículo fora abundantemente decorado com fitas e laços de todas as cores e botas velhas presas na parte de trás.

Os sinos da igreja badalavam alegremente.

Todas as casas do vilarejo deviam estar vazias e seus moradores encontravam-se reunidos na rua, com suas roupas mais arrumadas e o espírito festivo. Todos tinham sido convidados para um café da manhã que aconteceria dali a uma hora na estalagem, como cortesia do duque de Bewcastle.

Essa foi a cena que recepcionou Freyja e Joshua quando o casal saiu da igreja. Alguém bateu palmas e todos acompanharam, um pouco constrangidos a princípio, mas com crescente entusiasmo, enquanto a congregação começava a descer os degraus da igreja, depois da noiva, do noivo, do padrinho do noivo – o reverendo Calvin Moore – e da madrinha da noiva.

– Devemos esperar até sermos engolidos por convidados sorridentes? – perguntou Joshua. – Ou vamos sair em disparada?

– Vamos sair em disparada – disse Freyja.

Ele pegou a mão dela e os dois desceram o caminho correndo, passando pelos moradores, que riam e aplaudiam, até chegar à carruagem.

Freyja demorou algum tempo para conseguir entrar – o vestido de veludo era enorme e tinha uma cauda longa. Quando ela finalmente se sentou, estava sorrindo, sem fôlego e ruborizada. Joshua se sentou ao lado dela.

Àquela altura, todos já haviam saído da igreja – a família dela, o conde e a condessa de Redfield, o visconde e a viscondessa de Ravensberg, os dois sorrindo carinhosamente para Freyja, a avó de Joshua e lorde e Lady Potford, os tios dele, com os filhos, Constance e Jim Saunders, Chastity, lorde e Lady Holt-Barron com a filha e o noivo dela e alguns dos amigos mais próximos de Joshua.

– Vamos – disse Joshua ao cocheiro.

Haveria tempo o bastante para cumprimentar todos em Lindsey Hall antes do café da manhã. Naquele exato momento, ele tinha uma esposa para quem olhava extasiado.

Joshua achava difícil acreditar em tudo aquilo depois que Freyja deixara Penhallow com a família. Todos os dias ele se preparava para que uma das cartas que recebia dela diariamente anunciasse o fim do noivado.

Mas agora estavam casados!

Joshua encontrou a mão de Freyja dentro do grande regalo de pele e entrelaçou os dedos com os dela enquanto a carruagem se afastava da igreja.

– Eu já lhe disse que você é linda? – perguntou ele.

– Que bobagem! – retrucou Freyja. – Que absoluta bobagem, Josh. É o vestido, o chapéu e toda essa pele. E a cor. Tia Rochester me aconselhou a usar branco e estava absolutamente certa em sua escolha. São apenas as roupas.

– Então terei que despi-las mais tarde – disse. – Todas elas. Cada pedacinho. Apenas para ver se você continuará linda sem elas. Aposto que sim.

– Se algum dia mentir para mim – falou Freyja, encarando-o com seriedade –, farei com que engula seus dentes, Josh. Eu juro.

– Você não pode fazer isso – retrucou ele, sorrindo. – É minha esposa agora, minha marquesa. Terá que fazer tudo o que eu ordenar. Chega de socos, meu anjo.

Por um momento, Joshua pensou que o punho de Freyja o acertaria ali mesmo. As narinas dela se dilataram, as sobrancelhas se arquearam e o olhos verdes cintilaram. Mas ela apenas jogou a cabeça para trás e riu.

– Você se cansaria de mim em um mês – disse ela.

– Em uma semana – corrigiu ele.

Se algum dia ela se olhasse no espelho quando estava rindo daquele jeito, pensou Joshua, veria como ficava absolutamente adorável, mesmo com as sobrancelhas escuras e o nariz dos Bedwyns. Mas não a provocaria novamente dizendo isso. Não naquele momento.

– Sem mais reclamações sobre o inverno? – perguntou Joshua.

– É a minha estação favorita.

– Amo você, coração – disse ele. – Minha esposa.

A expressão sorridente dela se abrandou em um sorriso doce que a fez parecer ainda mais adorável.

– Sim, sou sua esposa. E você é meu marido. Amo você, Josh.

Ele piscou lentamente para ela, abaixou a cabeça e a beijou.

Ambos ignoraram os aplausos que se ergueram atrás deles. Ainda estavam envolvidos pelo som dos sinos da igreja.

SOBRE A AUTORA

© David Wild



Mary Balogh nasceu e foi criada no País de Gales. Ainda jovem, se mudou para o Canadá, onde planejava passar dois anos trabalhando como professora. Porém ela se apaixonou, casou e criou raízes definitivas do outro lado do Atlântico.

Sempre sonhou ser escritora e tinha certeza de que, no dia em que escrevesse um livro, ele seria ambientado na Inglaterra do Período da Regência. Quando sua filha mais nova tinha 6 anos, Mary finalmente encontrou tempo para se dedicar ao antigo sonho.

Depois de três meses escrevendo na mesa da cozinha, a primeira versão de sua obra de estreia estava pronta.

Publicada em 1985, deu a Mary o prêmio da *Romantic Times* de autora revelação na categoria Período da Regência. Em 1988, depois de vinte anos de magistério, ela passou a se dedicar apenas aos livros.

Hoje Mary Balogh é presença constante na lista de mais vendidos do *The New York Times* e vencedora de diversos prêmios literários.

www.marybalogh.com.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores da EDITORA ARQUEIRO, visite o site www.editoraarqueiro.com.br e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail, basta se cadastrar diretamente no nosso site ou enviar uma mensagem para atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

[Créditos](#)

[Capítulo I](#)

[Capítulo II](#)

[Capítulo III](#)

[Capítulo IV](#)

[Capítulo V](#)

[Capítulo VI](#)

[Capítulo VII](#)

[Capítulo VIII](#)

[Capítulo IX](#)

[Capítulo X](#)

[Capítulo XI](#)

[Capítulo XII](#)

[Capítulo XIII](#)

[Capítulo XIV](#)

[Capítulo XV](#)

[Capítulo XVI](#)

[Capítulo XVII](#)

[Capítulo XVIII](#)

[Capítulo XIX](#)

[Capítulo XX](#)

[Capítulo XXI](#)

[Capítulo XXII](#)

[Capítulo XXIII](#)

[Capítulo XXIV](#)

[Sobre a autora](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)